Desvairamento na São Paulo moderna:

representação e imaginário urbano em periódicos técnicos e literários(1910-1930)

Cinthia Tragante

Minha boca está cantando,
meu coração tão adormado!

Cabeças multas espumam pelas
folhas. A porta é um monte de
gente. A dona da casa, desdentada,
recebe os convidados.

— Não vê que meu defunto seu
Vieira tá enterrado já há dois
anos... Faz mesmo dois ananãos
hoje, não?

Pan-pan-pan! Pan-pan! Pan!
— A alma dele está pensando af
por esse mundo de Deus, sem po-
dê entrá no céu...
Pla-pla-pla-plá! Pla-plá!
— Eu antio quiz fazê esta ora-
ção pra S. Gonçalo deixá ele en-
trá...

Vou mandá fazê um barquinho
da raiz do alecrim...

O menino de oito anos aumenta
a fila da direita. A folhinha da pa-
rede é do Empório Itália-Brasil.
Garibaldi tem uma bandeirinha an-

Artá de S. Gonçalo,
arta de nossa oração!

— Nois, antio, fizêmo uma pre-
messas. Que se Crispim sarasse, nois
fazia esta festa.

Foi promessa que sarando
será seu precurado!

A cabocla trata de salvar a al-
ma do morto e o corpo do vivo. A
filha bonitinha sorri, enleada. As
violões têm um som, um som só.
Chega gente.

S. Gonçalo táva longe,
de longe tá tá bem perto.

Silêncio na assistência descalça.
As bandeirinhas desenhavam um X
de papel sobre a cabeça dos dança-
dores.

— Depois, é a vez da dança.
Quem quiser pode pegá o S. Gon-
çalo se quiser, com ele enroscado
no lugar doente.

Onde chega os pecadô,
njocihal, pedí perdão!

O colouro dos foguetes ronca no
vale estreito. São fagulhas os va-
galumes. De uma fogueira que não
se vê. Lá dentro, o mesmo ritmo.
Faz já uma hora monotonas.

S. Gonçalo está sentado
com sua fita na cintura.

O caboclo louro puxa da faca e
esgravata o dedão do pé.
— São seis reza de hora e meia,

S. Gonçalo foi es-
visitá Nosso Sinh

— Já acabou ama-
vai até o meio-dia,
acaba tudo ajoelado.
00000h! Aaaaah
00000h! Parece r
princípio. Canto-chô
carro de bol.

Universidade de São Paulo
Instituto de Arquitetura e Urbanismo

**Desvairamento na São Paulo moderna:
representação e imaginário urbano em
periódicos técnicos e literários
(1910-1930)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para
obtenção do título de doutora em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração em Teoria e
História da Arquitetura e Urbanismo.
(Versão final)

CINTHIA APARECIDA TRAGANTE.....doutoranda

TELMA DE BARROS CORREIA.....orientadora

São Carlos – SP

Novembro de 2019

AUTORIZO A REPRODUCAO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRONICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

TT765d Tragante, Cinthia Aparecida
Desvairamento na São Paulo moderna: representação
e imaginário urbano em periódicos técnicos e
literários (1910-1930) / Cinthia Aparecida Tragante;
orientadora Telma de Barros CORREIA. -- São Carlos,
2019.
252 p.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, Teoria e História da
Arquitetura e do Urbanismo -- Instituto de
Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo,
2019.

1. São Paulo. 2. imaginário urbano. 3.
representação. 4. periódicos. 5. modernismo. I.
CORREIA, Telma de Barros, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

FOLHA DE JULGAMENTO

Candidato(a): Cinthia Aparecida Tragante

Título da tese: "Desvairamento na São Paulo moderna: representação e imaginário urbano em periódicos técnicos e literários (1910-1930)"

Data da defesa: 27/09/2019

Orientador: Profa. Dra. Telma de Barros Correia

Comissão Julgadora:

Resultado:

Profa. Dra. Telma de Barros Correia
(IAU/USP)

Não votante

Profa. Dra. Aline Coelho Sanches Corato
(IAU/USP)

APROVADA

Prof. Dr. Tomás Antonio Moreira
(IAU/USP)

APROVADA

Profa. Dra. Ana Claudia Scaglione Veiga de Castro
(FAU/USP)

Aprovada

Profa. Dra. Nilce Cristina Aravecchia Botas
(FAU/USP)

APROVADA

Prof. Dr. Júlio Cezar Bastoni da Silva
(UFC)

APROVADA

Coordenador e Presidente da Comissão de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: Prof. Dr. Tomás Antonio Moreira.

*À memória dos colegas desta e de outras universidades que,
emaranhados nas armadilhas da própria mente, não suportaram e sacrificaram
suas próprias vidas, sem poderem concluir suas pesquisas.*

E à Dulce, pela companhia .

A g r a d e c i m e n t o s

Agradeço primeiramente à professora Telma, pela confiança desde o primeiro encontro, pela paciência em todo o tempo, pela dedicação às pesquisas e por escolher compartilhar comigo sua sabedoria.

À toda minha família, pelo apoio. Em especial aos meus pais, por proporcionarem e incentivarem os estudos e sempre acreditarem em mim; à Chris, pela cumplicidade durante estes anos e também nos anteriores, por ouvir as angústias e compartilhar os anseios das pesquisas e da vida, e à Marcela, que conseguiu, entre um almoço e um café, transmitir a sua leveza.

Ao Ivan, por estar presente em todos os momentos e ser o meu maior apoio em todos aspectos, nas crises profissionais, intelectuais, psicológicas e financeiras; por incentivar este trabalho a qualquer custo, por preparar minha comida quando não consegui, por trazer chocolate e por ter a calma de repetir para mim o mesmo mantra durante cinco anos: “um passo de cada vez”.

Às minhas psicólogas nesse período, Ilca, em São Paulo e Thelma, em Campinas, pela dedicação em (tentarem) manter minha saúde mental em ordem.

Aos queridos amigos com os quais tenho o privilégio de compartilhar a cidade em que moramos: Guilherme, Brad, Valeria, Cido e a pequena Leonora, que fizeram os escassos dias livres mais felizes.

A todos os amigos que a trajetória na USP me proporcionou, alguns dos quais a essa altura da vida são chamados em duplas e até trios (quartetos) de famílias completas, mas que resumimos de maneira “carinhosa” como as queridas *Leitoas*.

Às meninas da pós-graduação pela sororidade e disposição em sempre ajudar, especialmente Yara e Amanda, que, mesmo nos curtos e esporádicos encontros, tiveram grande importância por compartilharem as experiências nessa jornada.

Aos colegas de trabalho nos colégios e na faculdade, pela companhia cotidiana que deixou o dia a dia mais leve. Também aos meus alunos que me possibilitam ter, diariamente, a satisfação de lecionar.

Aos funcionários da Biblioteca Central da Politécnica, que me atenderam prontamente nas diversas consultas e buscaram as melhores soluções para as minhas dúvidas.

Aos funcionários de todo IAU, técnicos e professores, que me proporcionaram esta formação e sempre foram prestativos em todos os aspectos, desde a mais simples requisição até o mais complexo aprendizado que levo comigo.

Às professoras Ana Castro e Aline Sanches pela atenção na leitura do texto da qualificação e por contribuírem com entusiasmo para a melhoria do texto com suas diversas sugestões.

E aos demais professores da banca final, Júlio Cezar Bastoni, Nilce Aravecchia Botas e Tomás Moreira - além de Ana Castro e Aline Sanches novamente - também pela leitura, discussões, reflexões e sugestões que apareceram para finalização deste trabalho.

Também ao parecerista da FAPESP que, mesmo anonimamente, participou e contribuiu imensamente para o desenvolvimento do trabalho.

À FAPESP, que proporcionou o desenvolvimento desta pesquisa através da oferta de uma bolsa, sem a qual seria impossível pensar sequer em iniciá-la.

* * *

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES)-Código de
Financiamento 001, nos meses iniciais de seu desenvolvimento e com o apoio da Fundação de
Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – Processo 2015/01700-1, no maior período
da pesquisa.

TRAGANTE, Cinthia Aparecida. **Desvairamento na São Paulo moderna: representação e imaginário urbano em periódicos técnicos e literários (1910-1930)**. 2019. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Resumo

A cidade de São Paulo passou por grandes transformações no início do século XX. Até meados do século XIX, era considerada pequena e com crescimento lento, conservando muito de sua feição colonial. A partir do final do XIX e principalmente no início do XX, passa a crescer de maneira bem mais expressiva, com aumento populacional e territorial, devido sobretudo à economia cafeeira, à intensa imigração e à industrialização. As mudanças foram perceptíveis nos diversos setores: economia, urbanização, cultura, artes e na sociedade de maneira geral, que parecia estar em êxtase por este crescimento acelerado. Nesse contexto, procurando equipará-la a outros grandes centros urbanos dos EUA e Europa, passa a surgir um discurso sobre a cidade que se pauta na exaltação de suas transformações como sinônimo de progresso e do paulista como conquistador de terras e riquezas, com o fortalecimento do mito bandeirista. No mesmo período ganham espaço as discussões sobre o modernismo nas artes, que entende esta cidade em ebulição como o espaço ideal para a celebração da modernidade e a exaltação da metrópole e seus signos, como a industrialização e a velocidade. Contribuindo para a criação da imagem de cidade efervescente, a Semana de 22 afirma a eleição de São Paulo como a centralidade do movimento. Contudo, a partir principalmente da década de 30, a cidade passa a apresentar de maneira mais evidente problemas decorrentes do crescimento acelerado e do seu ambiente social, tensionando a imagem que se buscava criar da cidade. Esta tese buscou compreender a construção do imaginário urbano da cidade de São Paulo a partir das representações da cidade presentes nos periódicos da época. Constituem as fontes primárias os periódicos técnicos nas áreas de Engenharia, Arquitetura e do Urbanismo e as revistas de Artes e Literatura, publicadas no período entre 1910 e 1930. Verifica-se como os projetos e escritos sobre a cidade de São Paulo nos campos da Literatura e dos estudos urbanos dialogam na construção desta imagem, seja ao celebrar os rumos da cidade, enfatizando sua modernização, seja ao criticar estes rumos, assinalando seus problemas urbanos.

Palavras-chave: São Paulo; imaginário urbano; representação; periódicos; modernismo.

TRAGANTE, Cinthia Aparecida. **Amazement on the modern São Paulo city: representation and urban imaginary in technical and literary journals (1910-1930)**. 2019. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Abstract

The city of São Paulo went through large transformations in the beginning of the 20th century. Until the end of the 19th century, it was considered small and with a slow growth, preserving part of its colonial features. Starting from the end of the 19th century and mainly in the beginning of the 20th, it starts to grow in a more expressive way, with populational and territorial increase, mainly due to the coffee economy, the intense immigration and industrialization. The changes were perceptible in several sectors: economy, urbanization, culture, arts and more generally in the society, which appeared to be ecstatic with this accelerated growth. In this context, looking to place itself as a city in development and able to be compared with other large urban centers, like the European and American capitals, a discourse about the city starts to emerge, based on the exaltation of its transformations as a synonym of progress and the *paulista* as a land conqueror, with the strengthening of the *bandeirista* myth. In the same period, the discussions about modernism in the arts that understand this feverish city as the ideal space for the celebration of modernity and the exaltation of urbanity and its signs, like industrialization and speed. Contributing for the creation of an image of an effervescent city, the 1922 Modern Art Week affirms the election of São Paulo as the central point of the modernist movement. Yet, starting mainly from the 1930s, the city starts to show in a more evident way problems resulting of the accelerated growth, putting the image that was being created of the city under tension. This thesis tried to understand the construction of the urban imaginary of the city of São Paulo, starting from the city representations present in the period journals. The primary sources are the technical journals in the areas of engineering, architecture and urbanism, and the arts and literature periodicals, published between 1910 and 1930. We verify how the projects and writings about the city of São Paulo in the literature and urban fields dialog in the construction of this image, either as a celebration the city future paths, emphasizing its modernization, or criticizing these paths, indicating its urban problems.

Keywords: São Paulo; urban imaginary; representation; periodicals; modernism.

Lista de ilustrações

Figura 1 - Capa do primeiro número da <i>Revista Polytechnica</i> (novembro de 1904)	40
Figura 2 - Índice do 107º número da <i>Revista Polytechnica</i> (janeiro-fevereiro de 1933	41
Figura 3 - Capa do Volume I da <i>Revista de Engenharia</i> (junho de 1911 a maio de 1912) ..	44
Figura 4 - Parte do índice do volume I da <i>Revista de Engenharia</i> (junho de 1911 a maio de 1912), evidenciando os diversos temas tratados no periódico. Fonte: Biblioteca da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.....	46
Figura 5 - Capa do número 17 (julho de 1922) do <i>Boletim do Instituto de Engenharia</i> . Fonte: Biblioteca da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.	48
Figura 6 - Índice do número 50, vol. XI, do <i>Boletim do Instituto de Engenharia</i> (julho de 1929). Fonte: Biblioteca da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.....	49
Figura 7 - Participantes da Semana de 22. Em primeiro plano, Oswald de Andrade. Sentados, da esquerda para a direita: Rubens Borba de Moraes, Luís Aranha e Tácito de Almeida. Em pé, da esquerda para a direita: Couto de Barros, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Sampaio Vidal, Cândido Mota Filho, Francesco Pettinati, Paulo Prado, Flaminio Ferreira, Graça Aranha, René Thiollier, Manuel Villaboim e Gofredo da Silva Telles	52
Figura 8 - Capa e do primeiro número da <i>Klaxon</i> (maio de 1922).	54
Figura 9 - Sumário do primeiro número da <i>Klaxon</i> (maio de 1922).	55
Figura 10 - Primeira página do número 1 da <i>Terra Roxa e Outras Terras</i> (ano I, janeiro de 1926). Fonte: PUNTONI & TITAN JR. (2014)	57
Figura 11 - Primeira página do número 1 da primeira edição da <i>Revista de Antropofagia</i> (1928). Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.	60
Figura 12 - Primeira página do número 1 da segunda edição da <i>Revista de Antropofagia</i> (maio de 1929). A segunda edição foi publicada junto com o Diário de São Paulo, no formato do papel do jornal. Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.	61
Figura 13 - Hospital Militar da capitania de São Paulo, planta e elevação.	76
Figura 14 - Villa Flavio Uchoa - Architecto Victor Dubugras.....	94
Figura 15 - “Architectura: A Residencia Modernista de Alfredo E. Becker”	95

Figura 16 - Primeira página do nº 5 da <i>Terra Roxa e Outras Terras</i> com a manchete sobre a aquisição da carta de Anchieta. Fonte: PUNTONI & TITAN JR. (2014).....	118
Figura 17 -Anteprojeto que recebeu o primeiro lugar no concurso para o Palácio do Congresso Legislativo do Estado de São Paulo. Fonte: “Ante-projectos para a construcção do PALACIO DO CONGRESSO DO ESTADO DE S. PAULO”, <i>Boletim do Instituto de Engenharia</i> , vol. X, nº 49, junho de 1929, p. 202.	175
Figura 18 - Estação Sorocabana, atual Estação Júlio Prestes - Sala São Paulo. Fonte: Arquivo Arq.	177
Figura 19 - Primeira página do 8º número do segundo volume da <i>Revista de Antropofagia</i> , criticando o arquiteto Cristiano das Neves. Fonte: PUNTONI & TITAN JR. (2014)	178
Figura 20 - Casa da Rua Santa Cruz, de Gregori Warchatvchi. Fonte: Archdaily	179
Figura 21 - Esquema teórico proposto no texto de Ulhôa Cintra e Prestes Maia para a cidade de São Paulo. Fonte: “Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo”, <i>Boletim do Instituto de Engenharia</i> , vol. VI, nº 29, julho a outubro de 1925, p. 122.	196
Figura 22 - Práticas esportivas no Rio Tietê no início do século XX. Fonte: CORRÊA (1999).....	201
Figura 23 - Enchente do Rio Tietê na zona norte da capital paulista entre 1920-1930. Fonte: Acervo Estadão.....	202
Figura 24 - Esboço do projeto de Ulhôa Cintra. Fonte: “A canalização do Rio Tieté no territorio da Capital e municípios adjacentes”. <i>Boletim do Instituto de Engenharia</i> , vol. IV, nº 19, janeiro de 1923, p. 185.	203
Figura 25 - Parte do texto de Anhaia Mello, enfatizando a necessidade de prevenção dos problemas urbanos. Fonte: “O governo das cidades”, <i>Boletim do Instituto de Engenharia</i> , vol. X, nº 44, janeiro de 1929, p. 10.	209

Sumário

Apresentação	17
Introdução	19
I. PESQUISA: METODOLOGIA E FONTES	27
1.1. História Cultural	29
1.2. Os periódicos estudados	35
1.2.1. Periódicos técnicos	38
<i>Revista Polytechnica</i>	39
<i>Revista de Engenharia</i>	43
<i>Boletim do Instituto de Engenharia</i>	47
1.2.2. Periódicos artísticos e literários	51
<i>Klaxon</i>	51
<i>Terra Roxa e Outras Terras</i>	56
<i>Revista de Antropofagia</i>	58
1.3. Recorte da pesquisa	63
1.4. Organização e análise	65
II. CIDADE OBJETO: AÇÕES	67
2.1. De cidade a metrópole: marcos e periodizações	69
2.2. A inflexão nos rumos da cidade	79
2.3. Os engenheiros e o “progresso assombroso de São Paulo”	85
2.4. Progresso e percepção do presente	107
III. CIDADE DESEJO: IDEIAS	111
3.1. Dualidade de cenários	113
3.2. O renascimento do bandeirante	126
3.3. A expressão de uma cidade moderna	146
3.4. A Semana, o modernismo e a cidade	157
IV. CIDADE EMERGENTE	183
4.1. “Crises” de crescimento	185
4.2. Urbanismo	190
4.3. Cidade e velocidade	195
4.4. O rio	200
4.5. Anhaia Mello e a crítica ao crescimento	207
Conclusões	215
Referências	221
ANEXO	233

A p r e s e n t a ç ã o

O que nos lembramos quando falamos sobre São Paulo? A que diretamente associamos essa cidade? Para arquitetos e urbanistas como nós, possivelmente virão à memória os planos e intervenções urbanas, os desafios no campo da habitação, os problemas de infraestrutura da metrópole ou sua expressão arquitetônica, passando por Ramos de Azevedo a Paulo Mendes da Rocha. Talvez a um artista ou apreciador das artes, São Paulo se associe à efervescência das manifestações artísticas, desde o modernismo dos anos vinte até às mais recentes exposições do MASP e das Bienais. A muitos, a cidade pode ser sinônimo de trabalho e oportunidade. Ao morador da periferia, o trem suburbano e as carências urbanas que dificultam a rotina diária definem a vida na capital. Alguns dirão que a essência da cidade está na pluralidade, na diversificação. São muitas as ideias associadas a São Paulo.

Mas de onde vêm todas estas associações à cidade? Será que unicamente à sua observação e descrição, gerada por cada um de seus moradores e visitantes?

A ideia que temos sobre uma determinada cidade não é única, mas composta por várias camadas, diferentes aproximações e olhares. Em certa parte, essas noções podem se relacionar ao nosso contexto subjetivo, às nossas preferências. No contexto mais amplo, no entanto, se associam a um imaginário urbano amplo e comum, abarcando as diversas representações que marcam a cidade.

Esse imaginário urbano é moldado e adaptado ao longo do tempo. Associamos a cidade de São Paulo a um conjunto complexo de valores - cidade excepcional, trabalhadora, efervescente, moderna, difícil, plural... - não porque necessariamente a vivenciamos em cada uma dessas situações, mas porque assim a apreendemos.

O imaginário é uma noção ampla e coletiva. As representações, ideias e imagens de uma cidade juntamente com as práticas sociais são os registros que formam seu imaginário urbano.

Mas as imagens da cidade não se constroem por acaso. O imaginário pode ser moldado e guiado pelo coletivo, espelhando a cidade que se deseja representar. Se São Paulo é associada a tantos valores, é porque algo disso foi representado e/ou praticado socialmente e, ao longo dos anos, a imagem foi sendo reiterada e esculpida.

Este trabalho procura compreender e buscar vestígios de representações e práticas que compõem o imaginário urbano da cidade de São Paulo nas décadas de dez e vinte do século XX.

Há cerca de um século, São Paulo passava por uma grande transformação urbana que envolvia crescimento urbano, demográfico e a presença de novas maneiras de pensar e atuar sobre a cidade. Juntamente a isso, as manifestações artísticas do período se definiam como marcantes e revolucionárias. As representações da cidade sob este contexto foram importantes manifestações para a composição do imaginário urbano da cidade de São Paulo.

Procuramos neste trabalho entender como as manifestações artísticas e o debate técnico sobre a cidade no período se relacionam e contribuem para a construção da imagem da cidade de São Paulo. Para isso, utilizamos periódicos da época que tratam da visão e das intervenções sobre a cidade, no seu sentido técnico e urbano, em conjunto com aqueles que discutem as transformações das artes no contexto paulistano.

A nossa proposta é compreender a construção do imaginário naquele período entendendo que parte dele, moldado e esculpido há quase um século, continua reverberando na maneira de apreender e atuar sobre a cidade de São Paulo até os dias de hoje.

I n t r o d u ç ã o

A cidade de São Paulo tem uma história peculiar de crescimento urbano. Se até as últimas décadas do século XIX se apresentava como uma pequena cidade que mantinha muito de suas feições coloniais, a partir da virada do século e principalmente nas primeiras décadas do XX, cresce de maneira muito rápida, colocando-se como grande centro urbano. Nas primeiras décadas do século XX, a cidade já havia passado, em ritmo acelerado, por grande aumento populacional e transformações econômicas sociais e culturais e recebido vultosos investimentos urbanos, em parte decorrentes do enriquecimento causado pela prosperidade da economia cafeeira. Nesse mesmo período, se difundiam as ideias ligadas ao movimento artístico do modernismo que, na escala global, estava associado às grandes cidades e ao crescimento urbano e industrial. O pensamento modernista trazia para a discussão das diversas esferas artísticas o entusiasmo e as problemáticas das características e consequências destes fenômenos urbanos.

Sabe-se que a relação entre literatura modernista e a cidade de São Paulo é muito forte e os dois temas são associados sempre que se toca em cada um dos assuntos. Este trabalho aproxima os campos de estudo do urbano e da Literatura, tendo com objeto a cidade de São Paulo, entre 1910 e 1930. Procura fazer esta leitura a partir da teoria da História Cultural, a qual preza pela compreensão da história a partir de suas manifestações culturais. O objetivo geral da pesquisa é compreender a formação do imaginário da cidade de São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, a partir de representações da cidade em periódicos no campo da Arquitetura e do Urbanismo e das Artes, especialmente a Literatura. São seus objetivos específicos são: identificar os temas, discursos e ideias presentes em textos publicados em revistas sobre artes e literatura da época acerca da cidade de São Paulo; identificar os temas, discursos e ideias presentes em textos técnicos publicados em revistas de engenharia e arquitetura sobre a cidade de São Paulo e suas transformações; verificar os pontos de articulação e as tensões entre as abordagens dos dois grupos; entender a contribuição das discussões do campo artístico e dos saberes urbanos - considerando as confluências e divergências destes dois campos - na construção do imaginário da cidade de São Paulo.

Como fontes primárias da pesquisa utilizam-se periódicos da época. De um lado, aqueles que difundiam o conhecimento técnico e disseminavam as contribuições dos campos das Engenharias, Arquitetura e Urbanismo; de outro, as revistas literárias da época, que tratavam das artes, principalmente do modernismo, e discutiam a cidade em seus aspectos subjetivos. Desta maneira, os periódicos selecionados foram a *Revista de Engenharia* (1911-1913); a *Revista Polytechnica* (1904-1950) e o *Boletim do Instituto de Engenharia*, (1917-1941). Entre os periódicos literários, têm-se a revista *Klaxon* (1922-1923); a revista *Terra Roxa e Outras Terras* (1926) e a *Revista de Antropofagia* (1928-1929).

O recorte temporal da pesquisa foca a análise nas décadas de 1910 e de 1920. Com o objetivo de avaliar os precedentes desse período de grande euforia e suas consequências no imaginário paulista, são utilizados também textos de períodos anteriores ou posteriores.

As análises buscam verificar e compreender os discursos acerca das transformações urbanas na cidade de São Paulo no período apontado e avaliar as maneiras como essas são relatadas e avaliadas ao longo das duas décadas que a pesquisa abrange. Procura-se verificar como se deu o processo de construção da imagem da cidade, tanto a partir de contribuições do campo da Literatura, quanto de escritos técnicos (Arquitetura, Urbanismo e Engenharias).

A hipótese que se pretendeu verificar é que, em um primeiro momento, houve a predominância de uma visão, em ambos os campos, que prezava a exaltação da cidade em transformação a partir de elementos como a urbanização, o crescimento, a verticalização, a industrialização e a velocidade, associados à trama de um passado bandeirista heroico, criando um discurso que atuava ativamente para a construção da imagem de uma cidade de progresso. Essa visão, aos poucos, vai encontrando uma certa resistência. Ganha força uma forma de mostrar as problemáticas urbanas a partir de tensões entre diferentes maneiras de enxergar a cidade, celebrando o desenvolvimento, mas criticando os caminhos da transformação urbana. As duas visões, com certa frequência, convivem em um mesmo observador e em um mesmo discurso. Neste embate, as duas leituras

colaboraram para definir os traços de uma imagem paulistana que se firmaria: a cidade em progresso, vanguardista, inquieta e em ebulição que convive com a metrópole problemática e congestionada.

A partir desta hipótese, se buscou verificar como os projetos e escritos sobre a cidade de São Paulo nos campos da Literatura e dos estudos urbanos dialogam na construção da imagem da cidade, seja ao celebrar seus rumos, enfatizando sua modernização, seja ao criticá-los, assinalando seus problemas, contradições e desafios urbanos.

O trabalho busca contribuir à história da arquitetura e urbanismo, enquanto reflexão sobre a constituição da imagem urbana, considerando a formação e as transformações do espaço urbano paulistano. Embora este seja já um tema bastante explorado, a especificidade da pesquisa se dá no fato de buscar compreender esse processo por meio de contribuições de dois campos: a Literatura e o Urbanismo. Assim, a pesquisa procura contribuir, também, para os estudos sobre literatura modernista, trabalhando de forma interdisciplinar.

A tese está estruturada em quatro capítulos. O primeiro, intitulado *A Pesquisa: Metodologia e Fontes*, trata dos métodos e fontes utilizadas. Nele, são discutidas as propostas dos estudos no âmbito da História Cultural, campo de pesquisa ao qual se atrela este trabalho. Também são apresentados os periódicos que constituem as fontes da pesquisa. Em seguida, expõem-se a maneira como se deu a seleção dos textos dos periódicos para a pesquisa, uma vez que o conjunto de textos neles publicados é bastante amplo, exigindo estabelecer alguns limites para atender às propostas do trabalho. Ao fim desse capítulo, explica-se, em *Organização e Análise*, as categorias de leitura propostas e utilizadas durante a pesquisa. A partir da leitura guiada por tais categorias, deu-se a organização da linha de análise do trabalho e, portanto, do desenvolvimento e redação desta tese, originando os capítulos seguintes.

O segundo capítulo, *Cidade Objeto: Ações*, procura compreender as transformações da cidade, tendo como foco suas mudanças físicas. Para isso, em *De cidade a metrópole: marcos e periodizações*, é feito um panorama histórico do

desenvolvimento urbano de São Paulo desde sua fundação, dando especial atenção aos marcos colocados por diversos estudiosos e historiadores sobre o tema. A proposta desta visão ampla e focada nas periodizações é de não só apresentar um breve contexto e revisão bibliográfica de base para a tese, mas também compreender a contribuição destes marcos para a formação do imaginário sobre a cidade de São Paulo. O item seguinte, *A Inflexão nos rumos da cidade*, segue temporalmente o anterior e trata especialmente das intervenções urbanas datadas do fim do século XIX, que funcionaram como marcos do início das grandes transformações da cidade São Paulo, os chamados melhoramentos. *Os engenheiros e o “progresso assombroso de São Paulo”* continua a tratar das transformações físicas da cidade nas primeiras décadas do XX, período em que se tornaram ainda mais impactantes. Analisa-se, neste item, a presença da ideia de *progresso* associada a essas mudanças nos periódicos estudados. O último item deste capítulo, *Progresso e percepção do presente*, fecha e sintetiza a discussão sobre a ideia de progresso no contexto paulistano.

O terceiro capítulo, *Cidade Desejo: Ideias*, procura explorar as modificações na cidade em conexão com as discussões em torno de diversos saberes e ideias e suas articulações na construção do imaginário urbano da cidade. Em *Dualidade de cenários*, procura-se compreender a maneira como é feita a narrativa histórica da cidade, a qual, muitas vezes, lança mão da contraposição entre novo e antigo para contrastar e valorizar as formas assumidas pela cidade. *O Renascimento do bandeirante* discute um tema-chave na construção do imaginário urbano de São Paulo - o mito bandeirante - e procura detectar a sua presença e compreender o seu significado nos periódicos analisados. Os itens seguintes desse capítulo incluem tópicos também primordiais para o imaginário urbano paulista, sendo eles a ideia da modernidade e o movimento modernista. *A expressão de uma cidade moderna* busca entender as representações da modernidade e a êxtase diante da cidade moderna detectado em textos analisados. O último item desse capítulo discorre sobre as discussões acerca do movimento modernismo e busca mensurar criticamente os impactos da Semana de Arte Moderna na cidade de São Paulo.

O capítulo final, *Cidade Emergente*, já avançando temporalmente até a década de 30, discute a presença e a consciência sobre os problemas urbanos no período e a maneira como se deu a procura de suas possíveis soluções. Discorre sobre tais problemas urbanos a partir de temas como as concepções de cidade e de urbanismo, velocidade e transportes, o Tietê e suas enchentes. Finaliza com a análise dos escritos de Anhaia Mello, investigando o sentido de suas críticas ao crescimento da cidade e sua visão dos instrumentos e procedimentos que julga úteis para conter e direcionar o fenômeno.

O trabalho insere-se em linha da pesquisa já trabalhada em mestrado e iniciação científica por esta doutoranda juntamente a sua orientadora, abrangendo as relações entre cidade, Arquitetura, Urbanismo e Literatura.

As transformações urbanas da cidade de São Paulo entre o final do XIX e início do XX é um tema bastante amplo e muito explorado por historiadores, arquitetos, urbanistas, sociólogos, geógrafos, etc. Estes estudos se focam em aspectos diversos, como as migrações, o ambiente cultural, o crescimento espacial da cidade, as inovações arquitetônicas e nas formas de morar, as trajetórias de profissionais atuantes na cidade, entre outros. Em relação à literatura modernista, a produção é também muito ampla, com estudos que tratam das questões formais, ideológicas, do fenômeno das revistas literárias, análises das obras de autores, entre várias outras questões.

Embora existam diversos trabalhos que transitam pelos temas para, em seguida, se focarem em uma das áreas, esta pesquisa se propõe a abordar os dois campos com certo equilíbrio, de maneira a entender a relação entre eles e suas contribuições à compreensão de um fenômeno: a construção de um imaginário paulistano.

1

A PESQUISA: METODOLOGIA E FONTES

1.1. História Cultural

As representações e seus impactos na realidade é um tema que tem tido uma atenção nos últimos tempos por parte principalmente dos historiadores e estudiosos das ciências humanas. Dentro da chamada História Cultural, as pesquisas que tratam das representações têm merecido destaque por, em grande parte, revelarem aquilo que nem sempre é compreendido através dos métodos mais tradicionais.

Este campo de pesquisa procura levar em consideração fatores culturais, buscando “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, como define o historiador Roger Chartier (1990, p. 17).

A área de Arquitetura e Urbanismo insere-se por esses estudos buscando compreender o papel das representações urbanas, em diversos suportes, como formadoras de imaginário, sentido e próprio desenvolvimento histórico das cidades e de sua arquitetura.

No Brasil, Sandra Jatahy Pesavento, seguindo Chartier, desenvolveu a relação entre os estudos urbanos e a Literatura. Como um mapeamento das transformações na área da História e suas interações com outros campos de conhecimento, Pesavento (2011) faz um panorama que parece bastante pertinente para este trabalho.

De maneira sintetizada, a autora procura explicar as mudanças na forma de pensar a História que datam as últimas décadas do século XX, a partir principalmente da década de 70, tendo impacto no Brasil a partir da década seguinte. Tais transformações estavam atreladas a quebras de paradigmas no campo da História, com questionamentos sobre a veracidade dos fatos narrados pelos historiadores em conjunção com a tentativa de abrangência das manifestações culturais – e não somente os documentos oficiais dados como verdadeiros – dentro do saber histórico.

Dentro deste contexto e recebendo contribuições de vários campos de estudos, tais como a antropologia, a sociologia e a psicanálise, a História Cultural surge a partir de

tentativas para decifrar de outro modo as sociedades, penetrando nas meadas das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles (CHARTIER, 1991, p. 177).

Parte das transformações presentes nesta maneira de entender a História surge da consciência de que o fazer histórico é uma narrativa, ou seja, uma visão – dentre as possíveis – de ver os fatos e narra-los. Assim, entende-se que os fatos narrados são uma versão dentre outras tantas várias e assume-se que a história não contém a verdade absoluta, senão uma maneira de enxergá-la.

Com isso, a História se aproxima da Literatura, no sentido que ambas carregam consigo as relações com a realidade em conjunto com as formulações da ficção. Para Pesavento, o que difere então as duas áreas é que enquanto a Literatura caminha livremente entre estes dois campos, a História tem a pretensão de atingir o real acontecido (PESAVENTO, 2011, p. 55). A definição deste campo de estudo também é feita por Rosilene Baptista Oliveira:

A História Cultural é fruto dessas concepções que delinearam seu campo de investigação, abrindo espaços para novas e diferentes questões acerca do passado, para a utilização de objetos e procedimentos diferenciados, procurando identificar a cultura de uma época por meio das representações e práticas que dão significado ao mundo (OLIVEIRA, 2013, p. 73).

Tais procedimentos diferenciados aos quais Oliveira se refere são as mudanças epistemológicas da maneira de se pensar a História dentro dessa nova perspectiva, que são enunciadas por Pesavento a partir de alguns conceitos-chave.

Primeiramente, a autora aponta como categoria central da História Cultural, o conceito da *representação*. Trata-se de uma categoria central pois, segundo ela,

em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo (PESAVENTO, 2011, p. 42).

Pesavento define a representação em sua relação com o real, na perspectiva de que não se trata de “uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele” (PESAVENTO, 2011, p. 40). Mostra ainda que as representações carregam consigo o simbólico, isto é, a partir delas é possível compreender mais do que elas enunciam em primeira instância.

Também comentando a representação e a forma como ela deve ser considerada ao se analisar um documento pelo viés da História Cultural, Rosilene Baptista Oliveira (2013) retoma a colocação de Peter Burke (1992), considerando que este autor “salienta a necessidade do historiador ler as entrelinhas dos documentos, e ter a consciência de que todo documento, imagem ou objeto são produções humanas; portanto, representações da realidade” (OLIVEIRA, 2013, p. 75).

O conceito de representação é fundamental para este trabalho na maneira de ver as referências sobre a cidade de São Paulo nos textos das revistas. A cidade paulistana está descrita nestes textos a partir de um certo olhar que possui relação com a cidade real, mas é guiado por ideais, propostas e maneiras de projetar a imagem da cidade de acordo com cada um dos grupos que as enuncia. Estas representações urbanas devem ser exploradas nos seus significados, buscando compreender os seus sentidos ocultos, isto é, ler nas entrelinhas, tal como Burke indica.

As representações nos textos presentes nas revistas artísticas devem ser lidas comparativamente com aqueles presentes nos periódicos técnicos. Os textos técnicos, em princípio e de maneira ideal, seriam aqueles que tratariam das representações da cidade de São Paulo de maneira mais objetiva e racional. No

entanto, como aponta Chartier, essa objetividade, dentro da visão do historiador cultural, é uma falácia:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p. 17).

Assim, os textos presentes nos periódicos deverão ser lidos buscando compreender a imagem da cidade que procuravam construir. Tal imagem urbana seria aquilo que é chamado de *imaginário*, que Pesavento (2011, p. 43) define como “um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”.

O conjunto de representações presentes nas revistas aqui pesquisadas contribui, acreditamos, para construir o imaginário da cidade de São Paulo do início do século XX, com sentidos que perduram em muitos aspectos até os dias atuais. Cabe à pesquisa buscar compreender não só que imaginário é este, isto é, que cidade é por ele desenhada, mas também como e a partir de quais estratégias os textos consolidam essa construção.

Para compreender esse imaginário é preciso atentar às *sensibilidades* expressas nos textos. Estas são suas camadas mais ocultas, porém perceptíveis através das marcações das subjetividades.

Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo (PESAVENTO, 2011, p. 58).

As sensibilidades referem-se ao tom presente nos textos que nos remete ao tempo passado e diz sobre a atmosfera sensorial do período estudado. Essa camada

sensível soma-se aos discursos e demais formas de representação para formação do imaginário que se busca captar.

Dentro do campo da História Cultural, portanto, é possível analisar os textos que formam a fonte de pesquisa deste trabalho, buscando compreender suas contribuições e reflexos e, especialmente, suas visões de cidade.

Esta temática estaria dentro da chamada *História Cultural do Urbano*. Sobre a linha de pesquisa, Pesavento mostra que um dos pontos que a História Cultural trabalha sobre a cidade é a tentativa de compreender o imaginário urbano, resgatando discursos e imagens de representação da cidade (PESAVENTO, 2014, 78). Afirma que estes discursos podem ser políticos, jurídicos, médicos, urbanísticos, literários, entre outros, e empregam metáforas para qualificar a cidade (PESAVENTO, 2014, 80). Assim, tanto os textos das revistas literárias, quanto os presentes nos periódicos técnicos (urbanísticos, arquitetônicos, científicos, de maneira geral) se configuram como suportes para tais representações urbanas.

Sobre a relação entre os estudos urbanos e a Literatura, a historiadora elucida sua estratégia de pesquisa, que procura ser adotada também neste trabalho, que consiste em:

Pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço têm lugar. Há, pois, uma realidade material – da cidade construída pelos homens, que traz as marcas da ação social. [...]. Sobre tal cidade, ou em tal cidade, se exercita o olhar literário, que sonha e reconstrói a materialidade da pedra sob a forma de um texto (PESAVENTO, 1999, 10).

Metodologicamente, as análises das representações da cidade vinculadas aos saberes técnicos e artísticos, também seguirão a trilha proposta por Pesavento. A autora (1999, p. 19) propõe um método de trabalho segundo o choque contrastivo: afirma que, a partir da quebra do vínculo entre passado e presente, Walter Benjamin (1989) procurava criar contra-imagens que rompessem com a

continuidade histórica, dando espaço para a inteligibilidade por contraste. Ela entende que, a partir deste método, é possível

por frente a frente as representações da cidade que falam de progresso ou tradição, as que celebram o urbano ou idealizam o rural, o imaginário dos consumidores do espaço frente aos dos produtores da urbe, a visão das elites citadinas com a dos populares e deserdados do sistema, a dimensão da esfera pública, como representação, com o imaginário constituinte sobre o privado, as imagens do espaço que contrapõem o centro ao bairro [...] (PESAVENTO, 1999, p. 19-20).

A autora também trata de outra técnica metodológica que difere desta, por se tratar não de contraposição, senão de superposição. Esta é apresentada por Willi Bolle (1994). Nela o pesquisador, a partir da desmontagem e remontagem dos fragmentos urbanos, “iria justapondo personagens, imagens, discursos, eventos, performances ‘reais’ ou ‘imaginárias’ do espaço urbano” (PESAVENTO, 1999, p. 20).

Finaliza citando Chartier (1990), que se baseia no cruzamento das práticas com as representações e afirma que tais métodos, embora distintos, não entram em conflito e podem ser utilizados em conjunto para a compreensão de um contexto histórico (PESAVENTO, 1999, p. 21).

Dentro destas perspectivas metodológicas, portanto, se procura trabalhar nesta pesquisa, ora contrapondo as imagens técnicas às artísticas, ou ainda aquelas que celebram o crescimento urbano àquelas que o recusam e criticam, ora as justapondo; e ainda, avaliando a relação de tais representações com as práticas, procurando compreender as tensões existentes entre os campos de estudo e seus reflexos na constituição da cidade e de sua identidade urbana.

1.2. Os periódicos estudados

A pesquisa procura explorar os periódicos dentro do período de interesse – que se concentra nas décadas de 1910 e 1930, tendo como foco principal a década de 20, período chave para a compreensão das grandes transformações na cidade, como se verificou na própria leitura dos textos.

As análises buscam verificar e compreender os discursos sobre as transformações urbanas na cidade de São Paulo no período apontado e avaliar as maneiras como essas são relatadas e avaliadas ao longo das décadas que a pesquisa abrange. Como já colocado, o período recortado para a pesquisa foi de mudanças intensas que alteraram a maneira como a cidade paulistana passou a ser percebida. Os periódicos e demais documentos da época são testemunhos das grandes mudanças urbanas e contributivos para a criação da imagem da cidade.

A seleção dos periódicos utilizados como fonte primária nesta pesquisa buscou levar em conta aqueles que discutiram temas associados ao crescimento da cidade e sua modernização e que circularam dentro dos meios intelectuais e políticos ligados aos campos da Arte, Literatura, Arquitetura e Urbanismo.

A proposta de estudar os periódicos para compreender o tema abordado parte da ideia de que as séries documentais, não o documento isolado, podem ser ricas no sentido de fornecer uma visão mais ampla, uma narrativa sobre um determinado período. Acompanhando os artigos publicados em cada um deles, podemos vivenciar a transformação do pensamento em determinada época.

De acordo com Ana Luiza Martins, que analisou diversas revistas publicadas entre o período de 1890 e 1922 buscando compreender as práticas culturais na cidade de São Paulo¹, nesse período:

¹ Em seu trabalho, em que estuda o período republicano, principalmente em São Paulo, a pesquisadora consulta e analisa o conteúdo de um número bastante significativo de revistas dos mais variados temas: revistas ilustradas, pedagógicas, agronômicas, esportivas, operárias, cinematográficas, teatrais, infantis, religiosas, femininas, e institucionais.

A inexistência de uma indústria livreira conferiu, especialmente às revistas, a função de suporte adequado para a veiculação da imagem de um novo Brasil. Imagem tradutora de conquistas técnicas com as quais a imprensa periódica se defrontava, construída a serviço de um ideário inovador e não raro também a serviço da defesa das tradições. Não seria abusivo admitir para aqueles idos que – tanto quanto o jornal, porém mais que o livro –, a revista era o instrumento eficaz de propagação de valores culturais, dado seu caráter de impresso do momento, condensado, ligeiro e de fácil consumo (MARTINS, 2008, p. 26-27).

Diferente de um livro, que tem a característica de buscar ser pontual e duradouro, as revistas podem tratar dos assuntos de maneira mais corriqueira e desprestigiada, fazendo com que possamos ter acesso mais próximo às formas de pensar da época.

Em contraposição ao livro, que evoca o caráter de eternidade, o artigo de uma revista jamais expressa um pensamento de forma definitiva. Situando-se na correnteza dos acontecimentos e daí extraindo seu roteiro de ideias e pontos de discussão, a revista é marcada por uma escrita dinâmica e reflexiva. É justamente por essa sua relação específica com a temporalidade que ela se distingue nitidamente do jornal. Se ambos se debruçam sobre um tempo acelerado, típico da cultura do modernismo, a revista não visa captar a atualidade imediata, ela se esforça para torna-la objeto de reflexão. Pode-se concluir que é a imagem de uma escrita provisória, marcada pelo caráter inacabado, que diferencia a revista dos demais suportes de informação (VELLOSO, 2010, p. 43).

Além disso, outro ponto importante sobre a escolha do uso de periódicos relaciona-se ao fato de que eles podem revelar a maneira de pensar de um determinado grupo.

Utilizamos como fonte os periódicos com temas específicos, produzidos por aqueles que mais tinham influência e poder dentro de cada um dos meios. Assim, os textos presentes nestes periódicos, mesmo que não tivessem uma circulação muito ampla (como no caso das revistas literárias que muitas vezes se restringiam a poucos leitores também escritores e artistas), refletem as ideias da

elite intelectual daquele assunto. Com isso, podemos nos aproximar do que era mais prezado dentro de determinados grupos.

Velloso (2010), estudando as revistas do Rio de Janeiro, faz uma importante afirmação que nos leva diretamente ao caso dos periódicos aqui estudados. Ela diz que “as revistas funcionam como um microcosmos, no interior do qual os intelectuais organizam sua sociabilidade, variando entre adesões e exclusões daqueles que compartilham ou negam as ideias em comum” (VELLOSO, 2010, p. 44).

A leitura dos periódicos visando compreender não somente os assuntos tratados, mas a forma que os grupos intelectuais os articulam é um ponto muito importante no tratamento destas fontes. A partir dessa ideia, a proposta de entender a influência destes periódicos na construção do imaginário urbano de São Paulo se faz por duas vias.

A primeira, mais direta, entende que a maneira como a cidade era caracterizada nos textos publicados foi moldando a forma de se enxergar. Essa visão toma como pressuposto a circulação das revistas entre seus leitores. A disseminação das ideias associadas à cidade de São Paulo foi sendo feita aos leitores de maneira que contribuiu, juntamente a outras formas de representação, para a formação de um imaginário urbano marcado pelas características aqui já apresentadas.

A outra forma de leitura da formação do imaginário urbano de São Paulo a partir dos periódicos tem maior relação com o fato das revistas serem propostas, escritas e circuladas entre a elite intelectual daquele determinado tema – os saberes técnicos, no caso dos periódicos de Engenharia, e as Artes e Literatura, no caso das revistas literárias. Tendo os intelectuais como seus propositores, as ideias disseminadas sobre a cidade de São Paulo nestas revistas carregavam o peso de serem a visão preconizada sobre determinado tema. Nesse sentido, o fato de estarem presentes em revistas especializadas já denotam que aquelas formas de pensar a cidade teriam maior peso para serem disseminadas e contribuiriam para a formação do imaginário urbano. Ao estarem representando as ideias da elite intelectual sobre determinados assuntos especializados, tais representações

já passavam a adquirir para si, assim, um certo grau de canonicidade. A difusão e reprodução destas ideias adiante contribuiriam para a formação de um imaginário urbano de São Paulo, portanto, não só por uma questão quantitativa (número de leitores) mas pela valorização do sujeito enunciador.

Os periódicos selecionados são descritos a seguir, organizados nos dois grandes grupos: os periódicos técnicos, que tratam das questões urbanas a partir de uma visão guiada pelos conhecimentos das Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e os periódicos artístico-literários, nos quais a cidade aparece em meio às discussões artísticas e criações literárias da época.

1.2.1. Periódicos técnicos

O uso dos periódicos técnicos como fonte de pesquisa certamente não é exclusivo neste trabalho. Na historiografia da Arquitetura e do Urbanismo, é comum encontrarmos referências a textos publicados nestes suportes. Além disso, há trabalhos que se focaram no estudo deste material, analisando temas e projetos presentes, ou seja, o que se publicou nestas revistas.

Dentre estes trabalhos, Rafael Alves Pinto Junior (2013) explora diversas revistas técnicas do início do século XX, comparando as cariocas com as de São Paulo. O autor indica que as revistas deste período são uma resposta à necessidade de encontrar uma forma de expressão adequada às características de um novo tempo, a saber, a acelerada industrialização e a consolidação internacional do capitalismo. Defende, também, que a passagem para o XX é um momento de inflexão no contexto brasileiro, no qual o mercado editorial se define a partir da segmentação temática e das classes sociais (PINTO JUNIOR, 2013). Nesse contexto, o pesquisador indica a relevância do estudo destes periódicos:

Este ambiente de efervescência de produção de periódicos por certo influenciou as instituições e agremiações voltadas ao saber científico. [...] Voltar os olhos para as principais revistas em circulação na época pode mostrar a inserção da

imprensa periódica no mercado editorial nacional, a luta por inserção de segmentos profissionais e o significado que atribuíam à realização da arquitetura e da engenharia. Ao mesmo tempo revela vozes preocupadas com a construção de um processo de modernização no Brasil (PINTO JUNIOR, 2013).

Assim como Rafael Alves Pinto Serva indica seu interesse em compreender a maneira como se deu a construção da modernidade a partir das vozes presentes nos periódicos que analisou, o que se busca aqui é vasculhar o discurso nas revistas técnicas a seguir descritas, com o intuito de entender como é feita a construção de um imaginário urbano sobre São Paulo nos textos e imagens que veicularam.

Revista Polytechnica

Vinculada à Escola Politécnica de São Paulo, está o mais antigo entre os três periódicos técnicos utilizados neste trabalho. O primeiro número da *Revista Polytechnica* data de 1904 e a publicação segue até 1950. No entanto, esta revista já havia sido iniciada anteriormente, em 1900. Sem sucesso, a publicação – que se limitou a dois números - não foi adiante, com fracasso justificado por Ana Luiza Martins (2008) pela “incipiência do espírito de associação de seus pares” (MARTINS, 2008, P. 332). Em 1904, porém, com a criação do Grêmio Politécnico, a ideia da publicação ressurgiu entre os alunos. Para esta pesquisa, interessa os números desde o início até meados da década de 1930.

O periódico traz os diversos assuntos relativos às engenharias voltados em grande parte àquilo que era estudado e discutido durante os cursos na Escola Politécnica. Neles, é possível encontrar críticas, textos de profissionais e notas de aula dos próprios alunos, todos dentro do propósito de circular e discutir os temas abordados. Em algumas edições, há seções específicas de Arquitetura com uma divulgação do trabalho dos arquitetos através de imagens dos projetos ou fotos das obras executadas. A revista trazia importantes discussões sobre o urbano,

A pesquisa: metodologia e fontes

pois “a fundação da Escola Politécnica em 1893 reforçava a ênfase nas ciências aplicadas, voltando-se para estudos que subsidiavam a reforma urbana da Capital” (MARTINS, 2008, p. 332).

Figura 1 - Capa do primeiro número da *Revista Polytechnica* (novembro de 1904).
Fonte: Biblioteca da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Por estar associada ao grêmio, a direção, a redação e edição do periódico é bastante variável, sendo composta por alunos e professores da Escola Politécnica e tendo seus nomes alterados periodicamente. Ano a ano, nas edições, é possível acompanhar também um balanço de todas as atividades da revista. Havia, entretanto, uma comissão fixa para acompanhar a publicação. Essa comissão era presidida por Hypolito [a autora indica Alfredo, mas consta na revista H., de Hypolito] Pujol Junior e secretariada por Ranulpho Pinheiro de Lima (MARTINS, 2008, p. 332).

Figura 2 - Índice do 107º número da *Revista Polytechnica* (janeiro-fevereiro de 1933).
Fonte: Biblioteca da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Hypolito Gustavo Pujol Júnior (Rio de Janeiro-RJ, 1880 - São Paulo-SP, 1952) era engenheiro-arquiteto e civil formado em 1905. Foi um dos fundadores do Grêmio Politécnico, trabalhou no Gabinete de Resistência de Materiais, cuja direção assumiu em 1906, e lecionou na Politécnica nessa mesma área até 1922. Após sua saída da Politécnica, a qual, segundo Sylvia Ficher (2005), foi um pouco conturbada devido às suas atividades externas e diversas faltas e licenças, continuou tendo expressiva produção de obras e pesquisas, entre elas, várias sobre cimento amianto. Produziu diversos textos sobre seus trabalhos e também projetos de arquitetura publicados na revista. Ranulpho Pinheiro Lima (1884 - 1953) - nascido em Itatiba, São Paulo - era engenheiro formado pela Escola

Politécnica de São Paulo e foi, assim como Pujol Júnior, um dos fundadores do Grêmio Politécnico. Atuou como engenheiro na Seção de Engenharia Sanitária do Serviço Sanitário de São Paulo em praticamente toda a sua carreira profissional, desde 1908 até 1938. Dirigiu, anos mais tarde, a *Revista de Engenharia*, também utilizada neste trabalho.

No grupo de redatores efetivos da *Revista Polytechnica*, encontravam-se Alexandre Albuquerque, Gabriel Dias, J. Costa Marques, A. Nacarato e Adriano Goulin (MARTINS, 2008, p. 333). Dos nomes citados, o mais relevante para esta pesquisa é Alexandre Albuquerque (São Paulo-SP, 1880 - São Paulo-SP, 1940), o qual assina alguns dos textos analisados. Alexandre Albuquerque iniciou os estudos na Politécnica do Rio de Janeiro, mas se transferiu para a Escola em São Paulo, onde se formou, em 1905, como engenheiro-arquiteto e foi também um dos fundadores do grêmio da instituição (FICHER, 2005, p. 99). Seu nome está ligado à defesa da regularização da profissão de arquiteto, tema presente em seu discurso de formatura. Trabalhou com Ramos de Azevedo entre 1907 e 1908 e depois abriu seu próprio escritório. Lecionou na Politécnica e chegou à direção da Escola no final da década de 1930.

Com colaboradores bastante ativos no cenário paulista, a *Revista Polytechnica* tem um grande peso por se tratar de uma publicação que expressava diretamente as ideias da classe acadêmica da época. Com isso, a revista não só se pretende portavoz do pensamento científico e inovador, como também reflete o pensamento hegemônico acerca da cidade entre seus dirigentes, já que eram eles em grande parte os próprios docentes e alunos da Escola Politécnica, como indica Rafael Alves Pinto Junior:

De todas elas, a *Revista Politécnica* – talvez por ter como colaboradores docentes, alunos e profissionais egressos da Politécnica de São Paulo, influentes e atuantes tanto no mercado imobiliário quanto no poder público da capital – era a mais importante (PINTO JUNIOR, 2013).

Revista de Engenharia

A *Revista de Engenharia*, publicação mensal de engenharia civil, industrial, arquitetura e agronomia, foi criada em 1911. Segundo Ana Luiza Martins, surge a partir da necessidade de espaço para publicações dedicadas às engenharias em função do desenvolvimento paulista. A pesquisadora indica que, no período, já se falava em uma “classe dos engenheiros”, a qual demandava uma publicação que aglutinasse os trabalhos desenvolvidos (MARTINS, 2008, p. 334).

O periódico limitou-se a dois volumes, entre 1911 e 1913, cada um contendo doze números. Constituem-se, portanto, em material não muito extenso, mas que contribui à pesquisa pois pode evidenciar as ideias que circulavam nesse período do início da década de 1910.

O primeiro volume se inicia em junho de 1911 e se estende até maio de 1912, sob a direção de Ranulpho Pinheiro Lima e Heitor de Souza Pinheiro, ambos engenheiros.

A *Revista de Engenharia* era um periódico voltado para os profissionais das áreas referentes à construção “praticamente constituía um informe das novidades internacionais por meio de artigos técnicos e reclames” (PINTO JUNIOR, 2013). Além disso, a publicação também buscava mostrar as pesquisas, ideias e trabalhos realizados no Brasil, especialmente em São Paulo:

a *Revista de Engenharia* tomou para si a responsabilidade de ser uma depositária da memória construtiva do que de melhor se fazia no Brasil – e esta seria uma preocupação recorrente facilmente observada em praticamente todas as revistas especializadas. “Lembrar e estimular” era um dístico que unia estes periódicos. Como as outras revistas em circulação em São Paulo no início do século, a *Revista de Engenharia* estava comprometida com a disseminação da ideia de Progresso, vale dizer, do progresso paulista (PINTO JUNIOR, 2013).

Figura 3 – Capa do Volume I da *Revista de Engenharia* (junho de 1911 a maio de 1912).
Fonte: Biblioteca da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

O número final do primeiro volume (Vol I, nº 12, 10 de maio de 1912) é o último sob a direção de Ranulpho Pinheiro Lima e Heitor de Souza Pinheiro. Um anúncio neste número alerta que, a partir de então, eram os proprietários da revista os, também engenheiros, Aypio Leme de Oliveira (1886 - 1956) e Carlo Valentini. Aypio, que nasceu em Bragança Paulista no Estado de São Paulo, só tem o seu nome como diretor anunciado, mas não aparece neste cargo nos demais números, o que, segundo Ana Luiza Martins (2008, p. 334), pode indicar que a propriedade da revista tenha passado exclusivamente a Carlo Valentini. Engenheiro civil e eletricitista, Valentini tem diversos artigos publicados ao longo dos números do ano de 1912 da revista.

O periódico trazia, além de artigos, propagandas de estabelecimentos comerciais, fornecedores, materiais e demais serviços ligados à construção civil. Estas propagandas tornam-se mais frequentes no segundo volume da revista:

Observou-se na mudança de propriedade e direção da revista outra orientação, de caráter acentuadamente comercial, com maior número de páginas de reclames, muita propaganda de profissionais e estabelecimentos comerciais (MARTINS, 2008, p. 334).

Os temas tratados nos artigos da *Revista de Engenharia* passam pelas várias áreas das engenharias como hidráulica, elétrica, ferroviária, mecânica, civil e assuntos correlatos. A revista explora tanto sobre obras realizadas quanto estudos e discussões sobre os assuntos abordados. Interessa à pesquisa os artigos que tratam das questões urbanas e da arquitetura.

A partir do segundo volume, a revista muda seu nome, tornando-se *Revista da Engenharia, Eletrotécnica, Hidráulica e Industrial* e passa a focar mais nos temas relacionados a esses ramos das engenharias, com menor incidência de textos sobre o urbano ou arquitetura.

INDICE DO PRIMEIRO VOLUME 5438 DA REVISTA DE ENGENHARIA (Junho de 1911 a Maio de 1912)

Agua impura (O custo da)	83	Estradas de rodagem e automobilismo. Conferencia do Eng. José Custodio Alves Lima	229
Agua (Os hypochloritos na esterilisação da).	82	Ferro (O minerio de)	57
Aluminio (Os appparelhos de) nas industrias quimicas e alimenticias	112	Florestal (O regimen) no Brazil. Editorial	63
Amianto (O) e o asbesto; — Eng. Henrique de Magalhães Gomes	20	Florestas (A pseudodesastação das nossas).	71
Aquecimento electrico	291	Florestal (O regimen) no Brazil	96
Automoveis (Os) nos Estados Unidos	27	Fontes para distribuição d'agua nas escolas, salas de reunião etc.	293
Baixada Fluminense — Eng. Fabio Hostilio de Moraes Rego	158	Formação do mundo (A)	270
Bibliographia 91, 114, 271 e	335	Fornos electricos para a fabricação dos aços. 196 e	236
Bomba a vapor de baixissima pressão	55	Habitações em S. Paulo (As) Editorial	277
Cães (O) do porto do Rio	6	Hora no Brazil (A). Parecer do Dr. Henrique Morize	52
Canos de cobre (O emprego dos) na condução de agua potavel	54	Hospedaria para imigantes em Santos (M)	220
Canal do Panamá (O)	23	Hulha branca (A)	47
Casas operarias 4 e	81	Hulha branca (A) no Paraná. Major Domingos do Nascimento	129
Central do Brazil e o seu regimen de deficits	234	Iluminação (A) natural das salas das escolas	53
Cidade do Salvador — Eng. Alex. de Albuquerque	124	Iluminação (A) electrica dos trens	267
Cimento armado (Precações para o emprego do) nas construcções maritimas	109	Industria ceramica	329
Cimento armado (A conservação do ferro nas construcções em)	81	Insolação dos predios e das ruas com applicação á cidade de S. Paulo. Eng. Lucio Martins Rodrigues	169
Colmatagem dos leitos percoladores (A)	111	Irrigação e lavoura secca. Conferencia do Eng. Lourenço Buieta Neves	141
Concretos (Fendas superficiaes dos)	54	Lampada (Uma nova) electrica	22
Construcções (Augmento annual das) em S. Paulo e Rio de Janeiro	25	Lampadas de filamento metalico	332
Contador electrico para corrente continua	51	Leopoldina veris Central	56
Convenção (A) mundial dos fusos horarios. O Brazil e os seus fusos. Eng. Lucio Martins Rodrigues	2	Lixo (A questão do) em S. Paulo	13
Dosagem expedita do carbono dos ferros e aços ordinarios (Sobre um novo methodo para). — Eng. Pujol Junior	64	Lixo (O tratamento do) pelo vapor d'agua	180
Eclipse (O) total do Sol em 10 de Outubro de 1912. — Eng. Lucio Martins Rodrigues	34	Macadamisação das estradas	199
Eclipse (O) total do Sol em 10 de Outubro de 1912. Conferencia do Eng. Rogério Fajardo	280	Mão de obra (A crise de) Editorial	217
Educação e pratica dos Engenheiros (Congresso sobre)	94	Madeira-Munroe (.	241
Electricidade (Os accidentes causados pela)	80	Melhoramentos de S. Paulo (Os). Projectos dos Engs. Alexandre Albuquerque, Freire e Guilhém, e Samuel das Neves	37
Electricidade (Serviços de). Sua regulamentação no Brazil	105 e	Melhoramentos de S. Paulo (As grandes Avenidas e os). Eng. Alexandre de Albuquerque	44
Electro-siderurgia (Os progressos da)	57	Melhoramentos de S. Paulo. Os blocos do valle Anhangabahu	97
Energia electrica (A) nos Estados Unidos	57	Melhoramentos da Bahia 124 e	183
Escola Polytechnica de S. Paulo (A) Editorial	247	Notas pessoais 27 e	155
Estabilidade dos muros de suporte. Calculo dos muros gemeos. Eng. Henrique de Mendonça 175, 226 e	287	Oito de Alencar (O professor)	301
Estabilidade dos muros de suporte. Calculo dos muros gemeos. Eng. A. de Moraes	194	Perspectiva (Systema pratico de se executarem desenhos em). Arch. Carlos Ekman	357
Esterilisação da agua pelos raios ultra-violetas	9	Pintura a oleo das superficies em cimento	111
Estradas de ferro do Brazil	23	Porto (O) do Pará	257
Estradas de ferro para o Estado do Paraná (Projectos de). 73 e	205	Radiotelegraphia (A) e a defesa nacional. Dr. Francisco Bhering	341
Estrada de Ferro Belem a Pirapora. Eng. Clodomiro Pereira da Silva. 188, 218, 248, 278 e	309	Recalçamento de Santos. — Engs. Roberto Cochrane Simonsen e Alberto Monteiro Carvalho	311
		Regulador de tiroem para machinas a vapor	83
		Regulamento Sanitario do Estado de S. Paulo	207
		Resgate das Estradas de Ferro paulistas. (O) Editorias. 33 e	123

Figura 4 – Parte do índice do volume I da *Revista de Engenharia* (junho de 1911 a maio de 1912), evidenciando os diversos temas tratados no periódico. Fonte: Biblioteca da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Boletim do Instituto de Engenharia

O *Boletim do Instituto de Engenharia*, como o nome indica, era uma publicação informativa associada ao Instituto de Engenharia, que nasceu em 1916 com o objetivo de ser um órgão representante da classe dos engenheiros. À época, os projetos de transformação de São Paulo e outras cidades se intensificavam e havia o desejo, entre os engenheiros, de se unirem para compreender e participarem deste movimento de mudanças de forma mais organizada e efetiva. O Instituto de Engenharia é uma associação que funciona até os dias de hoje. No site do órgão, a história de sua criação é narrada da seguinte maneira:

Os projetos para a nação brasileira surgiam a cada dia e para empreendê-los, os engenheiros precisavam estar organizados. Foi então que, em 1º de julho de 1916, um grupo de engenheiros se reuniu e fez um abaixo-assinado com o objetivo de fundar, na Capital paulista, uma associação. Em 13 de outubro de 1916, os engenheiros Francisco Pereira Macambira, Antonio Francisco de Paula Souza, João Pedro da Veiga Miranda e Rodolpho Baptista de S. Thiago em reunião, na Escola Politécnica da USP, formaram a diretoria provisória do Instituto de Engenharia, uma sociedade civil sem fins lucrativos, com a proposição de “defender os direitos da categoria e dos interesses da classe, a regulamentação e a cooperação profissional e o posicionamento frente a questões nacionais” (INSTITUTO DE ENGENHARIA, 2019).

O professor Francisco de Paula Souza (Itu-SP, 1843 – Rio de Janeiro-RJ, 1917) foi o primeiro diretor do Instituto, ficando pouco tempo neste cargo devido ao seu falecimento. Foi diretor da Escola Politécnica desde a fundação, em 1894, até sua morte. Era proveniente de família pertencente à elite cafeeira paulista e com expressiva participação política no cenário nacional tendo, ele também, atuado como deputado estadual. Durante seu mandato de deputado, elaborou o projeto de criação da Escola Politécnica. Estudou na Suíça e na Alemanha e atuou na construção de estradas de ferro. Pelos relatos presentes nas revistas, é possível perceber que era um professor dedicado, respeitado e reconhecido por seus

A pesquisa: metodologia e fontes

alunos e pela classe dos engenheiros. São várias as referências e homenagens ao professor presentes nas páginas do *Boletim do Instituto de Engenharia*.

Figura 5 - Capa do número 17 (julho de 1922) do *Boletim do Instituto de Engenharia*.
Fonte: Biblioteca da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Sob a presidência de Francisco de Paula Souza, nomes já recorrentes nas outras publicações aqui utilizadas aparecem em meio aos diretores do Instituto e, portanto, também ligados ao periódico. A lista de 1917 indica, entre eles, Hippolyto G. Pujol Junior e Ranulpho Pinheiro Lima, os quais, como já mencionado, haviam presidido a *Revista Polytechnica*. Ranulpho aparece como redator-chefe do *Boletim* no ano de 1917.

Vol. XI	Julho de 1929	N.º 50
<h1>BOLETIM</h1> <h2>DO</h2> <h1>INSTITUTO DE ENGENHARIA</h1> <h3>S. PAULO (BRASIL)</h3> <h4>PUBLICAÇÃO MENSAL</h4>		
<i>Direcção do Engenheiro Luiz de Mendonça Junior</i>		
<p>O unico órgão official do Instituto de Engenharia na imprensa, é o seu proprio boletim mensal.</p> <p>Art. 2.º dos Estatutos: O Instituto mantera a publicação de um boletim, organizara conferencias e excursões para visitas collectivas a obras de engenharia e industria.</p> <p>Art. 21.º, paragrapho unico, dos Estatutos: O Instituto, colectivamente, não endossa os pontos de vista individuais expressos pelos auctores dos artigos inseridos.</p>		
SUMMARIO		
HOMENAGEM 1) Tobias Moscoso — pelo eng.º Arthur Motta. ARCHITECTURA 2) As tendencias da architectura contemporanea — pelo eng.º architecto Bruno Simões Magro. HOMENAGEM 3) Gomes de Souza — pelo eng.º civil Dr. Theodoro Augusto Ramos. ARCHITECTURA 4) Ante-projecto para o Palacio do Congresso do Estado de S. Paulo — <i>Andradas</i> (Cl. Iniciadora Predial). ARCHITECTURA 5) Ante-projecto para o Palacio do Congresso do Estado de S. Paulo — por <i>Gonçalves Lodo</i> . (Eng.º José Maria da Silva Neves). ESTRADAS DE RODAGEM 6) A Estrada Inter-americana — pelo eng.º Adriano Arcani. ESTRADAS DE FERRO 7) Aços para trilhos — pelo eng.º João Baptista da Costa Pinto.	MOVIMENTO SOCIAL 1) Divisões Technicas — 2) Divisão de Urbanismo — Eleição da Comissão Executiva — 3) Divisão de Architectura — 4) Divisão de Estradas de Ferro — 5) Novos socios — 6) Congrès International de la Construction Métallique — Liège — 1930. NOTAS E INFORMAÇÕES 1) Aviso da Redacção — 2) Registro de Titulos — 3) Patentes de Invenção. REVISTA DAS REVISTAS 1) Estudo das açoes estaticas e dynamicas das pontes de estradas de ferro — por P. G. Lang Junior BIBLIOGRAPHIA 1) Summario das Revistas 2) Livros Novos. PARTE COMMERCIAL 1) Lista de preços em S. Paulo 2) Anuncios.	
EXPEDIENTE		
Este Boletim é distribuido gratuitamente aos socios do Instituto. A' venda na Secretaria do Instituto e nas principaes livrarias do Paiz.		
Numero avulso.....	3\$000	
Numero atrazado.....	3\$500	
Assignaturas: 24 numeros.....	30\$000	
12.....	30\$000	
6.....	16\$000	
Todo o expediente deve ser dirigido para a Secretaria do Instituto R. Christovam Colombo, 1 — S. PAULO Caixa Postal 2969 — Telephone 2-47-38		

Figura 6 – Índice do número 50, vol. XI, do *Boletim do Instituto de Engenharia* (julho de 1929).
 Fonte: Biblioteca da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

O periódico tratava dos diversos temas relativos às engenharias. Havia, na organização do *Boletim*, conselhos técnicos para cada uma das áreas de atuação das engenharias. Entre estes conselhos, o que mais interessa a este trabalho é o que tratava de engenharia sanitária, arquitetura e construções civis, como consta na publicação inaugural. Nele, inicialmente atuavam o engenheiro sanitário Saturnino de Brito (Campos dos Goytacazes-RJ, 1864 – Pelotas-RS, 1929), Alexandre Albuquerque, Hippolyto G. Pujol Junior, o arquiteto português Ricardo Severo (Lisboa, 1869 – São Paulo-SP, 1940) e Ranulpho Pinheiro Lima².

Os nomes dos presidentes, diretores, secretários e redatores do Instituto de Engenharia se alteram ao longo dos anos. As nomeações eram divulgadas em relatórios anuais, que mostravam também as principais atividades e eventos desenvolvidos pela entidade. Na lista de presidência, direção, conselho técnico ou outros cargos no decorrer das publicações do *Boletim*, encontram-se o engenheiro e professor Victor da Silva Freire (Lisboa, 1869 – São Paulo-SP, 1951), o engenheiro-arquiteto Anhaia Mello (São Paulo-SP, 1891 – São Paulo-SP, 1974), o engenheiro civil Prestes Maia (Amparo-SP, 1896 – São Paulo-SP, 1965), o - também engenheiro civil - Ulhôa Cintra (Campinas-SP, 1887 – São Paulo-SP, 1944), entre outros engenheiros e arquitetos que tiveram atuação nas intervenções na cidade de São Paulo no período estudado.

A pesquisa explora as edições desde a primeira publicação, em 1917, até meados da década de 1930, totalizando a consulta de dezenove volumes: de 1917 até o 19º, de 1934. A quantidade de números dentro desses volumes é bastante variada, mostrando certa instabilidade das publicações. Ao longo dos anos, o periódico passou por diversas adaptações no que diz respeito a layout, sessões e organização de maneira geral.

² “Composição do conselho tecnico”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. I, nº 1, outubro de 1917, p. 113.

1.2.2. Periódicos artísticos e literários

Klaxon

Klaxon, um dos grandes expoentes do movimento modernista paulista, surgiu em 15 de maio de 1922, meses após a Semana de Arte Moderna. A revista teve vida curta, assim como outros periódicos da mesma época, sendo lançado seu último número em janeiro de 1923.

Os poucos números que compõem o material desta revista, no entanto, trazem bastante conteúdo. Muito mais que espaço para publicação de textos literários, esta revista é lugar de manifesto das ideias de vanguarda que afloravam do movimento modernista no âmbito paulista.

Foi uma espécie de continuidade, por consequência, da Semana. Seu propósito seria de organizar e maturar as ideias e propostas tratadas no festival artístico-literário paulista (MARQUES, 2013, p. 29). Segundo o crítico literário Alfredo Bosi, a *Klaxon* foi “o primeiro esforço concreto do grupo para sistematizar os novos ideais estéticos ainda confusamente misturados nas noites bulhentas do Teatro Municipal” (BOSI, 2006, p. 340)

Referências ao que era então moderno estão presentes na *Klaxon* de diversas maneiras. A começar pelo título, que se refere ao nome dado à buzina presente nos automóveis. De acordo com Ivan Marques, o apelo à estridência lembra a revista ilustrada carioca *Fon-Fon* – que circulou entre 1907 e 1958 – e outras do início do século e ainda indica o objetivo da publicação: “Como toda buzina, *Klaxon* pretendia fazer barulho nas avenidas da cidade, causando sustos e correrias” (MARQUES, 2013, p. 30). O pesquisador sintetiza os temas presentes na revista:

Nos diversos números da revista, espalham-se as imagens modernas dos automóveis, aeroplanos e arranha-céus, ao lado de referências à experimentação dos laboratórios científicos,

à música dissonantes do jazz, à linguagem dinâmica e fragmentada do cinema (MARQUES, 2013, p. 30-31).

Em relação aos autores dos textos publicados na *Klaxon*, parte deles possui autoria explícita com nomes como Mario de Andrade (São Paulo-SP, 1893 - São Paulo-SP, 1945), Oswald de Andrade (São Paulo-SP, 1890 - São Paulo-SP, 1954), Sérgio Milliet (São Paulo-SP, 1898 - São Paulo-SP, 1966), Antonio Carlos Couto de Barros (Campinas-SP, 1896 - Campinas-SP, 1966), Guilherme de Almeida (Campinas-SP, 1890 - São Paulo-SP, 1969) e Luiz Aranha (São Paulo-SP, 1901 - Rio de Janeiro-RJ, 1987), Tácito de Almeida (Campinas-SP, 1889 - São Paulo-SP, 1940) e Rubens Borba de Moraes (Araraquara-SP, 1899 - Bragança Paulista-SP, 1986).

Figura 7 – Participantes da Semana de 22. Em primeiro plano, Oswald de Andrade. Sentados, da esquerda para a direita: Rubens Borba de Moraes, Luís Aranha e Tácito de Almeida. Em pé, da esquerda para a direita: Couto de Barros, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Sampaio Vidal, Cândido Mota Filho, Francesco Pettinati, Paulo Prado, Flaminio Ferreira, Graça Aranha, René Thiollier, Manuel Villaboim e Gofredo da Silva Telles.

Fonte: PRADO - Jornal da USP (digital).

Os nomes citados compunham um conjunto de literatos, poetas e críticos que faziam parte do grupo modernista paulista, entre os quais estavam aqueles que haviam participado da Semana, como organizadores ou com contribuições artísticas.

As formações, profissões e atividades que exerciam evidenciam que o grupo dos modernistas provinha de setores médios letrados ou elite paulista. Mario de Andrade tinha formação no Conservatório Dramático e Musical, onde, mais tarde, foi professor de História da Música. Oswald de Andrade vinha de uma família com posses, havia se formado em direito e podia desfrutar de uma rotina boêmia. Pôde viajar à Europa, onde teve contato com as tendências futuristas da época. Sérgio Milliet morou e estudou na Suíça, onde travou contato com grandes nomes do mundo artístico. Antonio Carlos Couto de Barros formou-se em direito em 1917, vinha de família bandeirante, foi fazendeiro e empresário. Trabalhou como redator-chefe no Diário Nacional e foi professor. Guilherme de Almeida era também advogado, jornalista e heraldista, além de poeta e crítico de cinema. Seu irmão, Tácito de Almeida, era também advogado e escritor, formado pela Faculdade de Direito em 1920. Luiz Aranha também se formou pela Faculdade de Direito, em 1926, e foi diplomata. Rubens Borba de Moraes vinha de uma família tradicional paulista, diz-se que descendente de Borba Gato, e estudou em Paris e Genebra.

Muito textos da *Klaxon*, no entanto, eram assinados com pseudônimos. Outros, eram dados, no índice da revista, como de autoria da Redação, embora não se colocasse explicitamente quem compunha a redação ou a direção da revista.

Dentre os colaboradores, é perceptível, como também afirma Ivan Marques, que Mario de Andrade era o “mais frequente e combativo, além de ter sido o que mais levou adiante o exame crítico dos conceitos estéticos” (MARQUES, 2013, p. 31).

A relevância de Mario de Andrade ao contexto modernista paulista é incontestável. Participava ativamente das discussões do modernismo com contribuições não só na *Klaxon*, mas em outras das principais revistas literárias

brasileiras da época, como a publicação carioca *Estética e Terra Roxa e Outras Terras*, também estudada neste trabalho. Conforme Alfredo Bosi, Mario de Andrade “soube conjugar uma vida de intensa criação literária com o estudo apaixonado da música, das artes plásticas e do folclore brasileiro” (BOSI, 2006, p. 346).

Figura 8 - Capa e do primeiro número da *Klaxon* (maio de 1922).
Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Dentre os temas aqui estudados, a *Klaxon* contribui com textos que mostram a representação de São Paulo especialmente com discussões sobre as ideias da modernidade e das vanguardas artísticas aplicada à cidade ou não. É uma importante fonte, portanto, para compreensão da maneira como foram apreendidos esses ideários nas manifestações do modernismo.

MAIO 15

1922

klaxon

Mensario de arte moderna

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. Uruguay, n. 14 — Tel. 4098 Centr.

ASSIGNATURAS — Anno 12\$000

Numero avulso — 1\$000

REPRESENTAÇÃO:

Rio de Janeiro — Sergio Buarque de Hollanda
Rua S. Salvador, 72 - A.

Suissa — L. Charles Baudouin (Le Carmel —
Saconnex d'Arve — Genebra)

Belgica — Roger Avermaete (Antuerpia —
Avenue d'Amerique, n. 160)

A Redacção não se responsabiliza pelas ideias de seus colaboradores. Todos os artigos devem ser assignados por extenso ou pelas iniciaes. E' permittido o pseudonymo, uma vez que fique registrada a identidade do autor, na redacção. Não se devolvem manuscritos. - - - - -

SUMMARIO

KLAXON
A TOI QUI QUE TU SOIS
AS VISÕES DE CRITON
SOBRE A SAUDADE

Redacção
L. Charles Baudouin
Menotti del Picchia
Guilherme de Almeida

Chronicas:

PIANOLATRIA
LE TENDANCES ACTUELLES DE LA PEINTURE
LIVROS
KINE-KOSMOS
EXPOSIÇÃO HERMANN
LUZES E REFRAÇÕES
EXTRA-TEXTOS

M. de A.
Roger Avermaete
A. C. B. e S. M.
May Caprice
Henri Mugnier
M. de A.
V. Brecheret

Figura 9 - Sumário do primeiro número da *Klaxon* (maio de 1922).

Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Terra Roxa e Outras Terras

Terra Roxa e Outras Terras foi outro periódico bastante curto, mas com rico material. Seus sete números foram publicados entre abril e setembro de 1926.

Diferente da *Klaxon*, *Terra Roxa e Outras Terras* não tinha um design inovador, nem alardeava seu viés modernista.

Os textos presentes nas edições da revista tratam menos das questões vanguardistas da modernidade e procuram explorar as artes com uma crítica mais amena. Há relatos, discussões, comentários acerca das artes em geral, além da exposição de novos textos literários.

Segundo Ivan Marques, a revista tinha o “desejo de não se restringir ao debate estético e ao diálogo entre os integrantes do movimento modernista”, tendo anunciado que seria uma publicação dirigida “a todo brasileiro culto”, que procurava se instruir e se divertir com matérias mais leves (MARQUES, 2013, p. 60-61).

Entre os atrativos, destacam-se as “crônicas de arte, música, teatro, poesia e filosofia”. Crônicas e não críticas, isto é, os comentários se ligam aos acontecimentos em curso no mundo cultural (incluindo o setor esportivo) e não propõem aprofundamentos, pois visam apenas a orientação do leitor (MARQUES, 2013, p. 61).

É importante entender que o contexto em que *Terra Roxa* surgiu era um período em que a euforia modernista já havia se assentado e algumas obras respeitáveis haviam sido publicadas, como *Pauliceia Desvairada* e *Losango Caqui* de Mario de Andrade e *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Pau-Brasil* de Oswald. Além disso, a escultura de Brecheret e a música de Villa-Lobos já haviam ganhado fama internacional (MARQUES, 2013, p. 63).

Os colaboradores da *Terra Roxa* eram praticamente os mesmos que haviam tido seus textos publicados na *Klaxon*. A direção é assinada por Antônio Carlos Couto de Barros e Antônio de Alcântara Machado. O primeiro advogava em São Paulo e dividia com Tácito de Almeida o escritório, local onde havia funcionado a redação da *Klaxon*.

Antônio de Alcântara Machado (São Paulo-SP, 1901 – Rio de Janeiro-RJ, 1935) foi aquele que, segundo Alfredo Bosi (2006, p. 374), deu espaço à prosa experimental modernista. É autor de *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda*, em que narra a presença do imigrante italiano em São Paulo. Era membro de tradicional família paulista, filho e neto de professores da Faculdade de Direito, onde também se formou. Viajou à Europa e teve participação política partidária. Além da direção e contribuição na *Terra Roxa*, também colaborou em outras revistas, como a *Antropofagia*. Os dois diretores da revista eram, portanto, representantes da elite tradicional paulista.

A contribuição deste periódico a esta pesquisa se dá principalmente através dos artigos que tratam das ideias do bandeirantismo e da revisão da história de São Paulo.

Revista de Antropofagia

A revista *Antropofagia*, também uma das mais conhecidas do período, tem suas edições já mais próximas do fim da década de 1920, entre maio de 1928 e agosto de 1929. Suas publicações são divididas em dois volumes – chamados de 1ª e 2ª dentições³, respectivamente - com algumas mudanças entre eles.

A revista parece ser, entre as três analisadas, a que mais abarca textos de âmbito nacional e, também, a mais radical em relação as ideias sobre o modernismo nas artes.

³ A revista autodenomina seus dois volumes por *primeira* e *segunda dentição* em uma metáfora que remete às suas duas fases como a dentição dos animais. Com isso, alimenta o trocadilho com o Movimento Antropófago que pregava a antropofagia da cultura, isto é, a deglutição da cultura externa e estrangeira. Nos números da revista, há diversas passagens que citam o ato de deglutir nesse sentido.

Esta revista estava associada ao movimento de mesmo nome, uma das vertentes do modernismo paulista. O *Manifesto Antropófago* (1928), texto de autoria de Oswald de Andrade e publicado no periódico, propunha repensar a dependência cultural na arte brasileira e resgatar sua cultura primitiva. Oswald já havia publicado, em 1924, o *Manifesto Pau-Brasil* (1924), que se assemelhava ao *Antropófago*, mas se mantinha mais focado nas questões estéticas. Segundo Alfredo Bosi, “dividido entre uma formação anárquico-boemia e o espírito de crítica ao capitalismo, que então se conscientizava no país, Oswald pende para a Esquerda” (BOSI, 2006, p. 355).

Com uma tendência oposta aos movimentos *Pau-Brasil* e *Antropófago*, outra parte dos modernistas em São Paulo compunham o *Verde-Amarelismo* (1926). Plínio Salgado (São Bento do Sapucaí-SP, 1895 – São Paulo-SP, 1975), Menotti del Picchia (São Paulo-SP, 1892 – São Paulo-SP, 1988), Cândido Motta Filho (São Paulo-SP, 1897 – Rio de Janeiro-RJ, 1977) e Cassiano Ricardo (São José dos Campos-SP, 1894 – Rio de Janeiro-RJ, 1974)⁴ discutiam o nacionalismo a partir do apelo à terra, à raça e ao sangue em um viés direitista. Mais tarde, o *Verde-Amarelismo* se transformaria no *Anta* (1927), o qual reverenciava o tupi e mantinha um patriotismo exacerbado.

A diferença das propostas entre os grupos é notada nos textos críticos da *Antropofagia*. A direção da revista se divide nas duas fases. A primeira é dirigida por Antônio de Alcântara Machado em conjunto com Raul Bopp e tem o público restrito, formado sobretudo por artistas, e reduzida triagem. Raul Bopp (Tupaceretã-RS, 1898 – Porto Alegre-RS, 1984) era descendente de imigrantes alemães. “Viajou por todo o país praticando as profissões mais díspares, desde pintor de paredes até caixeiro de livraria” (BOSI, 2006, p. 369). Em São Paulo, participou da *Semana* e inicialmente integrou-se ao *Verde-Amarelo*. Mais tarde, no

⁴ Em relação às ocupações, Menotti havia se formado na Faculdade de Direito em 1913 e escrevia diversos gêneros literários; Plínio Salgado era jornalista e escritor; Cândido Motta Filho era filho de professor da Faculdade de Direito, onde se formou em 1919 e mais tarde, lecionou; Cassiano Ricardo era também formado em direito e, no Rio de Janeiro, trabalhou como jornalista.

entanto, esteve próximo à Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, ligando-se ao *Movimento Antropófago*.

ANNO I - NUMERO I 500 rs. MAIO - 1928

Revista de Antropofagia

Direção de ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO Gerencia de RAUL BOPP

ENDEREÇO: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º PAY. SALA 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

ABRE-ALAS

MANHÃ

Nós eramos xifópagos. Quási chegamos a ser deródimos. Hoje somos antropófagos. E foi assim que chegamos á perfeição.

Cada qual com o seu tronco mas ligados pelo figado (o que quer dizer pelo ódio) marchávamos numa só direcção. Depois houve uma revolta. E para fazer essa revolta nos unimos ainda mais. Então formamos um só tronco. Depois o estouro: cada um de seu lado. Viramos canibais.

Aí descobrimos que nunca havíamos sido outra cousa. A geração actual coçou-se: apareceu o antropófago. O antropófago: nosso pai, principio de tudo.

Não o índio. O indianismo é para nós um prato de muita sustância. Como qualquer outra escola ou movimento. De ontem, de hoje e de amanhã. Daqui e de fora. O antropófago come o índio e come o chamado civilizado: só ele fica lambendo os dedos. Pronto para engulir os irmãos.

Assim a experiência moderna (antes: contra os outros; depois: contra os outros e contra nós mesmos) acabou despertando em cada conviva o apetite de meter o garfo no vizinho. Já começou a cordeal mastigação.

Aqui se processará a mortandade (esse carnaval). Todas as oposições se enfrentarão. Até 1923 havia aliados que eram inimigos. Hoje há inimigos que são aliados. A diferença é enorme. Milagres do canibalismo.

No fim sobrá um Hans Staden. Esse Hans Staden contará aquillo de que escapou e com os dados dele se fará a arte próxima futura.

E' pois aconselhando as maiores precauções que eu apresento ao gentio da terra e de todas as terras a libérrima REVISTA DE ANTROPOFAGIA.

E arreganho a dentuça.

Gente: pode ir pondo o cauim a ferver.

Antônio de Alcântara Machado.

O jardim estava em rosa, ao pé do Sol
E o ventinho de mato que viera do Jaraguá
Deixando por tudo uma presença de agua
Banzava gosado na manhã praceana.

Tudo limpo que nem toada de flauta.
A gente si quizesse beijava o chão sem formiga.
A bocca roçava mesmo na paisagem de cristal.

Um silêncio nortista, muito claro!
As sombras se agarrando no folheto das árvores
Talqualmente preguiças pesadas.
O Sol sentava nos barícos, tomando banho-de-luz.

Tinha um sossêgo tão antigo no jardim,
Uma fresca tão de mão lavada com limão
Era tão marupiara e descansante
Que desejei... Mulher não desejei não, desejei...
Si eu tivesse a meu lado ali passeando
Suponhamos, Lenine, Carlos Prestes, Gandhi, um desses!...

Na doçura da manhã quasi acabada
Eu lhes falava cordialmente:--Se abanquem um bocadinho
E havia de contar pra eles os nomes dos nossos peixes
Ou descrevia Ouro Preto, a entrada de Vitoria, Marajó,
Coisa assim que puzesse um disfarce de festa
No pensamento dessas tempestades de homens.

MARIO DE ANDRADE

"Ali vem a nossa comida pulando"

(V. Hans Staden - Cap. 28)

Figura 11 - Primeira página do número 1 da primeira dentição da *Revista de Antropofagia* (1928). Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Já a segunda fase, a *Revista de Antropofagia* é dirigida e diagramada pelo escritor e jornalista Geraldo Ferraz (Campos Novos Paulista-SP, 1905 – Santos-SP, 1979), o qual já havia trabalhado na *Revista do Brasil* e contribuía para diversos jornais. A segunda “dentição” conta ainda com Raul Bopp, Oswald de Andrade e Oswaldo Costa (Belém-PA, 1900 – Rio de Janeiro-RJ, 1967) na editoração. Embora menos conhecido em relação a outros modernistas, Oswaldo Costa teve uma contribuição importante nos textos da *Antropofagia*. Estudou direito no Rio e iniciou sua carreira na imprensa. Assinou diversos textos na segunda fase da revista com o pseudônimo de Tamandaré.

Esta segunda fase da revista passa a ser publicada junto ao *Diário de São Paulo*, ampliando, portanto, o número de leitores de maneira considerável e resultando em uma conturbada recepção devido ao seu conteúdo bastante radical (MARQUES, 2013, p. 95).

1.3. Recorte da pesquisa

Dentro das revistas, tanto as técnicas quanto as literárias, há textos sobre assuntos diversos. Focando no tema da pesquisa, foi feita uma seleção dos textos a serem analisados de acordo com alguns parâmetros.

O primeiro parâmetro utilizado foi observar a seção em que se encontrava o artigo dentro das revistas. Nos periódicos técnicos, principalmente, as seções eram organizadas por assuntos. As seções que discorriam sobre as especificidades quase que puramente técnicas das engenharias não foram consideradas pois não interessavam à pesquisa tais discussões.

Interessou à pesquisa as seções de Arquitetura e Urbanismo e outras que tocavam às questões de infraestrutura urbana, como de abastecimento de água, pavimentação, transportes ou energia elétrica. Também foi dada atenção às seções de miscelânea, pois tratavam de assuntos diversos que podem interessar ao trabalho.

Na maioria dos textos nos quais poderiam surgir dúvidas quanto ao tema abordado, foi feita uma leitura transversal para identificação do assunto. A partir disso, foi feita a avaliação de sua utilização ou descarte para o tema proposto da pesquisa.

No caso das revistas de Artes e Literatura, essa prévia ficou um pouco mais difícil de ser feita. Tais periódicos tratam de assuntos bastante diversos e se torna difícil avaliar o foco do tema abordado e sua importância ou não à pesquisa. Assim, no caso das revistas literárias, todo seu conteúdo foi lido, ainda que transversalmente, para que pudesse ser feita a avaliação de sua importância ao tema do trabalho. A partir disso, foram descartados aqueles que se distanciavam muito da temática da cidade.

O segundo parâmetro adotado foi considerar somente os textos que tratavam da cidade de São Paulo. Textos de projetos ou discussões de infraestruturas de outras

idades não foram considerados visto que o propósito da pesquisa é a compreensão da formação do imaginário urbano especificamente da cidade de São Paulo. Foram considerados, no entanto, textos que tratavam de maneira ampla do estado de São Paulo pois estes muitas vezes tocavam em assuntos relacionados à capital.

O penúltimo parâmetro a ser considerado foi não avaliar textos em outras línguas, pela dificuldade que este processo traria.

Finalmente, o último parâmetro refere-se a um ponto que não é visto de maneira totalmente estanque. Nas revistas de engenharia é bastante comum encontrar a apresentação de projetos de arquitetura somente a partir de seus desenhos e fotos. Essas seções foram vistas com bastante atenção, pois são importantes para a compreensão das questões da cidade da época e certamente são consideradas para este trabalho. Optou-se, no entanto, por não adentrar a detalhes de análise de projeto ou de imagens de maneira geral.

Nas revistas literárias, as questões tipográficas e de diagramação são também bastante importantes em sua composição. Ao considerar tais questões para análise, entretanto, o trabalho tomaria proporções muito maiores do que era projetado. Assim, as questões de diagramação não foram foco das análises. No entanto, em alguns poucos casos, foram consideradas por parecerem importantes aos objetivos da pesquisa.

1.4. Organização e análise

Visto que o volume de textos analisados na pesquisa foi bastante extenso, buscou-se criar uma forma de organização das leituras que facilitasse a análise deste material. Para isso, foram criadas algumas categorias de leitura com o objetivo de observar de maneira panorâmica os assuntos abordados.

As categorias foram criadas a partir da observação de sua consistência dentro dos textos e dos temas que interessavam à pesquisa, isto é, englobam os assuntos que parecem mais abordados nos textos e sinalizam os pontos mais importantes ao trabalho. Elas não refletem necessariamente a presença e quantidade destes temas nas revistas, mas foram assinaladas pela sua relevância com a pesquisa. A formulação do vocabulário foi feita, deste modo, para organizar as fontes e principalmente como um instrumental do próprio trabalho. Em cada um dos textos lidos, foram assinalados os temas presentes. Anexa a esta tese, encontram-se tabelas referentes a cada um dos periódicos, nas quais constam todos os títulos e referências dos textos lidos e a sinalização da presença ou ausência dos temas das categorias criadas. As categorias de leitura foram as seguintes:

Progresso: nessa categoria se enquadram todos os excertos que enxergam as transformações urbanas como melhorias, como aspectos positivos, que as veem como progresso. Esta é uma das chaves de leitura que mais interessam à pesquisa, pois parece ser uma das visões sobre a cidade que mais contribui para a criação de um imaginário urbano de pioneirismo e grandiosidade da cidade de São Paulo.

Paulistanidade: em diversos recortes este tema aparece junto à chave de leitura anterior. Esta categoria refere-se ao orgulho do paulista pela sua cidade e suas conquistas. É uma chave de leitura também muito importante para a pesquisa sendo uma das mais intrigantes. Nesta categoria foram agrupados os textos em que se nota um discurso de exaltação da cidade de São Paulo e de busca de sua imagem. É bastante presente nos dois grupos de periódicos.

Crise e problemas urbanos: nesta categoria se encontram os textos e trechos que discorrem sobre as problemáticas da cidade em seus diversos aspectos como as

questões de transporte, as visões negativas das transformações da cidade, as necessidades de adaptações para seu crescimento, entre outros.

Modernidade: nesta categoria buscou-se agrupar todas as marcas nos textos que tratavam do que seria moderno. Este foi um tema também bastante presente no início do século XX e em grande parte as visões sobre a modernidade eram positivas e enaltecidas. Foi bastante comum encontrar estas características nas revistas literárias com um discurso exaltando aquilo que seria inovador dentro da cidade e sociedade da época.

Estilos: esta se tornou uma categoria bastante ampla e heterogênea. Nela, são agrupadas as discussões sobre os estilos nas artes, tanto nas revistas técnicas quanto nas literárias. É uma chave de leitura bastante presente nos dois tipos de periódicos. Nas revistas de engenharia e afins, aparece nos artigos que tratam da arquitetura da cidade, de novos projetos e edifícios; nas revistas literárias tem larga presença principalmente nas discussões do que seria a arte moderna e de outras tendências artísticas.

Cientificismo: esta categoria está muito mais presente nas revistas técnicas do que nas literárias, embora não seja exclusiva dos periódicos de engenharia. Nela, foram agrupados os textos que se apoiam na legitimidade do conhecimento técnico e científico para discorrer sobre as questões urbanas. O início do século XX é marcado pelos avanços das ciências e isso fica bastante evidente no discurso da época.

Internacionalização: são as referências a outros países marcadas nos textos. É bastante comum que os artigos se apoiem na comparação da situação do Brasil (no caso desta pesquisa os textos sempre se referenciam à cidade de São Paulo) com os países com mais prestígio na época. Desta maneira, é constante a comparação com cenários europeus e americanos para justificar e buscar compreender os avanços e problemas da cidade de São Paulo.

Imigração: embora apareça pontualmente e com pouca frequência nos dois grupos de periódicos, optou-se por assinalar cada vez que este tema aparecia devido a sua importância para a formação física e cultural da cidade de São Paulo.

2

CIDADE OBJETO:
AÇÕES

2.1. De cidade a metrópole: marcos e periodizações

A cidade de São Paulo, até meados do XIX, poderia ser considerada uma cidade acanhada. Ao final do século XIX e na virada para o XX, no entanto, vive um momento de crescimento e uma transformação bastante acelerados, de forma que, em um intervalo muito pequeno de tempo, se torna uma grande cidade, alcançando um pouco mais tarde o posto da maior metrópole brasileira.

Do período de sua fundação (1554), até meados do início do XIX, a historiografia sobre a cidade costuma caracterizá-la como modesta, simples, com construções feitas com taipa de pilão e marcada por ser mais um espaço de passagem dos tropeiros do que um centro urbano. É assim que relata Alzira Campos:

Fontes e explicações historiográficas costumam concordar sobre fases passavelmente distintas vividas por São Paulo. Até 1828, a Cidade teria mantido suas características coloniais, como “arraial dos bandeirantes” e tropeiros, centro comercial modesto, dotado de uma economia de subsistência ou produtora de açúcar em centros interioranos, transportados por bestas para o porto de Santos (CAMPOS, A., 2004, p. 16).

Segundo a mesma autora, a partir de 1828 com a instalação da Academia de Direito, a cidade passa a receber estudantes – cita o número de sete mil – transformando o perfil da cidade para um “burgo de estudantes”⁵ (CAMPOS, A., 2004, p. 16).

O mesmo termo é citado na periodização equivalente a 1822-1879 presente na coletânea de textos sobre a cidade organizada por Candido Malta Campos, Lúcia Helena Gama e Vladimir Sacchetta (2004). Eles sintetizam a cidade neste primeiro período como:

Burgo de estudantes, entreposto de tropeiros, casas acanhadas, famílias reclusas. A identidade e a fisionomia da

⁵ Expressão citada por Alzira Campos em referência ao que identificou Ernani Silva Bruno (CAMPOS, 2004, P. 16).

Pauliceia decantada pelos poetas românticos, consolidadas em meados dos oitocentos estavam fadadas a um rápido desaparecimento. Esse período, iniciado com a Independência e a criação da Faculdade de Direito, encerrar-se-ia com a chegada da ferrovia em 1865 e o governo João Teodoro Xavier (1872-1875), posteriormente identificado como “segunda fundação” da cidade – abrindo caminho para o crescimento intensivo que se seguiria (CAMPOS, C., GAMA & SACCHETTA, 2004, p. 29).

As revistas modernistas, investigadas neste estudo, trazem algumas imagens dos primeiros anos do arraial que deu origem à cidade. Na revista *Terra Roxa e Outras Terras*, um exemplo neste sentido é um artigo de Paulo Prado (São Paulo-SP, 1869 – Rio de Janeiro-RJ, 1943). O autor era um representante da elite paulista tradicional. Nascera em uma das famílias mais influentes do Estado, pertencente à aristocracia cafeeira. Assim como seu pai, Antônio Prado, que foi prefeito da cidade de São Paulo entre 1889 e 1911, Paulo Prado formou-se pela Faculdade de Direito. Foi um ativo promotor de atividades culturais e escreveu sobre a história de São Paulo e do Brasil. No referido artigo, Paulo Prado tenta recuperar a paisagem que seria observada pelo padre Anchieta nos primeiros anos de São Paulo, assinalando o contraste entre construções simples e uma natureza avassaladora:

do primitivo collegio toscamente elevado no alto da acrópole piratiningana. Ao redor, nesse quieto dia de descanso, devia se lhe estender a vista por um largo horizonte de campos e mattos. Avistava toda a varzea do Tamaduatehy que ia até o Tieté, e dos lados da Tabatinguêra percebia o traçado incerto do caminho para S. Vicente, na direcção da Serra do Mar, donde vinham ao cahir da noite as nuvens da friagem e garôa. Mais perto, junto ao edificio do collegio, feito de taipa, e enconstado á pequena igreja, cultivavam os padres o seu pomar, cheio de frutas da terra e “marmellos, rosas, cravinhas, e lyrios brancos”

Pelo espigão da collina ajuntavam-se os casebres do povoado, com cerca de 120 fogos de Portuguezes. Para o Oeste, muito mais longe, á entrada de um sertão mysterioso, por onde se sumia o escuro

Anhemby, viviam aldeados índios mansos, num agrupamento de mais de 500 pessoas.⁶

A descrição da paisagem paulistana neste texto exacerba os elementos naturais como a presença de pomares e a vista ampla do horizonte em um tom emotivo de contemplação. A presença dos índios “mansos” indica a dualidade de sentimentos diante dos nativos da terra recém-habitada. Essa mesma dualidade pode também ser notada nos elementos naturais e aparece na contraposição entre a singeleza dos pomares e a ameaça da friagem e da garoa noturna. Ao ressaltar a simplicidade do arraial do passado, o autor procura, sobretudo, enfatizar a grandeza e modernização da cidade de seu tempo e, com ela, também a dos personagens aos quais se atribui essa passagem.

É bastante comum encontrar na historiografia sobre São Paulo a organização temporal da história da cidade a partir de marcos, com o intuito de assinalar alguns aspectos da transformação urbana. Cada um dos estudiosos elege uma chave de compreensão dos diversos fatores envolvidos nas mudanças da capital paulista. Neste trabalho, especialmente neste capítulo, o objetivo é apresentar algumas destas visões, não buscando tê-las como mais ou menos precisas, senão procurando vê-las em conjunto, de maneira a entender o panorama da cidade no período que antecede o foco da pesquisa.

Além disso, observar os períodos e fatos em que se apoiam os autores para a organização da história da cidade permite que se entenda melhor o imaginário urbano que se constitui em torno da cidade. A exaltação ou esquecimento dos fatos, marcos e períodos tratados pelos autores reflete a maneira como se construiu a historiografia sobre a cidade, a qual incide na criação de seu imaginário urbano.

Quanto à dimensão econômica da cidade, o café, a ferrovia, a migração e a indústria têm sido apontados como condicionantes centrais das mudanças. É notável também que a produção paulista, por algum tempo, esteve focada no açúcar, inicialmente em modestos engenhos que produziam também cachaça. No

⁶ “Uma carta de Anchieta”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 1, 20 de janeiro de 1926, p. 1.

século XVIII, os paulistas passam a produzir açúcar em escala maior, visando os mercados em Minas, Goiás e Cuiabá (LEMOS, 2004, p. 31). Carlos Lemos entende que a economia cafeeira foi o grande divisor de águas da cultura paulista, trazendo alterações nos mais diferentes aspectos da economia, da cultura e da sociedade.

O café e o neoclássico aqui arribaram juntos, e com eles uma enxurrada de novidades que afetaram não só o “saber” local como toda a sorte de elementos ligados ao cotidiano do povo. Antes do café, as diferenças entre os bens dos pobres, dos remediados e dos escassos ricos eram puramente quantitativas. [...] Com o café essas diferenças passaram a ser qualitativas (LEMOS, 2015, p. 134-135).

A associação da transformação da cidade com a economia cafeeira, assim como colocada por Lemos, é bastante presente na historiografia. Embora estes vínculos com o café precisem ser qualificados, são parte importante do imaginário dos paulistas. Nos periódicos que serão aqui analisados, encontra-se bastante forte o discurso da riqueza paulista associada ao café. No entanto, é importante entender a transformação urbana da cidade e a imagem criada sobre São Paulo a partir do conjunto dos diversos fatores (políticos, culturais, sociais, geográficos, históricos) entendendo que a cultura cafeeira faz parte desse conjunto, mas tais fatores não se resumem ao café.

Faz-se necessário ainda compreender a associação da riqueza provinda da economia cafeeira dentro do contexto em que ela se insere. Carlos Lemos afirma que “O dinheiro da nova agricultura chegou num momento eufórico, ligado à definição de uma nova condição política, trazida pela independência de Portugal atrelada a um sentimento de modernidade” (LEMOS, 2015, p. 137). Portanto, compreender esta euforia e o anseio pela modernização da cidade se coloca tão importante quanto considerar os lucros gerados pelo café.

A mudança entre a economia centrada na cultura açucareira para a do cultivo do café é um dos fatores a que mais se associa o desenvolvimento da cidade. O estado de São Paulo, até o final do XIX, passa a assumir crescente peso na

economia do país, com relevante produção de demanda internacional. O crescimento do cultivo de café integra-se a investimentos estrangeiros e locais, entre os quais a implantação de ferrovias interligando as regiões produtoras e incentivando negócios e atividades urbanas e favorecendo a migração interna para a capital. É o que explica Alzira Campos:

Em meados do século [XIX], vários fatores concorreram para mudar o panorama econômico de São Paulo. O principal deles foi o desenvolvimento da cultura cafeeira, que, juntamente com o chá, substituiu o açúcar. A nova economia desenvolveu os negócios dos muladeiros. De outro lado, a extinção do tráfico liberou capitais para o emprego em empresas comerciais, financeiras e industriais variadas. Entretanto, São Paulo só se sentiria em profundidade essas mudanças a partir de 1870 (CAMPOS, A., 2004, p. 18).

À transformação da cidade na década de 1870 tem sido associada à presença da ferrovia. Iniciada a construção da linha férrea entre São Paulo e Santos em 1860, o trecho entre Santos e Jundiaí foi concluído somente em 1867, de maneira que “por volta da década de 1870 já era possível notar algumas mudanças substanciais no ambiente profissional da província” (REIS FILHO, 2010, v. 1, p. 43). Para Toledo (2007), a ferrovia está atrelada a transformação radical da cidade de São Paulo. O autor diz que até a sua chegada, a cidade não era “nem urbana, nem rural” (TOLEDO, 2007, p. 10). A partir de então, outras ferrovias passam a ser construídas, em sua maioria com o uso de capitais locais (REIS FILHO, 2010, v. 1, p. 43). As ferrovias possibilitaram também a maior exploração das terras do estado de São Paulo: “Foram dois movimentos simultâneos e correlatos: o da implantação das ferrovias e a conquista das terras férteis. Um não pode ser compreendido sem o outro” (REIS FILHO, 2010, v. 1, p. 43).

Uma dimensão das transformações de São Paulo é seu aumento de população. Reis Filho (2010, v. 1, p. 45) indica que a população na década de 1860-1870 seria de cerca de menos de vinte mil habitantes, enquanto em 1889 já teria chegado em 65 mil (incluindo a população rural). Alzira Campos (2004) complementa esses dados indicando que, em 1873, a população somava cerca de 23 mil habitantes e

que “do ponto de vista étnico, a população espelhava o influxo dos imigrantes, apresentando 62% de brancos, quando, em 1822, tinha um pouco menos da metade da sua população assim qualificada” (CAMPOS, A., 2004, p. 23).

A imigração foi parte relevante no cenário da cidade de São Paulo tanto no que se refere ao aumento populacional, impulsionando mudanças na cidade para a acomodação da população crescente, quando no aspecto econômico. No fim do século XIX, Alzira Campos destaca a presença dos “turcos”, designação para sírios e libaneses, os quais foram bastante eficientes nos negócios comerciais. Junto a eles, vivam outras etnias, como as majoritárias italiana e alemã (CAMPOS, A., 2004, p. 25).

Dentre os textos das revistas estudadas, pouco se tem relacionado ao imigrante. Comparativamente a outros temas, este, que, certamente teve grande impacto na formação da cidade de São Paulo - seja como a mão de obra, seja com a pluralidade cultural - não se coloca tão presente nos textos dos periódicos. A ausência deste tema nos textos indica certo conflito entre a presença e importância do imigrante e seu reconhecimento na representatividade paulista.

Um dos aspectos da transformação de São Paulo é sua conversão em centro industrial, o qual tem sido associado à malha ferroviária do Estado e à migração.

A ocupação de muitos destes imigrantes estava nas fábricas e indústrias. Antes da ferrovia, havia fábricas voltadas para vestuário, bebidas, sapatos, além de oficinas de marcenaria e serralheria (REIS FILHO, 2010, v. 1, p. 53). Já na década de 1870, intensifica-se a produção de tecidos (REIS FILHO, 2010, v. 1, p. 54). Alzira Campos associa a predominância das fábricas têxteis em São Paulo na metade do XIX à necessidade de se vestir uma população crescente, mas cita também as diversas outras fábricas existentes no período: cal, cerâmica, papel, fósforos, cerveja, carruagens, móveis e serrarias (CAMPOS, A., 2004, p. 23). Na sua relação com a imigração, a autora diz que:

Com a imigração, os alemães tornaram-se os principais fomentadores das pequenas indústrias; a partir de 1880, foram superados pelos italianos, que se deixaram ficar em

São Paulo. [...] Os operários, eram, em geral estrangeiros solitários que, depois de juntar pecúlio, compravam terrenos e edificavam casas” (CAMPOS, A., 2004, p. 23).

No que diz respeito à dimensão espacial da cidade, os marcos eleitos são as características das construções (materiais e forma) e da infraestrutura urbana, o movimento de expansão territorial da cidade tradicional e a passagem da cidade de “tradicional” à capitalista e burguesa.

Este tipo de sistematização passa pela obra de Benedito Lima de Toledo (2007) que periodiza a cidade do século XIX em três momentos. O primeiro período, chamado de “Cidade de Taipa”, que data o início do século e faz referências às características da cidade no período colonial, das construções em barro; o segundo, que chama de “Palimpsesto”, se refere à cidade que se reconstrói com a possibilidade de utilização de novos materiais trazidos pela ferrovia que se instalara; e o terceiro momento, nomeado de “Projetos para uma metrópole”, se encontra nos fins do XIX, quando São Paulo alcança um crescimento considerável e passam a ser elaborados diversos planos de melhoramentos para a cidade.

Embora o autor marque o primeiro período como “cidade de barro”, na qual se pressupõe apenas a presença de construções bastante simples, não deixa de alertar para algumas edificações que se destacaram dentre as demais. Diz que a diferenciação nas construções neste período se dava quando se usava um material diferente, como no caso do Chafariz da Misericórdia (1793) que, “por ser uma obra em granito em plena ‘cidade de barro’, passou a ser olhada como um monumento da cidade” (TOLEDO, 2007, p. 15). Além desse, Toledo discorre sobre edifícios como o Quartel da Legião dos Voluntários Reais (1790), pela sua composição protoneoclássica; a Casa de Câmara e Cadeia, que já apresenta, segundo Mário Barata⁷, características neoclássicas e o Hospital da Capitania de São Paulo (1792), também classificado como neoclássico (TOLEDO, 2007, p.16).

No caso do hospital, Toledo (2007, p. 16) aponta que “a simetria, regularidade, modenatura e um frontão cuja perfilatura obedece a um geometrismo

⁷ Citação de Toledo (2007, p. 16) em referência a BARATA, Mário. Notícias das artes plásticas em São Paulo. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24/5 jan. 1954, p. 27-30.

Cidade objeto: ações

costumeiramente classificado como neoclássico”. Assim, já havia neste período da cidade, mesmo que em casos um pouco isolados, certa procura pelo refinamento arquitetônico.

Figura 13 - Hospital Militar da capitania de São Paulo, planta e elevação.
Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa in TOLEDO (2007), p. 66.

Se Benedito Lima de Toledo chama atenção para os edifícios nesse período, Nestor Goulart Reis Filho (2010) coloca ênfase nas transformações na paisagem urbana na cidade e nos seus arredores no final do XVIII e início do XIX. O autor entende tais transformações terem sido, sobretudo, voltadas às vias de acesso e aparatos da infraestrutura urbana, que denunciavam um crescimento mais acentuado da cidade. Ele elenca algumas das principais pontes e acessos urbanos, citando a construção de uma ponte sobre o Tietê em 1804 no caminho de Santana, as obras do Aterro do Brás em 1802 e a Ponte do Carmo, construída entre 1806 e 1807. Trata ainda da reconstrução da ponte do Anhangabaú (1809) e da saída para a Estrada de Sorocaba (1814) (REIS FILHO, 2010, v. 1, p. 29-33). Enfatiza,

também a importância dessas obras para a expansão da cidade paulistana para além do território inicial de ocupação. Infere que essas intervenções espaciais possibilitaram o estabelecimento de novos padrões de moradia por parte dos mais ricos, através da compra de chácaras ao redor da cidade (2010, v. 1, p. 34).

Sem dúvida, as obras realizadas nos últimos tempos da administração colonial, ao redor da cidade, facilitaram a compra das áreas pelas famílias mais ricas e valorizaram significativamente propriedades que já existiam em mãos de muitas delas. A economia estava longe de se tornar prioritariamente monetária, mas já era possível encontrar coincidências sistemáticas entre a realização de obras públicas e a valorização das propriedades dos segmentos sociais mais poderosos (REIS FILHO, 2010, v. 1, p. 34).

Além da utilidade, as obras buscavam certa expressão no espaço. “Era um período no qual o Estado utilizava as obras urbanas, as estradas e as pontes para a afirmação de seu poder, conferindo-lhes monumentalidade, quando possível” (REIS FILHO, 2010, v. 1, p. 25). O autor alerta à necessidade de entender essa monumentalidade dentro da escala da cidade que se apresentava. Ele lembra que, em 1822, a população da cidade de São Paulo era de cerca de sete mil habitantes (REIS FILHO, 2010, v. 1, p. 50).

Nestor Goulart Reis trata de edifícios que datam a metade do XIX e evidenciam as transformações na cidade, como o Presídio da Luz (1852), o Seminário Episcopal (construído em taipa de pilão entre 1853 e 1856) e a Praça do Mercado (1857). Reis Filho (2010, v.1, p. 131) compreende o Palácio do Governo como um exemplo de preocupação com a monumentalidade e salienta que já apresenta em 1870 novas técnicas construtivas que contrastam com a de outros edifícios. A partir de então, o autor entende que os edifícios públicos tendem a tentar exibir maior monumentalidade. Assim, apresenta o Edifício do Tesouro, de 1877 e considera o Monumento ao Ipiranga (atual Museu do Ipiranga), já do final do século (1895), como o maior exemplo dessa preocupação.

José Geraldo Simões Júnior identifica três etapas de expansão da cidade, as quais denomina “fachadas”: a valorização inicial da colina central, ao leste, a passagem

para o lado norte, marcado pela estação da Luz, e a posterior ocupação da área oeste, voltada para o Anhangabaú (SIMÕES JR., 2004, p. 38). Segundo o autor, a exclusiva ocupação da colina se manteve por longo período, desde a fundação até a segunda metade do XIX. A “segunda fachada” passa a ter mais relevância no cenário urbano a partir da presença da Estação da Luz, depois da chegada da ferrovia, portanto. Nessa região, passam a ser loteadas áreas como Chácara do Carvalho (atual parte da Barra Funda e Bom Retiro), Chácara das Palmeiras (bairro Santa Cecília), Chácara do Campo Redondo e Chácara do Chá, com ruas em que se viam residências de alto padrão, algumas de arquitetura eclética. Com essas ocupações, “a partir da década de 1880, os investimentos públicos passaram a se concentrar nos novos e elegantes bairros a norte e a oeste” (SIMÕES JR., 2004, p. 42).

Outra periodização para a compreensão da história de São Paulo foi elaborada por Eudes Campos (2004), que organiza a transformação da cidade do século XIX em três etapas, à semelhança de Toledo (2007). A primeira, a cidade tradicional, com as características coloniais. A segunda, a partir de 1850, abrangendo, portanto, a chegada da ferrovia, em que

em virtude de uma série de mudanças locais, regionais e nacionais, surge, entre setores das camadas dominantes, uma mentalidade progressista, que refuga o passado colonial e acaipirado da Cidade e anseia por implementar mudanças a todo custo (CAMPOS, E., 2004, p. 187).

E a terceira, já no fim do século que,

em consequência das transformações estruturais geradas no complexo cafeeiro paulista, essas mudanças passarão a se manifestar com grande rapidez, conduzindo a Cidade, de modo vertiginoso, a uma nova realidade urbana, de natureza capitalista e burguesa (CAMPOS, E., 2004, p. 187).

Tais leituras da cidade associam o aumento de sua população e de seu papel no contexto regional e nacional com expansão territorial, construções novas, reformas urbanas e ampliação da infraestrutura.

2.2. A inflexão nos rumos da cidade

A historiografia elege a década de 1870 como um momento crucial de inflexão nos rumos da cidade, de início de investimentos expressivos no seu embelezamento e na sua infraestrutura. Eudes Campos, contudo, identifica um período anterior introdutório a esta nova fase:

Os anos entre 1850 e 1870 podem ser considerados como o início da preparação da Cidade capitalista. A mentalidade conservadora estaria sendo continuamente desafiada por aqueles que buscavam introduzir a ideia de cidade eficiente. Setores das camadas superiores da população paulistana, impregnados agora pela visão mecanicista do mundo, própria do progressismo burguês, com empenho e ironia, reivindicavam melhorias urbanas, sobretudo nas páginas da imprensa diária (CAMPOS, E., 2004, p. 201).

Na década de 1870, marcada pelo início da presença da ferrovia, houve a abertura de diversas ruas melhorando a mobilidade na cidade. Refere-se a esta época a expressão da “segunda fundação da cidade”, cunhada por Eurípedes Simões de Paula (1951) que assinala as diversas reformas executadas, conhecidas na época como “melhoramentos”. Toledo considera que um propósito de João Teodoro, que governou o Estado no período entre 1872 e 1875, era “estimular os fazendeiros a fixar seu domicílio na capital” (TOLEDO, 2004, p. 53).

Entre estes melhoramentos, é possível citar o calçamento de paralelepípedo na região central – ruas São Bento, Direita e atual XV de Novembro, além dos largos da Sé e do Rosário (TOLEDO, 2004, p. 53). Outras mudanças que se referiam ao embelezamento da cidade como, no governo de João Teodoro, a reforma do Jardim da Luz, com inserção de novas espécies vegetais, adornos e troca de lâmpões a querosene por outros que funcionavam a gás (TOLEDO, 2007, p. 80-81). Ainda data desta década a “Ilha dos Amores” (1875), criada a partir da retificação e saneamento da várzea do Carmo (TOLEDO, 2004, p. 55). Esta ilha se tratava de um jardim com certo bucolismo, espaço de passeio, em meio ao rio Tamanduateí.

Reis (2010) cita alguns edifícios inaugurados na cidade no período, como o teatro São José, inaugurado em 1864, mas finalizado somente em 1874 e o Hospital da Beneficência Portuguesa, de 1876, que apresentava elegância incomum que incluía um jardim à frente da edificação (REIS FILHO, 2010, v. 1, p. 154).

Em 1877 surge a Companhia da Cantareira para o abastecimento de água e, onze anos mais tarde, em 1888, a Companhia Paulista de Eletricidade é inaugurada (TOLEDO, 2007, p. 81-82).

A transformação da cidade se expressava na construção e reforma de prédios públicos e também na ampliação e alteração dos espaços residenciais. A arquitetura habitacional paulistana, assim como os outros aspectos urbanos, passou a evidenciar as mudanças econômicas e sociais na cidade. Segundo Carlos Lemos (1999, p. 134), até então, a diferenciação entre as casas do rico e do pobre se dava, sobretudo, pelo seu tamanho. “No final da década de 1870-1880 já eram sensíveis os investimentos no setor imobiliário” (REIS FILHO, 2010, v. 1, p. 44).

A partir da abertura de ruas, chácaras passaram a ser loteadas para servir de residência permanente, com a expansão da malha urbana para além da região central, embora num primeiro momento ainda de forma rarefeita (TOLEDO, 2007, p. 78). Loteamentos como Campo Redondo (1874), Chácara do Chá (1876), Bela Vista (1878) e Campos Elíseos (1879) eram promovidos por nomes ligados ao comércio (REIS FILHO, 2010, v. 1, p. 104).

Aziz Ab’Saber mostra como a expansão da cidade para além da região inicial de ocupação demorou a ocorrer e se efetivou através do loteamento especulativo:

Por algum tempo a cidade de São Paulo, que cresceu acantonada na colina histórica por quase três séculos (1554-1820), começou a se relocar de colina para colina. [...] Foi somente na segunda metade, sobretudo fins do século XIX, que se esboçou uma cidade grande, devido à expansão para outras colinas, por meio de loteamentos especulativos de antigas chácaras e sítios (AB’SABER, 2004, p. 18).

A expansão territorial da cidade foi acompanhada por alterações profundas nos transportes e na infraestrutura urbana a eles associadas, que valorizaram espaços

e possibilitaram sua efetiva venda e ocupação. Entre a década de 1850, que contava com um número diminuto de veículos⁸, e o final do século XIX, os transportes passaram por diversas mudanças na cidade de São Paulo, acompanhando o ritmo das transformações urbanas. O bonde de burro esteve presente entre 1872, quando foi iniciado, até a primeira década do século XX. Trechos mais extensos que ligavam partes mais afastadas da cidade eram percorridos pelos *tramways*, que se assemelhavam aos bondes com a diferença de serem movidos não a burros, mas a locomotivas (REIS FILHO, 2010, v. 1, p. 110).

É interessante destacar o que coloca Reis Filho (2010, v. 1, p. 109) sobre a articulação dos serviços de transporte com o mercado imobiliário. O autor mostra que nomes de famílias ricas paulistas estavam ligados à empresa Cia. Carris de Ferro São Paulo⁹. Além disso, afirma que, nas obras urbanas envolvendo os transportes, seja de percursos curtos ou trechos maiores,

o que se nota é a preocupação em estabelecer articulações entre os novos bairros em formação entre si e entre esses e o velho Centro. A cronologia dessas obras nos revela que coincidiram no tempo com o início do desenvolvimento do mercado imobiliário e abertura dos primeiros loteamentos de caráter comercial (REIS FILHO, 2010, v. 1, p. 50).

Quem investia nesta especulação imobiliária eram, principalmente os “capitalistas ‘modernos’ – quase sempre importantes fazendeiros – [que] passaram a empregar parte de seus haveres em edificações ou serviços urbanos, aumentando seus lucros e contribuindo para a modernização da Cidade” (CAMPOS, A., 2004, p. 31). Não só de fazendeiros, mas também capitais estrangeiros eram investidos em negócios imobiliários (CAMPOS, A., 2004, P. 28).

O negócio imobiliário certamente gerava lucro em uma cidade cuja população crescia substancialmente. Os números demográficos da cidade de São Paulo na virada do século XX, como sintetiza Paulo César Marins, eram os seguintes:

⁸Reis (2010, p. 106) afirma que por volta de 1850 havia em São Paulo apenas cinco carruagens particulares, que pertenciam às famílias mais abastadas.

⁹ O autor cita que a diretoria da empresa em 1882 incluía Francisco de Paula Mayrink e Antonio da Silva Prado, passando por outros membros da família Prado como acionistas na década seguinte (REIS FILHO, 2010, V. 1, p. 109).

em 1872, ano do primeiro censo brasileiro, havia nela 31.385 habitantes, o que fazia a cidade menor que São Luiz (31.664), Cuiabá (35.987) ou Fortaleza (42.458); em 1890, a cidade, já a quarta capital, passara a ter 64.934, um aumento de 106,9%; finalmente, em 1900, a população paulistana somava 239.820 habitantes, um crescimento espantoso de 269,3% em dez anos, o que a colocava atrás apenas da capital federal, o Rio de Janeiro, com 811.443 habitantes e um crescimento no mesmo período de apenas 55,2% (MARINS, 2004, p. 62).

Em contrapartida ao investimento na modernização da cidade pelos capitalistas investidores, as condições habitacionais se mostravam precárias em diversos sentidos. Alzira Campos indica que, ao final do século XIX, havia a média de construção de cinquenta a sessenta casas mensalmente. Este número, entretanto, estava longe de atender à demanda habitacional, fazendo com que muitos fossem obrigados a habitarem os arrabaldes ou os cortiços e demais habitações insalubres.

O problema das habitações é citado na *Revista de Engenharia* no seu primeiro número, datado de junho de 1911. Embora seja uma publicação do início do XX, apresenta um texto que mostra que o problema já era antigo.

O problema da casa econômica, sendo um problema de saneamento, não pode ser esquecido; elle deve ser collocado ao lado dos Melhoramentos da Capital Paulista, no qual o governo estadual, de accordo com o municipal, tenta resolver. A Camara Municipal já procurou favorecer a construcção de casas operarias votando a lei n.º 498, de 14 de Dezembro de 1900. Esta lei, porém, veio, ao nosso ver, facilitar muito ao proprietário e pouquíssimo ao operário¹⁰.

Se a lei foi votada pela Câmara Municipal no ano de 1900, certamente era já um problema presente nos fins do século XIX. Também parecem remontar a longa data, como indica o texto, os privilégios aos proprietários em detrimento dos interesses dos moradores.

Ao problema habitacional, somavam-se as dificuldades de saúde. Mesmo com a criação de diversos hospitais, os problemas de saúde eram grandes, agravados

¹⁰ “Casas Operárias”, *Revista de Engenharia*, Vol I, nº 1, 10 de junho de 1911, p. 4.

pela alimentação deficiente, jornadas de trabalho extremas e as condições insalubres dos cortiços e as epidemias, como aponta Paulo César Marins (2004, p. 67). Neste cenário, a cidade passava então a apresentar as divergências sociais de maneira mais acentuada.

A imagem de metrópole triunfante e enriquecida afinava-se às novidades europeias não apenas nas expressões arquitetônicas, na moda, nas formas de lazer, mas paradoxalmente, nas discrepâncias sociais e na pobreza que também caracterizavam todas as grandes cidades do Ocidente no século XIX (MARINS, 2004, p. 62).

Na última década do século XIX, a cidade, que continua crescendo intensamente, passa a contar com alguns espaços e infraestrutura que serão bastante marcantes no imaginário urbano de desenvolvimento e atividade. Reis (2010) adota o ano de 1889 e a mudança do regime como marco de transformações urbanas em todo estado de São Paulo. O autor entende que até a última década do XIX, as mudanças urbanas eram mais modestas e, gradativamente, à medida que se aproxima a mudança do século, o Estado (e a Cidade) passa a mostrar as grandes transformações urbanas e arquitetônicas, inclusive no âmbito técnico e construtivo.

Em 1891 ocorre a abertura da Avenida Paulista, que tinha características que

eram então desconhecidas na cidade. Reta, com ligeira inflexão na altura do Parque Trianon, larga e plana, tornou-se atração na cidade. Era servida por linhas de bonde, que permitiam o acesso da população ao “parque da Avenida”, em frente à esplanada do Trianon, de onde se descortinava vista privilegiada do centro e das serras no horizonte (TOLEDO, 2004. p. 56).

No ano seguinte, ocorre a inauguração do Viaduto do Chá, que foi essencial na conexão espacial da cidade. As primeiras propostas de sua construção datam de 1876, mas a obra só foi iniciada em 1888 e finalizada quatro anos mais tarde. Sobre o viaduto, Ab’Saber enfatiza a sua importância no crescimento da cidade

juntamente ao Viaduto de Santa Efigênia, já no século seguinte (AB'SABER, 2004, p. 18).

É a partir da ligação proporcionada pelo Viaduto do Chá que Simões Júnior caracteriza a “terceira fachada” de ocupação da cidade, a oeste. Com o Viaduto do Chá, passa-se a ocupar de forma mais intensa o bairro dos Campos Elíseos e outros dois espaços importantes na urbanização de São Paulo, Higienópolis e a Avenida Paulista (SIMOES JR., 2004, p. 42).

Símbolo das transformações urbanas através do investimento do capital estrangeiro, no ano da virada do século, a *Light & Power*, empresa canadense, assume a “provisão de energia, telefonia e transportes públicos [...] implantando extensa rede de bondes elétricos”, como coloca Candido Malta Campos (CAMPOS, C., 2004, p. 77).

O que se pode notar, como coloca Eudes Campos (2004), é que a partir principalmente das últimas décadas do XIX emanava a busca por uma imagem da cidade diferente daquela que até então se tinha. Por trás de todas as transformações físicas, parecia haver uma preocupação por parte dos agentes envolvidos nas mudanças urbanas que transpassava o limite espacial, buscando a imagem de uma cidade que remetesse à riqueza e desenvolvimento constante, símbolo do progresso e dos avanços tecnológicos, contrastando com o passado pacato e modesto associado à cidade. Esta intensão não pode ser desprezada, uma vez que muitas das transformações urbanísticas atendiam a demandas, interesses e anseios desta elite, em grande parte gestores públicos, políticos, engenheiros e empresários representantes dos interesses dos proprietários urbanos, muitos deles rentistas.

A entrada para o século XX se dá em meio a um “ambicioso cenário urbano em que essa classe [a burguesa] julgava estar à altura de sua própria imagem” (CAMPOS, E., 2004, p. 245). As décadas iniciais do século XX vão assistir a um curioso diálogo entre esse “ambicioso cenário” que se tentava implantar e a construção de um imaginário sobre a cidade baseado na modernização e no progresso.

2.3. Os engenheiros e o “progresso assombroso de São Paulo”

A cidade de São Paulo inicia o século XX em meio muitas transformações. As mudanças ocorreram tanto no espaço físico e no meio social, como também na forma de compreendê-los, atuando na construção do imaginário sobre a cidade no período.

Na historiografia sobre o tema, é clara a associação do final do século XIX e das primeiras décadas do XX a um período de profundas transformações urbanas. Hugo Segawa, abordando o que ele chama de “Prelúdio à Metrópole”, isto é, o período imediatamente anterior àquele em que a cidade se colocaria como metrópole, correspondente à virada do XIX para o XX, diz que “São Paulo no final do século XIX já assumia os ares de “Metrópole do Café”” (SEGAWA, 2000, p. 21).

Esse período compreende a gestão de Antônio da Silva Prado, que se prolongou entre os anos de 1899 e 1910. Neste período, segundo Roberto Pompeu de Toledo, “terá início uma cadeia de reformas cujo objetivo será adequar a acanhada urbe oitocentista, em muitos aspectos ainda recoberta pelo mofo colonial, aos tempos de riqueza trazida pelo ‘ouro verde’” (TOLEDO, 2015, p. 24).

O início do XX foi marcado pela continuação das mudanças na cidade que já estavam acontecendo desde o século anterior, mas em um ritmo cada vez mais acelerado, com a criação de novos bairros, maior investimento na construção civil e crescimento em número e tamanho de fábricas. Margareth Rago resume o período:

A abertura das avenidas nos Campos Elíseos, Higienópolis e Paulista, os loteamentos da Companhia City, no Jardim América, o ajardinamento de praças, como a da República, as transformações no Triângulo central, desde as gestões dos prefeitos Antonio da Silva Prado (1899-1910) e Raymundo Duprat (1911-1914) atestam a ampla remodelação do espaço urbano em curso (RAGO, 2004, p. 388).

Também é notória a caracterização deste início de século como um período de deslumbre gerado pela crescente riqueza que a cidade acumulava e pela presença de elementos na paisagem urbana que foram associados à modernidade. A historiografia sobre o tema traduz esse sentimento que mescla fascínio e ilusão. A cidade de São Paulo é chamada de “Capital da Vertigem” por Roberto Pompeu de Toledo (2015) e exala êxtase na obra de Sevcenko (1992). A própria alcunha de Pauliceia Desvairada, dada por Mario de Andrade já na década de 20, transmite a impressão arrebatadora sobre a cidade que crescia e se modificava. Esta pode ser uma busca pela síntese das múltiplas sensações que a cidade em transformação exalava em meio a um espaço urbano cuja principal característica parecia ser transição.

De fato, a cidade se modificou intensamente para atender às necessidades da população que crescia e dos negócios que nela se instalavam. Se em 1911 sua população era estimada em “300 mil almas”¹¹, já em 1928, Anhaia Mello afirma que beirava a um milhão de habitantes¹². No entanto, sua transformação não parece ter ocorrido exclusivamente por uma questão de necessidade de adaptação física à população e atividades. É importante considerar que

as soluções encontradas para resolver os problemas urbanos de caráter físico não se reduzem apenas às questões técnicas, imediatas ou não, mas perpassam pelos campos político e simbólico, que lhes dão respaldo (SOUZA, 2008, p. 107).

Era imprescindível que São Paulo se afirmasse como uma cidade rica, local de residência de uma elite emergente, em pleno desenvolvimento, de maneira a criar uma imagem que a desassociasse daquela do período colonial e a equiparasse às grandes cidades e capitais europeias e norte-americanas.

Transformar a cidade não era apenas substituir a vetusta taipa pelo tijolo, trocar o beiral aparente pela platibanda ornada. A metamorfose pressupunha romper os limites do sítio de fundação da urbe, transpor as várzeas que cercavam o Triângulo e irradiar a cidade sulcando as periferias com ruas,

¹¹ “A questão do lixo em S. Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 1, 10 de junho de 1911, p. 17.

¹² “Urbanismo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. IX, nº 42, novembro de 1928, p. 236.

avenidas e construções, multiplicando a riqueza que circulava com a pujança proporcionada pela preciosa rubiácea (SEGAWA, 2000, p. 15).

A ênfase em marcos da riqueza, assim como a dissociação da simplicidade interiorana era o que pautava, segundo um observador da época, este período de

ritmo acelerado de diferenciação entre cidade e campo, aquela desenvolvendo-se às custas deste, com a resultante preocupação, para uma população urbanizada havia pouco, de se desvincular da ingenuidade rústica simbolizada no Brasil do século XX pelo “caipira” (LEVI-STRAUSS, 1996, p. 98).

Nesse contexto, os periódicos contribuíram para a criação de uma nova imagem da cidade de São Paulo, inclusive através dessa concepção pautada pelo desenvolvimento e pela modernização. Como mostra Ana Luiza Martins, nas revistas da época, “São Paulo foi divulgada em sua materialidade e pujança, sendo minimizados, quando não abafados, os registros de tensão, os conflitos urbanos, os dramas de toda ordem” (MARTINS, 2008, p. 472).

O que se nota logo no início do XX é que estas marcas discursivas se revelam, sobretudo, a partir da transformação física da cidade. Tais mudanças urbanas, por sua vez, se pautam em algumas noções muito presentes na época que permeiam os textos dos periódicos: o culto à técnica, a ideia de progresso e os melhoramentos urbanos. Estas noções não aparecem isoladas, mas se entremeiam criando uma lógica urbana de desenvolvimento baseado quase que exclusivamente na transformação da paisagem da cidade.

O início do século XX assiste à ascensão do pensamento tecnicista. O discurso da técnica aparece de maneira explícita principalmente nos primeiros números das revistas aqui analisadas. Surge por exemplo, em um texto comemorativo do aniversário da Escola Polytechnica em que se discorre a sua importância, sua história e seus valores:

Não são precisas outras considerações para demonstrar que, nesta escola, se proporciona uma educação científica e technica que não pode deixar de vir reflectir em tempo breve sobre a prosperidade de

nossa indústria, sobre o desenvolvimento dos vários ramos da engenharia e, portanto, sobre os créditos e a prosperidade deste Estado¹³.

O texto, que relaciona o desenvolvimento do estado de São Paulo à técnica e a ciência, não deixa dúvidas sobre seu compromisso com essa associação e a importância que coloca na atividade do engenheiro:

A superioridade das nações mais adeantadas e a supremacia do homem sobre o mundo physico repousam sobre a nobre profissão do engenheiro. – Associada á sciencia, á indústria e ás artes, a ella se devem os prodigiosos e múltiplos recursos da civilização moderna e a sua acção não se prende somente á conquista dos triumphos admiraveis da actividade humana, porém tambem á propagação dos principios e ideias scientificas, de que são as suas obras representação viva¹⁴.

A própria criação dos periódicos de engenharia aqui analisados evidenciam o olhar tecnicista predominante na época. Tais publicações foram resultantes dos estudos presentes nas escolas de engenharia, fundadas em São Paulo principalmente no final do século XIX¹⁵. Para Reis Filho (2010, v. 2, p. 16), a fundação dessas escolas “era um sinal evidente da vitalidade do meio técnico”. Para o autor:

A criação da Politécnica teve caráter de implantação de um núcleo institucional, de um centro a partir do qual se definiram as políticas, isto é, os conjuntos estruturados de diretrizes para ação oficial e privada no setor da construção civil (REIS FILHO, 2010, v. 2, p. 16).

Com a presença das escolas de engenharia, intensifica-se a busca de soluções para os problemas do meio urbano e da arquitetura a partir de um olhar que privilegia a técnica. No entanto, no âmbito urbano, os periódicos exerceram também um importante papel político já que faziam circular as ideias dos representantes das instituições que mantinham grande influência na gestão da cidade.

¹³ “O aniversario da Escola Polytechnica”, *Revista Polytechnica*, v. I, nº 3, março de 1905, p. 170.

¹⁴ “O aniversario da Escola Polytechnica”, *Revista Polytechnica*, v. I, nº 3, março de 1905, p. 172.

¹⁵ A Escola Politécnica de São Paulo tem sua fundação em 1894; a Escola de Engenharia do Mackenzie, em 1896;

A questão da técnica continua a envolver os textos dos periódicos de engenharia no período analisado, referenciada através dos estudos e das propostas para a cidade, formuladas, em sua grande maioria, por profissionais da área. No entanto, passam a serem menos mencionadas de maneira direta, sem necessariamente um discurso exaltador. Passam a dividir espaço com outras formas de pensar, como ocorre no texto de Bruno Simões Magro, de 1929, em que discute as tendências arquitetônicas:

Todo o progresso científico aproveitado como elemento de economia ou conforto da vida de hoje, todas as conquistas de hygiene ou da technica, assim como os produtos de industrias recém creadas ou inventos deste século devem ser captados e postos a serviço de uma arte que, ligando-se ao passado, procure a logica união do moderno com o antigo, aproveitando-lhe tudo o que, sendo bom, não prejudique a expressão que convêm a uma architectura que bem traduza o conceito da época e as aspirações da humanidade contemporânea¹⁶.

Como se esperaria, as questões sobre o crescimento urbano e a transformação física da cidade aparecem com mais ênfase nos periódicos de engenharia no que nos literários. É presente em textos que trazem à tona as inovações técnicas e suas aplicações no contexto urbano. Em parte destas descrições e projetos se coloca muita ênfase no elogio à técnica.

Na *Revista de Engenharia*, a mais antiga aqui pesquisada com números entre os anos de 1911 e 1913, esse discurso tecnicista aparece com certa frequência, mesmo considerando os poucos números da revista. Um dos primeiros textos publicados na revista, em que se discute a necessidade das casas operárias, se traça um panorama do desenvolvimento da cidade:

Com a regoa e o compasso traçam-se avenidas e remodela-se a planta da cidade de acordo com as novas necessidades de sua população. [...] Tudo isso é altamente bello e altamente digno do progresso

¹⁶ “As tendências da architectura contemporânea”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, v. XI, nº 50, julho de 1929, p. 9.

assombroso de S. Paulo, centro de uma grande rede de estradas de ferro que se espalha pelo sul e oeste do território brasileiro.¹⁷

Nota-se a relação entre o discurso do progresso e o cientificismo, representado pela destreza da régua e do compasso, com os quais se criava a desenho novo da cidade. Assim como o café, a ferrovia é um forte elemento constituinte da identidade paulista de desenvolvimento e riqueza.

O assunto principal do referido texto publicado pela *Revista de Engenharia* é a questão das casas operárias. Deste modo, o texto se inicia da seguinte maneira:

A construção de casas econômicas destinadas às classes menos favorecidas da fortuna, é problema que preocupa os governos de quase todas as nações cultas. Dar ao operário uma habitação higienica, mediante pequena retribuição, é trabalhar para o aperfeiçoamento social das classes pobres, e contribuir altamente para o saneamento geral das cidades.¹⁸

Se no fim do XIX este já era um problema presente, as mudanças do início do XX acentuam a questão. Nas primeiras décadas do XX, São Paulo expande o ramo industrial principalmente nas áreas suburbanas. Áreas como Osasco (que fazia parte de São Paulo até 1959), Água Branca, Brás, Belenzinho, Mooca, Ipiranga e Vila Prudente foram aquelas que mais receberam novas indústrias. Estas localizações se associavam à presença das ferrovias que tangenciavam a malha urbana e abrigavam, portanto, a maioria das fábricas (GUNN & CORREIA, 2004, p. 82):

A cultura, a labuta e o modo de vida operário se convertem em elementos centrais da identidade da cidade, que firma sua imagem de lugar de trabalho e de atividade intensa. O mundo industrial penetra na sua paisagem, agora fortemente associada aos grandes prédios fabris de tijolos aparentes e às altas chaminés, elevando-se em meio à infindáveis extensões de áreas suburbanas cobertas de modestas moradias populares (GUNN & CORREIA, 2004, p. 82).

¹⁷ “Casas Operárias”, *Revista de Engenharia*, Vol I, nº 1, 10 de junho de 1911, p. 4.

¹⁸ “Casas Operárias”, *Revista de Engenharia*, Vol I, nº 1, 10 de junho de 1911, p. 4.

Tornando-se parte constituinte da identidade paulistana, a indústria e o trabalho passam a dividir espaço com outros elementos, como o café, no imaginário da cidade de São Paulo.

Com o crescimento do número de fábricas, também aumentou a demanda de trabalho. O aumento populacional da cidade proporcionava trabalhadores às fábricas, mas estes não podiam contar com o número adequado de moradias, acentuando o problema da habitação, presente nos periódicos no início do século XX. As soluções inicialmente encontradas para tratá-lo passavam pelo adensamento de bairros já existentes, muitas vezes em condições precárias. Reis Filho relata que “uma das formas comuns de alojamento das famílias que chegavam eram as fileiras de cômodos ao longo de pequenas vielas, nos fundos de lojas, ao redor do velho centro” e considera que os lucros extras dos empresários comerciais provinham deste tipo de investimento, “construindo essas formas precárias de moradia nos espaços livres de suas propriedades”, as quais “eram alugadas a preços extorsivos” (REIS FILHO, 2010, v.2, p. 28).

Além desse tipo de moradia, havia o cortiço presente principalmente nas áreas centrais, em sobrados muitas vezes pertencentes a famílias abastadas, as quais haviam se mudado para bairros mais prestigiados.

Parte da preocupação central das elites, relativa à sua visão de São Paulo como uma cidade em desenvolvimento, era retirar das áreas centrais esse tipo de moradia, expulsando o indesejado por meio dos argumentos sanitaristas e, ao mesmo tempo, investir nos espaços mais nobres e fortalecer a imagem da cidade em progresso (CAMPOS, 2004, p. 73).

Essa é a imagem colocada no mesmo artigo sobre casas operárias na *Revista de Engenharia*:

O problema de melhoramentos de S. Paulo é realmente de grande importância; transformando as condições estheticas da cidade virá colaborar no aperfeiçoamento social de todos os seus habitantes,

augmentando-lhes as causas de felicidade, porque o bello influe poderosamente sobre a natureza humana¹⁹.

Uma das soluções encontradas para a habitação do operariado eram as vilas operárias, com suas casas simples e dentro dos parâmetros mínimos de salubridade:

A proliferação das vilas operárias na cidade também foi expressão da difusão de um novo modelo de hábitat operário, associado com as intenções de incremento do controle sobre o operário e de elevação de sua produtividade no trabalho (GUNN & CORREIA, 2004, p. 82).

As vilas operárias eram empreendidas por investidores imobiliários ou por indústrias, e nos dois casos se concentravam, sobretudo, nas áreas suburbanas que concentravam fábricas. Com a construção das vilas nestes espaços, preservava-se a imagem da cidade, retirando a população operária das áreas centrais e dos bairros privilegiados. Com isso, uma importante questão urbana passava de problema à representação de desenvolvimento, uma vez que as vilas operárias exalavam as características da modernização, tais como eficiência, ordem e salubridade.

Em contrapartida aos bairros operários, surgiam na cidade também os espaços voltados à moradia das classes mais abastadas. Os novos moradores da elite da cidade exigiam “além de um centro administrativo, comercial e financeiro [...] recantos aprazíveis e residências cômodas” (CAMPOS, 2004, p. 72). Assim, proliferaram os bairros privilegiados, onde a elite se instalava em habitações mais requintadas, amplas e confortáveis. Este cenário é descrito em um artigo na *Revista de Engenharia*. Nele, o crescimento urbano é narrado em termos de ordem e equilíbrio de uma cidade “com as villas modernas e confortáveis dos quarteirões aristocráticos ao mesmo tempo em que uma população exuberante se concentra nas habitações econômicas dos bairros industriais”²⁰.

¹⁹ “Casas Operárias”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 1, junho de 1911, p. 4.

²⁰ “A crise de mão de obra”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 8, janeiro de 1912, p. 217.

Nas revistas de engenharia, é possível encontrar algumas referências às habitações dos bairros “aristocráticos”, cujas casas eram divulgadas através de desenhos em perspectiva, fotos ou plantas, quase sempre com a menção ao proprietário e ao arquiteto responsável pelo projeto.

A *Revista de Engenharia* traz exemplos destes projetos, entre os quais um de Victor Dubugras (Sarthé, França, 1868 – Teresópolis-RJ, 1933), arquiteto francês que pode ser considerado um dos precursores da arquitetura moderna no Brasil. Trata-se de projeto para uma residência em Higienópolis²¹. Outro exemplo é um projeto de residência na Avenida Paulista, de autoria de Carlos Ekman (Estocolmo, 1866 – Santos-SP, 1940), arquiteto sueco que se naturalizou brasileiro e trouxe tendências art nouveau²². Traz, ainda, um projeto na Rua Maranhão, desenvolvido por Jorge Krug²³ (Fresno, EUA, 1860 – São Paulo-SP, 1919), arquiteto formado nos Estados Unidos que trabalhou em projetos em São Paulo junto ao seu pai, também arquiteto, Guilherme Krug²⁴. A *Revista de Engenharia* publica, também, um projeto de autoria própria para Alvaro C. de Arruda Botelho, arquiteto que concebeu casas em estilo colonial, no Jardim América²⁵. Outras residências aparecem estampadas nas páginas dos três periódicos estudados, porém sem referência à localização. Pelo contexto em que são exibidas, entretanto, provavelmente se tratavam das residências da elite nestes e em outros dos bairros mais valorizados.

Uma das poucas referências a moradias desse tipo, que é acompanhada de um texto, é a obra de Victor Dubugras para a casa de Flávio Uchôa - empreendedor na cidade de Ribeirão Preto - situada na Consolação, logo no início do século XX. Nomeada de Villa Flávio Uchôa, a residência de Dubugras é descrita no artigo como “uma das mais belas criações do ilustre architecto e professor Victor

²¹ “Architectura: Architecto Victor Dubugras - Vila Nenê, do snr. Mario Rodrigues - São Paulo (Higienopolis)”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 1, junho de 1911, p. 11.

²² “Architectura: Villas do Sr. M. Rotschild (Avenida Paulista, S. Paulo) - Architecto Carlos Ekman”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 6, novembro de 1911, p. 180.

²³ “Architectura: Projecto de Villa para o snr. dr. Rogerio Dauntre (Rua Maranhão, S. Paulo) - Architecto Jorge Krug”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 7, dezembro de 1911, p. 202.

²⁴ Jorge Krug era também tio de Anita Malfatti (São Paulo, 1889 – São Paulo, 1964).

²⁵ “S. Paulo - Jardim América - Residencia do Snr. Alvaro C. de Arruda Botelho - Projecto e construção do mesmo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, v. IV, nº 17, julho de 1922, p. 171.

Dubugras” e apresentava “estyllo de transição do gothico francez para a renascença italiana, modernizado pelas tendências estheticas da arte-nova”²⁶. É importante notar a exaltação da criação inovadora que condensa as referências externas no estilo eclético e que buscava demonstrar o refinamento de uma residência em localização privilegiada da cidade.

Figura 14 - Villa Flavio Uchoa - Architecto Victor Dubugras.
Fonte: *Revista Polytechnica*, v. I, nº 2, janeiro de 1905, p. 77.

Outra habitação que chama atenção e se situa em um espaço nobre da cidade é uma casa no estilo modernista na Rua Pamplona, de Alfredo Ernesto Becker (1895 - 1962), engenheiro arquiteto gaúcho, de Porto Alegre, formado em Zurique, na Suíça. Sem texto, apenas com sua arquitetura de viés art déco mostrada em imagens, está registrada no *Boletim do Instituto de Engenharia* já na década de

²⁶ “Architectura: a Villa Flávio Uchôa – Arch. Victor Dubugras”, *Revista Polytechnica*, v. I, nº 2, janeiro de 1905, p. 75-77.

1930. A revista apresenta fotos que indicam as soluções inovadoras como o aproveitamento do vão da escada e o detalhe do terraço. O título que acompanha as imagens procura evidenciar seu caráter inovador, indicando que a obra esteve em exposição: “A residência modernista de Alfredo Ernesto Becker á Rua Pamplona 231 e que esteve em exposição de 16-31 do mez de janeiro”²⁷.

Figura 15 - “Architectura: A Residencia Modernista de Alfredo E. Becker”.
Fonte: *Boletim do Instituto de Engenharia*, v. XVI, nº 79, janeiro de 1932, p. 41-42.

Os bairros citados nas descrições destas habitações estavam entre os mais “nobres”, isto é, burgueses da cidade na época: Higienópolis, a região da Av. Paulista e o Jardim América.

Reis Filho cita Higienópolis, a Avenida Paulista e Campos Elíseos como loteamentos voltados à “plutocracia” e afirma que estes espaços que conhecemos atualmente com estes nomes correspondiam, na época, a vários empreendimentos realizados em diferentes momentos na cidade (REIS FILHO, 2010, v. 2, p. 32).

²⁷ “Architectura: A Residencia Modernista de Alfredo E. Becker”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, v. XVI, nº 79, janeiro de 1932, p. 41-42.

Tais empreendimentos, como narra o autor, estão associados ao desmembramento de grandes propriedades de nomes reconhecidos na cidade de São Paulo²⁸. Com grande destaque entre estes empreendimentos imobiliários está a Companhia City, responsável por diversos loteamentos na cidade, sendo o primeiro deles o Jardim América.

O Jardim América foi o primeiro loteamento da empresa para a cidade de São Paulo e se destacou por possuir características em seu planejamento que divergiam daquelas presentes nos loteamentos da cidade até então. O seu desenvolvimento contou com a participação do arquiteto inglês Barry Parker (Cherterfield, 1867 – Letchworth, 1947), que colocou em prática as ideias de cidade-jardim de Ebenezer Howard.

Ebenezer Howard (Londres, 1850 - Hertfordshire, 1928) foi um urbanista inglês que publicou, em 1898, a obra *To-morrow: a peaceful path to real reform* (depois republicado como *Gardens-Cities of To-morrow*, em 1903, título da obra quando em sua maior difusão) com as ideias teóricas para uma cidade, que se prestasse de modelo alternativo às cidades industriais inglesas, baseada em controle de dimensões e usos. Barry Parker e Raymond Unwin (Rotherham, 1863 – Lyme, Estados Unidos, 1940) foram os urbanistas responsáveis pela primeira cidade baseada nas propostas de Howard, a cidade de Letchwork e, mais tarde, o subúrbio-jardim de Hampsted, em Londres.

Barry Parker, “o eminente urbanista”²⁹, como nota Victor da Silva Freire, veio em 1917 ao Brasil, onde permaneceu até 1919. O arquiteto chegou a São Paulo para dar consultoria sobre o uso do vale do Pacaembu e notou que o crescimento da cidade havia sido feito aproveitando-se apenas as áreas de mais fácil implantação

²⁸ Entre os nomes citados estão a família Prado que loteou a chamada Chácara do Carvalho, parte de Campos Elíseos; Eduardo Prates, proprietário de terras da região de Campos Elíseos que tem ligação com Santa Cecília; Dona Veridiana Prado, a quem pertencia a chácara que originou parte de Higienópolis; Dona Angélica Barros, proprietária das terras que deram origem à Chacara das Palmeiras, atualmente Higienópolis e Joaquim Eugenio de Lima, a quem se deve a abertura da Avenida Paulista (REIS FILHO, 2010, v. 2, p. 32-33).

²⁹ “Codigos Sanitários e Posturas Municipaes sobre habitações”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, v. I, nº3, p. 229-427.

e deixando os fundos de vale com vazios urbanos (ANDRADE, 1998, p. 228). Também participou da elaboração de planos para vários bairros da cidade.

No Jardim América, algumas características, principalmente formais, das cidades-jardins foram incorporadas e bem aceitas pela elite paulistana. A partir do sucesso do desse empreendimento, outros loteamentos com padrão semelhante foram implantados pela Companhia City. Conforme Wolff, a partir do projeto do Jardim América, o modelo urbanístico foi reproduzido, criando um padrão. No entanto, no contexto imobiliário e cultural paulistano, o loteamento não teve a pretensão de se assemelhar a uma cidade-jardim nos moldes howardianos, mas visava à criação de um bairro com diferenciação dos demais, capaz de gerar um valor simbólico e conquistar o gosto da elite paulistana.

Se na Inglaterra as propostas de Parker com seu sócio Raymond Unwin estavam impregnadas de ideias coletivistas, em São Paulo os projetos de Parker atenderão as exigências de uma empresa privada voltada à produção lucrativa de novas áreas residenciais (ANDRADE, 1998, p. 5).

As transformações dos espaços residenciais dessa natureza foram, muitas vezes, entendidas, ao lado de outras mudanças pelas quais a cidade passava, como sinônimos de progresso, termo largamente utilizado em artigos dos periódicos estudados. Com ele se sintetiza a maneira como muitos enxergavam e desejavam a cidade que não parava de crescer e se modificar. Nas revistas técnicas, a utilização deste termo era a mais recorrente estratégia discursiva de afirmação de São Paulo como espaço de desenvolvimento e transformação.

No âmbito dos investimentos públicos urbanos, esse discurso era bastante forte, pois eram mostrados como símbolos de conquistas para toda a cidade, ainda que na prática fossem, muitas vezes, prédios, espaços e serviços voltados à elite.

A inauguração do Teatro Municipal foi relatada pela *Revista de Engenharia*, em nove páginas da edição dedicadas à apresentação do edifício e à notícia de sua inauguração. A *Revista* traz a planta do prédio, imagens das fachadas e das áreas internas. No texto de entrada a esta descrição, é justificada a necessidade da

cidade de São Paulo ter “uma casa de espetáculos condigna, mais do que decente, que o fosse também monumental”³⁰, pois ter uma casa de espetáculos como o teatro era “uma necessidade social e ao mesmo tempo um premio de gratidão aos filhos desta terra, que, com eleva-la esforçadamente no conceito do mundo civilizado, mostram o vezo de amal-a grandemente”³¹. Segue o texto:

Sobejamente convencido ainda ficaria aquelle que, mesmo estranho á rapidez do nosso progresso, sem maior esforço que deduzir do estado actual, transcendesse e descobrisse a transparência do véu que nos separa de um futuro próximo e glorioso³².

Neste artigo, não apenas se identifica o progresso, mas se defende que ele seja espelhado exemplarmente no espaço urbano, inclusive como forma de melhorar a imagem da cidade junto ao “mundo civilizado”.

O conceito de progresso provém do Iluminismo do século XVIII. Relaciona-se a um esforço intencional guiado pelo conhecimento, capaz de gerar metas definidas de melhorias, dando a ideia de que a solução para todas as coisas pode ser obtida a partir de uma operação planejada e dirigida (OUTHWAITE & BOTTOMORE, 1996, p. 614).

No contexto do Brasil no início do século XX, a ideia de progresso estava bastante associada à transformação material e à modernização das cidades. O termo foi amplamente utilizado não só no período aqui estudado como anteriormente, sofrendo, no entanto, mudanças em seu significado.

André Nunes de Azevedo (2016) aponta que, na Monarquia, a noção de progresso se associava ao processo civilizatório e à construção da ideia de nação. Já no período republicano, a palavra agrega a si o significado de valor material³³. Não exclui a partir de então a ideia de civilização, mas se associa a ela para compor a ideia de progresso material. Entendia-se que, a partir do grau avançado do

³⁰ “O Teatro Municipal de S. Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 5, outubro de 1911, p. 145.

³¹ “O Teatro Municipal de S. Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 5, outubro de 1911, p. 145.

³² “O Teatro Municipal de S. Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 5, outubro de 1911, p. 145.

³³ O autor recorre às definições da palavra presentes nos dicionários da época para explicar a transformação. Mostra que, enquanto o dicionário Aulete de 1881 se restringia à ideia de progresso como movimento, aumento gradual, aperfeiçoamento, incluindo a associação à civilização, o dicionário Moraes de 1890 já abrange também o significado de melhoramento material (AZEVEDO, 2016, p. 77-78).

progresso material, técnico, social e econômico se poderia atingir um nível elevado de civilização (AZEVEDO, 2016, p. 83).

A associação do progresso material ao período republicano, aparece em artigo que tratava de uma das obras da cidade, a ponte do Gasômetro, colocada entre as demais obras urbanas que faziam parte do “sopro enérgico de progresso e atividade que se seguiu ao advento da Republica e que levou S. Paulo a irradiar inigualavel a mais bela estrela da Constellação do Cruzeiro”³⁴.

Em meio às reformas urbanas e ao processo de modernização das cidades, o progresso era relacionado às mudanças materiais, às quais imprimia uma forte conotação positiva. Um termo que

passou a obter um novo significado, o de crescimento material, a saber, o crescimento econômico e tecnológico, de implementação obras e de modernização. A noção de progresso enquanto desenvolvimento material respondia também à autonomização da ideia de progresso presente na República, pois ela estava vinculada à percepção do progresso como um ente autônomo, singular. Progresso seria o processo de modernização, ou seja, crescimento material (AZEVEDO, 2016, p. 88).

É nesse sentido de desenvolvimento material que encontramos a maioria das passagens que falam do progresso da cidade de São Paulo nos periódicos analisados, especialmente nos técnicos. O discurso de uma cidade em desenvolvimento, com uma visão positiva das transformações urbanas é reincidente em várias afirmações sobre a cidade. Ora sutis, ora mais fortes, diversas qualificações sobre a cidade associadas a esta noção estão presentes em artigos de revistas técnicas e literárias, tanto nas publicações do início do século XX, quanto nos periódicos analisados, que adentram à década de 30. Este tema é apontado por Ana Luiza Martins como um dos que se mantem bastante presente nas revistas que analisou sobre São Paulo. De acordo com a autora, os sinais do progresso eram registrados nestes periódicos com grande atenção e destaque:

34 “A ponte do aterrado do Gazometro”, *Revista Polytechnica*, vol. I, nº4, abril de 1905, p. 194.

O folhear das revistas revelou a cidade como palco, abrindo-se para viver seu projeto de Ordem e Progresso. Nele, o espaço público foi idealizado. O lugar do cidadão republicano, que comportava novas identidades, sociabilidades múltiplas, condutas diversas, foi amalgamado pelo olhar classificador de uma imprensa comprometida com a reportagem impactante, que garantia a venda e que trazia o lucro. Ao repórter, novo profissional na praça, cabia farejar o inusitado, o extravagante, valendo-se da técnica a serviço da imagem, que possibilitava qualificar e conferir verossimilhança à matéria sobre o Progresso. Toda rapidez da “novidade” precisava ser registrada. São Paulo, cujo ritmo de construção de imóveis foi num crescendo contínuo [...], prestou-se idealmente à pauta da reportagem, modalidade jornalística então em voga (MARTINS, 2008, p. 483).

Um artigo sobre habitação na *Revista de Engenharia* do início da década de 1910, por exemplo, assim se inicia: “Há já alguns anos falar do progresso da nossa metrópole era uma banalidade: hoje, sobretudo depois do exito completo da valorização, tornou-se um lugar commun”³⁵.

O termo volta a aparecer em um artigo de homenagem a Dr. Maximiliano Hehl (Cassel, Alemanha, 1861 – São Paulo-SP, 1916), engenheiro formado na Alemanha e que havia trabalhado no Brasil nas estradas de ferro como chefe da seção de Mucuri, Bahia, sendo depois transferido para São Paulo, onde foi professor da Politécnica. O artigo ocupa lugar na revista por ocasião de seu falecimento. Na narração de sua trajetória profissional, considerou-se que São Paulo “attrahiu-o, porém, pela amenidade do seu clima e pelo impulso progressista que já então o demonstrava ter, a capital paulista”³⁶.

O elogio ao progresso aparece em meio a textos que tratam São Paulo como “tão activa e progressista cidade”³⁷, no fim da década de 1920. Em 1930, um texto sobre o calçamento da cidade, relata a preocupação que tinha a prefeitura para se encontrar “apparelhada para acompanhar de perto o progredir incessante de S.

³⁵ “As habitações em São Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 10, 10 de março de 1912, p. 278

³⁶ “Saudades”, *Revista Polytechnica*, vol. IX, nº 54, 1917, p. 284.

³⁷ “Relatorio sobre São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VIII, nº 34, outubro de 1927, p. 39.

Paulo”³⁸. Em alguns outros textos não aparece exatamente o termo, mas adjetivos a ele relacionados, a exemplo da avaliação de São Paulo como “capital tão adiantada”³⁹.

Esse tipo de referência indireta ao progresso urbano surge em um texto do *Boletim* datado de 1928, em uma homenagem à Ramos de Azevedo por ocasião de seu falecimento. O arquiteto Ramos de Azevedo (1851-1928) nasceu em Campinas, estudou na Bélgica e retornou ao Brasil, iniciando seus primeiros projetos na sua cidade natal. Estabelece-se, mais adiante, seu escritório em São Paulo, onde foi responsável por projetos de grande impacto na paisagem da capital paulista como o Teatro Municipal (1903-1911) e o Mercado Municipal (1928), além de muitas residências para a elite paulistana.

Neste trecho do artigo citado, a transformação urbana paulistana é colocada de forma comparativa à cidade de Campinas, “pequena cidade provinciana”.

A sua envergadura não era, porém, para os âmbitos estreitos da pequena cidade provinciana que disputava a S. Paulo o direito de ser a cabeça da província. O jovem engenheiro teve a previsão e a presciência do surto rápido e fulminante que iria, em breve, processar no organismo de nossa cidade.⁴⁰

Outros autores são mais sutis ao falar sobre o orgulho do desenvolvimento da cidade de São Paulo. Este é o caso de Alexandre Albuquerque. Em um artigo de sua autoria, que prevê melhorias urbanas, consta:

Os requerentes, empresa ou companhia, construiriam desde logo, nos pontos mais acessíveis das avenidas, prédios destinados a estabelecimentos comerciais de primeira ordem, hotel, edifício apropriado a um café modelo, condigno da capital do importante Estado, o maior produtor de café do mundo [...].⁴¹

³⁸ “Ao melhoramentos de S. Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XII, nº 56, janeiro de 1930, p. 20.

³⁹ “Architectura – O theatro da Praça S. Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 4, 10 de setembro de 1911, p. 107.

⁴⁰ “Dr. F. P. Ramos de Azevedo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. IX, nº 37, junho de 1928, p. 30.

⁴¹ “Os melhoramentos de S. Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 1, 10 de junho de 1911, p. 38.

O texto relaciona o fato de São Paulo ser o maior produtor de café com a necessidade de haver na cidade espaços condizentes a este fato. E termina o artigo dizendo que, com mudanças como essas e outras, “a capital paulista rivalizará com as mais adeantadas cidades do mundo”⁴². Mesmo de maneira mais sutil, é possível perceber o tom utilizado para consagração da cidade.

Em algumas passagens é possível encontrar a ideia de progresso mais próxima àquela presente no período monárquico, que a associa a civilização, conhecimento, e instrução. Desta maneira, aparece em um discurso de Alexandre de Albuquerque, na ocasião da colação de grau dos engenheiros de 1904-1905 da Escola Politécnica, quando afirma que “a instrução é o ponto de apoio da alavanca ao Progresso”⁴³.

Associação semelhante também aparece no texto comemorativo do aniversário da Politécnica, também datado de 1905:

Nesta escola, se proporciona uma educação científica e technica que não póde deixar de vir reflectir em tempo breve sobre a prosperidade de nossa indústria, sobre o desenvolvimento dos varios ramos de engenharia e, portanto, sobre os créditos de prosperidade deste Estado⁴⁴.

Em meio às diversas notas que narraram as comemorações do aniversário de 25º aniversário do Grêmio Politécnico, em 1928, indagou-se acerca da contribuição de seus engenheiros formados, reportando-se ao progresso:

Attingirão a trinta, com a deste anno, as turmas sahidas da Escola Polytechnica. Seria curioso estudar a cooperação que temos dado á obra material e moral do progresso do Brasil! Principalmente á obra material e moral da grandeza de S. Paulo!⁴⁵.

Um texto de 1912, presente na *Revista de Engenharia* intitulado “A instrução profissional” discorre sobre a importância do conhecimento técnico e científico

⁴² “Os melhoramentos de S. Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 1, 10 de junho de 1911, p. 38.

⁴³ “Colação de gráu aos engenheiros de 1904-1905”, *Revista Polytechnica*, vol. I, nº 6, junho e julho de 1905, p. 373.

⁴⁴ “O anniversario da Escola Polytechnica”, *Revista Polytechnica*, vol. I, nº 3, março de 1905, p. 170.

⁴⁵ “O meio jubileu do gremio polytechnico”, *Revista Polytechnica*, vol. XV, nº 87-88, agosto a outubro de 1928, p. 196.

em meio ao desenvolvimento do estado de São Paulo. Embora a partir do tema possa parecer que a ideia de progresso estaria associada a conhecimento, o texto claramente indica a segunda acepção da palavra, relacionada à dimensão material: “O aperfeiçoamento da nossa indústria, ainda modesta, substituindo os antigos pelos modernos processos, nos quaes a machina, o elemento primordial do progresso”⁴⁶.

Quando referido à cidade, o progresso vai se aproximar da noção de melhoramento. Um exemplo desta percepção anterior à década de vinte é um texto de 15 de fevereiro de 1911 no qual o progresso da cidade é comentado por ocasião da publicação de um texto de Victor da Silva Freire intitulado de “Melhoramentos de São Paulo”. Victor da Silva Freire era engenheiro civil formado em Paris e trabalhou por longo período - entre 1899 e 1927 - como diretor de Obras Públicas de São Paulo. Suas propostas indicavam a interferência do poder público para a regulamentação urbana, com ênfase no saneamento e na higienização da cidade em crescimento acelerado.

Neste texto, o autor trata de diversos dos assuntos pertinentes às transformações urbanas perpassando as questões técnicas e estéticas. Sua publicação na revista segue a justificativa de que é um tema “interessante na actualidade, agora que se cuida de modificar a nossa cidade, em vista do desenvolvimento extraordinario que traz o progresso da capital paulista”⁴⁷. No texto de Freire, de 1911, já há certa preocupação com a maneira como o desenvolvimento da cidade é guiado, isto é, como estava sendo feito o progresso urbano.

O título do texto de Freire trata dos melhoramentos urbanos, termo muito utilizado na época para tratar das transformações urbanas. A noção de melhoramentos é discutida por Mirandulina Azevedo, que estuda projetos do início do século XX em São Paulo. A autora procura explicar a gênese da ideia de melhoramentos que se tornou tão presente nesta época, cabendo sua colocação nos diversos contextos de transformação urbana:

⁴⁶ “A instrução profissional”, *Revista de Engenharia*, vol. II, nº 1, 15 de junho de 1912, p. 1.

⁴⁷ “Notas”, *Revista Polytechnica*, vol. V, nº 33, fevereiro e março de 1911, p. 147.

Esta situação (de progresso) confrontada pelas condições de infraestrutura insuficiente (herdadas) comprometiam resultados futuros e indicavam a necessidade de ação deliberada para reverter esse problema. O mecanismo que permitiria este ajuste funcional da cidade, traduzia-se, naquele momento, pela ação de melhorar, evoluindo para o termo melhoramento. Em outros termos, a noção de melhoramento passava a significar a constituição de um processo que permitiria que a estrutura herdada, pudesse atingir patamares mais altos de valorização, ao mesmo tempo em que concretizava o sentido do novo – a expansão em curso – que, a bem da verdade, era a mola propulsora do melhoramento (AZEVEDO, 2016, p. 44).

O tema dos melhoramentos urbanos reunia em torno de si a afirmação de saberes profissionais, demandas sanitárias, interesses de setores do capital organizados em firmas de construção e de prestação de serviços e empenhos de proprietários urbanos cujos bens eram valorizados pelos investimentos públicos.

Diversas passagens nos periódicos técnicos falam sobre os melhoramentos urbanos e referem-se à ações para sua implementação em várias ordens e escalas. A *Revista de Engenharia* era um dos veículos que traduzia este momento em que a ideia das mudanças urbanas através de criação de infraestrutura estava em pauta. Nela é narrado que “Esteve em S. Paulo o sr. Joseph Antoine Bouvard, notável arquiteto francez que, a convite da municipalidade, veio estudar e organizar os planos de melhoramentos da Capital”⁴⁸.

No número seguinte da revista, são apresentadas várias propostas de melhoramentos para a cidade. O texto de apresentação dos projetos diz que “A questão dos melhoramentos de S. Paulo, de que se cogita com grande interesse há perto de dez meses, precisa ser historiada pela *Revista de Engenharia*”⁴⁹. Em seguida, a publicação apresenta os projetos. Entre eles, um da prefeitura municipal, no qual se lê:

O sr. Antonio Prado, ao deixar, em 3 de Janeiro deste anno, o cargo de Prefeito da cidade de S. Paulo, enviou ao sr. Presidente do Estado um

⁴⁸ “Notas pessoas”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 1, 10 de junho de 1911, p. 27.

⁴⁹ “Os melhoramentos de S. Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 2, 10 de julho de 1911, p. 37.

plano das obras que, a seu ver, poderiam ser executadas para o prosseguimento conveniente dos melhoramentos que têm transformado a cidade nestes últimos dez anos.⁵⁰

O texto, datado de 1911, se refere à primeira década do século XX, quando as intervenções passaram a ocorrer de forma mais impactante na cidade.

Nos quatro projetos apresentados⁵¹, mantém-se o mesmo discurso dos melhoramentos e da necessidade de sua implantação para a reforma da cidade visando seu progresso e embelezamento.

O termo continua a aparecer nas revistas com um significado constante, embora aplicado às mais diferentes iniciativas. Em algumas passagens, ele surge em contexto de melhoria urbana associada à ideia positiva de mudança tal qual o progresso. Em outras, aparece em meio a críticas às problemáticas urbanas. Nestes últimos casos, assume a significação de mudanças necessárias para combater os problemas urbanos.

Em número da *Revista Polytechnica* datado de 1905, o termo está presente no texto de divulgação da residência de Flávio Uchoa projetada por Victor Dubugras: “O sr. Prefeito, tão benemérito da gratidão dos munícipes pelos melhoramentos que a sua administração tem realizado”⁵². A noção de melhoramentos aqui parece estar mais próxima da ideia de uma ação aditiva àquilo que já se apresentava de forma boa ou regular, próximo à ideia de melhoria.

Em número do *Boletim*, datado de 1921, o termo aparece em um texto sobre a regulamentação do fornecimento de energia em um discurso que pesa os lados positivos e negativos das transformações da cidade:

A cidade e o município de S. Paulo, na sua ancia de progresso e no goso da ampla autonomia que lhes outorgaram as instituições republicanas, reclamaram muitos serviços e melhoramentos de utilidade geral, que, nos primeiros tempos de vida autonômica, não podiam ser conseguidos á custa dos seus próprios recursos. [...]

⁵⁰ “Projecto Freire-Guilhem (Pref. Municipal)”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 2, 10 de julho de 1911, p. 40.

⁵¹ “Projecto Alexandre de Albuquerque”, “Projecto Freire-Guilhem (Prefeitura Municipal)”, “O relatório do Sr. Bouvard” e “As grandes avenidas e os melhoramentos”. Sobre estes textos, ver Azevedo (2016) que faz uma leitura dos conteúdos presentes neste número da revista.

⁵² “Architectura”, *Revista Polytechnica*, vol. I, nº 2, janeiro de 1905, p. 75.

Os monopólios asseguraram desde logo ao município e aos seus habitantes os serviços novos desejados, ou o aperfeiçoamento dos antigos, e todas as vantagens que da existência e melhoramento deles dependiam e decorreram. E o extraordinário progresso e desenvolvimento da nossa capital ahi estão para testemunhar os benefícios colhidos. Agora, porém, a época é outra⁵³;

Neste trecho, o termo *melhoramento* admite um significado mais neutro. Isto porque, ao mesmo tempo em que se celebra a transformação da cidade através de seu progresso, se assume a necessidade de providências diferentes das antes tomadas para a administração urbana.

Em outros textos presentes no *Boletim do Instituto de Engenharia*, o termo “melhoramentos” aparece associado a uma crítica a algum problema urbano. É o caso de alguns textos de Prestes Maia e Ulhôa Cintra intitulados de *Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo*⁵⁴, publicados em série no periódico no ano de 1924. A consciência do problema urbano é exibida na mesma frase em que a palavra “melhoramentos” aparece, mostrando aqui uma conotação menos positiva e mais próxima à ideia ampla de mudança.

O mesmo acontece em texto publicado na mesma revista, com o título de *Os melhoramentos do Rio Tietê em São Paulo*⁵⁵, no qual, na verdade, se discorre sobre os problemas apresentados pelas inundações da várzea do Tietê e se apresentam algumas propostas de intervenção.

Mesmo em meio ao surgimento de um discurso de preocupação com os problemas urbanos desencadeados pela rápida expansão da cidade de São Paulo, pode-se afirmar que nas primeiras décadas do século XX há um esforço persistente em buscar traduzir o crescimento da cidade como formas urbanas renovadas e exemplos de progresso. Essa renovação é expressa na infraestrutura das áreas centrais, na busca de propostas urbanas reafirmadas pelo conhecimento técnico e científico e na exaltação dos símbolos modernos como testemunhos de progresso.

⁵³ “Parecer sobre a regulamentação de fornecimento de força e luz ao município de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. IV, nº 13, outubro de 1921, p. 32.

⁵⁴ “Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VI, nºs 26/27/28/29/31, 1924-1925.

⁵⁵ “Os melhoramentos do Rio Tietê em São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XVII, nº 88, março de 1933.

2.4. Progresso e percepção do presente

Nas revistas dedicadas às artes, a referência ao progresso também aparece, mas em menor presença, quando comparadas às revistas técnicas.

A apresentação da revista *Klaxon* traz um texto com várias afirmações sobre o que seria *Klaxon*, não só o nome da revista, mas uma espécie de substantivo adjetivado do movimento moderno. No trecho em que se fala do progresso, não há referência direta à cidade de São Paulo, mas uma generalização sobre a questão urbana no modernismo.

KLAXON sabe que o progresso existe. Por isso, sem renegar o passado, caminha para diante, sempre, sempre. O campanile de São Marcos era uma obra prima. Devia ser conservado. Cahiú. Reconstruí-lo foi uma erronia sentimental e dispendiosa – o que berra diante das necessidades contemporâneas.

[...]

KLAXON procura: achará. Bate: a porta se abrirá. Klaxon não derruba campanile algum. Mas não reconstruirá o que ruir. Antes aproveitará o terreno para sólidos, hygienicos, altivos edifícios de cimento armado.⁵⁶

Embora não fale exatamente sobre São Paulo, o trecho demonstra uma visão sobre o urbano comprometida com a renovação da paisagem. Demonstra respeito à tradição, mas afirma a necessidade do novo, caracterizando-o como sinônimo de progresso, que teria expressão nas novas espacialidades da cidade e na arquitetura moderna. O trecho ainda remete a outro atributo positivo identificado em São Paulo: ser atual. O crescimento e a verticalização da cidade era, sem dúvidas, uma manifestação poderosa da celebrada atualidade.

A apresentação da revista enfatiza seu compromisso com o atual. O trecho seguinte ao citado trata do conhecimento científico, demonstrando uma grande aposta nele colocada. Diz: “KLAXON sabe que o laboratório existe. Por isso que

⁵⁶ “Klaxon-Esthetica”, *Klaxon*, nº 1, 15 de maio de 1922, p. 2-3.

dar leis scientificas á arte; leis sobretudo baseadas nos progressos da psychologia experimental”⁵⁷.

A abertura dessa revista apresenta, assim, tanto o discurso do desenvolvimento físico da cidade, quanto o elogio à técnica científica para construir a celebração das transformações culturais e urbanas. Isto é, traz a ideia de progresso da civilização em conjunto com o progresso material da cidade.

Outra passagem interessante da *Klaxon* remete à ideia de progresso material e praticamente o desassocia ao progresso na sua acepção de transformação cultural em busca da civilização. O texto que discute a arte afirma que “Em arte não há progresso. O progresso só existe para as cousas materiais e na bandeira brasileira”⁵⁸. Datado de 1922, o texto deixa clara a consolidação da significação de *progresso* à transformação física e material das coisas.

A revista *Terra Roxa e Outras Terras* traz um texto que, com o título de *Progresso*, enumeras diversos elementos físicos - que seriam símbolos das cidades modernas - para afirmar o desenvolvimento de São Paulo.

[...] a estrada de ferro, a telegraphia, o desenvolvimento agrícola da província, a imprensa, os estabelecimentos industriaes, a navegação a vapor, o grande commercio e outros elementos do progresso moderno accumularam-se um dia, e absorveram a cidade escolastica, a cidade dos empregados publicos, litteraria, palreira, poetica, mais vadia, pobre, paralisada, transformando-a em um grande centro, renovando-lhe a população, dando-lhe vida enérgica e múltipla de uma grande cidade, trazendo-lhe o gaz, os larápios de profissão, a imprensa regular, os telegramas, os Almanachs, as operas lyricas, as prima-donnas, o sorvete, os touristes marqueses e não marqueses, os bonds os patios e os patinadores e até as borboletas cosmopolitas [...] ⁵⁹.

Neste trecho de *Terra Roxa*, a imagem da cidade progressista é apoiada em múltiplos aspectos da vida urbana. Sintetiza a ideia de progresso material do urbano e, em seguida, o utiliza para justificar o desenvolvimento cultural da cidade. Os dois aspectos desse desenvolvimento contemplariam, desta maneira, a

⁵⁷ “Klaxon-Esthetica”, *Klaxon*, nº 1, 15 de maio de 1922, p. 2.

⁵⁸ “Aos homens de experiência”, *Klaxon*, nº 5, 15 de setembro de 1922, p. 9.

⁵⁹ “Progresso”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 1, 20 de janeiro de 1926, p. 6.

cidade moderna completa, criando a imagem da cidade adiantada. Este tipo de imagem vai sendo reiterado durante todo o início do XX de maneira a compor o imaginário urbano paulistano.

Caminhando de maneira contrária ao encontrado nas revistas até então, o positivismo associado ao progresso é rechaçado pelo texto de Antônio de Alcântara Machado na edição da *Antropofagia* de julho de 1928. A revista possui textos com viés de rebeldia e que vai no oposto do senso comum da época. No texto, o autor diz que

Assim como entre nós o sujeito mal cheiroso é para todos os efeitos filósofo, bastava alguém fazer parte da igrejainha Ordem e Progresso para ser considerado logo sábio, gênio, armazém de virtudes, torre de honestidade⁶⁰.

A referência não é ao progresso material das cidades, mas à frase estampada na bandeira nacional. Mesmo que se refira a uma espécie de símbolo, se discutia o imaginário e o simbolismo da ideia de *ordem e progresso*, associada aos valores morais bem vistos na época.

A referência ao progresso também aparece em na mesma revista em seu segundo número. A coluna que trata de assuntos diversos em tom jocoso, como é característica da revista, traz o seguinte texto:

Convite para uma conferência realizada em S. Paulo:
ENTRADA
Programa a escolher
1º Trabalhar é viver
2º Impressões da Amazônia
3º Preta casou com branco e vice versa...
4º Saber fazer...? Saber amar...? Saber viver...?
5º S. Paulo e seu progresso
6º Os burros também fallam...
Dia – 30 de Outubro de 1927
Salão – Associação 15 de Novembro 22
Horas – 15, 16 h.⁶¹

⁶⁰ “Carniça”, *Revista de Antropofagia*, Ano 1, nº 3, julho de 1928, p. 1.

⁶¹ “Brasiliana”, *Revista de Antropofagia*, Ano 1, nº 2, junho de 1928, p. 8.

Os títulos dos programas da conferência fazem alusão aos diversos aspectos constituintes do imaginário urbano da cidade de São Paulo: o trabalho incessante, a distância (não só física, mas também cultural) e integração a outros espaços do país, a miscigenação e também um ponto crucial que era o desenvolvimento da cidade, expresso pelo progresso. A real conferência a que este programa se refere não se sabe ao certo, mas parece se tratar de uma leitura irônica e crítica a algum evento que de fato havia ocorrido na cidade, como prova a data indicada, anterior à da publicação do número da revista em que tal texto se encontra.

Esta mensagem sintetiza grande parte do imaginário urbano que se reproduzia sobre a cidade de São Paulo. Tratando-se de um texto na *Antropofagia*, é referenciado de forma pilhérica, através de um viés crítico.

A visão crítica das transformações urbanas referenciadas como progresso não é o padrão mais forte presente nas outras revistas pesquisadas, principalmente no início do século. Mas uma atitude de cautela à técnica é presente em alguns textos, como se verá a seguir. Tal fato pode estar relacionado ao efeito pós-guerra, quando a exaltação da máquina e das conquistas científicas vai ser acompanhada por um sentimento de desconfiança frente ao progresso e de desilusão com a civilização ocidental.

Embora a cautela ao progresso seja mais difundida entre artistas e escritores, ela terá algum impacto entre os “agentes do progresso”, os engenheiros. Nos periódicos de engenharia, em meio à constante referência ao progresso, surge eventualmente uma percepção de que as mudanças na cidade poderiam estar associadas a problemas. Esta visão se impõe com mais força ao fim da década de 1920, como se coloca adiante.

3

CIDADE DESEJO:
IDEIAS

3.1. Dualidade de cenários

O discurso de progresso dos melhoramentos, apresentado no capítulo anterior, frequentemente se confunde com um discurso de exaltação aos elementos paulistas, o qual pode ser sintetizado a partir da ideia de “paulistanidade”.

A paulistanidade, explorada adiante, se manifesta nos textos dos periódicos através de várias maneiras. Está presente em meio à narrativa da transformação histórica da cidade, a qual se coloca nas revistas como afirmação de uma trajetória surpreendente da cidade e do Estado de São Paulo. Essa estratégia comumente se mescla ao mito bandeirante, já bastante explorado pelos historiadores e estudiosos da cidade. Talvez esta seja a mais recorrente estratégia de construção do discurso de superioridade do paulista presente nos periódicos. Por último, os textos que tratam do chamado Movimento Constitucionalista de 1932 buscam revigorar essas características atribuídas a São Paulo ao associarem-nas às circunstâncias e desenrolar da “revolução”.

A mescla entre a imagem do progresso e as formas de representação dessa paulistanidade já foi assinalada por Ana Luiza Martins em sua análise crítica sobre as diversas revistas que acompanharam a história da cidade de São Paulo. A autora afirma que “na celebração do progresso, cunhou-se o mito paulista” através da “exaltação do passado bandeirante, seu papel no alargamento das fronteiras” e da “Independência proclamada às margens do Ipiranga” (MARTINS, 2008, p. 528).

A narrativa de exaltação da história da cidade de São Paulo muitas vezes aparece nos textos dos periódicos aqui analisados associada à imagem da transformação da pequena vila em grande cidade, com destaque de seu crescimento explosivo acrescido de um discurso de orgulho sobre essa mudança.

A historiografia sobre o tema, no período em análise, costuma enfatizar que São Paulo passou por um crescimento surpreendente e de forma rápida entre o final do século XIX e início do XX. Nela, há uma usual ênfase dessas transformações,

tratadas como suporte à representação de São Paulo como uma cidade progressista, com uma história peculiar, que se destacava no cenário nacional e se colocaria à frente das demais cidades e capitais. A historiografia, juntamente com as manifestações culturais contribui, de forma decisiva, para a formação desse imaginário urbano.

Em contrapartida, outros pesquisadores como Maria Stella Bresciani (1999) exploram a formação dessa identidade com um olhar crítico na produção cultural paulista. No seu trabalho de análise de imagens de diferentes períodos na formação da identidade de São Paulo, a historiadora parte de um relato memorial com imagens e mapas do século XIX⁶² e defende que a imagem de São Paulo, no início do século XX, se cria com a marca da alteridade que se coloca entre as lembranças do passado e as mudanças daquele momento. Entende que esta alteridade se expressa através da

imagem do burgo de contornos coloniais, acanhado, a mover-se numa letargia provinciana, apenas suspensa pelo alarido das vozes dos estudantes de Direito do Largo de São Francisco, contrastada com a da cidade que se desdobra, modificada pelo ritmo rápido do crescimento expresso em vários registros (BRESCIANI, 1999, p. 29).

Essas imagens, como bem colocou a autora, aparecem também nos periódicos, conformando uma dualidade de cenários, que reforça a ideia de sua rápida transformação e de seu “avanço” perante as demais cidades brasileiras.

A estratégia consiste em narrar a história da cidade de seus primórdios à sua conversão em metrópole: focando-se nas diferenças na paisagem no período mais afastado temporalmente até àquele em que se situava, marcado pela chamada “modernização”. Assim, os textos dos periódicos que aqui se analisa criam uma narrativa fundamentada na transformação rápida e potente. Baseando-se na referência da organização temporal criada por Toledo (2007), é como se a *Cidade de Taipa* se transformasse diretamente naquela dos *Projetos para uma Metrópole*,

⁶² Inicialmente, a autora analisa as imagens e textos presentes no relato memorial de Alfredo Moreira Pinto, datado de 1900 e que narra a cidade do século XIX (MOREIRA PINTO, A. *A cidade de São Paulo em 1900*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1979).

excluindo o longo período do *Palimpsesto* que o autor cita. Essa narrativa nos periódicos usa como padrão a ascensão surpreendente da pequena vila, do burgo de estudantes, à uma cidade moderna, grande, que se aproximava (e para alguns já era) a uma metrópole.

Elias Thomé Saliba propõe que essa narrativa tenha sido construída em duas etapas. O autor defende que a história da cidade se constitui por ambiguidades que passaram a criar uma trama de dois tempos:

O primeiro tempo, da fundação até o final do século XIX, é o tempo da cidade que experimenta as dores do parto do nascimento, que tem o estigma de ser um lugar do entroncamento e de passagem e que luta para não desaparecer. O segundo tempo, que se sobrepõe ao primeiro, é, significativamente, designado como “segunda fundação”, quando a Cidade, na passagem para o século XX, começa a se transformar numa metrópole (SALIBA, 2004, p. 560-561).

Um texto da *Revista de Engenharia*, datado de 1911, se utiliza desse argumento narrativo: “Não se podem acoimar de exagerados os que prevêm a transformação do burgo de Anchieta em um em uma metrópole de um milhão de almas antes de 1922, primeiro centenário da Independência”⁶³.

Este texto já remete à metrópole. Trechos como o apresentado expressavam o desejo de crescimento da cidade. Referem-se ao período que Hugo Segawa (2000) chama de “Prelúdio à Metrópole”. O autor entende que a transformação da cidade não foi só física, não lhe faltando “presunção para tentar transformar o retraído burgo de taipa de pilão num centro cosmopolita, em cujas artérias pulsava a riqueza do café”. Segawa afirma que havia uma clara intenção de romper os contornos da cidade do tradicional, mas que “para tanto, muito papel e tinta os consumiu, intrigas correram para nutrir os devaneios e a crônica da transfiguração paulistana” (SEGAWA, 2000, p. 12). A mudança na forma de ver a cidade envolveu palavras, ideias e imaginários, além da inserção de novos elementos na paisagem física.

⁶³ “A crise da habitação”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 8, 10 de janeiro de 1912, p. 217.

A referência à “metrópole de um milhão de almas antes de 1922”⁶⁴ vai ao encontro ao que coloca Bresciani (1999), ao constatar que, a partir das duas imagens que orientam a ideia da transformação, também “esboça-se uma fórmula para se falar de São Paulo: nela, os números, dados e dimensões apoiam a elaboração da potência dos homens paulistas” (BRESCIANI, 1999, p. 20).

A comparação entre cidade colonial e a metrópole ocorre também, por exemplo, no trecho do *Boletim do Instituto de Engenharia*, anos mais tarde, em 1934, em texto sobre a inauguração do monumento a Ramos de Azevedo, ocorrida no aniversário da cidade. O texto de apresentação da obra diz que o monumento é “uma genuína floração da terra paulista, dadiva e homenagem da *Cidade Metropolitana* que Ramos de Azevedo, mais que ninguém, como architecto e cidadão, contribuiu para fundar sobre os restos veneráveis da *cidade colonial*”⁶⁵. Os grifos presentes que destacam a transformação da cidade estão presentes no texto original e reafirmam a consolidação da estratégia comparativa adotada para a reafirmação do caráter positivo das mudanças que estavam sendo empreendidas na cidade.

Um curto texto de homenagem a Maximiliano Hehl, de 1917, se apropria da imagem dialética para evidenciar a contribuição do arquiteto para a cidade de São Paulo:

Passando a residir em S. Paulo, o saudoso professor dedicou-se exclusivamente á sua especialidade, contribuindo com o calor da sua Arte soberana e imortal para o embelezamento da cidade e por conseguinte para a transformação de um antigo burgo[...] numa das mais novas e elegantes capitães da America do Sul⁶⁶

A revista *Terra Roxa e Outras Terras* é um periódico no qual essa narrativa da transformação aparece recorrentemente. Aliada à ideia de progresso e modernidade, a proposta endossa supostas particularidades de São Paulo. Também se vale da exacerbação da fertilidade da terra paulista e da figura de

⁶⁴ “A crise da habitação”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 8, 10 de janeiro de 1912, p. 217.

⁶⁵ “Monumento a Ramos de Azevedo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XIX, nº 98, janeiro de 1934, p. 56 (grifo do autor).

⁶⁶ “Saudades”, *Revista Polytechnica*, vol. IX, nº 54, 1917, p. 284.

seus habitantes que, por sua vez, permitem articular a representação da cidade ao discurso de valorização da riqueza provinda do café. Nessa associação de elementos, se assenta o que se está aqui sendo chamado de *paulistanidade*, aquilo que traz o orgulho paulista. Na *Terra Roxa*, esse tema é muito presente. Embora todas as outras revistas pesquisadas tragam alguma passagem sobre o assunto, nelas este não se solidifica como argumento principal dos artigos. Na *Terra Roxa*, entretanto, é mote para diversos textos.

Este discurso é colocado na apresentação da revista, em que se exalta a fertilidade da terra paulista:

A nossa terra roxa, mercê de sua fertilidade complexa e exagerada, tem dado á luz tudo que é o sonho de uma imaginação de pioneiro: açúcar, café, arranha-céus, trens eléctricos, lança-perfumes, directórios políticos, omnibus, e até literatos. Tudo. [...].⁶⁷

Uma longa discussão que evidencia a imagem da dualidade de cenário é narrada em vários números da revista. Logo no primeiro número e ao lado da apresentação do periódico, o texto *Uma Carta de Anchieta*, de autoria de Paulo Prado, faz um apelo aos leitores para a aquisição de uma carta escrita pelo jesuíta em São Paulo, datada de 15 de novembro de 1579, que estava à venda em uma livraria em Londres. No texto, Paulo Prado contextualiza o momento em que a carta foi escrita e, numa retórica bastante eloquente, coloca que a carta “é o documento de família que dá á Cidade moderna o atestado de longa ascendencia que não possuem os novos-ricos”⁶⁸. A aquisição da carta é posta como de suma importância para a história de São Paulo. O texto continua enfatizando o valor do documento, que passa a ser mobilizado como uma espécie de instrumento de comparação entre o passado e o presente da cidade, que florescia aos olhos de seus contemporâneos:

Da pobreza primitiva, heroica e fecunda, da “paupérrima e estreitíssima casinha” de 25 de janeiro de 1554, cerca de quatro séculos mais tarde a semente plantada pelo jesuíta frutificara como talvez

⁶⁷ “Apresentação”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 1, 20 de janeiro de 1926, p. 1.

⁶⁸ “Uma carta de Anchieta”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 1, 20 de janeiro de 1926, p. 1.

nunca o sonhará a sua imaginação de poeta e de missionário. Todo o milagre dessa transformação está atestado no papel amarellecido da carta anchietana.⁶⁹

A aquisição da carta tornou-se pretexto para uma grande campanha de defesa da paulistanidade. Ao fim do texto, há o apelo explícito: a carta custa 200 libras, equivalente a 30 sacas de café. Após duas semanas, no segundo número da revista, uma tabela contabiliza as doações de sacas de café para a aquisição da carta de Anchieta. Essa representação da riqueza do presente resgatando o passado é uma curiosa metáfora do esforço que estava sendo realizado pela elite paulista para construir a história de sua origem. Entre os doadores, encontram-se o próprio Paulo Prado, contribuindo com duas sacas, a redação da revista que contribui com uma e diversos outros nomes, provavelmente pertencentes à elite paulistana. No terceiro número, já se somam 21 sacas; no quarto, 26. O quinto número da revista é publicado com um intervalo maior e se trata praticamente de uma edição especial sobre a carta de Anchieta, com a manchete na primeira página: “desde hoje se encontra no museu paulista a carta de Anchieta adquirida em Londres por iniciativa deste quinzenário”⁷⁰.

Figura 16 - Primeira página do número 5 da *Terra Roxa e Outras Terras* com a manchete sobre a aquisição da carta de Anchieta. Fonte: PUNTONI & TITAN JR. (2014).

⁶⁹ “Uma carta de Anchieta”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 1, 20 de janeiro de 1926, p. 1.

⁷⁰ Capa, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 5, 27 de abril de 1926, p. 1.

O número inclui o discurso de agradecimento de Paulo Prado, a transcrição da carta de Anchieta, a tabela com a totalização dos doadores das sacas de café e outros vários textos de autores diversos comentando o fato.

Nesses textos, encontram-se passagens que afirmam uma visão positiva do desenvolvimento da cidade e constantes afirmações de sua singularidade. Convém passar por alguns deles.

O próprio discurso de Paulo Prado já traz vários destes aspectos. Ao rememorar os 347 anos que separaram a escrita da carta da sua volta à cidade, afirma que “este largo período da historia de S. Paulo é assignalado por uma formidável transformação que é a que medeia entre as palhoças da villa Piratininga e o proprio palacio em que hoje estamos”⁷¹. Continua o texto afirmando que a prosperidade da cidade e a sua riqueza provinham do café:

Um critico fluminense escreveu que exclamáramos com melancolia, desanimados diante do preço exigido pelo livreiro de Londres: Custa trinta sacas de café!... Engano. Gritamos todos, alegremente, como descobrindo um tesouro: Só custa trinta sacas de café!⁷²

A citação do texto publicado no Rio de Janeiro parece querer marcar a suposta facilidade dos paulistas para a aquisição da carta, visto seu modesto valor diante do cenário de riqueza em que se encontravam, e ainda sinaliza a disputa que existia entre as duas cidades, Rio e São Paulo.

O artigo de Affonso d’E Taunay⁷³ com o título de “resposta de Affonso d’E Taunay”, que remeteria a uma resposta ao discurso de Paulo Prado, é um longo texto em que o autor procura narrar a história da cidade. No referido artigo de

⁷¹ “Discurso de Paulo Prado”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 5, 27 de abril de 1926, p. 1.

⁷² “Discurso de Paulo Prado”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 5, 27 de abril de 1926, p. 1. O texto continua afirmando ainda mais a riqueza do café: “Sabiamos que a semente do jesuíta tinha fructificado esplendidamente em mil milhões de cafeeiros espalhados nas 25.000 fazendas de S. Paulo. Com um insignificante esforço dessa força que se ignora a si mesma e que é tudo e nada é, poderíamos encher de preciosidades, como em armazens e tulhas, todas as salas deste edificio, para aqui transportando os documentos da Torre do Tombo, de Evora, de Simancas de Sevilla e mais os ineditos desaparecidos do padre Manoel de Moraes, de frei Vicente, de Pedro Taques, de frei Gaspar, de tantos outros, escondidos nos archivos e nas bibliotecas da Europa”.

⁷³ Affonso d’E Taunay (Nossa Senhora do Desterro-SC, 1876 — São Paulo-SP, 1958) provinha de importantes famílias cariocas, havia se formado engenheiro pela Politécnica do Rio e foi professor da Politécnica de São Paulo entre 1904 e 1910. Era bastante interessado em história, tendo ocupado o cargo de diretor do Museu Paulista.

sua autoria, o afastamento do passado pacato e modesto da cidade se coloca da seguinte maneira:

Fôra-se desde muito o tempo das refregas com os topiães e os pés largos, dos temores do encontro com os abentesmas do sertão. Acabara-se a era dos desmoronamentos das catas do ouro podre e das cavas das pedrarias. [...] Mas o paulista [...] venceu alinhando estas centenas de milhões de árvores que attrahiram a colonização européa e de onde provem a grandeza do Estado e a maxima razão de ser do cambio internacional do Brasil.⁷⁴

O texto continua, estabelecendo indícios de distanciamento do passado colonial: a “minúscula e miserrima aldeiola, diferenciada na metrópole quasi millionaria de nossos dias” era “trisecularmente desgarrada” recordando uma “figura symbolica intrinsecamente brasileira e quinhentista”⁷⁵. Na mesma direção, Sergio Milliet escreve que Anchieta “veio fundar, no planalto isolado, a cidadela que tão rapidamente ia crescer e progredir”⁷⁶.

Recorrente também é a ideia de que a carta é “documento de família” de São Paulo. Paulo Prado utiliza esse argumento em seu texto de apelo a sua aquisição no primeiro número da revista e outros autores reproduzem a ideia. A iniciativa foi recebida com entusiasmo e emoção por paulistas como René Thiollier⁷⁷. Thiollier confessou que, ao ver a carta, “meus lábios, n’esse momento encrespavam-se n’um sorriso de infinita compaixão para os fidalgos de semel plebeu que se agasalham na Cidade heráldica”⁷⁸.

A carta é posta como um documento de reconhecimento da cidade que buscava a afirmação de uma identidade. Na verdade, não há muito no texto acerca da

⁷⁴ “resposta de Afonso d’E. Taunay”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 5, 27 de abril de 1926, p. 2.

⁷⁵ “resposta de Afonso d’E. Taunay”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 5, 27 de abril de 1926, p. 2.

⁷⁶ “30 sacas de café”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 5, 27 de abril de 1926, p. 3.

⁷⁷ René Thiollier (São Paulo-SP, 1882 – São Paulo-SP, 1968) foi advogado e escritor. Exerceu a função de mecenas na Semana de 22, como responsável pelo aluguel do Teatro Municipal para o evento. Mesmo com importante ação para a Semana, pouco é mencionado na historiografia do tema.

⁷⁸ “a carta de Anchieta”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 5, 27 de abril de 1926, p. 3.

configuração do espaço: pouco mais que a menção à finalização da igreja⁷⁹, como mostra a sua transcrição:

Despois que vim atee agora andei por essas aldeas negociando gete pa a viagem, pouca achey, porque toda ella ser pouca. E posto que agora cõ a canoa de Salvador correa se poderão escusar estes trabalhos, porque ella cõ ajuda de N. Sr. bastava para me levar, todavya bem sey que nem cõ isso V. M. me ha de deixar ir so: E por isso não quero partir de qua atee não aviar a gente, e levala comigo, porque se a deixar a sua descrição não sey quãdo partirão. Antº de macedo aviou vinte mãeboscõ seu irmão João Fernandes os quaes partirão terça feira querendo Deus, mas não pude acabar cõ eles que fossem senão por o Caminho Velho da Borda do Campo. E laa ão de esperar por canoa.

Domingos Luiz estava acabando a igreja. Ja lhe dissemos missa nella cõ mta festa. Logo se parte para o Caraguaba, não achey de sua banda gente que tirar: porque não vão desaperebidos e cõ tudo daqui e dalli me parece que se jûtarão algûs quinze ou dezaseis entre os quais irá Cairobaca, porque o achey meyo amotinado cõtra Domingos Luis, e trabalhey polo levar para laa por que não se vaa polo caminho de seu irmão. Elle se offereceo para a viagem liberalmente. Faço cõta de partir terça feira cõ elles por agua. E atee sexta ou sabado ser no Cubatão cõ ajuda de N. Sr. Mando Domingos de pais de escoteiros a dar este aviso á V. M. assi para que nos mãde canoas boas aos portos por onde irmos como para que laa estee tudo prestes porque esta gete não levão mais que arcos e frechas, como V. M. mandou. E sera necessário ou partir logo pola barra fóra ou buscarlhes que comão em quanto se detiverem ay.

Eu todavia porque me escreverão que os indios darariboya se carregarão todos nas costas do P. Antº Gonçalves, levolhes de qua algúa farinha para ajuda da matalotagem do mar e da terra.

Algûs dos Carijos vão, e entre elles o Alonso que estaa aqui acolhido cõ medo do Carvoeiro, que ainda me dizem que o ameaça. V. M. o façá laa desembaraçar entretãto. Também me incomendou Cairobaca que lhe fizesse pagar a Antão nunes o achadego de um escravo que lhe qua tomou, porque não tem roupa. E ainda espera elle de achala feita quãdo daqua for. Nada mais ao presente, porque o mais fiquara para quãdo eu for cõ ajuda de Deus, o qual dee a V. M. muito do seu amor, de Piratininga, oje Domingo 15 de novembro 1579.

De V. M. servo ínfimo JOSEPH⁸⁰.

⁷⁹ “Carta do apostolo do Brasil ao capitão jeronymo Leitão”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 5, 27 de abril de 1926, p. 1.

⁸⁰ “Carta do apostolo do Brasil ao capitão jeronymo Leitão”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 5, 27 de abril de 1926, p. 1.

A referência da carta para a cidade do século XX se encontra, portanto, no plano simbólico, na importância do documento histórico original que trazia o passado para acentuar a percepção de transformação daquele presente.

Teobaldo Fagundes, em texto no quinto número da revista, explicita sua percepção desse processo:

Tão brusco, tão subitâneo foi o crescimento de S. Paulo em tão poucos anos que, ao contrario de outras cidades de lenta formação, aos seus habitantes ocorre obstinadamente a lembrança de seu progresso. Vem daí a inevitável reminiscência de Anchieta, cada vez que se confronta a atual cidade com o primitivo deserto de selvas, e taboleiros revestidos de vegetação braba onde havia capões de pinheiros que pareciam caranguejo no alto do tronco escamoso. Foi o Taumaturgo dos primeiros homens, de que a violácea terra de Piratininga conserva memória⁸¹.

Da maneira como é apresentada nestes textos da *Terra Roxa*, a carta passa a assumir um papel fundamental na afirmação da primeira etapa da narrativa histórica de São Paulo. Ela passa a ser uma espécie de prova da simplicidade da cidade nos seus primórdios, contrastante com a expressão do progresso pelo qual passava.

O grande valor dado ao documento neste período é explicado por Kátia Abud:

O apreço pela documentação foi um traço comum naqueles historiadores [que estudaram as bandeiras], fazia parte do seu próprio conceito de História – o documento era a peça fundamental para recuperação do passado, pois só ele servia de prova, de testemunho legítimo do fato acontecido. O papel do historiador seria coligi-los, organizá-los, transcreve-los, pondo nisso toda a objetividade, a imparcialidade do cientista, conforme se acreditava (ABUD, 1985, p. 179).

A autora analisa essa importância referindo-se aos documentos valorizados para a construção da identidade bandeirante. Aqui, pode-se perceber a mesma valoração documental para a formação do que seria a história inicial da fundação da cidade.

⁸¹ “Anchieta”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 5, 27 de abril de 1926, p. 3.

Uma outra estratégia importante na construção da imagem da cidade é uma abordagem em que se confundem a cidade de São Paulo, seu Estado e o país. Essa associação engrandece a cidade, que parece reivindicar para si o comando do desenvolvimento do país. Esse processo já foi tratado por Pesavento (1999, p. 159) e “implica um predomínio do simbólico sobre o real, da representação sobre o referente”.

Bresciani trata dessa aproximação entre as imagens da cidade e do estado, que se apoiam uma à outra para configurar suas identidades marcantes na totalidade do país: “As imagens de São Paulo se acumulam, enriquecendo o imaginário de *uma cidade que se confunde com o Estado*, recorte regional de um país do qual se fixa na opinião corrente como centro propulsor” (BRESCIANI, 1999, p. 39, grifo da autora).

A partir da imagem de São Paulo como espaço de grandes e rápidos avanços, se sugere uma perspectiva para todo o país. Faz parte também dessa tática assinalar o desenvolvimento do país para atribuí-lo, sobretudo, à contribuição da cidade e/ou Estado de São Paulo. Também é marcado o contraste entre a sua prosperidade e a pobreza persistente em vastos territórios nacionais. A imagem de São Paulo como a locomotiva que puxa e guia o país sintetiza essas visões.

A crença na ideia de que o país vivia um momento de progresso emerge em 1923 no trecho abaixo, no *Boletim*:

No momento actual, precisamos encarar uma serie de factores afim de que possamos estabelecer os meios de transportes, de forma a satisfazer, o mais possível as inúmeras necessidades, consequentes da época de verdadeiro progresso por que está passando o mundo civilizado e muito especialmente o nosso Paiz⁸².

O texto ao qual pertence este excerto tinha como foco a discussão do transporte na cidade de São Paulo. O recorte acima abre a explanação no texto. Casos como este são comuns nos textos das revistas e evidenciam uma maneira de ver a cidade de São Paulo como o ponto central do processo de desenvolvimento de todo

⁸² “Transportes interurbanos”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. V, nº 22, agosto-setembro de 1923, p. 128.

o país. A cidade é vista, portanto, nesse sentido, num processo metonímico – a parte pelo todo – de representação do progresso do país.

No *Boletim*, há um pequeno texto na seção de notícias *Movimento Social* que propõe o oferecimento, pelo Instituto de Engenharia, em São Paulo, de um curso sobre engenharia a partir de filmes:

Ficaram autorizados pelo Conselho Director, [...], os nossos sócios [...] a estudarem a organização de um curso geral sobre Engenharia, Commercio, Agricultura e Industria do Estado de S. Paulo por meio de exhibições cinematográficas. Consistirá o referido curso de organização e exhibição de uma série de films de character puramente technico, patrocinado e executado pelo Instituto de Engenharia sob a direção de um dos nossos sócios, especialista no assumpto tratado⁸³.

Após a explicação sobre a proposta, o texto diz que “é uma iniciativa que merece os maiores encomios e estamos certos que só beneficos resultados trará para a nossa Sociedade, para a nossa classe e sobretudo para o nosso Paiz”⁸⁴. Isto é, novamente se associa uma atividade local a uma consequência de amplitude nacional, exagerando-se o efeito, âmbito e alcance do evento.

A mesma estratégia acontece em um longo artigo no *Boletim*, de 1929, no qual Anhaia Mello discorre sobre os princípios do urbanismo moderno. Durante todo o texto, o autor fala sobre questões teóricas gerais, sem colocá-las de fato no contexto da cidade de São Paulo. Só ao fim, ele afirma “Organizemos, pois, como parte integrante do plano geral da cidade de S. Paulo, a produção e o consumo do nosso lazer”⁸⁵, ou seja, propõe aplicação na cidade de São Paulo. Termina o texto dizendo

Assim procedendo, teremos recursos mais efficientes para aperfeiçoar, ainda, a raça forte, audaz, inteligente, que já realizou a tarefa cyclopica da conquista do nosso immenso território e agora precisa completal-a,

⁸³ “Uma boa iniciativa”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, Vol. V, nº 22, agosto-setembro 1923, p. 152.

⁸⁴ “Uma boa iniciativa”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, Vol. V, nº 22, agosto-setembro 1923, p. 152.

⁸⁵ “Urbanismo – o recreio Activo e Organizado das Cidades Modernas”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, Vol. X, nº 47, abril de 1929, p. 161.

urbanizando racionalmente os oito milhões de quilômetros quadrados de solo da Patria.⁸⁶

O engenheiro Ulhôa Cintra foi outro a compartilhar essa visão de uma São Paulo pujante. Consta em texto de sua autoria também publicado no *Boletim do Instituto de Engenharia*:

Não só de terras do Estado é, hoje, S. Paulo, a capital: a sua influencia, tanto pelas iniciativas que partem, como pelas riquezas que afflúe, transpoz as margens do Paraná e do Paranapanema, penetrou no norte paranaense e nas planícies infinitas de Matto-Grosso, o mais digno scenario aberto á nossa atividade, e talvez, em futuro mais remoto, um dos celeiros do mundo. Ainda mais: transpoz mesmo as fronteiras do paiz⁸⁷.

Nesse trecho, novamente se confundem as esferas da cidade e do país e se reitera o discurso metonímico já mencionado. Esse tipo de discurso revela uma imagem que se construía sobre a posição de São Paulo no contexto nacional, que irá contribuir para a criação de um imaginário de São Paulo como a “locomotiva do país”, termo que sintetiza uma representação cunhada na época de cidade/Estado à frente das demais.

⁸⁶ “Urbanismo – o recreio Activo e Organizado das Cidades Modernas”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, Vol. X, nº 47, abril de 1929, p. 161.

⁸⁷ “Um problema actual: Os grandes melhoramentos de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VI, nº 26/27, outubro de 1924 a março de 1925, p. 56.

3.2. O renascimento do bandeirante

Entre a narrativa contrastante da fundação da cidade e seu progresso moderno, se consolida também a ideia da figura do paulista como sujeito destemido que superou as dificuldades e venceu os obstáculos, propiciando o desenvolvimento do espaço a partir dos elementos mais rudimentares e simples da terra. Essa imagem do paulista se coloca na figura do bandeirante, a qual se torna um fortíssimo elemento de representação de São Paulo.

Elias Thomé Saliba explica que o conceito de “paulista” foi construída “acentuando os traços positivos do hibridismo mameluco e catalizando as figuras de preadores, capitães-do-mato e sertanistas”, atribuindo à palavra a ideia de coragem, persistência, empreendedorismo e audácia. A associação de “paulista” com “bandeirante”, embora tenham sido registradas como sinônimos somente em 1938, configuram um processo de assimilação em um período anterior (SALIBA, 2004, p. 561).

O trabalho de Kátia Abud (1985, 1999) é fundamental para compreender esse processo de assimilação entre as representações do bandeirante e do paulista. A autora sintetiza a mitologia bandeirante da seguinte forma:

O bandeirantismo heroifica o cotidiano duro do homem de São Paulo e impõe-lhe valores importantes para a manutenção do poder da burguesia paulista, que se alimenta dessa mitologia para elaborar sua própria imagem, criando uma alegoria de igualdade dos paulistas, pois se não fisicamente, moralmente somos todos originários dos desbravadores do sertão, conquistadores de terras, civilizadores dos índios e realizadores da unidade territorial do país (ABUD, 1999, p. 71).

Katia Abud mostra em seu trabalho que a imagem do bandeirante (e, mais adiante, do paulista) como bravo e íntegro, protagonista do progresso de São Paulo, foi construída por historiadores, os quais contribuíram para a formação da memória coletiva. Esta narrativa tem suas origens em meados do século XVIII,

remontando aos escritos de Frei Gaspar da Madre de Deus e Pedro Taques de Almeida Paes Leme, representantes da elite do período colonial.

As origens desse processo de celebração do bandeirante, segundo Katia Abud, estão na chegada a São Paulo de novos comerciantes e tropeiros vindos de Minas que, no período, tinha a decadência da atividade mineradora iniciada (ABUD, 1985).

O movimento de entrada dos mineiros em São Paulo é comentado por Carlos Lemos. Ele narra a chegada ao Vale do Paraíba de “mineiros egressos das catas exauridas” que inicialmente eram “meros agricultores modestos em busca de sobrevivência através das culturas para o passadio normal e para a produção de açúcar a ser exportado serra abaixo”. Tal região que, segundo ele, inicialmente era “inculta com população bastante rarefeita”, passa a abrigar os ricos “negociantes prósperos nas cidades mineiras de origem, verdadeiros homens de empresa” (LEMOS, 2015, p. 134-135).

Da maneira como narra a vinda dos mineiros, o próprio Carlos Lemos coloca a chegada desses novos habitantes como uma grande mudança nas terras paulistas. Ele também se apropria da estratégia da dualidade de cenários para tratar a história da região, descrevendo o espaço “inculto” que se transforma em local prosperidade. Nessa narrativa, aos mineiros se somaria o café e depois os migrantes de outros países e a indústria. O autor, que narra a história de São Paulo atribuindo sua transformação, sobretudo, à cultura cafeeira, indica que a “invasão do café” foi responsável pelas mudanças econômicas das regiões em que essa população havia se instalado (LEMOS, 2015).

No século XVIII, esse contexto de mudança com a presença dos novos habitantes nas terras paulistas cria um cenário de ameaça do poder daqueles que já em São Paulo viviam há mais tempo. Na tentativa de proteção do poder, os historiadores Frei Gaspar da Madre de Deus e Pedro Taques de Almeida Paes Leme buscaram engrandecer seus antepassados, em um processo que Kátia Abud chama de “nobilitação dos paulistas” (ABUD, 1999, p.74).

Os dois cronistas, Taques e Frei Gaspar, contemporâneos e primos, representando o grupo social a que pertenciam e em defesa dele contra ameaças de natureza diferente, estabeleceram as primeiras imagens do bandeirante simbólico, ainda esboçadas, mas que permitiram uma rápida recuperação quando, mais uma vez, interesses da elite paulista foram ameaçados (ABUD, 1999, p. 75).

A recuperação destas imagens que Katia Abud menciona se refere ao uso da figura do bandeirante na construção do imaginário da cidade de São Paulo no início do século XX. Em sua tese, a historiadora coloca que, por longo tempo “o bandeirante, construído pela pena de Pedro Taques e Frei Gaspar não foi tocado – continuou seu sono, já que ninguém foi acordá-lo” (ABUD, 1985, p. 117).

Ao fim do XIX e início do XX, diante das transformações pelas quais a cidade de São Paulo passou (econômicas, urbanas, políticas e sociais, como exploradas no capítulo anterior), surge a necessidade de afirmação de uma identidade de pioneirismo e liderança dentro no cenário nacional. Para o alcance deste objetivo, “a figura do bandeirante foi resgatada como símbolo, pois ao mesmo tempo em que denunciava as qualidades de arrojo, progresso e riqueza que São Paulo possuía, representava o processo de integração territorial” (ABUD, 1985, p. 132). Outra característica do bandeirante, a miscigenação, também pôde ser reciclada para o contexto da entrada dos imigrantes no estado, possibilitando que estes “se integrassem emocionalmente com a São Paulo” (ABUD, 1985, p. 132).

Essa afirmação de Katia Abud, embora bastante certa, não se torna clara nos textos dos periódicos aqui lidos. Os textos que apresentam as representações de São Paulo nas revistas aqui analisadas pouco citam o imigrante. A categoria criada neste trabalho especialmente para este tema foi raramente utilizada. É possível inferir que, em certos contextos, aos paulistas convinha acentuar a presença dos imigrantes. Em outros, entretanto, tais como a maioria dos trechos dos textos aqui lidos, pouco se trata da imigração, senão de maneira superficial. Sugere-se, desta maneira, certa nebulosidade acerca da presença da identidade imigrantes para a formação do caráter do povo paulista.

Outro importante caso de apagamento na identidade do paulista refere-se ao negro. Nada se fala nos textos sobre o homem paulista que se refira ao negro. Descarta-se, desta maneira, todo o trabalho empregado pelos diversos escravos ao longo dos séculos e sua importância para a transformação de todo território brasileiro. Essa é uma importante constatação que evidencia a seleção feita para o mosaico da representação paulista.

O historiador Antonio Celso Ferreira estuda o processo de apropriação dessas ideias na construção da imagem de São Paulo e indica que, desde o final do século XIX, já havia uma preocupação de criação de uma representação da cidade como proeminente no quadro nacional. No entanto, até então “os heróis paulistas ainda não figuravam nas narrativas históricas nacionalistas: eles viriam num futuro próximo, como resultado de uma construção textual que apenas se iniciava” (FERREIRA, 2002. p. 34). O início dessa construção, segundo o autor, está associado ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, fundado em 1894⁸⁸, que priorizava as relações sociais na escolha de seus colaboradores e tinha como um dos grandes objetivos criar uma história paulista (FERREIRA, 1999. p. 94).

A construção da história de São Paulo nos escritos do Instituto, a qual Antonio Celso Ferreira chama de “epopeia paulista”, se deu “antes de tudo, por meio da consagração dos grandes personagens da região” em biografias, genealogias particulares, trajetórias incomuns e grandes realizações (FERREIRA, 1999. p. 99). Isto é, a construção se baseia na ideia do bandeirante e na “nobilitação dos paulistas”, tal como colocou também Kátia Abud (1985).

Os textos que fazem referência ao bandeirante presentes nas revistas técnicas e literárias do início do século XX, portanto, fazem parte do que poderíamos chamar de uma terceira geração da exaltação dessas figuras. O período, principalmente as primeiras três décadas do século, marca a busca pela afirmação da identidade paulista, tarefa em que, mais uma vez, se buscará apoio nos bandeirantes.

⁸⁸ O autor também cita a importância do Museu Paulista e a Academia Paulista de Letras na difusão das ideias e representações sobre São Paulo (FERREIRA, 1999, p. 94).

Seguindo a tendência anterior, essa visão heroica do bandeirante, “esquece” a caça e escravização de índios e a atividade guerreira mercenária, bem como as contingências que favoreceram o engajamento dos colonos nestas atividades, para centrar o enfoque em uma suposta coragem excepcional e no “espírito” – ativo, forte, conquistador e desbravador – que atribui aos paulistas do século XVII e que se busca localizar nos seus descendentes do século XX.

A presença da paulistanidade na revista *Terra Roxa e Outras Terras* é, diversas vezes, acentuada pela dualidade de cenários, como já exemplificado. Há, também, neste periódico, referências ao bandeirante, como no texto de sua apresentação: “Parece que este jornal, ao nascer, dá prova de uma coragem digna do Anhangüera”⁸⁹.

A direção da revista coube à Antônio de Alcântara Machado juntamente com A. C. Couto de Barros. O primeiro é um dos nomes apontados por Abud (1985) como parte dos responsáveis por disseminar o legado de Pedro Taques e Frei Gaspar na primeira metade do século XX.

Em um texto da *Antropofagia* de sua autoria, Alcântara Machado faz uma autoafirmação sobre sua ligação com a tradição bandeirante. O texto, em tom pilhérico, típico da *Antropofagia*, trata da indignação do autor em relação à insistência das escolas da época em se incentivar e lecionar clássicos como *Os Lusíadas* em detrimento de autores modernos e nacionais. No último parágrafo, Alcântara Machado faz alusão à metáfora antropófaga da deglutição dos elementos nacionais, citando a si próprio, mas sem perder a chance de mencionar sua descendência genuinamente brasileira:

Êsse antropófago que vem desde o nascimento desta terra (há um testamento de bandeirante escrito numa folha manuscrita de *Os lusíadas*) devorando com delícia as gerações nacionais precisa por sua vez ser deglutido. É urgente pôr boi tão gordo na boca da sucuri brasileira.⁹⁰

⁸⁹ “Apresentação”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 1, 20 de janeiro de 1926, p. 1.

⁹⁰ “Incitação aos canibais”, *Revista de Antropofagia*, Ano I, nº2, junho de 1928, p. 1.

Ao lado de Alcântara Machado, Kátia Abud cita também Afonso de Taunay como um dos disseminadores dos legados bandeirantes na época, sendo que este “deu ênfase à conquista territorial, às descobertas” (ABUD, 1985, p. 133).

Taunay tem presença na *Terra Roxa* com a autoria de alguns textos. Um deles está presente no quinto número desta revista. Nele, o autor faz referência ao bandeirante correlacionando-o à realidade de então, marcada pela economia cafeeira: “É a paixão do café como que a modalidade contemporânea do espírito secular do bandeirante”⁹¹. A partir daí, passa a narrar a conquista da terra para o café comparando-a à das matas pelos bandeirantes.

Desencadeou-se novamente o velho espírito das entradas e dos descimentos entre os netos dos antigos “calções de couro” e dahi a arrancada de onde surgiu a penetração para o occidente, a custa da substituição da matta virgem, imensa, pelo cafezal, imenso e pletórico de seiva grata.

[...] Inaugurou-se a phase do neobandeirantismo, que também exigiu notáveis sacrifícios [...]

Defendeu-se o solo ferozmente, lançando mão da maleita feribunda e da ulcera proteivirulenta, defendeu-se o clima, tenazmente, por intermédio da geada e da saraiva, aniquiladoras de penosíssimos esforços inúmeros e de largos capitães. Mas o paulista a ambos venceu alinhando estas centenas de milhões de arvores que attrahiram a colonização européa e de onde provem a grandeza do Estado e a máxima razão de ser do cambio internacional do Brasil.⁹²

Taunay, desta maneira, trata do assunto de maneira semelhante ao legado deixado por Frei Gaspar, que valoriza o território conquistado. Kátia Abud (1985, p. 97) comenta um trecho de Frei Gaspar que trata da rivalidade entre os antigos habitantes e os portugueses. No seu escrito, Frei Gaspar coloca que

Ingratos e invejosos afirmam não serem dignos de prêmio os descobridores das minas e sertões, com o falso e escandaloso fundamento de que os paulistas antigos se recreavam e faziam gosto de discorrer pelas brenhas e terras incultas [...]⁹³

⁹¹ “resposta de Affonso d’E. Taunay”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 5, 27 de abril de 1926, p. 2.

⁹² “resposta de Affonso d’E. Taunay”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 5, 27 de abril de 1926, p. 2.

⁹³ “Madre de Deus”. In: FR. GASPAR. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*. Belo Horizonte/São Paulo/Itatiaia/ EdUSP, 1975.

O autor conclui dizendo que os portugueses não mereciam glória pois quando, “algumas vezes acompanharam nas suas viagens dos sertões, [...] retrocediam do caminho em tendo ocasião para isso, por não atreverem a suportar as fomes e incômodos que nele sofriam”⁹⁴.

Ao compararmos o discurso de Taunay ao do Frei Gaspar, encontramos semelhanças quanto à caracterização das dificuldades enfrentadas pelos desbravadores na conquista territorial, confirmando análise de Abud (1985). Taunay se utiliza da ideia da conquista da terra pelos bandeirantes, a qual já tinha certa consolidação no imaginário sobre a cidade, para afirmar o domínio territorial e econômico do paulista no cenário do ciclo do café.

As diferentes vertentes do mito bandeirante é objeto da crítica de Tamandaré, pseudônimo de Oswaldo Costa, à obra de Paulo Prado, *Retrato do Brasil* (1928), em artigo publicado na *Antropofagia*. No texto, o autor diz que um dos problemas de Paulo Prado é Capistrano, se referindo ao cearense Capistrano de Abreu (Maranguape-CE, 1853 - Rio de Janeiro-RJ, 1927), considerado um dos primeiros historiadores brasileiros, pertencendo a uma geração anterior à de Paulo Prado, de quem foi mentor. Argumenta que Capistrano “não compreendeu o aspecto essencial da acção formidável do bandeirante – o politico-economico”⁹⁵. Portanto, propõe um outro olhar, mas igualmente celebrativo do bandeirante, baseado em uma das vertentes do bandeirantismo.

Nas revistas técnicas, a glorificação da figura do bandeirante também é presente em alguns textos. O discurso proferido pelo orador da turma⁹⁶ na colação de grau dos engenheiros de 1918 da Escola Politécnica é pautado na ideia do bandeirante conquistador da terra. Exposto na *Revista Polytechnica*, a sua transcrição se inicia com uma “epopéia do ambicioso bandeirante”, a qual narra as aventuras dos homens nas “selvas vetustas da nossa terra, á cata de chimericos thezouros de

⁹⁴ “Madre de Deus”. In: FR. GASPAR. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/ EdUSP, 1975.

⁹⁵ “I-Aperitivo”, *Revista de Antropofagia*, Ano II, nº4, 7 de abril de 1929, p. 1.

⁹⁶ Fenelon Muller (1892-1976). Nascido em Cuiabá-MT, graduou-se em Engenharia Civil pela Escola Politécnica em 1918, exercendo a profissão na 5ª Divisão da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Foi também político, assumindo a prefeitura de Cuiabá de 1927 a 1930, além de escritor e jornalista no jornal *O Democrata*.

esmeralda e prata”. As ações do “invicto, sombraceiro”, “intrépido desbravador das selvas virgens” seguem toda a introdução do discurso alimentada por rebuscados adjetivos, mostrando que “nada conseguia esmorecer a energia do aventureiro, nada podia empanar nos olhos altivos do bandeirante forte” e mesmo com as intempéries, “a bandeira marchava sempre, sertão a dentro”. A ode termina com o bandeirante “agonisante”, mas que, mesmo com a “fome cruciante” e as “ancias de sofrimento que contraem os musculos cansados de sua face amarellada”, “sorri ainda para os thezouros de esmeraldas e prata”⁹⁷.

Toda esta introdução do discurso serve ao orador para a comparação com os engenheiros formandos: “Parece-me, senhores, que assistis hoje á partida de uma leva de novos bandeirantes”. A partir de então, o orador passa a esmiuçar a comparação entre as dificuldades e vitórias do bandeirante e dos engenheiros formandos:

Atravessámos já uma longa floresta trancada de obstáculos – a vida escolar; [...]

A nova viagem será penosa, a luta será longa e interrupta, não obstante, levamos a certeza da victoria, a confiança de que conseguiremos realizar os nossos projectos de moços porque terçaremos contra os obstáculos que surgirem tentando embaraçar-nos a acção, armas poderosas cujo manejo aprendemos nesta casa de sciencia e de technica, neste templo de civismo que é a Escola Polytechnica de S. Paulo⁹⁸.

A alusão ao bandeirante no discurso dos formandos destaca vários aspectos importantes para o reforço de sua imagem. Primeiro, da forma mais direta, contribui com o imaginário da figura do bandeirante desbravador e todas as suas qualidades associadas: astúcia, força, ambição etc. Além disso, a relação do bandeirante com a cidade de São Paulo é expressa não só indiretamente em todo o texto como se confirma ao fim com a reiteração do nome da Escola Politécnica como um “templo do civismo”. Com isso, a imagem do bandeirante audacioso que não teme as dificuldades cabe exatamente na projeção da imagem dos engenheiros formados na Politécnica os quais, assim como os bandeirantes,

⁹⁷ “Novos engenheiros”, *Revista Polytechnica*, vol. X, nº 58, julho de 1919, p. 102-103.

⁹⁸ “Novos engenheiros”, *Revista Polytechnica*, vol. X, nº 58, julho de 1919, p. 103-104.

seriam responsáveis por levar o progresso e desbravar o desconhecido em busca da civilização.

Vale ainda tomar nota do fato de que um discurso de formatura não tem o mesmo caráter de um artigo científico ou de uma discussão, como outros textos presentes nas revistas. Isto é, não procura trazer uma teoria inovadora, mas sim um tema de compreensão imediata pelo público ouvinte, ainda que em tom rebuscado como se esperaria para época e ocasião. Infere-se, desta forma, que a temática do bandeirante associado ao progresso era, portanto, uma imagem cristalizada na ocasião, ao menos nas camadas dirigentes – professores, alunos e familiares dos formandos da Politécnica – presentes no evento de formatura.

Há um texto na *Klaxon* que envolve a questão da paulistanidade e do progresso associando-as à ideia da terra fértil e do destino de São Paulo para o desenvolvimento. O artigo comenta um trecho de um texto do jornalista, poeta e diplomata Ribeiro Couto (Santos-SP, 1898 – Paris, 1963). Ribeiro Couto escreve: “Uma literatura á parte – principalmente quando ella é a vasta literatura paulista – significa: uma nação em marcha, a surgir. O que me parece inteiramente inquietante.”⁹⁹. A crítica na *Klaxon* é longa, mas vale pela sua riqueza:

Também tu, amigo! Até agora, acossados por um temor sentimental, eram os irmãos dos outros Estados que nos lembravam de quando em quando as ideias de São Paulo independente e de separatismo. Agora, contigo, até os próprios paulistas que estão fora do Estado, principiam a alimentar em nós essas ideias. Desolador! Mas não te lembras do fundo sulco de indignação que arou a sociedade paulista quando o sr. João Ribeiro disse de nós as maravilhas, únicas que poderiam brotar na parca phantasia desse acadêmico? O paulista, é verdade, tem orgulho de ser paulista. Mas o bahiano também se orgulha de ser bahiano. São Paulo progrediu devido, em grande parte, á terra mansa que Deus lhe deu. A Bahia permitiu que suas laranjas fossem constituir uma das riquezas da Califórnia. A culpa é de São Paulo? E seria justo que cruzássemos os braços na penúria, só para ficarmos eguaes a um ou outro irmão? Assegura-te, amigo: os paulistas são brasileiros e querem ser brasileiros. E' preciso e justo porém que os demais brasileiros não nos venham lembrar mensalmente uma idéa pretenciosa que poderia assim fructificar. E que fructo» amargos então para São Paulo, para o

⁹⁹ “Luzes e Refracções”, *Klaxon*, nº 2, 15 de junho de 1922, p. 15-16.

Brasil !... Brasileiros, não plantai grão pérfido na terra roxa! Cuidado, que a terra é boa!¹⁰⁰

O texto mescla a paulistanidade com uma discussão de nacionalidade. Afirma o orgulho paulista e a ideia da terra fértil e do destino de desenvolvimento paulista. Ao mesmo tempo em que coloca São Paulo em destaque diante dos outros estados, afirma a sua presença dentro da totalidade do país, responsabilizando a ideia do separatismo não a São Paulo, mas aos outros estados. O trecho mais interessante se encontra, talvez, ao fim: em tom de ameaça reafirma a superioridade do estado e do seu potencial de crescimento e progresso.

Além das vertentes de releitura do bandeirante baseadas na conquista territorial e nas condições econômicas e sociais do seiscentismo, Kátia Abud (1985) ainda cita uma terceira, a da “raça paulista”, disseminada das por Alfredo Ellis Jr (São Carlos-SP, 1896 – São Paulo-SP, 1974). Assim como outros citados, Alfredo Ellis Jr. pertencia à elite paulista. Nasceu na cidade de São Carlos, São Paulo, em uma família de políticos. Formou-se em Direito em São Paulo, foi deputado, promotor e também professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, a partir de 1939. A autora indica que, aplicando os preceitos do Evolucionismo, Ellis Jr. “pretendeu provar que o cruzamento entre o branco ibérico e o ameríndio, no planalto de São Paulo, teria gerado uma sub-raça superior” (ABUD, 1985, p. 142). Este autor procura explicar a origem das características dos paulistas desde as primeiras gerações a partir de como se deu a formação da “estirpe paulista” de “leonina bravura”¹⁰¹. Segundo Ellis Jr, esse espírito do paulista com o “caráter do bandeirante de uma forte têmpera de sobriedade, de estoicismo e de tenacidade” teria dado origem ao conquistador da cultura cafeeira do século XIX. Teria sido o que “permitiu serem os autores das páginas mais gloriosas da história paulista, concretizadas nas bandeiras e na plantação da lavoura de café”¹⁰².

Embora o nome de Ellis não apareça estampado nestes periódicos, esta vertente temática do bandeirantismo está neles presente. A ideia da raça paulista se

¹⁰⁰ “Luzes e Refracções”, *Klaxon*, nº 2, 15 de junho de 1922, p. 16.

¹⁰¹ ELLIS, Jr. A. O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934, p. 13.

¹⁰² ELLIS, JR. A. Os primeiros troncos paulistas. São Paulo/Brasília: Ed. Nacional/IML, 1976.

associa às características do bandeirante e ocorre também, em processo de metonímia, na reiteração do paulista como o grande representante do brasileiro. Assim, a ideia de superioridade do bandeirante, conseguida a partir da junção das melhores qualidades de grupos formadores do Brasil (o europeu e o índio), serve para a afirmação da nacionalidade e, em conjunção, indica a liderança paulista dentro do contexto nacional.

Há uma discussão referente ao tema na *Terra Roxa* entre Sergio Milliet, Mario de Andrade e Alcântara Machado a respeito do poema “Raça” de Guilherme de Almeida.

O debate é um tanto longo. No primeiro número da revista, Sergio Milliet publica uma crítica ao poema *Raça*, de autoria de Guilherme de Almeida. No texto, Milliet analisa as questões formais do poema, fala sobre a presença da modernidade e, sobre a temática, afirma: “Com ‘Raça’, Guilherme explora um tema perigosíssimo, porquê bóle com a cousa mais dificilmente original e modernisavel: o patriotismo”¹⁰³. Em seguida continua:

Póde-se criticar ‘Raça’, sob o ponto de vista mesquinho dos modernismos francezes e italianos. Eu nego, porém, qualquer valor a essas criticas, porquê o nosso modernismo tem de ser diferente. E Guilherme é profundamente brasileiro. Digo mais: paulista. Toda aquela parte que começa assim:
‘Nós. Branco – verde – preto: simplicidade – indolências – superstições.
....Nós. O clan fazendeiro. Sombra forte de mangueiras pelo chão;
recorte nítido de bananeiras pelo ar;
.....demandistas picando fumo e discutindo, rédea em punho.
Servidões e divisões de sesmarias;
Safras pendentes, cavalhadas, geadas,
Estradas estragadas, invernadas;’
Todo esse pedaço é profundamente nosso, de S. Paulo. Isso não é um defeito, porquê só se é brasileiro sendo paulista, como só se é universal sendo do seu paiz.
Essa é a verdade indiscutível. Essa é a verdade de Guilherme.¹⁰⁴

¹⁰³ “Poesia”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 1, 20 de janeiro de 1926, p. 6. Crítica referente a publicação: *RAÇA* – por Guilherme de Almeida – edição do autor. S. Paulo, 1925.

¹⁰⁴ “Poesia”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 1, 20 de janeiro de 1926, p. 6.

O trecho de Guilherme de Almeida citado por Milliet narra um passado paulista associado ao marasmo da terra no início de sua ocupação que, dentro do projeto paulista, havia de ser superado. Milliet procura reconhecer e valorizar este passado da história paulista incorporando-o como elemento nacional. O autor não completa a linha de pensamento em seu texto, mas é possível deduzir que ele valoriza o passado pacato com o objetivo já comentado aqui de criar a dualidade de cenário. Desta forma, afirmar que não é defeito São Paulo ter um passado simples indica a valorização de um presente auspicioso.

O que mais chama a atenção no trecho, no entanto, é a afirmação entre a identidade brasileira e paulista, advertindo a presença da paulistanidade na formação nacional. A afirmação de Milliet sobre essa “verdade indiscutível” causa desconforto em Mario de Andrade, que publica no número seguinte do periódico uma carta criticando sua colocação. O recorte a seguir é quase a carta toda, mas possui grande valor a este trabalho:

Que historiada é essa, Sergio, meu amigo, de falar na sua crônica sobre poesia do número passado que 'só se é brasileiro sendo paulista'!. Protesto. [...] Em que sentido simbólico, heroico, grandiloquente e errado, você está empregando a palavra 'paulista'! Eu não nego um valor enorme sobretudo no passado de meus coestaduanos porém carece tomar cuidado com os símbolos e com os sentimentos perniciosos. Como símbolo o paulista também é aquela besta reverendíssima da guerra dos Emboabas, ainda por cima arara e covardão. É o homem que não soube tornar fecundo o ouro sem conta de Minas. É o homem que abandonou toda uma região porquê sem providencias de tratamento, sem bom-senso e carinho ela não dava mais café. E é ainda o homem... bom. [...]

E a nossa riqueza e progresso atuais você já reparou como eles nascem do acaso, de circunstancias climáticas e geológicas? [...]

Você e outros me chamam de sentimental e de romântico porquê gosto de gemer no verso e no pinho o amor melado e caricioso do brasileiro [...]. Pois me parece, Sergio companheiro, que o sentimentalismo não está em gemer gosando os desejos que nascem no corpo e no espírito porém em se deixar levar por vaidadinhas rompantes e afirmativas sem realidade e perigosas. Perigosa como a

de você que é desnacionalizante, irritante e errada. [...] Cuidado com o saudosismo! É sintoma de decadência. Sergio, você errou. Sergio.¹⁰⁵

A corajosa crítica à paulistanidade não ficaria impune. Esta carta, por sua vez, foi contestada por Alcântara Machado: “Você vai e mete-se entre os dois: entre o Sergio e o brasileiro que não é paulista (O Guilherme pulou fora). E você é de S. Paulo! Mania de brigar”¹⁰⁶. Continua criticando as palavras de Mario de Andrade e insere-se na discussão: “Você xingou o paulista de nomes feios. Para que isso? Sou paulista daqui mesmo (rua Barão de Campinas). Também quero brigar”¹⁰⁷. Daí adiante, Alcântara Machado refuta as colocações de Mario sobre o paulista buscando justificá-las uma a uma e, ao fim, procura chegar a um consenso da história de São Paulo que não cause desacordos:

A riqueza não é produto total do ambiente. A riqueza é do paulista. O progresso também. O meio excelente produziu o homem forte que fez a civilização estupenda. Assim está bem. A riqueza é resultado indirecto da excelência do meio. Entre este e aquela existe e sua o homem. Assim, sim! Como você afirmou, não!¹⁰⁸

E continua o texto, reafirmando com outras palavras tudo aquilo que Mario buscou questionar:

Sergio acertou quando escreveu que **só se é brasileiro sendo paulista**. Quiz insinuar com isso que é preciso fazer de cada brasileiro um paulista injectando-lhe as qualidades deste. [...] O Brasil quer filhos que sejam bandeirantes na vontade e na audácia. Você não quer? Então já é outra coisa [grifo do autor].¹⁰⁹

Sergio Milliet, na mesma publicação da revista, responde com um pequeno texto se explicando: “Na minha crônica falava de Guilherme que, só podia ser brasileiro sendo paulista. Isto é: sendo **êle**. Si se tratasse de um carioca diria: ele só é

¹⁰⁵ “Carta Protesto”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 2, 3 de fevereiro de 1926, p. 4.

¹⁰⁶ “Colhér-direita”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 3, 27 de fevereiro de 1926, p. 4.

¹⁰⁷ “Colhér-direita”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 3, 27 de fevereiro de 1926, p. 4.

¹⁰⁸ “Colhér-direita”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 3, 27 de fevereiro de 1926, p. 4.

¹⁰⁹ “Colhér-direita”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 3, 27 de fevereiro de 1926, p. 4.

brasileiro sendo carioca [grifo do autor]”¹¹⁰. Em seguida, entretanto, afirma que adota a interpretação de Alcântara Machado.

A resposta de Alcântara Machado que, de início, pode parecer uma tentativa de apaziguamento entre os envolvidos, só reafirma exatamente aquilo que Mario de Andrade criticava. Procurando se explicar em nome dos paulistas, Alcântara Machado reitera as questões de representação ligadas à paulistanidade. A diferença é que, em sua explanação, insere o sujeito – o paulista – para que as afirmações pareçam mais condizentes. Com isso, reforça o imaginário do paulista como desbravador, semelhante à figura do bandeirante.

O debate todo é importante para contrastar a posição de Mario de Andrade em relação à de seus contemporâneos. Diferente da maioria dos autores da época, Mario não corrobora com a maneira com que se colocava a história e o orgulho dos paulistas. Ele questiona a forma como era narrado o passado bandeirista. Faz isso entendendo o poder da representação simbólica e sua participação para a criação de um imaginário de São Paulo. A colocação de Mario questiona a construção deste imaginário, no momento que este esforço era empreendido.

Outras menções mais pontuais, tanto nas revistas literárias como nas técnicas, demonstram a solidificação da ideia de uma “raça paulista”, na qual teriam prevalecido as melhores qualidades da figura do bandeirante. A força desta imagem faz com que “paulista” passe a ser uma forma de caracterização passando de adjetivo pátrio para um adjetivo empregado para indicar qualidades como audácia, braveza ou pioneirismo.

Curta e interessante referência ao bandeirante é feita na *Klaxon* em um texto de autoria de Rubens de Moraes¹¹¹, autor pertencente à tradicional família de São Paulo descendente de Borba Gato. O texto aborda uma discussão sobre modernismo e modernidade, focando na arte moderna, tema recorrente na

¹¹⁰ “pontos nos is”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 3, 27 de fevereiro de 1926, p. 4.

¹¹¹ Rubens Borba de Moraes (1899-1986) foi fundador do curso de biblioteconomia em São Paulo em 1936, tendo grandes contribuições nesse área. Ainda que não tenha seu nome muito divulgado junto aos modernistas da Semana, foi um de seus organizadores, mas não participou efetivamente do evento por estar doente na ocasião. Contribuiu com textos na *Klaxon* e também com outras revistas literárias, como a *Antropofagia*.

revista. Há, no início do texto, uma visão que tenta ponderar o discurso que celebrava o progresso. Depois de discutir e argumentar em torno da posição e da relação da arte moderna diante dos outros estilos artísticos e no cenário que se encontrava, o autor segue para a finalização do artigo:

A Arte moderna é uma manifestação *natural* e *necessária* [grifo do autor]. Os artistas modernos são homens convencidos de que é preciso procurar novas formas, porque as que existem não traduzem mais a vida contemporânea. Bandeirantes do pensamento eles estão á procura das esmeraldas.¹¹²

A comparação procura mostrar o caráter desafiador do artista moderno. Trata-se de uma citação rápida ao bandeirante, mas que muito diz sobre o imaginário criado sobre essa figura. Mostra os consensos construídos em torno de uma figura heroica do bandeirante entre a elite paulista, servindo para legitimar iniciativas vistas como ousadas, no caso, no campo das artes.

No processo de solidificação da imagem do paulista, a *Politécnica* traz um artigo que narra a visita de Santos Dumont a São Paulo. Ele, mineiro nascido no município de Palmira (hoje cidade Santos Dumont, em sua homenagem), é qualificado como “um lindimo paulista pelo espírito imortal de bandeirismo audacioso, reflectido, incoercível e sempre afinal vitorioso”¹¹³. Atribui-se, portanto, a Santos Dumont o “título” de paulista pelas suas qualidades.

Outras menções são mais curtas e diretas, mas por essa mesma razão, revelam a cristalização das características do paulista no imaginário. É o caso de uma rápida passagem presente na *Klaxon*, em uma seção de miscelânea do editorial da revista, com um texto que mostra o orgulho da identidade paulista de seus artistas e a relaciona ao sucesso futuro certo:

S. Paulo, com o seu pensionato artístico, está mantendo no estrangeiro a mais digna e nobilitante embaixada. E esses

¹¹² “Aos homens de experiência”, *Klaxon*, nº 5, 15 de setembro de 1922, p. 10.

¹¹³ “Alberto Santos Dumont”, *Revista Polytechnica*, vol. XVI, nº 93, março-abril de 1929, p. 156.

embaixadores do seu espírito e da sua cultura, porque são nossos, porque são paulistas, hão de se impor gloriosamente [...]¹¹⁴.

Na década de 1930, a imagem do bandeirante e as suas alusões à *paulistanidade* aparecem nas discussões sobre a Revolução Contitucionalista de 1932 presentes nas revistas técnicas¹¹⁵. Antonio Celso Ferreira também retoma o tema relacionando-o a 1932: “Na realidade, desde 1922 a epopeia paulista ainda teria uma longa sobrevida, até se reduzir a puro simulacro, na atualidade. Viria 1932 e com ele outro encantamento cívico” (FERREIRA, 2002, p. 355).

A glorificação do paulista e da alusão ao bandeirante por ocasião da Revolução de 1932 é reincidente no período em vários textos tanto na *Revista Polytechnica* quanto no *Boletim*¹¹⁶. Mesmo nos textos nos quais não há a citação direta ao bandeirante, a paulistanidade reaparece neste período com mais força, sendo localizada em diversos momentos. Há referências mais curtas e diretas, como no relatório do Instituto de Engenharia de fevereiro de 1933, no qual se relatam os fatos do ano anterior da seguinte forma:

E exaltando em 25 de Janeiro de 1932 a gloria dos bandeirantes, exigíamos 'Autonomia', porque aos nossos brios de povo civilizado repugnava ver a terra de Fernão Dias na situação asphyxiante em que se encontrava¹¹⁷

Em outras referências, o tema é trabalhado ao longo do texto, como no discurso de Ranulpho Pinheiro Lima no aniversário da cidade em 1932. O início deste discurso dá o tom que segue até sua finalização:

A todos vós, paulistas, patrícios amigos de S. Paulo, estrangeiros identificados com a terra generosa de Piratininga, o Instituto de Engenharia de S. Paulo manda, por meu intermédio, um affectuoso abraço de congratulação e de encorajamento, neste dia memoravel de

¹¹⁴ “Luzes e Refracções”, *Klaxon*, nº 3, 15 de julho de 1922, p. 15.

¹¹⁵ As revistas literárias aqui analisadas não adentram à década de 30. Isso explica, portanto, a presença da temática da Revolução de 1932 unicamente nas revistas técnicas.

¹¹⁶ Em uma análise quantitativa, dos 23 textos analisados do *Boletim* entre fevereiro de 1931 e junho de 1934, o tema da *paulistanidade* é presente em 13 deles. No caso da *Politécnica*, o assunto é absoluto: dos 17 textos analisados no mesmo período, a questão da *paulistanidade* aparece em todos eles, mesmo não configurando tema principal.

¹¹⁷ “Movimento Social”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XVII, nº 87, fevereiro de 1933, p. 149.

concentração de todos os elementos de ordem civil paulistana, numa exaltação fremente da terra e da gente de Piquebory e de Tibiraçá.

De congratulação, pelo muito que temos feito em quatro seculos de existencia politica, de quatro seculos de heroísmo, quer nos dias rumorosos de alegria, quer nos dias irritantes de amargura. De encorajamento, pelo muito que temos a realizar, na continuação imperiosa de um destino historico formidavel, iniciado na estonteante epopéa das bandeiras e processada num crescendo glorioso através do Brasil colonia e do Brasil independente¹¹⁸.

O orgulho paulista, associado ou não ao bandeirante, continua a percorrer todo o discurso, o qual é finalizado com “Viva o glorioso domínio dos Bandeirantes!”¹¹⁹.

A imagem do bandeirante serviu como representação do paulista para o incentivo à luta pelo seu Estado. O processo de apropriação dessa figura aparece nesse período na forma da metonímia direta da parte pelo todo, isto é, do personagem pelo Estado, como ocorre no trecho a seguir, publicado na *Revista Polytechnica*:

Consciente do seu valor e do seu trabalho pela formação da nacionalidade, devassando os sertões, fundando cidades, escavando minas, luctando pela independência, consolidando a união nacional, libertando escravos, pregando a forma republicana de governo, consolidando a República, *S. Paulo* não se conformou com a situação esdruxula em que o collocaram os acontecimentos de Outubro de 1930¹²⁰.

A metonímia acontece neste texto de maneira direta porque importa todas as qualidades e feitos que à época já estavam cristalizadas na figura do bandeirante e as transfere diretamente a São Paulo. O texto ainda é trabalhando com a inversão sintática: primeiro se apresentam os feitos e atributos do bandeirante, de maneira que vai consolidando no leitor a sua imagem, para só então apresentar o seu sujeito, ou seja, São Paulo, ao invés do esperado bandeirante.

¹¹⁸ “O dia de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XVI, nº 79, janeiro de 1932, p. 43

¹¹⁹ “O dia de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XVI, nº 79, janeiro de 1932, p. 43.

¹²⁰ “Noticiário: Autonomia”, *Revista Polytechnica*, vol. XXIX, nº 105, maio-junho de 1932, p. 267.

Em outros textos, a relação é explícita e didática, como no trecho do discurso em homenagem a Adriano Marchini¹²¹, presente na *Revista Polytechnica* e escrito como um balanço pós-revolução, no ano de 1933:

A Grande Revolução fez ressurgir o bandeirante audaz, a alma cívica paulista ergueu-se desassombrada, e o paulista valente traçou então, com sangue, uma das mais belas epopéas cívicas de nossa historia!¹²².

A apropriação da imagem do bandeirante e sua associação com o paulista, como ocorre no trecho acima, é bastante forte e culmina numa cristalização ainda mais intensa no período da Revolução. Maria Helena Capelatto assinala essa cristalização em seu trabalho, indicando que, no período da Revolução, o bandeirante deixa de representar somente as tradicionais famílias e passa a simbolizar “todo e qualquer paulista que se dispusesse a partir para a luta” (CAPELATTO, 1981, p. 15).

Moldando as qualidades do bandeirante, vai se consolidando a representação do paulista como aquele que detém o “labor pertinaz e inteligente do bandeirante” em conjunção com a sua “solidariedade affectiva”, criando-se a ideia do “tradicional ‘espírito paulista’, que é o espírito do trabalho, da ordem, do bom senso”¹²³.

Nos periódicos pesquisados, foi possível localizar representações da cidade de São Paulo, que absorvem essas imagens da terra e do homem do lugar. Em um texto no *Boletim*, a referência ao bandeirante aparece dentro da perspectiva da conquista territorial. No artigo de autoria dos engenheiros Ulhôa Cintra e Prestes Maia sobre as transformações urbanas de São Paulo, os autores enumeram as causas que fizeram a cidade ter “rápida evolução”:

Em primeiro lugar os factores naturaes: o clima do planalto, sadio e estimulante; a posse de um ante-porto próximo e esplendido; a situação geographica afortunada, passagem forçada de zona extensa e productiva. Em segundo lugar, e mais que tudo, o paulista, que de

¹²¹ Adriano Marchini (São Paulo-SP, 1897 – São Paulo-SP, 1976) foi um engenheiro civil que foi um dos idealizadores do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT).

¹²² “Adriano Marchini”, *Revista Polytechnica*, vol. XXX, nº 108, março-abril de 1933, p. 513.

¹²³ “O dia de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XVI, nº 79, janeiro de 1932, p. 43.

desbravador passou a sedentário, cultivador valente do solo, do qual fez surgir o oceano maravilhoso de café. Depois, o imigrante activo, elemento precioso de nosso progresso e, por fim, as fabricas que surgiram e se multiplicaram, créando uma era nova – a do industrialismo impulsor de cidades [...].¹²⁴

O trecho resume a visão da paulistanidade como um conjunto de fatores que teria feito São Paulo progredir. Entre esses fatores, há aqueles que não tiveram interferência do homem – como o clima, o porto e a terra – e aqueles que são colocados como fruto do trabalho do paulista, agora acrescido do imigrante.

A metáfora do bandeirante surge também em um artigo publicado no *Boletim* em homenagem a Ramos de Azevedo por ocasião do aniversário de um ano de sua morte, no qual o arquiteto é alcunhado de “bandeirante das nossas construções”.

O texto narra a trajetória do arquiteto e a relaciona com a cidade de São Paulo. Em vários trechos, pode-se perceber um discurso de exaltação da cidade e de sua história, que se confundem com a do arquiteto. No início, apresentando Ramos de Azevedo, o texto relaciona-o, ainda que indiretamente, à figura do bandeirante:

Poderosas são essas forças inexplicadas do passado, na terra dos bandeirantes. O dynamismo das bandeiras doutora surge, todos os dias, nos fautores históricos da grandeza de São Paulo. Tinha a capital paulista, na marcha retardada para o progresso, largo espaço perdido em longos anos de modorrento avançar. Havia faltado o Homem. E esse Homem surgiu por fim, na inconfundível figura do jovem architecto campineiro. – Foi o Dr. Ramos de Azevedo esse predestinado ¹²⁵.

Mesmo anos antes, em 1919, a mesma lógica já operava para também assinalar as qualidades de Ramos de Azevedo, que é caracterizado como “um homem, symbolo do trabalho, precioso exemplar clássico e puro das sublimidades do trabalho [...] o paulista egrégio, padrão de patriota e de operosidade bemfazeja”¹²⁶.

O fato de um “paulista modelo” como Ramos de Azevedo não ter nascido na capital, o que poderia carregar uma leve incoerência ao título de exemplaridade e

¹²⁴ “Um problema actual: os melhoramentos de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, Vol. VI, nº 26 e 27, outubro de 1924 a março de 1925, p. 56.

¹²⁵ “Ramos de Azevedo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, Vol. X, nº 49, junho de 1929, p. 256.

¹²⁶ “Conferencia”, *Revista Polytechnica*, vol. X, nº 56, março de 1919, p. 58.

enobrecimento a ele dado, é explicado em um artigo do *Boletim*. Afirma-se no texto que “A sua envergadura não era, porém, para os âmbitos estreitos da pequena cidade provinciana que disputava a S. Paulo o direito de ser a cabeça da província.”¹²⁷.

O discurso no *Boletim* passa a ideia de que Ramos de Azevedo estava além do espaço ao qual pertencia, tendo, portanto, que migrar para exercer suas habilidades na capital. A estratégia adotada pelo texto no *Boletim* é, desta forma, a de simples inversão. Ao invés de caber à cidade de Campinas o mérito por “gerar” tal cidadão, é Ramos que tem que se afastar de sua cidade natal para poder exercer suas habilidades em ambiente propício, no caso, a cidade de São Paulo que lhe fornecia um ambiente à sua altura.

¹²⁷ “Dr. F. P. Ramos de Azevedo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. IX, nº 37, junho de 1928, p. 30.

3.3. A expressão de uma cidade moderna

O bandeirantismo se consagrou como um tema de enaltecimento do passado paulista. A projeção de um futuro promissor se expressa, sobretudo, na valorização dos elementos modernos incorporados à cidade. O imaginário que se criou da cidade moderna se pauta, dentro dos periódicos analisados, na modernidade urbana, expressada por elementos novos na paisagem da cidade como o automóvel, a avenida e os edifícios.

O clássico encontro do bonde e da carroça narrados por Oswald, mais tarde, analisados por Schwarz¹²⁸, sintetizam a cidade de São Paulo neste início do século. De um lado, a modernidade que adentrava ao espaço, os novos costumes, a população heterogênea que crescia exponencialmente e trazia com ela diversos novos hábitos; de outro, a cidade provinciana que insistia em se manter presente, mesmo com todo o esforço de apagamento do passado.

A transformação da paisagem urbana é o mote essencial do festejo da modernidade adentrando à cidade. É, entretanto, como a grande parte da historiografia paulista aponta, descrita de forma peculiar, respaldada no “êxtase” indicado por Sevcenko (1992) e revelada em uma espécie de miragem, na qual as aspirações prevaleciam sobre as conquistas urbanas.

Este êxtase era causado, sobretudo, pelas novidades que a cidade apresentava. Não só a cidade física se transformava, como vivia um momento de grandes adaptações sociais e culturais.

Tanto a forma histórica da metrópole, quanto as moderníssimas tecnologias implicadas nela para transporte, comunicações, produção, consumo e lazer, a experiência mesma de assumir uma existência coletiva inconsciente como “massa urbana”, imposta por essas tecnologias, se abateram

¹²⁸ Trata-se do poema “Pobre alimária”, de Oswald de Andrade: “O cavalo e a carroça / Estavam atravancados no trilho / E como o motorneiro se impacientasse / Porque levava os advogados para o escritório / Desatravancaram o veículo / E o animal disparou / Mas o lesto carroceiro / Trepou na boleia / E castigou o fugitivo atrelado / Com um grandioso chicote” (ANDRADE, 2003, p. 159). O texto serve de mote à análise das contradições presentes no Brasil no ensaio de Roberto Schwarz (1987).

como uma circunstância imprevista para os contingentes engolfados na metropolização e São Paulo. Todas estas condições se impuseram mais rápido do que eles pudessem assimilar, sob uma irresistível pressão internacional, tão vasta para ser compreendida, quanto mínima fora a possibilidade da transmissão de novas atitudes o curto espaço de cerca de duas gerações (SEVCENKO, 1992, p. 40).

As tentativas de adaptação a essas novas formas físicas e culturais se traduzem em um “afã por uma cultura cosmopolita” que se esboroa no “mundinho paulistano” (CAMPOS, 2002, p. 210). As representações deste embate se dão, por exemplo, na poesia de Mario de Andrade publicada na *Klaxon*:

São Pedro

Véspera de São Pedro...
Inda se usa fogueira na fazenda!
.....rojões, traques danças ao longe...

A Hupmobile na garagem...
Dentro dum mês, grande inauguração da máquina de beneficiar café, movida a electricidade.
Comp. Força e Luz
de Jahú
Mattão
Brevemente telefónio
Comfort
Comfortably
Iluminação a giorno...
Só falta um galicismo!...

A caieira cantarola...
E aos pinchos
labaredas
a cainçalha das labaredas
rápidas
múltiplas
levadas pelo vento vertical...
Explode a fogueira
fagulhas no espaço
velozes
milhares
espuma de fogo

baralhando-se com as estrelas...

Curioso!
Não ha Dona Marocas
nem vestidos de cassa
nem outros assumtos poéticos nacionais...

E' a noite papal de São Pedro
Faz um frio silencioso
Umas crianças
 traques
 saltos
 gargalhadas
derramando reflexos vermelhos
pelos braços, olhos, lábios, pernas, cabelos selvagens

Encravadas na escuridão
as estrelas internacionais

O verso-livre milagroso da Via-Láctea

Um mugido assustado na várzea

Mais nada.
O FOGO RUDIMENTAR¹²⁹.

Na linguagem poética, Mario contrapõe as tradições do dia de São Pedro nos espaços rurais (“Inda se usa fogueira na fazenda!”), com elementos de representação máxima da modernidade, sendo eles o automóvel, no caso, um “Hupmobile¹³⁰ na garagem”. Além disso, enumera outros símbolos clássicos da era moderna, como a eletricidade e as máquinas, todas presentes na segunda estrofe. Nessa mesma estrofe, há a presença do café e das cidades paulistas produtoras, como Jaú.

Já a terceira estrofe sugere uma fusão entre as duas realidades, com a imagem da caieira e da fogueira – os elementos tradicionais – sendo construída com adjetivos que remetem à velocidade e efervescência moderna, como em “labaredas rápidas e múltiplas” e a fogueira explodindo em “milhares” e “velozes” de “fagulhas no

¹²⁹ “São Pedro”, *Klaxon*, nº 4, 15 de agosto de 1922, p. 7-8.

¹³⁰ Automóvel produzido pela Hupp Motor Car Company entre 1909 e 1939.

espaço”. Ao passo que o final do poema se volta novamente a um ambiente sossegado e pacato, com um “frio silencioso”, crianças ao fundo, escuridão e “um mugido assustado na várzea”. O “fogo rudimentar” que encerra o texto sugere uma fusão entre moderno e o tradicional, uma vez que o fogo, ao mesmo tempo que é rudimentar e tradicional, pode ser entendido metaforicamente como o elemento que possibilitou a transformação moderna.

Também na *Klaxon* há um pequeno texto na seção de coletâneas (assinada, portanto, pela direção da revista) em que o embate entre passado e o presente se coloca. Publicado no número 5, edição de setembro, o texto comenta a Independência:

Sinto junto a mim o rumor do Rio de Janeiro, a cidade dilatada, feita para rojões... e onde existe um DEUS inicial e imamnente, de quem ella recebe rythmos e movimentos: RUY BARBOSA. Mas ninguem conhece RUY BARBOSA nem ninguem se preocupa com a Independencia, não. [...]

Que ficará do Centenario? Talvez unicamente as torres que se ergueram no recinto da Exposição.

Eu adoro as torres. Têm ancias, coitadas.

Esta noite pensei numa rua de São Bento, asfaltada, cheia de torres, e que não tivesse nunca fim: que emoção!...¹³¹

Neste pequeno texto, a figura de Ruy Barbosa é deixada de lado junto à questão da Independência para dar lugar a uma imagem típica da cidade moderna: as torres. De toda a celebração da independência, o autor põe em evidência apenas as torres e inclusive as projeta mentalmente na Rua São Bento altamente modernizada, com asfalto e muitos edifícios altos.

A presença do italiano Marinetti, representante do futurismo, em São Paulo, no ano de 1926 é retratada na *Terra Roxa* com certo tom de ironia. Filippo Tommaso Marinetti (Alexandria, Egito, 1876 – Bellagio, Itália, 1944), poeta, escritor e ativista, foi o principal nome associado à fundação do movimento futurista nas artes. O movimento, que surgiu a partir da publicação do *Manifesto Futurista* -de

¹³¹ “Luzes e Refracções”, *Klaxon*, nº 5, 15 de setembro de 1922, p. 15.

autoria de Marinetti - na revista *Le Figaro* em 1909, enaltecia a velocidade e os avanços tecnológicos da época, rechaçando o passado.

Para destacar a movimentação causada na ocasião de sua visita, a revista fala da cidade com uma descrição praticamente “anti-moderna”, provinciana:

Definição de S. Paulo: cidade onde não acontece nada.

Por isso qualquer cousinha, uma vez na vida e outra na morte, quando surge é que nem terremoto japonês ou greve inglesa. Vira a cidade do avesso.

Cidade onde não acontece nada de nada, na capital paulista aconteceu Marinetti. Com graves prejuízos materiais e intelectuais. Aqueles (a terra é milionária) não tiveram importância. Mas estes!¹³²

O clima provinciano da cidade também é descrito na mesma revista, em outro número, no romance de Sergio Millet, quando se refere à cidade noturna: “São Paulo á noite é melancolica e provinciana. Lembro-me de ruas sonóras onde cada passo martella um prego”¹³³.

Estas visões revelam discrepâncias ainda existentes na São Paulo da década de 1920, na qual as relações e paisagens provincianas disputavam espaço com as novidades modernas.

Nas revistas técnicas, a contraposição entre o antigo e o novo se dá marcando o progresso e melhoramento, criando também as dualidades de cenários, tal como já foi discutido. A presença da modernidade nestes periódicos é revelada principalmente a partir de debates e colocações no campo da técnica. Nelas, a modernidade podia ser exaltada como sinônimo de maquinismo e industrialização.

Na *Revista de Engenharia*, por exemplo, um artigo que tratava da necessidade da instrução profissional debatia a substituição do trabalho braçal pelas máquinas. Embora não se estenda a um debate longo sobre o tema, é possível encontrar um discurso de exaltação da máquina, tratada como sinônimo de modernidade. O

¹³² “gostosura da terra”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 6, 6 de julho de 1926, p. 1.

¹³³ “Romance: Naturezas mortas”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, número 1, 20 de janeiro de 1926, p. 6.

texto abaixo mostrava os benefícios de utilizar os carros de lixo para a sua coleta na cidade.

Contra o emprego das machinas modernas em S. Paulo, ha quem se tenha pronunciado, alegando o peso elevado dos carros, a topografia acidentada da cidade e o tamanho dos nossos animaes de tracção. Mas o automobilismo resolve perfeitamente o problema”¹³⁴.

Um texto de Anhaia Mello na *Revista Polytechnica* diz que “para acudir às necessidades da cidade moderna não bastam previsão e habilidade technica na confecção de belos projectos”. O que pode dar uma chance de imaginar que o autor complementarà com outros tipos de características do moderno (a artística, social, cultural) é completado com a necessidade do suporte financeiro para colocar em prática os “belos projectos” criados a partir da “previsão e habilidade técnica”. Termina Anhaia: “É mister cuidar dos meios de realizal-los, e esses meios só podem ser obtidos por uma política financeira san e prudente”¹³⁵.

A associação dos meios de transporte à modernidade é recorrente e se faz em diferentes contextos. O automóvel é um dos símbolos clássicos do período e se confunde com a ideia de cidade moderna. Em janeiro de 1929, Anhaia Mello afirma que “a cidade industrial moderna é a extensão, proveniente do aperfeiçoamento dos meios de transporte”¹³⁶.

No caso de São Paulo, havia uma preocupação na adequação da cidade aos meios de transporte da época, entre os quais o automóvel:

Os paulistanos não dispunham de um quadro urbano à altura de suas pretensões tão *up-to-date*: a obsessão da velocidade e dos automóveis, por exemplo, carecia de pistas largas e pavimentadas para se manifestar. Poucos, mas ruidosos, os automobilistas de então perturbavam a placidez da residencial avenida Paulista, única via reta, larga e asfaltada da cidade (CAMPOS, 2002, p. 210).

¹³⁴ “A questão do lixo em S. Paulo”, *Revista de Engenharia*, Vol. I, nº 1, 10 de junho de 1911, p. 15.

¹³⁵ “Problemas de urbanismo”, *Revista Polytechnica*, Vol. XIV, nº 83, junho de 1927, p. 365.

¹³⁶ “O governo das cidades”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, Vol. X, nº 44, janeiro de 1929, p. 3.

No artigo também de 1929, Anhaia Mello reafirma a relação entre cidade moderna e os transportes, dizendo que “uma das grandes necessidades da cidade moderna industrial e tentacular, é terreno, espaço para a circulação que a mobilidade interna, a extensão e os meios de transporte tornam cada vez mais intensa”¹³⁷.

No caso dos textos de Anhaia, a referência à circulação é reflexiva e analítica, no contexto de um artigo que apresentava os conceitos de cidade industrial e moderna. Em período anterior, a mobilidade também é citada com um olhar crítico no texto de Victor da Silva Freire, publicado na *Revista Polytechnica*, em 1914: “A cidade moderna tornou-se um organismo tão complexo; garantir-lhe a salubridade, a segurança, a circulação, passou a ser de tal modo delicado”¹³⁸.

O olhar sobre a mobilidade e a circulação das revistas técnicas tende a criticidade e reflexão, apresentando inclusive conceitos da cidade moderna industrial. Nos periódicos literários, no entanto, a presença dos meios de transporte – principalmente o automóvel e o avião – se dá de maneira muito mais contemplativa.

É o caso do poema de título marcante de Luís Aranha. Em “O Aeroplano”, é feita a descrição de um sublime sobrevoo por uma cidade de “chão de asfalto”.

O AEROPLANO

quizera ser az para voar bem alto
Sobre a cidade de meu berço!
Bem mais alto que os lamentos bronze
Das cathedraes catalepticas;
Muito rente do azul quasi a sumir no ceu
Longe da casaria que diminue
Longe, bem longe deste chão de asfalto...

Eu quizera pairar sobre a cidade!...
O motor cantaria
No amphitheatro azul apainelado
A sua roncante symphonia...
Oh! voar sem pousar no espaço que se estira

¹³⁷ “Urbanismo – Regulamento e Expropriação”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, Vol. X, nº 45, fevereiro de 1929, p. 55.

¹³⁸ “A cidade salubre”, *Revista Polytechnica*, Vol. VIII, nº 48, outubro-novembro de 1914, p. 349.

Meu, só meu;
Atravessando os ventos assombrados
Pela minha ousadia de subir
Até onde só elles attingiram!...

Girar no alto
E em rápida descida
Cahir em torvelinhos
Como ave ferida...
Dar cambalhotas repentinas
Loopings fantásticos
Saltos mortaes
Como um atleta elástico de aço

O ranger rascante do motor...
No amphitheatro com painéis de nuvens
Tambor...

Se um dia
O meu corpo escapasse do aeroplano,
Eu abriria os braços com ardor
Para o mergulho azul na tarde transparente...
Como seria semelhante
A um anjo de corpo desfraldado
Azas abertas, precipitado
Sobre a terra distante...

Riscando o ceu na minha queda brusca
Rápida e precisa,
Cortando o ar em êxtase no espaço
Meu corpo cantaria
Sibilando
A symphonia da velocidade...

E eu tombaria
Entre os braços abertos da cidade...

Ser aviador para voar bem alto!¹³⁹

O autor lança mão de construções sinestésicas para descrever o espaço que sobrevoa, citando o “amphiteatro azul apainelado”, enquanto sobrevoa a cidade ouvindo a “roncante symphonia” do motor e “atravessando os ventos

¹³⁹ “Aeroplano”, *Klaxon*, nº 2, 15 de junho de 1922, p. 7.

assombrados”. A presença desta descrição sensorial, além de recurso poético, pode aludir às experiências vivenciadas na cidade moderna, a qual mexe com tantas sensações e encanta. Essa mesma cidade, no entanto, é frenética e os intensos e inesperados movimentos urbanos podem corresponder aos giros, descidas e *loopings* expressos na terceira estrofe. O final do poema enfatiza o embate entre o eu-lírico e a cidade: “E eu tombaria / Entre os braços abertos da cidade...”. O poema de Luís Aranha, desta forma, contempla a imagem da cidade moderna e do avião, colocando este último como instrumento de apreciação do urbano. No seu texto, é indissociável a relação dos dois elementos e ambos se manifestam de forma embevecida.

Imagens da cidade moderna e alusões ao automóvel ou ao avião também aparecem em outro poema de sua autoria, *Crepúsculo*, no qual o eu-lírico toma para si a potência dos elementos da modernidade:

Pantheon de cimento armado
A luz tomba
Refluxo de cores
Mel e âmbar
Há líras de Orfeu em todos os automóveis
Reses das nuvens em tropel
Céu matadouros da Continental

Todas as mulheres são translúcidas
Ando
Músculos elásticos
Andar com a força de todos os automóveis
Com a força de todas as usinas
Com a força de todas as associações comerciais e industriais
Com a força de todos os bancos
Com a força de todas as empresas agrícolas e as explorações de linhas férreas
Os capitais amontoados em pilhas elétricas
Forças presidenciais e forças diplomáticas
A força do horizonte vulcânico
As forças violentas as forças tumultuosas de Verhaeren
Sou um trem
Um navio
Um aeroplano

Sou a força centrífuga e centrípeta
Todas as forças da terra
Todas as distensões e todas as liberdades
Sinto a vida cantar em mim uma alvorada de metal
O meu corpo é um clarim
Muita luz
Muito ouro
Muito rubro
Meu sangue
Eu sou a tinta que colore a tarde!¹⁴⁰.

Dentre os periódicos analisados, a *Klaxon* é que a mais carrega as imagens da cidade moderna. Isso porque a própria revista já se colocava como uma representação das novidades da nova era. Ser *klaxon* era ser moderno e ser moderno significava ser atual: “KLAXON não se preocupará de ser **novo**, mas de ser **actual**. Essa é a grande lei da novidade [grifo do autor]”¹⁴¹.

Na mesma revista são publicados alguns poemas de Mario de Andrade, no qual o autor se aproxima da cidade. É o caso do Poema Abúlico:

[...]
As brisas coloreem-me os lábios com as rosas do Anhangabaú.
Sol pálido chauffeur japonês atarracado como um boxista.
Luz e força!
Light & Power
Eu sou o poeta das viagens de bonde!
Explorador em busca de aventuras urbanas!
Cendrars viajou o universo vendo a dança das paisagens.
Viagei em todos os bondes de Paulicéa!
Mas em vez da dança das paisagens,
contei uma por uma todas rosas paulistanas
e penetrei o segredo das casas baixas!
[...] ¹⁴².

O poema é longo. No trecho recortado, é possível verificar algumas referências à cidade de São Paulo com os seus símbolos: o Anhangabaú como marca de espaço e a *Light* que representa a conquista da modernidade. A presença dos pontos de exclamação nas “viagens de bonde” e nas “aventuras urbanas” indica o êxtase

¹⁴⁰ “Crepúsculo”, *Klaxon*, nº 6, 15 de outubro de 1922, p. 3.

¹⁴¹ “Klaxon-Esthetica”, *Klaxon*, nº 1, 15 de maio de 1922, p. 1.

¹⁴² “Poema Abúlico”, *Klaxon*, nº 8-9, dezembro de 1922-janeiro de 1923, p. 13-14.

pela metrópole. Em todo o restante do poema, impera um tom melancólico, expressado formalmente pela grande quantidade do uso das reticências. É ainda um poema que “beira a prosa, ironiza a rotina paulistana” (LEONEL, 1994, p. 105), como segue:

Oh! quartos de dormir!...
Oh! alcovas escuras e sáias brancas de morim!...
Conheço todos os enfeites das salas de visitas!
Almofadas do gato preto;
lustres floridos em papel de seda...
Tenho a erudição das toalhas crespas de crocê, sobre
o mármore das mesinhas e no recôsto dos sofás!
Sei de cór milhares de litografias e oliogravuras!
Desdémona dorme muito branca
Otelo, de joelhos, junto ao leito, põe a mão no coração.
Have you pray'd to-night, Desdemonia?
E os bibelôs gémeos sobre os pianos!
A moça está de azul
Ele de cor de rosa...
Valsas lânguidas de minha meninice!¹⁴³

Neste outro trecho do poema, há o choque entre o elemento externo – expresso no início – e a descrição do espaço interior excessivamente adornado com itens que não representam muita coisa, a não ser o próprio acúmulo. Usando os elementos no plural (“o mármore das mesinhas e no recosto dos sofás”), o poema ironiza a falta de originalidade da composição das casas desta cidade.

O contraste entre os dois espaços no poema reafirma uma crítica a Mario publicada no número 7 da *Klaxon*, a respeito do seu *Pauliceia Desvairada*:

Como o título do livro indica, Mario é o poeta da cidade-rua, da cidade-pública. Ele não sabe soffrer as alcovas, admitir a penumbra que os syinbolistas chegaram ao auge de provocar artificialmente fechando as janellas, asphixiando-se ás vezes... Mario sente uma necessidade imperiosa de ar, de movimento, de liberdade. Ele vive, elle mora nas ruas. A cidade inteira pertence-lhe, com todos os seus tramas e comédias, ao mesmo tempo¹⁴⁴.

¹⁴³ “Poema Abúlico”, *Klaxon*, nº 8-9, dezembro de 1922-janeiro de 1923, p. 13-14.

¹⁴⁴ “Livros & Revistas”, *Klaxon*, nº 7, novembro de 1922, p. 13.

3.4. A Semana, o modernismo e a cidade

Além das passagens que marcam os elementos da modernidade, as revistas trazem a discussão do que é ser moderno no sentido da expressão artística, isto é, relacionado ao movimento artístico do modernismo. Tais discussões buscavam trazer à tona a reinvenção artística em voga nos países europeus de maneira atualizada nos campos de atuação das revistas.

O modernismo como um movimento artístico e literário, na escala global, esteve associado às grandes cidades e à temática do crescimento urbano e industrial, trazendo para a discussão nas diversas esferas artísticas, o entusiasmo e as problemáticas das características e consequências destes fenômenos: a velocidade, as descobertas científicas principalmente no âmbito da tecnologia e da psicanálise, o crescimento e ascensão da burguesia, entre outros. Estes fatores tiveram acentos particulares nas diversas vanguardas europeias em espaços e momentos distintos, mas podem ser associados, de maneira geral, à Europa do início do XX.

Estas ideias chegam ao Brasil principalmente através de artistas que haviam ido estudar na Europa. Esses, após uma temporada de contato direto com a arte europeia de vanguarda, retornam ao Brasil eufóricos com a perspectiva de expressarem o que lá testemunharam. Interessava-lhes relacionar tais ideias às temáticas do país. Nesse movimento, se forma um grupo em São Paulo, que serão os artistas a idealizarem e se apresentarem na Semana de 22.

Inspirada no modernismo europeu, a literatura modernista praticada pelo grupo paulista da Semana parece querer celebrar uma cidade e o êxtase da modernidade, contribuindo para a construção dessa imagem urbana, que se colocava como nova, adiantada e efervescente. O modernismo brasileiro, contudo, era plural: se debruça tanto nestas transformações urbanas, como nas temáticas rurais – como nos nordestinos Rachel de Queiroz (Fortaleza-CE, 1910 – Rio de Janeiro-RJ, 2003), Graciliano Ramos (Quebrangulo-AL, 1892 – Rio de Janeiro-RJ, 1953) ou José Lins do Rego (Pilar-PB, 1901 – Rio de Janeiro-RJ, 1957). O último

ênfase, entretanto, não teve uma presença tão marcante nas manifestações do movimento no contexto de São Paulo.

Para alguns, parece paradoxal a celebração da modernidade em uma cidade guiada pelo interesse das elites oligárquicas, afinal, trata-se do estado e cidade os quais, a princípio, têm sua riqueza atrelada à cultura do café. Essa suposta contradição é apontada por Lafetá (2000):

É de se notar, entretanto, que no Brasil a arte moderna não nasce com o patrocínio dos capitães-da-indústria; é a parte mais refinada da burguesia rural, os detentores das grandes fortunas de café que acolhem, estimulam e protegem os escritores e artistas da nova corrente (LAFETÁ, 2000, p. 23).

Lafetá considera que o paradoxo da burguesia rural patrocinar uma arte que se contrapunha ao passadismo não é tão chocante quando se leva em consideração o fato de que essa mesma burguesia rural se transforma, sem seguida, em industrial.

Campos (2004) tem também a percepção sobre o descompasso existente então entre as ideias modernistas nas Artes e Literatura e alguns aspectos das mudanças da cidade. Afirma que:

O tom áulico (na empolada arquitetura eclética) e o ambiente repousante (nos bairros refinados da elite) buscados pelos construtores da capital agroexportadora não se adequavam ao frenesi modernista, e o falso bucolismo dos jardins à europeia desmentia a intensa realidade tropical (CAMPOS, 2002, p. 209).

Nesse cenário, a literatura modernista passa a ser associada à cidade e, principalmente, à cidade de São Paulo, enfatizando seus aspectos inovadores e vanguardistas. O argumento utilizado na historiografia se agarra na radical transformação urbana da cidade. Coloca-se que, com o crescimento urbano e industrial, o ambiente teria sido promissor à difusão das ideias modernistas de rupturas com o tradicional. Nesse contexto, em que o Rio de Janeiro havia liderado a circulação das artes e culturas até aquele momento, o desenvolvimento

urbano paulistano teria propiciado a atmosfera adequada para a renovação estética e cultural tal como era pregada no modernismo. Esta relação foi compartilhada por Oswald de Andrade:

O modernismo ocorreu na capital bandeirante como consequência de sua mentalidade industrial. São Paulo era há muito batida pelos ventos da cultura. Não só a economia cafeeira promovia os recursos, mas a indústria com sua ansiedade do novo, a sua estimulação ao progresso, fez com que a competição invadisse todos os campos de atividade (ANDRADE, O., 1954, p. 32).

No entanto, é importante recordar que o próprio Oswald foi um dos grandes nomes que estavam à frente da Semana e do modernismo na capital paulista. É compreensível, portanto, sua defesa e o argumento utilizado para enfatizar a cidade de São Paulo como o espaço ideal para o desenvolvimento das ideias inovadoras do modernismo.

Há vários outros depoimentos como o de Oswald confirmando esta visão eminentemente paulistana da Semana. Mario de Andrade que, junto com Oswald, costuma ser um dos nomes mais associados ao evento e ao modernismo, também contribuiu para enfatizar a ideia de que a grande transformação do modernismo só poderia acontecer em São Paulo, como se verá adiante.

Há um hiato, entretanto, entre o evento e sua consagração na história da Literatura e das Artes no Brasil. Maria Eugenia Boaventura, que analisa em sua pesquisa o conteúdo dos comentários e notícias contemporâneos à Semana, mostra que, na ocasião em que ocorreu, o evento não teve nada de inaugural do modernismo e foi apenas “uma festa planejada para anunciar o engatinhar de uma nova mentalidade, e os resultados precários conseguidos até então” (BOAVENTURA, 2008, p. 14). Também em relação à sua abrangência, a pesquisadora conclui que “fica evidente a repercussão da Semana restrita quase que à cidade de São Paulo” (BOAVENTURA, 2008, p. 15), ao mesmo tempo em que seus idealizadores insistem em indicar o desenvolvimento do evento na cidade de São Paulo atribuindo o argumento da modernização, tal como foi visto no

depoimento de Oswald. Para Maria Eugenia Boaventura, “os apelos de modernização dos paulistas, a princípio, soaram como imposição e arrogância” (BOAVENTURA, 2008, p. 19).

O que a pesquisadora mostra em seu trabalho é que, na verdade, a repercussão imediata do evento em São Paulo não foi muito positiva: foi alvo de estranhamento e pilhérias. Por algum tempo, inclusive, a Semana ficou esquecida.

Frederico Coelho (2012) indica as causas e a maneira como, dentro da crítica literária, São Paulo é exaltado no cenário do modernismo. Afirma que houve uma espécie de declaração de morte do modernismo (p. 18) por volta da década de 1930: “Apenas oito anos depois, 1922 já era visto como uma espécie de passado remoto devido à velocidade do surgimento de escolas, novidades e criações que o campo cultural brasileiro forneceu nesse período” (COELHO, 2012, p. 18).

A conferência proferida por Mario de Andrade em 1942 sobre o modernismo é um dos momentos de ressurgimento do tema da Semana como ícone do modernismo na crítica literária. Nela, Mario faz um balanço avaliando o papel da cidade como palco para o evento, entre outros comentários¹⁴⁵ :

Ora São Paulo estava muito mais "ao par" que o Rio de Janeiro. E, socialmente falando, o modernismo só podia ser importado por São Paulo e arrebentar na província. Havia uma diferença profunda, já agora menos sensível, entre Rio e São Paulo. O Rio era muito mais internacional, como norma de vida exterior. Está claro: porto de mar e capital do país, o Rio tem um internacionalismo ingênito. São Paulo era espiritualmente muito mais "moderna" porém, fruto necessário da economia do café e do industrialismo consequente. Caipira de serra-acima, conservando até agora um espírito provinciano servil, bem denunciado pela sua política, São Paulo estava ao mesmo tempo, pela sua atualidade comercial e sua industrialização em contato mais

¹⁴⁵ “O Movimento Modernista”, conferência lida no Salão de Conferências da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, no dia 30 de abril de 1942 e presente no “Aspectos da Literatura Brasileira”, livro organizado pelo próprio Mario com alguns de seus textos críticos e reflexivos sobre o tema.

espiritual e técnico com a atualidade do mundo (ANDRADE, M., 2002, p. 258).

A conferência de Mario tem seu peso na crítica literária por ser proferida por um dos participantes da Semana e passa a ser um marco que traz à tona o tema e reativa as discussões e suas associações ao modernismo. Além dela, mais adiante, outras manifestações na crítica literária são importantes para estreitar os laços entre a Semana de 22 e o movimento do modernismo brasileiro, colocando o evento paulista como ponto central no espaço e no tempo dessas transformações artísticas.

Essa associação passa a ocorrer gradualmente, ainda segundo Coelho, a partir principalmente da década de 1950, quando críticos literários associados às pesquisas nas universidades especialmente no eixo Rio-São Paulo, como Antonio Candido e Afranio Coutinho, sistematizam a história da literatura brasileira e atribuem ao modernismo paulista a função mítica de divisor de águas (COELHO, 2012).

Nesse rol também está Mario da Silva Brito, autor do “História do Modernismo Brasileiro” (1958). O volume I de sua publicação, “Antecedentes da Semana de Arte Moderna” narra com detalhes diversos episódios que ocorreram na cidade de São Paulo antes da Semana e reitera a ideia da suprema importância dos paulistas para a afirmação de uma arte inovadora. O autor deduz que o ambiente paulista na época era “petulante, agressivo, com pretensões a metrópole à altura das principais do globo, de progresso indiscutível e decantado, misturado de raças, agitado de lutas políticas, em crise de crescimento material e espiritual” e que, exatamente neste espaço com tais características “que se reúnem os futuristas brasileiros, filhos da inquietação do mundo moderno” (BRITO, 1958, p. 130).

No clássico “Literatura e Sociedade”, de Antonio Candido, datado de 1965, o autor sistematiza a tradição literária do Brasil a partir de dois momentos considerados decisivos: o romantismo, marcado pelo período de 1836 a 1870 e o modernismo, que é colocado com o marco temporal de 1922 a 1945 (CANDIDO, 1975, p. 112).

Para Coelho (2012, p. 90), esse foi uma publicação crucial para “uma verdadeira virada nas leituras históricas e críticas sobre o modernismo”.

No mesmo livro, Antonio Candido também publica um outro texto importante para estas sistematizações. Nele, o crítico afirma procurar abranger a literatura brasileira, independentemente de seu local de origem:

Se não existe literatura paulista, gaúcha ou pernambucana, há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes Estados. Neste artigo, não interessa, por isso mesmo, delimitar produções e autores segundo o critério estrito do nascimento (CANDIDO, 1975, p. 139).

Em seguida, no entanto, o autor indica o critério adotado. Não leva à risca o critério do nascimento do escritor/produção da obra, mas usa a cidade de São Paulo como vórtice tempo-espacial de sua análise. Continua o argumento do trecho acima transcrito: “mas segundo o critério mais compreensivo e certo da participação na vida social e espiritual da cidade de São Paulo” (CANDIDO, 1975, p. 139).

Ainda mais adiante no mesmo artigo, quando discorre sobre o último período das manifestações literárias em São Paulo, afirma a associação do modernismo à cidade: “o Movimento Modernista, que nesta cidade se desenvolveu e teve suas manifestações mais características de 1922 a 1935. Foi uma profunda renovação literária, estreitamente ligada à constituição de um agrupamento criador” (CANDIDO, 1975, p. 1975).

Com esses marcos na associação de São Paulo ao movimento modernista e, em conjunção, a Semana como ponto alto desse movimento, Coelho indica que a partir da década de 70, a Semana se consagra na cultura brasileira como um momento definitivo para as Artes e Literatura.

Nesse contexto, a Semana passa a ser conveniente para a criação da imagem de cidade moderna que São Paulo procurava manifestar.

Para entendermos verdadeiramente a identidade de São Paulo é preciso começar lembrando de algo que sempre se esquece, sobretudo em tempos celebratórios e comemorativos: com todas as suas ambiguidades – já assinaladas – o modernismo de 1922 constitui uma força motriz que alimentou a identidade hegemônica de São Paulo (SALIBA, 2004, p.577-579).

Para a afirmação da identidade paulista de cidade à frente – na economia, na urbanização – a Semana contribuiu com tal proposta elegendo a cidade como palco principal do modernismo brasileiro e a posicionando, portanto, também como adiantada em termos de produção artística e cultural.

À época de publicação das revistas como a *Klaxon*, portanto, a Semana não era vista de maneira ampla na cultura brasileira como o grande evento modernista como se apresentaria posteriormente. Mas, devemos lembrar que a *Klaxon* foi concebida e produzida por aqueles que estavam à frente da organização da Semana. É de se esperar que neste periódico, portanto, a Semana seja relatada de forma grandiosa. No entanto, esta grandiosidade estava restrita, na época, à circulação entre os artistas e literatos leitores da *Klaxon*, os quais somavam um baixo número (ANDRADE, G, 2014, p. 21).

O primeiro número da *Klaxon* exalta o evento comparando-o, talvez ironicamente, ao Conselho de Versalhes, ao mesmo tempo que admite erros e avalia que as discussões do modernismo ainda estavam “verdes” e era preciso refletir sobre elas:

A lucta começou de verdade em princípios de 1921 pelas columnas do 'Jornal do Comércio' e do 'Correio Paulistano'. Primeiro resultado: 'Semana de Arte Moderna' – espécie de Conselho Internacional de Versalhes. Como este, a Semana teve sua razão de ser. Com elle nem desastre, nem triumpho. Como elle: deu fructos verdes. Houve erros proclamados em voz alta. Pregaram-se idéias inadmissíveis. É preciso reflectir. É preciso esclarecer. É preciso construir. D'ahi, KLAXON¹⁴⁶.

Klaxon nasce como um lugar para continuar as discussões sobre o que era ser moderno. Gênese Andrade, pesquisadora dos temas do modernismo brasileiro, em

¹⁴⁶ “Significação, *Klaxon*, nº 1, 15 de maio de 1922, p. 1.

texto de abertura que comenta a publicação *fac-símile* da revista, diz que, na *Klaxon*, “as ideias do modernismo foram se solidificando e as novas produções posteriores à Semana de 22 começaram a circular” (ANDRADE, G., 2014, p. 23).

Na seção de *Luzes e Refracções* da revista, há passagens que mostram que os seus editores procuravam acompanhar a repercussão da Semana:

No *Messenger de S. Paulo* de 8 de Abril, o sr. Henri Mugnier assina um artigo sobre "Modernismo", cheio de bom-senso e reflexão. É curioso. Os únicos jornaes que publicaram criticas independentes sobre a Semana de Arte Moderna foram o "Fanfulla", o "Messenger de S. Paulo", o "Deutsche Zeitung", a "Revista Coloniale". Artigos assinados por estrangeiros...¹⁴⁷

Em outros textos, a Semana é novamente referenciada, mas sempre associada à busca dos editores em avaliar sua repercussão. Cita-se, no número 3, uma edição da revista belga *Lumière* recebida pela *Klaxon* que continha um artigo sobre a Semana. Este artigo, entretanto, era da autoria do próprio Sérgio Milliet, um dos editores da *Klaxon* e que estava à frente da Semana¹⁴⁸.

Outra referência à Semana se dá, também na seção de comentários, no número 4 da revista. A citação do evento traz à tona a sua má recepção pelo público paulista. Em um concerto de data posterior ao evento, uma composição do compositor carioca Heitor Villa-Lobos (Rio de Janeiro-RJ, 1887 – Rio de Janeiro-RJ, 1959) é bem recebida, enquanto, na Semana, o compositor, junto aos outros artistas, havia sido depreciado. O episódio é comentado pelo autor com um tom amargurado:

“Não ha nada como um dia depois de outro"... Os leitores da KLAXON recordam-se da Semana de Arte Moderna, contra a qual um grupo de maltrapilhos cerebrais tanto ladrou e cocoricou? Reis entre os artistas ladrados estava o músico de nome Villa-Lobos — uma das admiráveis contribuições com que o Rio de Janeiro fortificou nossa emprêza. No último concerto de Rubinstein (23 de Julho) incluira-se, entre os números do programma a serie das Bonecas do musico de nome Villa-

¹⁴⁷ “Luzes e Refracções”, *Klaxon*, nº 1, 15 de maio de 1922, p. 15.

¹⁴⁸ “Livros e Revistas”, *Klaxon*, nº 3, 15 de julho de 1922, p. 13.

Lobos. E eis o mesmo público paulista extasiado ante essas composições¹⁴⁹

Novamente, a Semana é recordada pelos próprios editores da revista, mostrando sua restrita abrangência no período.

Outra recordação da Semana se dá na segunda “dentição” da *Antropofagia*, mas dessa vez não por um de seus idealizadores, mas por um autor que estava entre o meio literário. O texto *II – Hors d’oeuvre*, assinado por *Tamandaré*¹⁵⁰ faz uma longa crítica ao tema através de uma espécie de retrospectiva sobre o modernismo no Brasil, apontando seus fracassos: “Nenhum problema brasileiro resolveram a Semana de Arte Moderna e correntes derivativas”¹⁵¹. Chega a tal conclusão após considerar que o modernismo, assim como os outros movimentos teve mudanças estéticas

mas não compreendia o nosso ‘caso’, não teve coragem de enfrentar os nossos grandes problemas, ficou no acidental, no acessório, limitou-se a uma simples revolução estética – coisa horrível – quando a sua função era criar no Brasil o pensamento novo brasileiro.¹⁵²

Neste trecho, fica claro a visão da Semana como um evento já finalizado. Não demonstra uma grandiosidade do evento como algo a ser retomado ou celebrado.

Não tendo a Semana a grandiosidade que a ela foi atribuída posteriormente, esta necessidade da historiografia de revê-la, reorganiza-la e aumentar a sua importância parece indicar uma revisão cultural que, assim como os outros elementos já aqui apontados, contribuiu para a formação do imaginário urbano de superioridade da cidade de São Paulo.

Na leitura das revistas da época, Ana Luiza Martins indica que a imagem de São Paulo passa a ser construída à base de uma tríade celebrativa em torno da “Cidade Progresso”, da “Paulicéia”, que evoca a tradição paulista, e da “Cidade Artística” (MARTINS, 2008, p. 472). Essas três representações são encontradas

¹⁴⁹ “Luzes e Refracções”, *Klaxon*, nº 4, 15 de agosto de 1922, p. 17.

¹⁵⁰ Pseudônimo de Oswald Costa quem, junto a Oswald de Andrade, contribuiu muito para o movimento antropófago com diversos textos críticos nessa segunda dentição.

¹⁵¹ “II – Hors d’oeuvre”, *Revista de Antropofagia*, Ano 2, nº 5, 14 de abril de 1929, p. 6.

¹⁵² “II – Hors d’oeuvre”, *Revista de Antropofagia*, Ano 2, nº 5, 14 de abril de 1929, p. 6.

com frequência nas revistas aqui analisadas. Quanto ao último aspecto, a historiadora mostra que, por longo tempo, São Paulo não teve uma tradição de centro artístico, sendo vista, sobretudo, como uma cidade muito focada nos negócios (MARTINS, 2008, p. 512). Em um ambiente no qual a vida artística não era o que se pode chamar de efervescente, a *Semana* não necessariamente chocou (como muito se afirma na tradição historiográfica), mas cumpriu o papel que lhe era designado, de afirmar a cidade como um núcleo de produção artística.

A julgar pelo que as revistas divulgaram, o ambiente paulistano ainda era tacanho às vésperas de 1922 [...] De repente, mas não tão de repente, a *Semana de Arte Moderna*, no Teatro Municipal. A notícia de seu encerramento com um concerto de Villa Lobos vinha discreta nas páginas de *O Estado de S. Paulo*. A nota era quase anódina, sem entusiasmo, isenta de crítica mais cerrada [...]

Amadeu Amaral, o nome então de maior respeito e visibilidade artística, não se chocou. Ele e João ribeiro. Até aplaudiram. Junto com a *Semana*, o lançamento da revista *Klaxon*. Soava como passado a produção de Olavo Bilac e seu parnasianismo épico. A pretendida “Capital Artística do Brasil” entrava no século XX. Ou melhor. Nascia em 1922 (MARTINS, 2008, p. 524).

Assim, a *Semana* e o movimento modernista trariam a São Paulo a diferenciação cultural. Esta distinção cultural, somada a um passado histórico heroico – alimentado pelo mito bandeirante –, a uma prevalência geográfica e econômica nacional – justificadas pelo desenvolvimento da cultura cafeeira –, corroboravam para que a cidade pudesse ser vista como o maior destaque nacional, proposta que se mantém, de certa forma, até os nossos dias.

Assim como a *Semana* não era tida como um evento grandioso, o modernismo tampouco havia sido sistematizado. As referências ao estilo artístico presentes nas revistas, tanto nas literárias como nas técnicas, tratam da discussão de quais seriam os termos adequados para se referenciar à produção artística daquele período, quais eram suas características, influências e os seus expoentes.

No discurso de Paulo Prado no quinto número da *Terra Roxa*, há um comentário sobre o moderno. Ele afirma que os redatores da revista são “a vanguarda do

espírito moderno brasileiro”¹⁵³. Os próprios redatores, porém, confessam não saber muito bem o que seria exatamente o moderno: “Os trabalhos publicados obedecerão a uma linha geral chamada do espírito moderno, que não sabemos bem o que seja, mas que esta patentemente delineada pelas suas exclusões”¹⁵⁴. Isto é, a única certeza que eles tinham era do que *não* era moderno.

Termos como modernos, modernistas, passadistas, penumbristas, futuristas, utopistas, e clássicos eram constantemente discutidos na busca de suas definições e aplicações.

Em uma operação de valorização do movimento e de afirmação de uma suposta sina da cidade para o moderno, este é associado a figuras do passado relacionadas à São Paulo. Em um texto sobre a história de São Paulo, Sérgio Milliet diz que Anchieta “no seu tempo foi um futurista”¹⁵⁵ pois fundou a vila que viria a se tornar a cidade de São Paulo. O termo remete ao movimento dos modernistas em São Paulo, muitas vezes chamados de futuristas, ainda que não se autodenominassem assim.

Estes debates são ainda mais recorrentes na *Klaxon* e estão dissolvidos em meio a textos com temas diversos. Um exemplo destas discussões é o longo artigo intitulado “O homenzinho que não pensou”¹⁵⁶, no qual os editores refutam, parte a parte, uma crítica à *Klaxon* publicada em uma revista literária carioca que a classifica como futurista. Não cabe aqui a reprodução de todo artigo, pois não interessa verdadeiramente definir tais termos nem avaliar as críticas mordazes das diferentes correntes. O que é importante perceber é que não havia um consenso sobre o que era ser modernista. Isso porque a sistematização sobre a história literária e a consagração do modernismo associado a São Paulo e à Semana se deu posteriormente, como já indicado.

Embora a associação de São Paulo ao modernismo e a Semana como grande evento paulista seja uma visão ainda muito recorrente, há trabalhos mais

¹⁵³ “Discurso de Paulo Prado”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 5, 27 de abril de 1926, p. 1.

¹⁵⁴ “Apresentação”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 1, 20 de janeiro de 1926, p. 1.

¹⁵⁵ “30 sacas de café”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 5, 27 de abril de 1926, p. 3.

¹⁵⁶ “Chronicas: O homenzinho que não pensou”, *Klaxon*, nº 3, 15 de julho de 1922, p. 10.

recentes que contrapõem essas leituras. As pesquisas de Claudia de Oliveira, Monica Pimenta Velloso e Vera Lins (2010) são uma tentativa neste sentido. Analisando as revistas do Rio entre o final do século XIX e início do XX e suas contribuições para a representação do moderno, as autoras afirmam que seus objetivos são deslocar para o Rio de Janeiro o olhar sobre o modernismo, que sempre está voltado para São Paulo (OLIVEIRA, VELLOSO & LINS, 2010, p. 11).

A partir da análise das revistas, Vera Lins reitera essa posição:

O que se passava no Rio permite que se fale de um modernismo carioca. Pensa-se apenas no modernismo paulista, marcado pela Semana de 22, mas os escritores aqui, como João do Rio, Gonzaga Duque, Lima Barreto e outros, já estão vivendo as contradições modernas e escrevendo a partir delas (LINS, 2010, p. 29).

Outros trabalhos procuram mostrar as manifestações literárias modernistas ocorridas fora do eixo Rio-São Paulo. Na historiografia do modernismo brasileiro, o Nordeste costuma estar associado somente à fase posterior do modernismo, o chamado Regionalismo de 30. A nomenclatura adotada por si só já admite a centralidade do eixo Rio-São Paulo. Há pesquisas recentes, porém, que mostram que as produções de regiões além do Sudeste não se limitaram a ser complementares.

O Recife, nesse contexto, era uma cidade de grande efervescência cultural que pouco é abordada na história do modernismo brasileiro. A cidade, assim como as do Sudeste, passava por grandes transformações referentes à sua modernização com crescimento econômico e transformações culturais. Era também uma cidade que se conectava com a Europa, como afirma Carlos Henrique Romeu Cabral: “Assim como ocorrido no Sudeste brasileiro, a elite nordestina enviou também diversos artistas que tiveram a oportunidade de obter formação acadêmica e sucesso em território europeu” (CABRAL, 2017, p. 2483). Carlos Henrique Romeu Cabral aborda esta produção nas artes plásticas e cita a presença dos pintores pernambucanos Fédora (Recife, 1889 – Recife, 1975) e seus irmãos Vicente (Recife, 1899 – Recife, 1970) e Joaquim do Rego Monteiro (Recife, 1903 – Paris,

1934), os quais foram um dos principais representantes da pintura brasileira em Paris no período, mas raramente abordados com a ênfase a eles cabida na história das artes neste período. No âmbito literário, há também importantes nomes que pensam e escrevem sobre vários aspectos da cidade. Raquel Czarneski Borges (2011) comenta a importância de do sociólogo Gilberto Freyre (Recife, 1900 – Recife, 1987) do romancista Mario Sette (Recife, 1886 – Recife, 1950), além de Cícero Dias (Escada-PE, 1907 - Paris, 2003) nas artes plásticas. Aponta suas contribuições e reflexões sobre a cidade em transformação e intensa modernização:

É interessante notar que Gilberto Freyre, por exemplo, dedica-se a pensar não só a cidade do Recife, o espaço urbano, mas a área rural circundante, a zona canavieira e suas tradições, assim como suas ligações com a cidade. [...] Mário Sette dedica-se ao registro dessa cidade que vem desaparecendo, suas construções, costumes, histórias pitorescas. E Cícero Dias representa plasticamente esse Recife das tradições e da modernidade (BORGES, 2011, p. 2).

A autora também fala do poeta pernambucano Manuel Bandeira (Recife-PE, 1986 – Rio de Janeiro-RJ, 1968). É curioso pensar que Bandeira tem maior reconhecimento na crítica e historiografia literária, uma vez que passou a fazer parte do círculo paulista e viver no Rio de Janeiro. Estando no eixo Rio-São Paulo, o pernambucano deixa de ser associado somente ao Regionalismo e é valorizado como poeta modernista. Sua produção de muito trata do Recife e de suas memórias de infância (como na amplamente conhecida *Evocação ao Recife*¹⁵⁷),

¹⁵⁷ “Recife / Não a Veneza americana / Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais / Não o Recife dos Mascates / Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois / - Recife das revoluções libertárias / Mas o Recife sem história nem literatura / Recife sem mais nada / Recife da minha infância / A rua da União onde eu brincava de chicote-queimado / e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas / Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê / na ponta do nariz / Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras / mexericos namoros risadas / A gente brincava no meio da rua / Os meninos gritavam: / Coelho sai! / Não sai! // A distância as vozes macias das meninas politonavam: / Roseira dá-me uma rosa / Craveiro dá-me um botão // (Dessas rosas muita rosa / Terá morrido em botão...) / De repente / nos longos da noite / um sino / Uma pessoa grande dizia: / Fogo em Santo Antônio! / Outra contrariava: São José! / Totônio Rodrigues achava sempre que era São José. / Os homens punham o chapéu saíam fumando / E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo. // Rua da União... / Como eram lindos os montes das ruas da minha infância

Rua do Sol / (Tenho medo que hoje se chame de dr. Fulano de Tal) / Atrás de casa ficava a Rua da Saudade... / ...onde se ia fumar escondido / Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora... / ...onde se ia pescar escondido / Capiberibe / - Capiberibe / Lá longe o sertãozinho de Caxangá / Banheiros de palha / Um dia eu

mas também trata de outros temas considerados de maior prestígio dentro do modernismo como o rompimento com a poesia tradicional (como em *Poética*¹⁵⁸) e as mazelas urbanas (como em *Notícia de Jornal*¹⁵⁹). O poeta é sempre lembrado junto à Semana, mesmo não estando presente nela, pois teve seu poema *Os Sapos*¹⁶⁰ lido pelo poeta e político Ronald de Carvalho (Rio de Janeiro-RJ, 1893 – Rio de Janeiro-RJ, 1935) na abertura. Sua produção e sua aproximação com o grupo paulista responsável pela Semana fazem com que Bandeira tenha garantida a sua valorização dentro da história do movimento.

vi uma moça nuinha no banho / Fiquei parado o coração batendo / Ela se riu / Foi o meu primeiro alumbramento / Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho sumiu / E nos pegões da ponte do trem de ferro / os caboclos destemidos em jangadas de bananeiras // Novenas / Cavalhadas / E eu me deitei no colo da menina e ela começou / a passar a mão nos meus cabelos / Capiberibe / - Capiberibe / Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas / Com o xale vistoso de pano da Costa / E o vendedor de roletes de cana / O de amendoim / que se chamava midubim e não era torrado era cozido / Me lembro de todos os pregões: / Ovos frescos e baratos / Dez ovos por uma pataca / Foi há muito tempo... / A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros / Vinha da boca do povo na língua errada do povo / Língua certa do povo / Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil / Ao passo que nós / O que fazemos / É macaquear / A sintaxe lusiada

A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem / Terras que não sabia onde ficavam / Recife... Rua da União... / A casa de meu avô... / Nunca pensei que ela acabasse! / Tudo lá parecia impregnado de eternidade / Recife... / Meu avô morto. / Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro / como a casa de meu avô”.

¹⁵⁸ “Estou farto do lirismo comedido / Do lirismo bem comportado / Do lirismo funcionário público com livro de ponto espediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor. // Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo. // Abaixo os puristas. / Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais / Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção / Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis // Estou farto do lirismo namorador / Político / Raquítico / Sifilítico / De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo. // De resto não é lirismo / Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar & agrades mulheres, etc. // Quero antes o lirismo dos loucos / O lirismo dos bêbados / O lirismo difícil e pungente dos bêbados / O lirismo dos clowns de Shakespeare. // - Não quero saber do lirismo que não é libertação”.

¹⁵⁹ “João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número / Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro / Bebeu / Cantou / Dançou / Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado”.

¹⁶⁰ “Enfunando os papos, / Saem da penumbra, / Aos pulos, os sapos. / A luz os deslumbra. // Em ronco que aterra, / Berra o sapo-boi: / - "Meu pai foi à guerra!" / - "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!". // O sapo-tanoeiro, Parnasiano aguado, / Diz: - "Meu cancionero / É bem martelado. // Vede como primo / Em comer os hiatos! Que arte! E nunca rimo / Os termos cognatos. // O meu verso é bom / Frumento sem joio. / Faço rimas com Consoantes de apoio. // Vai por cinquenta anos // Que lhes dei a norma: // Reduzi sem danos / A fôrmas a forma. // Clame a saparia / Em críticas céticas: / Não há mais poesia, / Mas há artes poéticas..." // Urro o sapo-boi: / - "Meu pai foi rei!" - "Foi!" / - "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!". // Brada em um assomo / O sapo-tanoeiro:

- A grande arte é como / Lavor de joalheiro. // Ou bem de estatuário. / Tudo quanto é belo, / Tudo quanto é vário, / Canta no martelo". // Outros, sapos-pipas (Um mal em si cabe), / Falam pelas tripas, / - "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!". // Longe dessa grita, / Lá onde mais densa / A noite infinita / Veste a sombra imensa; / Lá, fugido ao mundo, / Sem glória, sem fé, / No perau profundo / E solitário, é // Que soluções tu, / Transido de frio, Sapo-cururu / Da beira do rio...”

Assim, embora comporte contradições e omissões, a operação ideológica de aproximação entre a cidade de São Paulo e o modernismo foi bem-sucedida e tornou-se um componente importante da imagem da metrópole.

Nas revistas técnicas, as discussões sobre o modernismo são mais restritas que nas revistas artísticas, como se suporia. Grande parte das abordagens sobre forma e estilos nas revistas técnicas se refere a imagens de projetos arquitetônicos e urbanos, muitas vezes com pouco ou sem textos que os discutam, mas apenas com a sua apresentação visual através de plantas, cortes ou fotografias. Há, entretanto, alguns textos que discutem de maneira mais aprofundada as questões de estilo, incluindo aquilo que era associado à era moderna, além de outras referências. Em sua maioria, estes textos refletem o processo de definição do que poderia ser considerado arquitetura moderna e quais seriam suas tendências. Assim como nas revistas literárias, há uma pluralidade de termos empregados para se referir às mais diversas características observadas e que refletiriam a era moderna.

Na *Revista de Engenharia*, a primeira fundada entre as aqui analisadas, “estética” é o termo mais empregado para se referir à preocupação com o estilo arquitetônico. O termo “moderno” presente neste periódico é bem amplo, se referindo à técnicas, padrões e maneiras de pensar. Assim ocorre, por exemplo, na caracterização do eclético projeto do Teatro Municipal como um projeto arquitetônico que atendia à “esthetica moderna”¹⁶¹.

Nesta mesma revista, um texto intitulado “Architettura”, que noticiava a formação da Sociedade de Arquitetos de São Paulo no ano de 1911, indica a importância da agremiação para discussões e trocas de saberes tendo como benefício o “desenvolvimento da arte local”¹⁶². Este tipo de afirmação indica a instabilidade que a arte passada no período. De acordo com os textos lidos nesta e nos outros periódicos aqui analisados, esta instabilidade se mantém por um longo tempo, gerando várias discussões sobre estilos, tendências e influências.

¹⁶¹ “O Teatro Municipal de S. Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 5, outubro de 1911, p. 145.

¹⁶² “Architettura”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 3, agosto de 1911, p. 89.

Mais adiante, a discussão sobre o estilo arquitetônico ocorre em um texto do segundo volume do *Boletim*, de 1919. Trata-se de um pequeno texto com o título *Architectura Colonial no Brasil* em que se dá a notícia que o Conselho Diretor da revista havia deliberado a iniciativa de organização e publicação de uma obra sobre o assunto devido ao “vivo interesse que tem despertado ao nosso meio artístico e profissional [...] o movimento, iniciado por alguns distintos architectos paulistas, pelo renascimento da nossa architectura colonial”¹⁶³. Não se encontrou mais notícias sobre o tema, mas, a partir dessa notícia já é possível perceber como o efervescente Movimento Neocolonial foi reconhecido pela revista como legítimo impulso de renovação da arquitetura da época.

Vale lembrar que durante a Semana de Arte Moderna, enquanto as Artes Plásticas, Música e a Literatura foram as expressões artística de maior peso no evento, a Arquitetura foi representada por projetos neocoloniais dos arquitetos Antonio Moya e o polonês Georg Przyrembel, os quais pouco tiveram destaque na historiografia posterior sobre o evento.

Em 1929, também no *Boletim*, a discussão do estilo da arquitetura da época traz outras tendências e pouco cita a arquitetura colonial. *As tendências da architectura contemporânea*, publicado na sua 50ª edição, é de autoria de Bruno Simões Magro (São Paulo-SP, 1882 – São Paulo-SP, 1956). Tratava-se de um engenheiro-arquiteto e civil, diplomado pela Politécnica em 1905, que trabalhou no serviço público e foi, a partir de 1921, professor da Politécnica, onde lecionou “História da Arquitetura, estética, estilos”, entre outras matérias.

O artigo de Bruno Simões Magro traz notas explicativas acerca dos projetos vencedores do concurso para a construção do Palácio do Congresso Legislativo do Estado de São Paulo, apresentados na mesma revista, na edição anterior. O texto é um balanço crítico sobre os estilos arquitetônicos da época e funciona como uma forma de justificar as escolhas dos vencedores. Resulta em

uma análise muito perspicaz do que estava acontecendo em termos de produção arquitetônica no final da década de 1920

¹⁶³ “Architectura colonial no Brasil”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. II, nº 6, abril de 1919, p. 383.

em São Paulo, ou seja, o embate entre as posições tradicionais e a estética modernista que começava a ser divulgada na cidade (FICHER, 2005, p. 117).

O autor diz que os projetos enviados para o concurso possuíam excelentes desenhos e apresentações de muita qualidade. Prossegue afirmando que era ainda mais interessante a variedade de estilos, que acabavam mostrando as preferências de cada um, “delatando a firmeza de convicções tradicionalistas, espelhando a timidez do moderado modernista ou escandalizando os conservadores com o arrojo das concepções ultra-modernas”¹⁶⁴.

A partir disso, o arquiteto divide os projetos recebidos para o concurso em três grupos: passadistas, futuristas e moderados. Os primeiros sendo aqueles que seguiam as formas tradicionais gregas e romanas e da renascença, “applicando ornatos e simulando estruturas de typo antigo, muitas vezes em desacôrdo com a estrutura real do edificio”¹⁶⁵, isto é, se aproximavam do estilo eclético. Os futuristas são os arrojados que

com a coragem que lhes dá a segurança da falta de estalão para aferir o valôr de suas creações, [...] adoptam formas ineditas de absoluta independencia, nada aceitando do passado, e só se detendo, em seus devaneios, ante a impossibilidade material de construir fora das leis do equilibrio.¹⁶⁶

Assim, Bruno Simões Magro nomeava futuristas, - termo que muitas vezes era empregado de forma pejorativa - a arquitetura que se aproximava do Estilo Internacional da arquitetura moderna.

Já os do terceiro grupo, aquele que Bruno Simões Magro inseriu os classificados como moderados, eram aqueles de quem “ainda não se emancipou do respeito devido a seus maiores, tentam uma renovação, procurando novas formas de

¹⁶⁴ “As tendencias da architectura contemporânea”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XI, nº 50, julho de 1929, p. 6.

¹⁶⁵ “As tendencias da architectura contemporânea”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XI, nº 50, julho de 1929, p. 7.

¹⁶⁶ “As tendencias da architectura contemporânea”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XI, nº 50, julho de 1929, p. 7.

expressão, dentro, porém, dos princípios da architectura anterior”¹⁶⁷. Este, provavelmente, poderia se aproximar de projetos de composição clássica despojados de grande parte dos ornatos ou aqueles de estilo Art Deco, que ousava com algumas formas, mas de maneira menos impactante.

A partir dessa apresentação do problema, passa a comentar criticamente as ideias e princípios do movimento moderno, passando por suas formas, inspirações, países em que se destacou, e, como se esperava, pela figura de Le Corbusier. Chega, em seguida, ao contexto paulistano:

Com essa moderna orientação foi construída pelo architecto G. Warchavchik a casa de residencia da rua Santa Cruz nº 11, em Villa Marianna, nesta Capital, achando-se em vias de acabamento mais dois prédios ou ‘machinas de habitar’ em outros pontos da cidade. Não é, porem, sem protestos que taes arrojadas inovações tem sido levadas a termo em S. Paulo.¹⁶⁸

Continua comentando que o arquiteto Dacio de Moraes – paulista de Tietê, formado em Stuttgart, na Alemanha - escreveu uma série de artigos em “defesa dos princípios de composição architectonica ameaçados pela campanha demolidora do ‘espírito moderno’”¹⁶⁹.

A defesa do texto está no que o autor chama de moderado: “É fora de duvida que a opinião publica se inclina de preferencia para o lado dos modernos sem exageros antes que para as passadistas renascenças rebuscadas”¹⁷⁰. Ao fim do artigo, diz que o edital do concurso havia deixado livre a escolha por uma das três correntes (passadista, futurista ou moderada) e que foi vencedora a primeira¹⁷¹.

¹⁶⁷ “As tendencias da architectura contemporânea”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XI, nº 50, julho de 1929, p. 7.

¹⁶⁸ “As tendencias da architectura contemporânea”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XI, nº 50, julho de 1929, p. 8.

¹⁶⁹ “As tendencias da architectura contemporânea”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XI, nº 50, julho de 1929, p. 8.

¹⁷⁰ “As tendencias da architectura contemporânea”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XI, nº 50, julho de 1929, p. 8.

¹⁷¹ “As tendencias da architectura contemporânea”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XI, nº 50, julho de 1929, p. 9.

Figura 17 -Anteprojeto que recebeu o primeiro lugar no concurso para o Palácio do Congresso Legislativo do Estado de São Paulo. Fonte: “Ante-projectos para a construção do PALACIO DO CONGRESSO DO ESTADO DE S. PAULO”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. X, nº 49, junho de 1929, p. 202.

O texto ainda mantém o debate em aberto relatando que entre o júri houve um questionamento por parte de um dos componentes “indagando um dos seus mais distintos e competentes membros si não seria preferível enveredar pela nova senda do que copiar o antigo”¹⁷². Finaliza dizendo que havia indecisão entre os profissionais e que cabia também ao público opinar.

Todo o texto é muito rico para avaliarmos os rumos da arquitetura na época. Ainda que discuta as três correntes, fica muito claro no texto a preferência pelo que o autor chama de moderado, alguma tolerância ao passadismo e nenhuma simpatia pelo que denomina de futurista. Entende que a decisão final do concurso deveria ser, portanto, entre a moderada, que alguns profissionais defendiam, e a clássica passadista, ainda praticada por muitos outros e com projetos bem avaliados no concurso. A discussão sobre o movimento moderno aparece no texto somente para justificar a necessidade da moderação, classificando os “futuristas” como exagerados, arrojados, sem discernimento.

Interessante é observar a pluralidade de termos e tentativas de sistematização da arquitetura produzida e compreender que, à época, as ideias modernistas fluíam entre as categorizações.

Em meio a este texto, o autor ainda cita Christiano das Neves (Casa Branca-SP, 1889 - São Paulo-SP, 1982) como um dos arquitetos que tinham concebido um edifício no estilo da renascença francesa que agradava ao público¹⁷³. Christiano das Neves era formado na Pensilvânia, Estados Unidos e filho do também arquiteto, Samuel das Neves (São Félix-BA, 1863 - São Paulo-SP, 1937). Trabalhou com seu pai e foi o responsável pela implantação do curso de Arquitetura na Universidade Presbiteriana Mackenzie, nos moldes das escolas de Belas-Artes. Junto com seu pai, é autor do projeto da Estação de Ferro Sorocabana (1927) - atual Estação Júlio Prestes e Sala São Paulo que, inserida ecletismo arquitetônico, adota o que foi identificado como “estilo Luís XVI”.

¹⁷² “As tendencias da architectura contemporânea”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XI, nº 50, julho de 1929, p. 9.

¹⁷³ “As tendencias da architectura contemporânea”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XI, nº 50, julho de 1929, p. 8.

Figura 18 - Estação Sorocabana, atual Estação Júlio Prestes - Sala São Paulo.
Fonte: Arquivo Arq.

Esse mesmo arquiteto e a mesma obra são duramente criticados pela *Antropofagia* no mesmo ano, com uma diferença de dois meses de publicação em um texto com o título *antiguidades*:

O sr. Cristiano das Neves, incorrigível 'amigo do Belo', continua furo de raiva com a arquitetura moderna. O nosso mestre Afonso Domingues é, porém, reconhecemos, coerente consigo mesmo. Ainda outro dia o vimos passeando pelo Triângulo numa elegante cadeirinha de arruar, com a cabeleira empoadada, fivela no joelho e punhos e bacalhão de legítimas rendas belgas do Ceará [...]

Excusam-se, pois, os seus furibundos ataques á arquitetura moderna. Podia sêr pior: o sr. Cristiano das Neves podia ainda estar atacando a machina a vapor ou pedindo fogueira para Galileu.¹⁷⁴

O arquiteto já havia sido atacado no número anterior da *Revista de Antropofagia* em um curto texto que se destacava na publicação, estampado em grandes letras: "A Revista de Antropofagia considera o sr. Christiano das Neves um dos maiores

¹⁷⁴ "antiguidades", *Revista de Antropofagia*, Ano 2, nº 9, 15 de maio de 1929, p. 10.

criminosos de São Paulo. Um só facto basta para condená-lo sumariamente: Ter feito a Estação Sorocabana em estilo Luiz 16! [...]”¹⁷⁵.

Figura 19 - Primeira página do 8º número do segundo volume da *Revista de Antropofagia*, criticando o arquiteto Cristiano das Neves. Fonte: PUNTONI & TITAN JR. (2014).

O arquiteto Gregori Warchatvchik (Odessa, 1896 - São Paulo-SP, 1972) também é comentado no texto de Bruno Simões Magro no *Boletim*. Warchatvchik, formado na Itália, destacou-se na arquitetura brasileira pelas propostas de tendência modernista.

Magro o associa à então inovadora Casa da Rua Santa Cruz. Três anos antes de ser citado como arquiteto de “arrojadas inovações”, Warchatvchik tem um texto publicado na *Terra Roxa* em que argumenta e discute arquitetura moderna.

¹⁷⁵ Sem título, *Revista de Antropofagia*, Ano 2, nº 8, 8 de maio de 1929, p. 12.

Figura 20 - Casa da Rua Santa Cruz, de Gregori Warchatvchi. Fonte: Archdaily

No início do texto de sua autoria, a revista apresenta o conteúdo do artigo de Warchatvchik da seguinte maneira:

É tão profunda a confusão que reina entre nossos arquitetos, em matéria de renovação estética, que julgamos altamente oportuno ouvir sobre o assunto a palavra de um entendido, o Dr. GREGÓRIO VARCHAVTCHIK, durante a sua permanência em São Paulo. Conhecedor perfeito das tendências artísticas modernas, dispondo de extensa erudição, formado em Roma, portanto familiarizado da melhor forma com os clássicos, o distinto engenheiro russo está em condições particularmente favoráveis para nos esclarecer questão tão importante.

[...] Chamamos a atenção de todos que se interessam pela beleza de nossas habitações e comodidade das nossas cidades, para esta entrevista na qual o Dr. Varchavtchik manifesta sua opinião acerca da construção mais apropriada ao Brasil¹⁷⁶.

¹⁷⁶ “Arquitetura Brasileira”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº7, 17 de setembro de 1926, p. 2.

Ao apresentar Warchavtchik, faz-se uma reiteração sobre seus conhecimentos sobre o clássico. Parece esse argumento uma forma de recordar ao leitor o fato de que, embora Warchavtchik defendesse a arquitetura moderna, ele tinha conhecimento do clássico, dando maior credibilidade àquilo que defendia.

No texto, Warchavtchik igualmente procura estabelecer uma relação entre o antigo e novo, não negando o primeiro, mas entendendo as necessidades da arquitetura de então “Deve o moderno arquiteto estudar os antigos não com o fito de imitá-los mas com o de desenvolver sua capacidade estética no sentido do equilíbrio e das medidas”¹⁷⁷. Em seguida, indica aquilo que entende que deveria ser levado em consideração pelos arquitetos ao iniciar uma obra:

Ao iniciar os estudos de uma construção, vê-se o arquiteto diante de três problemas: 1.o) atender praticamente aos fins da obra; 2.o) adaptá-la ao clima e costumes do lugar; 3.o) observar no ponto de vista estético as possibilidades concedidas pelo material de que dispuser no momento e harmonizá-la da melhor forma possível com as características da época. Seguindo com acerto este postulado o arquiteto fará certamente trabalho útil e duradouro porque toda obra executada com bom senso tem probabilidades de se furtar às variações da opinião¹⁷⁸.

Com isso, Warchavtchik postula, de certa maneira, as propostas da arquitetura moderna associadas à forma e função, além da busca pelo equilíbrio da forma atemporal.

As revistas literárias, desta forma, possuíam uma tendência maior a discutir o novo e a buscar compreender o que seria o *moderno*, em suas diversas manifestações. Em contrapartida, as revistas técnicas mantinham uma postura mais cautelosa, compreensível pela ênfase de seus compromissos com os aspectos econômicos e materiais da construção. As diversas nomenclaturas estão presentes nos dois grupos evidenciando a amplitude do tema e as diferentes visões que dele se tinha, os quais serão organizados e definidos mais adiante pela historiografia.

¹⁷⁷ “Arquitetura Brasileira”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº7, 17 de setembro de 1926, p. 2.

¹⁷⁸ “Arquitetura Brasileira”, *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº7, 17 de setembro de 1926, p. 2.

Mesmo sem um consenso sobre quais eram exatamente as tendências modernas, ambos os grupos partiam do pressuposto da necessidade de modernizar a cidade – arquitetônica, urbanista e culturalmente. Esse discurso de modernização também contribuía para o projeto de consagração da cidade de São Paulo como inovadora e à frente das demais cidades brasileiras, ainda que, na prática e em teoria, esta construção encontrasse muitas dúvidas e dificuldades, as quais, contudo, só confirmam a força desse projeto em influentes meios artísticos, literários e técnicos paulistanos.

4

CIDADE

EMERGENTE

4.1. “Crises” de crescimento

O tom de celebração das publicações, sejam elas referentes ao enaltecimento do passado da cidade ou do contexto de transformação da época, divide espaço nas revistas com a preocupação com o rumo das mudanças. Essa proporção não é, entretanto, equilibrada e tampouco segue um caminho linear definido. O discurso de preocupação com o crescimento urbano às vezes aparece de maneira mais crítica, pontual e direta e, em outros momentos, de forma mais branda em meio aos próprios textos de enaltecimento.

Na *Revista de Engenharia*, as contradições apontadas na cidade estão pulverizadas em algumas passagens em meio ao discurso de celebração do progresso. Exemplo disso é o preâmbulo de um artigo que trata da crise de mão de obra na capital, datado de 1912, no qual se afirma que “uma das consequências imediatas dessa expansão [econômica do estado de São Paulo] revela-se no aumento espantoso da Capital [...] Mas a rapidez desse progresso traz consigo certos inconvenientes”¹⁷⁹. Todo o início do texto discorre sobre o progresso do estado e da cidade de São Paulo para só então, depois de acentuadas suas conquistas, fazer a referência ao problema que, de acordo com o texto, referia-se a uma suposta falta de mão de obra no setor da construção civil.

Um texto sobre as habitações na cidade presente no mesmo periódico, em sua décima publicação, segue o mesmo padrão do citado. O artigo, também publicado em 1912, afirma enfaticamente o progresso da cidade e em seguida aponta problemas que associa a ele:

A súbita entrada em uma situação mais folgada e quase prospera multiplicou, porém, em taes proporções a procura geral do bem estar, que estamos vendo uma multitude de novas crises menores ir nascendo da velha e temerosa crise, que parece assoberbada: crise de braços, crises de matéria prima, crises de salario e por fim crise de

¹⁷⁹ “A crise da mão de obra”, *Revista de Engenharia*, vol. 1, nº 8, 10 de janeiro de 1912, p. 217.

habitações – tantas crises enfim, que enumeral-as, estudal-as, ensaial-as, é actualmente um verdadeira scie¹⁸⁰.

Nota-se a insistência na menção aos problemas em termos de “crises”, algo que sugere desequilíbrios passageiros, decorrentes da “súbita” prosperidade.

Nesse mesmo sentido, o noticiário da Revista de Engenharia, em edição de 1913, coloca que “O problema do lixo, que, nesta capital tem preocupado a atenção dos poderes publicos, tambem muito preocupou a atenção das autoridades de adeantado Estado de S. Paulo”¹⁸¹.

Nestes trechos citados, assim como outros presentes na mesma época, o problema urbano é visto, em parte, associado ao passado, algo a ser superado. As transformações da cidade, sinônimos do “progresso”, trariam a solução a estes inconvenientes que eram vistos como inerentes ao crescimento.

Na Revista Polytechnica, alguns textos adotam uma abordagem técnica específica a temas urbanísticos no tratamento dos problemas da cidade. O tema do abastecimento de água é tratado em longo texto de 1905, cuja introdução revela o assunto como objeto de preocupação:

Como sabeis, o problema do abastecimento de agua desta Capital ainda não pode ser considerado como definitivamente resolvido, taes são as necessidades de suprimento a uma cidade como São Paulo, que dia a dia cresce em população e em area, e onde o desenvolvimento das industrias tende a aumentar consideravelmente o consumo de agua¹⁸².

O tema do abastecimento de água volta a aparecer na mesma revista, números mais tarde, mantendo o tom técnico e alertando para a gravidade da questão. O texto de 1913 anuncia que o tema já havia sido tratado pela revista: “Este importante problema vem de há muito nos preocupando”¹⁸³ e segue apresentando propostas complexas que envolviam estudos de engenheiros, químicos e outros pesquisadores para a resolução do problema.

¹⁸⁰ “As habitações em São Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 10, 10 de março de 1912, p. 277.

¹⁸¹ “Noticiario tecnico e dos mercados”, *Revista de Engenharia*, vol. II, nº 11, 01 de maio de 1913, p. 273.

¹⁸² “Abastecimento de agua da Capital”, *Revista Polytechnica*, vol. I, nº 7, agosto-setembro de 1905, p. 28.

¹⁸³ “O problema do abastecimento de aguas de São Paulo resolvido pela utilização do rio Tieté”, *Revista Polytechnica*, vol. VIII, nº 45, agosto-setembro de 1913, p. 69.

Em outros textos da mesma revista, esse tom dá espaço para a convivência entre a consciência do problema e o elogio ao desenvolvimento urbano. Nesse sentido, aparece o texto de 1928, de autoria de um dos engenheiros da Politécnica - José Amadei -, que trata do calçamento urbano da cidade. O texto é crítico e tem um vocabulário técnico, procurando fazer um levantamento dos calçamentos da cidade e trazer novas propostas. A sua apresentação traz o típico jogo discursivo utilizado nesta e nas outras revistas:

São Paulo, a segunda cidade do Brasil e terceira da America do Sul, em população, e a primeira, talvez, em valor industrial e comercial, está muito longe ainda de ocupar a mesma posição no que se refere a pavimentação das vias publicas¹⁸⁴.

Alguns meses antes, mas em outro periódico, no Boletim do Instituto de Engenharia, este mesmo autor havia publicado um texto semelhante. Nele, já aparecia o discurso de uma suposta incompatibilidade entre a imagem que se fazia da cidade e o que nela se apresentava dizendo que os calçamentos “muito gastos, em condições precárias, de conservação difícil e dispendiosa” davam à cidade “um aspecto desagradável, deprimente para os nossos brios de povo civilizado e progressista”¹⁸⁵.

Nas revistas literárias os problemas urbanos retratados são mais ligados às questões sociais e às formas de viver em uma cidade em crescimento como São Paulo. É o que acontece em *Antropofagia*, nos capítulos da novela *Os três sargentos*, de Yan de Almeida Prado (Rio Claro-SP, 1898 - São Paulo-SP, 1991), publicados no periódico, de seu número dois ao dez. Yan de Almeida Prado, também pertencente a uma tradicional família paulista, participou da Semana de 22, contribuía com ilustrações para revistas como *Antropofagia* e *Klaxon* e dedicava-se aos estudos históricos e à coleção de livros e obras de arte. A novela, que teve trechos publicados na *Antropofagia*, não teve muita repercussão. Nos capítulos citados de sua autoria presentes na revista, aparecem críticas às precariedades da cidade com passagens que remetiam às dificuldades enfrentadas

¹⁸⁴ “São Paulo e seu calçamento”, *Revista Polytechnica*, vol. XV, nº 87-88, agosto-outubro de 1928, p. 297.

¹⁸⁵ “O calçamento do centro da cidade de S. Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. IX, nº 37, junho 1928, p. 42.

pelos migrantes com destino incerto na cidade paulistana e pelas diferentes classes sociais:

Muitas das mulheres tinham vindo a pé do Nordeste, no meio de trabalhadores que se destinavam às derrubadas de matas em S. Paulo e no Paraná. No principio tinham andado certo numero de leguas e descansado, para que os pés inchassem e desinchassem, a seguir rumavam para o sul em jornadas de dez leguas diarias tal como faziam os homens do rancho. Era diversa a situação das que vinham em caravanas [...]

As caravanas, que eram enxotadas pelo perigo da morte, só tinham uma norma: o direito do mais forte. [...] O trajeto do extremo norte até S. Paulo representa um rosario infinito de dôres, de sacrificios, de iniquidades, abusos e martirio.¹⁸⁶

A crítica social, agora voltada ao ambiente das áreas habitadas pelos pobres na cidade, aparece em *As visões de Criton*, de Menotti del Picchia, presente no primeiro número da *Klaxon*. O texto traz uma descrição do Brás que enfatiza uma urbanidade moderna, marcada pela multidão, agitação, barulho, violência e miséria:

milhares de homens atrefegados e hediondos mexiam-se como formigas. A vida, anonyma e borborinhante, rodava, ululando de ambição e miséria como uma hiena faminta. Um cocheiro vomitava insultos porque a carroça atravancava a rua. Numa taverna, bêbedos ganiam como cães. Mães embrulhadas em trapos esbordoavam esqueletos disfarçados em creanças. Estas as insultavam, atirando-lhes pedras. E um pobre estendeu-nos a mão que parecia a estrela dissecada de um polypo:

- Esmola...¹⁸⁷

Menotti descreve as mazelas urbanas de um bairro operário: a miséria, o tumulto, a diversidade, o anonimato diante da multidão e o trânsito. O tom é crítico e denunciativo. O viés literário da descrição de Menotti é tema de uma crítica ao livro de Mario de Andrade, que considera que o autor:

pouco se importa em 'O Homem e a Morte' com a realidade existente, ou, por outra, conhecida. Sobrepõe a ela a sua realidade interior delirante e maravilhosa. Sua São Paulo é um fulgor. Seus ambientes fantásticos e atraentes. Mas impossível discutir a veracidade deles. O artista criou e nos apresentou sua S. Paulo, seus ambientes, impondo-

¹⁸⁶ "Os três sargentos", *Revista de Antropofagia*, Ano I, nº 3, julho de 1928, p. 7.

¹⁸⁷ "As visões de Criton (D'O Homem e a Morte)", *Klaxon*, nº 1, 15 de maio de 1922, p. 5.

os com a torrente persuasiva do seu lirismo e com o seu formidável poder criador [grifos do autor].¹⁸⁸

O texto literário de denúncia à cidade, como Mario aponta, pode estar tomado pela criação de Menotti, com é próprio do texto literário. Não é necessário assumir que se trata da realidade, mas entender a relação do texto com ela. É inegável, nesse sentido, a tentativa de crítica que o autor faz ao espaço urbano em cheque.

O Poema da Espera do escritor e jornalista Mario Graciotti, foi publicado no número sete da Antropofagia e expressa a crítica à cidade através da vida urbana. O caminhar apressado do amante pela cidade é interrompido por um automóvel que o atropela e, metaforicamente, finaliza a sua desilusão.

Hontem, eu fiquei na esquina. Paradinho. Feito lampeão de bairro pobre. Só prá esperar você. Acho que levei mais de uma hora, e o solzão do meio-dia cantando no meu lombo, que nem cigarra, uma canção que até doia. Mas, eu firme. Não arredava pé. Você tinha entrado e tinha que sahir. A' muque. E saboreando você como se você fosse coisa bôa e gostosa pro meu paladar. o grillo da rua — um húngaro todo azulado — me dava cada grellada que eu até estremecia por dentro. Mas, firme. Eu me lembrava, romanticamente (e o sol queimando no lombo...) daquelle olhar meio-doce que você mandou quando entrou na casa amarella.

Esperei. Eu parecia até a sombra imaginária de um poste que não existia. Quando você rumou prá cidade, eu fui atrás. Mas, voltei depressa. Zuniram nos meus ouvidos as taes: "Você não enxerga, seu convencido!".

Passei, na volta, tão tonto pela esquina, que levei uma trombada de automóvel. Escarrapachei-me no asfalto quente. De bruços. Com poeira na boca. E o grillo — aquelle mesmo húngarão todo azulado — deu tamanha gargalhada que botou ruas e praças nos meus pés. Também, nunca mais!¹⁸⁹

De mais, pouco se tem de denúncia direta dos problemas urbanos nas revistas literárias. Os textos literários são menos diretos e pontuais, estendem suas reflexões a temas mais amplos, abraçando as causas sociais e os dramas pessoais. Se dedicam à compreensão do fenômeno urbano da cidade moderna e o fazem através da expressão artística, utilizando os recursos linguísticos e poéticos que lhe cabem.

¹⁸⁸ “Chronicas”, *Klaxon*, nº 8-9, dezembro de 1922-janeiro de 1923, p. 29.

¹⁸⁹ “Poema da Espera”, *Revista de Antropofagia*, Ano I, nº 7, novembro de 1928, p. 6.

4.2. Urbanismo

A consciência mais amadurecida sobre os problemas urbanos passa a fazer parte do discurso das revistas à medida que o urbanismo vai se consolidando como disciplina e os periódicos passam a discutir a cidade através desta perspectiva.

Nesse contexto, no lugar dos textos que tratavam de problemas pontuais – como de calçamento, abastecimento de água, iluminação e transportes, entre outros – passa a compor as publicações artigos que abordavam da cidade como um todo, nos quais se entendiam que as problemáticas urbanas deveriam ser pensadas em conjunto e tratadas através de grandes ações. Mas este movimento não é linear nem consensual entre todos aqueles que pensavam a cidade por esta perspectiva.

Campos (2002) tratou destas fases no pensamento urbano sobre São Paulo. Mostrou que a discussão sobre os melhoramentos urbanos, por volta de 1910 abriu espaço para um debate urbanístico paulistano (CAMPOS, 2002, p. 188). Mais tarde, buscando a modernização das cidades e do país, passa a fazer parte do debate a recém-instituída disciplina do Urbanismo, que procurava importar as ideias europeias de reconstrução das cidades do pós-guerra para o contexto nacional (CAMPOS, 2002, p. 194).

Inserido no primeiro estágio apontado por Candido Malta Campos, situa-se Victor da Silva Freire pela maneira de encarar os problemas urbanos. Entre suas publicações, a mais interessante a ser aqui revisada está na *Revista Polytechnica* de 1911. Trata-se da conferência - transformada em texto - proferida por ele sobre os *Melhoramentos de S. Paulo*. Na abertura da conferência, o engenheiro deixa claro a sua posição diante dos problemas urbanos, a qual se coloca como destoante dos discursos amplamente adotados sobre a cidade nos textos da época:

Há duas maneiras de manifestar a nossa estima e sympathia pelas coisas e pêssoas.

Consiste a primeira em tecer-lhes elogios, entoar-lhes hynos, por-lhes em evidencia as qualidades, passar em claro as falhas.

É a mais agradável, mais commoda, susceptivel de elegancia na forma; exige pouco esforço intelectual e é, as vezes, até lucrativa. D'ella se

tem usado e abusado entre nós; é apenas de admirar como a vaidade mórbida dos que são escolhidos para alvo ainda se satisfaça com as suas manifestações. E estas só a esses iludem.

A segunda maneira procede de modo diametralmente oposto. Inquire dos defeitos, procura os erros, aponta os senões. Não é seu intuito depreciar, sim melhorar. Não busca rebaixar, mas corrigir. A sua obra não é destruidora; ao contrario, a acção que desenvolve tem em mente construir mais solida, mais duradouramente¹⁹⁰.

No mesmo texto, Victor da Silva Freire continua, já aplicando a sua forma de pensar à cidade: “Não é uma questão ‘actual’ no estricto sentido da palavra, a dos ‘melhoramentos’ de São Paulo. É a ‘phase actual’ de uma questão ‘permanente’, a de acudir às necessidades do crescimento da cidade”¹⁹¹. Ele denuncia, desta maneira, o tratamento dos problemas urbanos como “crises”, e não como questões permanentes a exigir atenção continuada, embora não deixe de mencionar uma “crise de crescimento” da cidade.

Este texto de Freire é importante para entender a maneira que percebe o carácter complexo das cidades. “Antecipação” é, em 1911, a palavra de ordem de Victor Freire em *Melhoramentos de São Paulo*”, resume Maria Stella Bresciani (1999, p. 33). Talvez nesse sentido, Candido Malta Campos entende que Victor Freire pode ser considerado o “pioneiro do pensamento urbanístico paulistano” (2002, p. 188).

A sua crítica ao fato dos melhoramentos não serem apenas uma “questão atual” infere exatamente no termo utilizado por Ulhôa Cintra e Prestes Maia nos artigos de estudo da cidade que levam o nome de “*Uma questão actual: os melhoramentos de São Paulo*” e foram publicados mais de quinze anos depois da fala de Victor da Silva Freire.

Tais artigos de Ulhôa Cintra e Prestes Maia fazem parte do volume VI do *Boletim do Instituto de Engenharia*, publicados entre 1924 e 1925. Nestes textos, os autores procuram apresentar de maneira panorâmica os problemas urbanos, tendo como foco a compreensão das transformações necessárias para que a cidade atingisse o *status* de metrópole.

¹⁹⁰ “Melhoramentos de São Paulo”, *Revista Polytechnica*, vol. VI, nº 33, fevereiro-março de 1911, p. 91.

¹⁹¹ “Melhoramentos de São Paulo”, *Revista Polytechnica*, vol. VI, nº 33, fevereiro-março de 1911, p. 92.

Ulhôa Cintra e Prestes Maia foram urbanistas muito atuantes no período tratado neste trabalho, tanto no debate de ideias, quanto através da concepção de projetos que impactaram na forma e organização da cidade de São Paulo. O engenheiro e urbanista Ulhôa Cintra trabalhou durante três décadas – entre 1913 e 1944 - no serviço público da cidade de São Paulo, participando de dois grandes projetos para a São Paulo: o da canalização do Rio Tietê e o Plano de Avenidas. Estes dois projetos, desenvolveu em parceria com Prestes Maia, engenheiro-arquiteto e civil que também atuou na Prefeitura de São Paulo, no Departamento de Obras Públicas, e foi professor na Escola Politécnica. No fim da década de 1930, Prestes Maia assumiu o cargo de prefeito da cidade de São Paulo. Na sua gestão, Ficher considera que atuou como um “Haussmann paulistano, preocupado em reanimar o mercado imobiliário pelo aumento do índice de adensamento, e em melhorar as condições de tráfego pela abertura de novas avenidas” (2005, p. 157).

Uma pequena introdução ao texto assinada pelos autores explica a pretensão do artigo: “é apenas o programma de estudo que iamos iniciar, quando ha mezes fomos comissionados pela Prefeitura para organizar o plano da cidade e estudar a sua remodelação”¹⁹². Importa notar que, já na introdução, a ideia do urbanismo, ou seja, de pensar as mudanças urbanas a partir de um plano amplo já aparece.

Nos textos, persiste a estratégia de, em meio à descrição e busca de soluções para os problemas urbanos, fazer uma exaltação do progresso e celebração do crescimento urbano, como uma espécie de forma de compensação. O discurso também insiste na ideia da “crise” ou “fase”, sugerindo o caráter passageiro das questões tratadas.

A capital paulista sofre uma verdadeira crise de crescimento. Ha pouco menos de duas decadas seus problemas edilitarios eram simples – quanto podem ser os de uma cidade commum. De então, porém, um novo aspecto esboçou-se, tomou forma, e hoje levanta-se ante os olhos dos responsaveis pelo seu futuro: São Paulo marcha com passo mais rapido que o normal, e de tal modo se vae distanciando das suas congêneres deste e dos outros continentes, que não pode substituir

¹⁹² “Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VI, nº 26-27, outubro de 1924 a março de 1925, p. 56.

duvida que ella está em uma phase decisiva de sua existência: *a da sua passagem para o rol das grandes metrópoles* [grifo do autor].¹⁹³

O texto segue enunciando aquilo que seriam as causas do progresso de São Paulo, em um tom no qual se misturam a exaltação da modernidade, o orgulho paulista e o louvar ao progresso. Nessa introdução, aqui já citada anteriormente¹⁹⁴, os autores localizam entre as causas do crescimento de São Paulo a localização, o clima e o próprio paulista como desbravador e valente que soube dominar o meio e prosperar com a cultura do café. Em seguida, após apresentarem tal contextualização, continuam:

Não volvemos este olhar para o passado senão para concluir e accenturar este facto: que S. Paulo não retrocederá no caminho de um progresso, que a resultante natural de factores que persistem; isto é, do desenvolvimento do meio, provocado pela energia da raça reunida a circumstancias felizes.¹⁹⁵

Ao fim deste primeiro artigo, os autores voltam-se ao centro de seus interesses, citando Pinto Serva:

É de interesse geral do Estado, há uma conveniência collectiva na transformação e embelezamento da nossa capital, de acordo com um plano de conjunto, para que deixe ella de ser uma cidade provinciana e a transforme em um foco de attracção e fixação para o estrangeiro, tendo em vista a previsão do seu futuro desenvolvimento e expansão, como centro comercial, bancário, industrial e ferroviário da mais rica, activa e prospera região do Brasil. Dados todos os factores complexos, em elaboração activa, a cidade de S. Paulo em pouco tempo se transformará em uma capital de um milhão de habitantes.¹⁹⁶

¹⁹³ “Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VI, nº 26/27, outubro de 1924 a março de 1925, p. 56.

¹⁹⁴ Reproduz-se aqui a introdução já citada no capítulo III, nota 124 deste texto: “Em primeiro lugar os factores naturaes: o clima do planalto, sadio e estimulante; a posse de um ante-porto próximo e esplendido; a situação geographica afortunada, passagem forçada de zona extensa e productiva. Em segundo lugar, e mais que tudo, o paulista, que de desbravador passou a sedentário, cultivador valente do solo, do qual fez surgir o oceano maravilhoso de café. Depois, o imigrante activo, elemento precioso de nosso progresso e, por fim, as fabricas que surgiram e se multiplicaram, créando uma era nova – a do industrialismo impulsor de cidades [...]”. In: “Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VI, nº 26-27, outubro de 1924 a março de 1925, p. 56.

¹⁹⁵ “Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VI, nº 26-27, outubro de 1924 a março de 1925, p. 56.

¹⁹⁶ “Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VI, nº 26/27, outubro de 1924 a março de 1925, p. 60.

Outras referências à exaltação do desenvolvimento podem ser encontradas neste artigo e nos seguintes que compõem a série¹⁹⁷ e se mesclam com a enunciação dos problemas urbanos. Somente após o preâmbulo enunciando as características de São Paulo que a faziam se destacar entre as outras cidades, eles citam as questões sobre as quais se propõem centrar atenções: o congestionamento, o aumento das construções e a estética urbana.

Essa relação entre o enfrentamento dos problemas urbanos e a exaltação da cidade é observada por um estrangeiro, em um relato que vale a pena a transcrição. Em 1927, no *Boletim do Instituto de Engenharia*, é apresentado um relatório sobre São Paulo elaborado por James Dalrymple, “perito contratado pela Prefeitura Municipal”¹⁹⁸. No relatório, Dalrymple é bastante incisivo sobre os problemas da cidade, focando-se na questão dos transportes e mostrando as fragilidades que havia encontrado em sua visita à cidade. Um trecho do texto chama a atenção por registrar o otimismo dos paulistas diante do crescimento da cidade e o alerta do consultor às autoridades sobre o desafio de alojamento da população crescente:

Os paulistas parecem persuadidos de que a sua cidade tem brilhante futuro deante de si. Muitos a quem falei sobre o assumpto, estão convencidos de que em prazo comparativamente curto a cidade virá a ter uma população de dois milhões. O problema que as autoridades municipaes têm nesse caso que examinar é o de saber onde grande porção dessa gente irá residir, onde é para desejar que ella resida. Nos suburbios, certamente.¹⁹⁹

Este recorte, relato de um estrangeiro, mostra uma maneira de encarar os problemas urbanos, em que se avalia o presente e pensa no futuro, chamando a atenção para o otimismo exacerbado dos paulistas. Grande parte dos textos analisados trazem de alguma forma esta ideia: a de que, mesmo com os problemas urbanos crescendo cada vez mais, a cidade estava, de certa forma, predestinada a crescer e prosperar.

¹⁹⁷ Os outros textos da série se encontram nos números seguintes da revista: Vol. VI, nºs 28, 29 e 31.

¹⁹⁸ “Relatório sobre São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VIII, nº 34, outubro de 1927, p. 39.

¹⁹⁹ “Relatório sobre São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VIII, nº 34, outubro de 1927, p. 46.

4.3. Cidade e velocidade

No texto do número 29 do *Boletim de Engenharia*, Ulhôa Cintra e Prestes Maia apresentam um plano de ação organizado a partir de três grandes temas: “sistemas geral de viação”, “sistema de parques e jardins” e “edifícios de utilidade publica”²⁰⁰. Logo após apresentarem esta organização seccionada por temas, advertem:

A divisão acima justifica-se somente como methodo de exposição e não que suas parcelas constituam, na realidade, assumptos independentes, ao contrario, eles se entrelaçam por tal maneira que *não é possível antes constitúe erro imperdoável, abordar qualquer deles ou parcela de um deles sem relancear os olhos para as grandes linhas mestras do conjunto* grandioso e complexo da cidade moderna (grifo dos autores)²⁰¹.

O aviso deixa clara a maneira integrada como estavam enxergando as intervenções urbanas, pensadas em termos de Urbanismo, e não mais da forma pontual típica da abordagem dos “melhoramentos”.

Neste mesmo texto, os autores apresentam a proposta do Plano de Avenidas como solução que contempla a questão de “sistemas geral de viação”. Usam como exemplos argumentativos outros planos viários, como os de Moscou e Paris.

²⁰⁰ A organização completa do “Plano geral para São Paulo” apresentada é:

“a) Systema geral de viação – 1) Remodelação da parte existente; 2) Estradas de ferros e estações; 3) Expansão (Varzea do Tietê); 4) Circulação central; 5) Metropolitano;

b) Systema de parques e jardins – 1) Parques e jardins existentes; 2) Parques e jardins novos, em virtude da lei 2611; 3) Parques e jardins a crear pelos poderes públicos

c) Edifício de utilidade publica – 1) Situação e realce dos existentes; 2) Implantação de novos edificios” In: “Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VI, nº 29, julho a outubro de 1925, p. 121.

²⁰¹ “Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VI, nº 29, julho a outubro de 1925, p. 121.

Figura 21 - Esquema teórico proposto no texto de Ulhôa Cintra e Prestes Maia para a cidade de São Paulo. Fonte: "Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo", *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VI, nº 29, julho a outubro de 1925, p. 122.

Ao fim do texto, os autores resumem a proposta apresentada:

O leitor já deve ter notado que em essencia reduzimos, afinal, todo o problema de *remodelação do systema de viação da cidade ao estudo ao de seis grandes avenidas radiaes e ao perímetro de irradiação*. E isso o fizemos muito de industria. Trata-se, no momento, de dar mais um arranco para a frente. Nesse arranco precisamos ir longe e aproveitar o folego, o que não conseguiremos si nos puzermos a explorar todas as veredas lateraes, em vez de seguirmos marcha batida pela estrada geral que a sciencia do urbanismo nos indica (grifo dos autores)²⁰².

²⁰² “Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VI, nº 29, julho a outubro de 1925, p. 132.

A ênfase na circulação e as palavras “arranco” e “fôlego” deixam claro que o tema central do estudo é a velocidade, elemento essencial para compreensão da cidade moderna.

A ascensão das máquinas e a imposição de uma jornada de trabalho guiada por um tempo artificial, frutos da Revolução Industrial, mudaram a maneira de apreensão do tempo. Em conjunto a isso, o advento da locomotiva e da ferrovia inferiram nas possibilidades de locomoção, as quais se tornaram mais dinâmicas. Nesse sentido, o tempo passou a se apresentar de maneira muito distinta e se instaurou uma nova noção de velocidade dentro do espaço urbano.

Telma de Barros Correia (2000) indica duas importantes leituras para compreender estas mudanças em relação à velocidade expressas na cidade moderna. Uma é Edward Thompson (1979), que entende que a “substituição deste sentido de tempo por um outro regulado pelo relógio está relacionada a uma maior sincronização do trabalho, associada à subdivisão da produção” (CORREIA, 2000, p. 23). Outra é Paul Virilio (1984), que segundo a autora, aborda a ênfase na velocidade após a Revolução Industrial, em contraposição à situação anterior:

segundo o autor, a ênfase não era colocada na produção de velocidade, mas, ao contrário, na imposição de freios: na guerra recorria-se a muralhas; normas e obstáculos procuravam se colocar como freios ao crescimento da produção e às inovações tecnológicas. Conforme o autor, a passagem do freio ao acelerador é promovida pela Revolução Industrial ou Revolução dos Transportes, que prefere definir como “Revolução Dromocrática”, assinalando que sua essência está na fabricação de velocidade (CORREIA, 2000, p. 23-24).

A partir da valorização da produtividade gerada pelas indústrias, o tempo passou, portanto, a ser estimado de forma mais intensa gerando, nesse sentido, a apreciação pela velocidade. No contexto do crescimento urbano associado, também, às alterações pós Revolução Industrial, Correia sinaliza que a maneira como se deram as transformações urbanas foram, em parte, guiadas por estas formas de encarar o tempo e valorizar a velocidade. A reorganização dos espaços buscando favorecer a circulação e a tentativa de agilizar os diferentes fluxos foi

uma marca presente nas reformas da cidade se convertendo em uma questão central do urbanismo (CORREIA, 2000, p. 24).

Tratando do urbanismo no contexto do Brasil, a pesquisadora indica que estes foram os pontos de maior preocupação do plano proposto por Prestes Maia e Ulhôa Cintra: “Garantir em algumas vias uma velocidade elevada e ininterrupta e uma rápida vazão do trânsito [...] foi uma questão central na concepção do Plano de Avenidas de Prestes Maia, para São Paulo, nos anos trinta” (CORREIA, 2000, p. 24).

Discursos relativos à valorização da velocidade e organização da circulação podem ser encontrados nos textos de apresentação do Plano de Avenidas presentes no *Boletim de Engenharia*. Tratando do tema da “circulação”, os autores enunciam que estes são os pontos essenciais do projeto desenvolvido:

Devem antes de tudo, as ruas e praças satisfazer às necessidades do movimento da cidade, da maneira a mais perfeita; é essa a sua missão primordial. Deve para isso começar o planejador de uma cidade, ou bairro, por estabelecer as verdadeiras correntes de circulação, tanto presentes como as que o futuro permite prevê²⁰³

Em outros trechos, na sequência do artigo citado, a menção ao tempo e à velocidade surge de maneira mais sutil, mas não deixa de endossar a argumentação para tais intervenções, como no excerto abaixo:

E felizes nos devemos considerar, pois esse único programma, com ser ideal perante a arte de traçar cidades e apoiar-se sobre a de S. Paulo. Acompanham-no, desenhados na miravelmente, impondo-se, portanto, com uma força e prestígio que sómente ignorancia ou pouca fé em nossos destinos poderá entrar, - esse único programma, dizíamos, é econômico, exequível, e relativamente commodo de levar avante²⁰⁴

O recorte acima se encontra no artigo de apresentação do Plano de Avenidas e expressa preocupações latentes com a cidade moderna. A celebração do conhecimento e da técnica com a “força” que move o “destino” para um caminho

²⁰³ “Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VI, nº 29, julho a outubro de 1925, p. 123.

²⁰⁴ “Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VI, nº 29, julho a outubro de 1925, p. 126 (grifo dos autores).

que leve sempre “avante” remetem à velocidade e à necessidade de domínio do tempo no contexto do crescimento urbano de São Paulo.

No artigo anterior à apresentação do Plano de Avenidas, no texto em que os autores procuram apresentar e avaliar a situação urbana da cidade, enfatizam a necessidade de tomada de atitude e de criação de um plano urbano efetivo para a cidade. Nesse contexto, citam um texto publicado no *Estado de São Paulo*²⁰⁵:

Cada anno de antecipação nesses trabalhos, que mais cedo ou mais tarde têm de ser feitos, representa notavel economia para o erario. Portanto, para o caso, a economia tão recomendável aos administradores não está em privar a urbs de taes obras, mas em tratar de sua imediata realisação. E não se diga que os cofres estão exaustos e que o momento é inoportuno, pois a onda de problemas a serem resolvidos *cresce a cada hora que passa*²⁰⁶(grifo nosso).

Neste trecho, também há um apelo à velocidade do tempo que passa e dificulta a plena realização de intervenções propostas.

A valorização da velocidade na cidade, no caso de São Paulo, converteu-se, desde então, em tema constante. A velocidade, a pressa e a economia de tempo são inerentes à identidade da cidade paulistana.

Houve, no entanto, críticas a esta maneira de encarar a cidade e o viver urbano. Na década de 1950, Anhaia Mello criticou a busca incessante pela velocidade:

a velocidade, por exemplo, foi uma conquista inútil. O automóvel promete velocidades superiores a 100 quilômetros por hora, mas nos centros urbanos congestionados rende mais a marcha a pé do que o veículo motorizado. Esse mesmo automóvel matou e feriu mais gente nos Estados Unidos do que as guerras em que se envolveu a União Americana (ANHAIA MELLO, 1950, p. 27).

Esse, como se verá a seguir, foi um dos vários contrastes entre Anhaia Mello e o urbanismo hegemônico em São Paulo, no período em estudo neste trabalho.

²⁰⁵ O artigo apenas indica que o texto foi publicado no referido jornal na data de 03 de dezembro do ano corrente, portanto, 1925.

²⁰⁶ “Um problema actual: os grandes melhoramentos de São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. VI, nº 28, março a junho de 1925, p. 91.

4.4. O rio

Outro tema de discussão que mostra o modo de pensar os problemas urbanos de forma mais ampla é referente às inundações do Rio Tietê.

Historicamente, o Rio Tietê é um elemento bastante presente na memória de São Paulo e fundamental para a fundação e transformação da cidade. Antes mesmo da colonização europeia, o Tamanduateí, afluente do Tietê, era uma importante fonte de alimentos para os índios da região. O fenômeno das cheias era responsável por levar os peixes até as largas várzeas fazendo com que, de volta ao nível normal, pudessem ser coletados pelas tribos locais.

Com a colonização e o assentamento dos europeus sobre a colina, a relação dos moradores da região com os rios se diferenciou, mas não deixou de ser importante. Rodeada pelos cursos d'água, no período das cheias, as inundações garantiam a segurança da colina, transformando-a praticamente em uma península (MELO, 2006, s.p.).

No início da ocupação, a relação da cidade com as cheias não parecer ter sido muito problemática.

As cheias causavam alguns inconvenientes, como bloquear caminhos mais curtos para certas localidades. No entanto, esperadas como as estações do ano, não provocavam grandes tragédias na pequena cidade, já que se evitava ocupar as baixadas e várzeas (FERLA et al, 2008, p. 150).

No entanto, com intensificação da ocupação urbana sobretudo a partir do final do século XIX, a cidade avançava até as margens do rio em alguns trechos. Com a maior impermeabilização do solo, após o período de chuvas, as águas do rio tomavam conta das terras baixas de sua várzea, causando a inundação e gerando transtornos para os habitantes da região.

Por longo tempo, os rios de São Paulo, como o Tietê, foram importantes vias fluviais que possibilitaram o escoamento de produtos entre interior e o planalto

desde os primeiros séculos da colonização. Na época da mineração, também o Tietê foi essencial rota de navegação para o fornecimento de gêneros na região mineira.

Os rios eram, ainda, utilizados para fins de lazer, como banhos nos dias de calor e práticas esportivas, sendo local para provas de remo e natação até meados da década de 1950, quando a intensificação da poluição tornou tais atividades impraticáveis.

Figura 22 - Práticas esportivas no Rio Tietê no início do século XX. Fonte: CORRÊA, 1999.

O problema das cheias ficou mais intenso à medida que se avançou a ocupação das margens dos rios, quando o tema se tornou recorrente nos debates sobre as melhorias urbanas em São Paulo e foram concebidos alguns projetos na tentativa de conter ou atenuar o fenômeno.

Figura 23 - Enchente do Rio Tietê na zona norte da capital paulista entre 1920-1930. Fonte: Acervo Estadão.

Procurando solucionar o problema das enchentes, foram elaborados alguns projetos de canalização do rio. Entre eles, um projeto de autoria do engenheiro Fonseca Rodrigues, professor na Escola Politécnica. Este, foi criticado pela Diretoria de Obras da Prefeitura: “a canalização do Tietê não se pode satisfazer com o ponto de vista de tal esboço [o de Fonseca Rodrigues], o qual se contentou em delinear a solução hydraulica a traços largos”²⁰⁷.

Ao elaborar esta crítica - publicada no início de 1923 do *Boletim do Instituto de Engenharia* - Victor da Silva Freire, sugere que Ulhôa Cintra seria o profissional adequado à elaboração de um projeto de canalização do Tietê e anexa a planta com a proposta por ele concebida.

²⁰⁷ “A canalização do Rio Tietê no territorio da Capital e municípios adjacentes”. *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. IV, nº 19, janeiro de 1923, p. 185.

Figura 24 - Esboço do projeto de Ulhôa Cintra. Fonte: “A canalização do Rio Tietê no território da Capital e municípios adjacentes”. *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. IV, nº 19, janeiro de 1923, p. 185.

No ano seguinte, é criada a Comissão Municipal de Melhoramentos do Rio Tietê com a direção do engenheiro sanitaria Saturnino de Britto e composta por nomes como Ulhôa Cintra (quem chefiava a comissão após o falecimento de Saturnino de Britto), Anhaia Mello e Victor da Silva Freire.

Inicialmente, a Comissão liderada por Saturnino apresenta uma proposta que prevê redução da extensão do leito do rio, aumento da seção de vazão e a formação de dois grandes lagos que disponibilizariam material para o aterro e aliviarão a vazão na foz do Tamanduateí (SANTOS, 2014, p. 15).

Mais tarde, a proposta é adaptada por Ulhôa Cintra dando maior atenção às questões de tráfego, com a formação de avenidas marginais estruturadoras e pontes/viadutos interligando as margens (SANTOS, 2014, p. 15). Essas ideias estavam alinhadas às propostas do Plano de Avenidas.

Mesmo com projetos avançados, as intervenções só passam a ser colocadas em prática a partir de 1938, quando Prestes Maia se torna prefeito da cidade. É possível que a crise financeira de 1929 e a revolução de 1932 tenham contribuído para retardar o início das obras.

A proposta do Plano de Avenidas e a reorganização da intervenção no Tietê com ele alinhada é um importante ponto de inflexão para a formação do imaginário urbano de uma cidade associada ao automóvel e às grandes vias. Embora o plano não tenha sido colocado em prática logo após sua concepção na década de 20, representou uma forma de pensar a cidade com grande apelo entre engenheiros e urbanistas e fortes impactos a sua organização urbana.

Em 1933, um relato do então prefeito e Theodoro A. Ramos publicado no *Boletim*, com o título *Os melhoramentos do Rio Tietê em São Paulo* retoma o assunto da Comissão e trata do levantamento de sondagens feitas na cheia de 1929. Em seguida, indica possíveis alterações no projeto inicial, avalia alguns custos para sua execução e reafirma o compromisso com um projeto de amplo alcance espacial e longo prazo de implantação:

A execução das obras necessárias á solução do problema da regularização do rio Tieté no municipio da Capital deve figurar nos programas de governo de varias e sucessivas administrações de S. Paulo. Espero, oportunamente, dizer alguma cousa, a respeito da possibilidade de obtenção de recursos para a realização de tão vasto plano de melhoramentos²⁰⁸.

Uma visão bastante distinta sobre o mesmo assunto, aparece em artigo publicado por *Terra Roxa* sobre uma inundação do Tietê. O autor não é identificado e assina com as iniciais M. L. Para falar sobre este tema, utiliza de fina ironia:

Não há nada mais bonito do que um flagello da natureza. Terremotos – vulcões – maremotos – incêndios – explosões de grisú – inundações. Mas é preciso que sejam de verdade – sinão fica uma coisa a tôa que não vale a pena a gente vêr.

Ora, domingo passado eu fui assistir á enchente do Tieté. Uma porcaria. Isso não é flagelo nem aqui nem na China. Eu queria vêr uma inundação séria [...]. Para vêr o que vi, não precisava ir á Ponte-Grande num domingo de chuva. Bastava ficar sentado, como um bobo, num banco do Jardim da Luz olhando o lado com cysnes [...].

Uma inundação verdadeiramente interessante [...] exige uma porção de perfeitos infortunios diffíceis de se obter assim sem mais nem menos, de um dia para outro numa cidade de menos de um milhão de almas. Precisa ter um bom numero de casebres debaixo da agua só com o telhado para fóra. Mulheres arrancando os cabellos em cima dos telhados. Engenhos domesticos boiando em ródas: machinas-de-costura, moinhos-de-torrar-café, gramofones, oratórios. A indispensável mezinha de pinho e em cima dela uma garrafa com um pedaço de véla espetada no gargalo. Creancinhas dentro de bacias remando com as mãos e dando gritos lancinantes. Chefes-de-familia blasfemando bastante em cima das arvores com grandes bigódes inteiramente molhados. E todos aquelles systemas pitorescos de salvação: cordas mal emendadas para rebentar com facilidade no momento sensacional; salva-vidas caseiros improvisados á ultima hora com velhos pneumáticos de automóvel [...]. Como é lindo quando começam a aparecer os primeiros barcos feitos em casa com tinhas e taboas-de-engommar! (As pás de tirar assadeiras do forno e as palmatorias de surrar creanças dão optimos remos). Alguns desses navios ás vezes usam vélas; mas este systema de navegação não é muito pratico pois as familias flagelladas ficam sem lenções para fazerem mortalhas. Isto tudo são coisas indispensaveis.

²⁰⁸ “Os melhoramentos do Rio Tietê em São Paulo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XVII, nº 88, março de 1933, p. 189.

Uma pessoa muito entendida em inundações ensinou-me que a época preferida em certos paizes para esse genero de divertimento é a das vespervas do Carnaval ou de finados: organizam-se então festas venezianas de grande effeito.

Muito mal dirigida a inundação do Tieté. Só ouvi uma coisa um pouco interessante. Foi um italiano quem disse. Um amigo encontrou-o, abraçou-o muito e perguntou pela família.

- É sottto l'acqua!

A inundação é um dos mais agradáveis flagellos da natureza. Uma só pessoa conheci, até agora, que considerava perigoso esse espetaculo dignificante. Era um mestre-escola – criatura excessivamente prudente e timorata – que dava aos meninos conselhos Moraes mais ou menos desse genero:

"Não brinqueis com o fogo: lembrai-vos dos incêndios"

"Não cuspaes no chão: lembrai-vos das inundações". ²⁰⁹.

Diante da euforia de grandeza vivida por São Paulo naqueles dias, o autor parece cobrar da cidade enchentes grandiosas. O texto, contudo, não exagera ao remeter à enchente como atração. Tragédias do cotidiano, como cheios e incêndios são espetáculos a romper o ritmo de uma vida urbana tendendo à rotina e repetição. O autor também questiona a pretensão de engenheiros e administradores públicos de controlar o fenômeno natural das enchentes, que acompanhava a história da cidade e seu principal rio e que era parte de sua identidade.

Através das diferentes revistas, é possível perceber a recorrência do tema urbano nas suas páginas. É interessante observar o contraste das abordagens. No vocabulário prático e técnico do texto nas revistas de engenharia a enchente é uma anormalidade a ser corrigida pelo saber especializado. Na abordagem solta e banhada de figura de linguagem da revista literária, a enchente surge como um fenômeno banal, que só mereceria atenção se convertido em grande catástrofe.

²⁰⁹ "H²O (A proposito de inundações)", *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 2, 3 de fevereiro de 1926, p. 1.

4.5. Anhaia Mello e a crítica ao crescimento

Nas primeiras décadas do século XX, o engenheiro Luiz Ignacio Romeiro de Anhaia Mello era um dos mais influentes urbanistas paulistas. Anhaia Mello era filho de engenheiro civil, Luiz de Anhaia Mello, que, no final do XIX, participou da organização da Escola Politécnica e nela lecionou. Seu filho, Anhaia Mello, titulou-se pela Escola Politécnica em 1913 como engenheiro-arquiteto.

Logo após formado, passou a trabalhar com Ramos de Azevedo, o grande nome associado à transformação da cidade de São Paulo no período. Em 1908, Ramos de Azevedo e sócios haviam fundado a Cia. Iniciadora Predial, empresa responsável pela execução de várias residências na cidade e para a qual Anhaia Mello passou a trabalhar e nela permaneceu até a década de 1960 (FICHER, 2005, p. 143-144).

No fim da década de 1910, após prestar concurso concorrendo com grandes nomes da engenharia paulistana da época - como Alexandre de Albuquerque e Bruno Simões Magro - Anhaia Mello assumiu a vaga de professor na Escola Politécnica, onde lecionou por cerca de dez anos, entre 1918 e 1928. Ministrou disciplinas que envolviam estética, composição e geometria descritiva. Segundo Sylvia Ficher (2005, p. 144), foi a partir de 1925, quando houve a necessidade de adaptação curricular das disciplinas no curso de engenheiro-arquiteto para atender questões legais²¹⁰ que Anhaia, passando a lecionar a disciplina relacionada ao urbanismo, se especializa no tema.

Ao lado da atividade docente, Anhaia Mello publicou diversos artigos em torno dos temas que lecionava e com constante interesse nas questões urbanísticas. Nestes textos, exibiu suas referências urbanísticas e seu esforço para aplicar a São Paulo teorias e modelos alternativos de cidade. Ele estava bastante atento aos problemas associados ao crescimento da cidade, que não tratou em termos de

²¹⁰ De acordo com a autora, a partir de 31 de dezembro de 1925, a Lei nº 2128 que previa a reforma do ensino, faz com que se reveja a grade curricular da Escola Politécnica. A partir de então, os conteúdos que eram ministrados em “Hidráulica Urbana e Saneamento das Cidades” e “Arquitetura das Cidades”, passam a integrar as disciplinas de composição. Anhaia é responsável por “Estética. Composição Geral e Urbanismo I e II” (FICHER, 2005, p. 144).

“crises”, mas de tendências fadadas ao agravamento. Em um de seus textos publicados pelo *Boletim do Instituto de Engenharia*, que chamou “Urbanismo” argumenta que

N’uma cidade como São Paulo de desenvolvimento rápido e de população beirando pelo milhão, os problemas do urbanismo se apresentam com a fatalidade dos da esphyngue da lenda: *ou nós os resolvemos ou eles nos devoram* [grifo do autor]²¹¹.

Também no *Boletim do Instituto de Engenharia*, há uma série de artigos, alguns resultados de conferências, que tratam de diversos aspectos de urbanismo. De maneira diferente dos textos que até então discutiam o tema, o primeiro desses artigos pouco cita a cidade de São Paulo. Trata de questões gerais relativas às cidades e expõe teorias e ideias, em grande parte exemplificando suas aplicações em contextos internacionais. Nos textos seguintes, presentes nos números subsequentes da revista, continua essa temática com textos que claramente buscam mostrar ao leitor suas ideias sobre urbanismo, de maneira a conscientizá-lo sobre a necessidade de pensar a cidade a partir dos princípios que compartilha.

No artigo intitulado “O governo das cidades”, o engenheiro-arquiteto se aproxima das questões urbanas a partir de sua apresentação da ideia de cidade moderna e das implicações que encerra:

O que caracteriza a cidade moderna é, em primeiro lugar, a *estabilidade*, a *fixidez*, provenientes da concentração industrial e das imensas imobilizações de capital que essa concentração acarreta, e depois, característico essencial, a *mobilidade interna e a extensão* devidas aos meios modernos de circulação e transporte e á necessidade de contacto entre as diversas células dessas imensas e laboriosas colmeias.

Os problemas, portanto, são novos: o congestionamento, o automóvel, o arranha-ceu, o transito rapido, crearam novas condições sociaes e econômicas [grifo do autor].²¹²

Depois de apresentar exemplos de legislações e práticas adotadas em outras cidades para solução dos problemas urbanos, Anhaia defende que, além da

²¹¹ “Urbanismo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. IX, nº 42, novembro de 1928, p. 236.

²¹² “O governo das cidades”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. X, nº 44, janeiro de 1929, p. 6.

implantação de uma legislação coerente ao contexto moderno, é necessário também e “antes de mais nada, trabalhar pela divulgação dos princípios do urbanismo e das vantagens da urbanização racional e providente”²¹³. Buscando enfatizar a necessidade de prevenção dos problemas urbanos, o artigo ainda apresenta, destacada do restante do texto, a frase “Mais vale prevenir que remediar”²¹⁴, em negrito, e, logo em seguida, a frase se repete em letras maiúsculas, também chamando atenção do leitor.

Figura 25 - Parte do texto de Anhaia Mello, enfatizando a necessidade de prevenção dos problemas urbanos. Fonte: “O governo das cidades”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. X, nº 44, janeiro de 1929, p. 10.

É a máxima do planejamento urbano que está sendo defendida: um novo método de atuação e uma nova atitude diante da metrópole moderna, que mais que

²¹³ “O governo das cidades”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. X, nº 44, janeiro de 1929, p. 10.

²¹⁴ “O governo das cidades”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. X, nº 44, janeiro de 1929, p. 10.

corrigir distorções previsíveis, pretende evitá-las direcionando e controlando suas transformações.

O texto seguinte trata da regulamentação e expropriação e passa pela preocupação estética com a cidade e pelos princípios de zoneamento moderno. Mais uma vez, traz exemplos de cidades americanas e europeias em um discurso que evidentemente procurava ser didático e propagandear métodos de Urbanismo.

Seguindo o padrão de tratar diferentes temáticas do urbanismo moderno, um outro artigo, intitulado “Urbanismo”, versa sobre os espaços de recreação na cidade moderna. Nele, Anhaia insiste em diversos pontos abordados nos textos anteriores até adentrar ao tema central. Trata da questão dos parques e dos espaços livres e analisa a situação da cidade de São Paulo, concluindo que esta tem um “systema de recreio [que] ainda não merece esse nome, porque consta apenas de algumas unidades, sem ligação, sem distribuição conveniente, sem uso adequado e sem organização”²¹⁵. Antes de concluir o artigo, retoma o discurso do urbanismo como previsão:

Precisamos pensar no **grande S. Paulo metropolitano** de amanha, com seus 918 milhões de metros quadrados de area e consequente necessidade de reserva abundante de espaços abertos, para uso das gerações futuras.

É preciso prever, porque Urbanismo, define George Mc Aneny, ‘**é simplesmente o preparo do futuro desenvolvimento urbano**’.²¹⁶

Em publicação datada de 1929 no *Boletim do Instituto de Engenharia*, um artigo intitulado “Urbanismo – o problema financeiro” discorre sobre os desafios econômicos associados à cidade moderna, cujo tamanho vê como proporcional ao custo gerado por cada habitante ao Estado:

as cidades industriaes modernas, como corporações de negocios publicos locais, são verdadeiros paradoxos econômicos.

Quanto maiores, ao contrario das outras organizações industriais e commerciaes, tanto maior tambem o custo unitario ou ‘per capita’ da administração.²¹⁷

²¹⁵ “Urbanismo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, Vol. X, nº 47, abril de 1929, p. 159.

²¹⁶ “Urbanismo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, Vol. X, nº 47, abril de 1929, p. 160.

Após considerações sobre as questões financeiras atreladas à cidade moderna, termina retomando os assuntos tratados nos artigos anteriores. Em um pequeno resumo conclusivo, fala da necessidade de consciência do Urbanismo enquanto uma disciplina e das formas de aplicá-lo através do poder público e da participação da opinião pública.

A participação da população no planejamento urbano é uma constante nos textos de Anhaia. Atuou na política, desde 1920, como vereador em São Paulo, sempre muito focado nas questões urbanas. No final de 1930, tornou-se prefeito da cidade, quando “tentou aplicar as suas ideias urbanísticas, entre as quais a de que São Paulo não deveria se expandir indefinidamente, tese que defendia desde os anos 1920” (FICHER, 2005, p. 147). Efetivou mudanças na administração municipal, organizando a Seção de Urbanismo da Diretoria de Obras e Viação em dois segmentos: um que mantinha o nome de Urbanismo e se encarregava do sistema viário, canalização dos rios e urbanização; e outra, que nomeou Cadastro da Cidade, responsável por atividades como nomenclatura de vias, numeração de imóveis ou fixação de alinhamentos (FICHER, 2005, p. 147). Talvez, essa ação de Anhaia tivesse como interesse separar as novas propostas e pesquisas urbanas das rotinas administrativas, de forma a otimizar as pesquisas e aplicações de seus resultados.

De maneira geral, na sua curta atuação enquanto prefeito - deixou o cargo na metade do ano de 1931 -, evidenciou a tentativa de “evitar o crescimento desorganizado e clandestino da cidade, tendência que já se verificava e que só se intensificaria daquela época em diante” (FICHER, 2005, p. 147).

Seu pensamento sobre a cidade era oposto àquele que guiava projetos urbanos como o Plano de Avenidas, apresentado por Prestes Maia e Ulhôa Cintra. Tanto que, a partir do final da década de 1930, quando Prestes Maia assumiu a prefeitura de São Paulo e passou a implantar suas propostas urbanas com a abertura de avenidas, se intensificou o confronto constante de ideias entre os dois urbanistas.

²¹⁷ “Urbanismo – o problema financeiro”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, Vol. X, nº 46, março de 1929, p. 102.

Anhaia Mello se destaca dos demais engenheiros urbanistas atuantes em São Paulo na forma de tratar os problemas da cidade. Defende a necessidade de se pensar a cidade de uma maneira ampla através da ótica do planejamento, tendo como princípio a prevenção dos problemas e dentro de uma perspectiva regional. Sua particularidade no contexto paulista estava na concepção da necessidade não apenas de organizar, como de controlar o crescimento urbano.

Assim, um ponto central de seu pensamento é a visão negativa do crescimento: “Na contramão da maioria de seus pares achava que era preciso frear o crescimento desmesurado da cidade de São Paulo e planejar a organização do seu espaço regional” (SALGUEIRO & SIMOES JUNIOR, 2016, p. 132). Com isso, como mostram Helliana Angotti Salgueiro e José Geraldo Simões Júnior, Anhaia deslocou o foco de tratamento das questões urbanas em São Paulo. Buscando alternativas para o funcionamento da cidade moderna, articula ideias de um

urbanismo humanizado, da cidade orgânica marcada pelo espírito comunitário defendido pelos sociólogos de Chicago como Robert Park, da metrópole com o crescimento e a demografia controlados (de um Lewis Mumford), do território regional organizado em cidades-jardim, satélites, cidades celulares, polinucleares (na linha de Gaston Bardet), ou da descentralização urbana e a apologia do ruralismo (que remonta a Jules Méline) (SALGUEIRO & SIMOES JUNIOR, 2016, p. 139).

Dentre as colocações sobre a cidade moderna feitas por Anhaia, podemos perceber outra importante contribuição ao debate local: a valorização da difusão do conhecimento em Urbanismo entre os moradores e da participação destes nas decisões sobre o tema. Suas propostas baseadas num urbanismo humanizado previam a consideração da opinião pública para o planejamento urbano e uma organização mais harmônica de forma a evitar as grandes intervenções sistemáticas.

Ele traz em seus textos uma clara recusa do modelo de crescimento desenfreado – celebrado com euforia por tantos outros - da cidade. Mostra a necessidade de uma contenção desse crescimento através de princípios e mecanismo, que propõem alternativas e trariam um futuro urbano menos turbulento. Essa visão não negava

os problemas que então ocorriam na cidade. Pelo contrário, os enfatizava e procurava soluções para os mesmos. Insistia, contudo, em um modelo alternativo de cidade. Diferenciava-se, assim, do discurso de celebração do progresso e da concepção dos problemas urbanos em termos de “crises” localizadas.

Comum a Anhaia e aos outros textos aqui tratados é - à medida em que se intensificam os conflitos e contradições associados à expansão urbana de São Paulo - uma renovada confiança no urbanismo moderno para resolução dos problemas da cidade nas suas diversas esferas. Essa tendência é interpretada por Candido Malta Campos como o dilema da modernização periférica que “nos condenaria a sempre perseguir o moderno e nunca atingir a modernidade” (CAMPOS, 2002, p. 27). A importação dos modelos do urbanismo modernos europeus colide com as diferenças estruturais e sociais entre aqueles países e o Brasil. A modernização passa, portanto, a ser um ideal a ser perseguido que separa um “passado problemático de um futuro brilhante”. Nas palavras de Candido Malta Campos:

Reduzindo a modernidade a um modelo ideal, a ótica modernizante tenta eliminar os conflitos inerentes ao capitalismo moderno, mas essa atitude resulta numa armadilha: a gama de contradições continua presente [...] Ao mesmo tempo, ao tentar reduzir a essência contraditória do moderno à distância entre um presente problemático e um futuro brilhante, a modernização esbarra no caráter irredutível dessa contradição, fazendo com que, em último estância, o intervalo não possa ser transposto. São armadilhas particularmente visíveis no caso brasileiro (CAMPOS, 2002, p. 27).

A luta entre a busca de um “futuro brilhante” para a resolução de um “passado [e de um presente] problemático” passa a também fazer parte da imagem da cidade de São Paulo. O imaginário sobre a cidade incorpora a contradição em sua identidade, criando a ideia de cidade problemática e conturbada, mas dinâmica e atual.

C o n c l u s ã o e s

Este trabalho procurou identificar aspectos do imaginário urbano da cidade de São Paulo, consolidado no século XX, em periódicos do início desse século, período de grandes mudanças espaciais, sociais, econômicas e culturais na cidade.

A partir da leitura destes periódicos e da literatura sobre o tema, foram definidos alguns temas-chave para a análise e compreensão da construção do imaginário urbano da cidade de São Paulo, enquanto se consolidava como a maior metrópole brasileira. São temas que se comunicam entre si e que estão presentes, com diferentes pesos, nos textos analisados.

Uma abordagem investigativa diz respeito a uma convicta projeção positiva atribuída às transformações que estavam ocorrendo no ambiente e no espaço da cidade. No início do século XX, sob influência da ideia de progresso, as mudanças urbanas – crescimento populacional e espacial, obras e serviços públicos, etc. – eram quase sempre encaradas como transformações altamente positivas. A ideia da positividade exacerbada associada à mudança física está muito presente nas revistas técnicas, as quais tratavam de temas mais diretamente relativos à intervenção urbana, como Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo.

Associado à ideia de progresso urbano coexistia o termo melhoramentos, o qual se referia principalmente a ações pontuais na cidade. Mais tarde, com a consolidação do Urbanismo como disciplina, este termo cai em progressivo desuso.

A discussão sobre os melhoramentos urbanos na cidade de São Paulo ocorreu com mais efervescência nas duas primeiras décadas do século XX e especialmente nas revistas técnicas, as quais discutiam as propostas apresentadas para intervir na organização da forma e dos serviços urbanos.

A valorização da intervenção urbana contribuiu para a ideia de que melhorias em uma cidade são alcançadas quase que unicamente por meio de obras, intervenções espaciais que adequem seu espaço a demandas de transporte e higiene, sobretudo.

A construção das representações da cidade foi ancorada em conceitos, imagens e ideias que foram concebidos ou muito divulgados na época.

Entre estas ideias, está o mito do bandeirante, que ganha força no início do século XX, quando a cidade e o Estado assumem certa liderança econômica nacional. A imagem do homem desbravador é utilizada para representar o paulista e explicar São Paulo, contraditoriamente em um momento no qual levas de migrantes assumiam proporções inéditas no quadro de sua população. Mobilizam-se supostas características do bandeirante para descrever a origem do homem paulista que, ao lado das condições climáticas e geográficas, é apontado como responsável pela geração da riqueza da economia cafeeira a qual, por sua vez, teria possibilitado o desenvolvimento da cidade em seus diversos aspectos. Compõe, assim, o que foi chamado de paulistanidade, a qual expressa o orgulho paulista.

Praticamente nada se diz nos textos lidos sobre a presença do negro, quem, historicamente, teve alto e significativo impacto na transformação do território brasileiro e inclusive paulista. O apagamento do negro na representação da identidade do paulista revela de maneira muito clara a intencionalidade deste trabalho construtivo. Isto é, evidencia que a representação do homem paulista não é fortuita, mas elaborada de maneira a acentuar alguns aspectos e apagar outros.

O discurso da paulistanidade se encontrou bastante presente nos dois grupos das revistas analisadas, sendo, portanto, um aspecto de grande importância para a construção de um imaginário urbano de São Paulo. A paulistanidade é mobilizada para justificar a conquista e expansão territorial do país e para postular uma suposta superioridade do povo paulista frente aos outros brasileiros.

O apelo destas concepções explica ter-se recorrido a elas na concepção de uma suposta modernidade latente na cidade de São Paulo, especialmente nas revistas literárias como a *Klaxon*. A ideia de que a cidade de São Paulo tinha uma espécie de sina ao moderno se ajusta também ao discurso de que teria sido o berço do movimento modernista nas artes. Esta ênfase no pioneirismo paulista nas manifestações modernistas foi adotada tanto entre aqueles que participaram efetivamente da Semana de Arte Moderna de 1922 e do movimento em São Paulo, como por muitos dos que, depois, trataram e estudaram o tema.

Essa reivindicação do modernismo aos paulistas parece funcionar como uma maneira de legitimar a ascensão da cidade diante do cenário nacional. Diante da afirmação de São Paulo como um centro urbano e econômico notável, era preciso que a cidade se destacasse também no plano artístico e cultural. A ênfase dada à Semana de 22 como evento máximo de um movimento que foi muito mais amplo evidencia a busca pela completude dos atributos da cidade.

Na tentativa de compreensão da confluência destes temas recorrentes nas revistas para a construção do imaginário urbano da cidade, uma possível leitura seria a de que, enquanto o mito bandeirante procurava exaltar um passado, a projeção de uma modernidade inerente proclamaria a vocação de São Paulo a um futuro promissor. Neste cenário, os melhoramentos urbanos e a valorização da transformação da forma da cidade seriam responsáveis pelo constante enobrecimento do presente. Juntos, portanto, tais discursos abrangeriam uma totalidade temporal de enaltecimento da cidade.

De maneira geral, é possível avaliar que tais revistas caminhavam juntas no sentido de contribuírem para a construção de uma imagem da cidade de São Paulo que acentuava sua excepcionalidade. Embora tais publicações possam não terem tido um grande alcance em termos de número de leitores – principalmente as revistas literárias, e em sua maioria os periódicos serem voltados a um grupo específico – é importante lembrar que quem produzia, divulgava e lia tais textos eram setores da elite local, com influência na mídia, no meio acadêmico, político e administrativo. Assim, mesmo com um público leitor diminuto, tais textos tiveram impacto expressivo na construção do imaginário urbano da cidade.

Enquanto isso, os discursos sobre os problemas urbanos eram balizados por expressões carregadas de eufemismos. Quando identificados, os problemas apontados na cidade foram anunciados, em boa parte, como crises, buscando relegá-los a questões de significado e alcance localizado e passageiro.

Não raro, elogios e críticas convivem lado a lado em um mesmo autor, artigo e periódico. Na maioria das vezes, a transformação espacial rumo à grande metrópole é apontada como inevitável e desejável. Em outros, poucas exceções, se mantém o tom crítico ao crescimento e aos rumos da cidade.

Dentre estes últimos, estão Victor da Silva Freire e Anhaia Mello, que enfatizou sua preocupação com o modelo de crescimento da cidade e defendeu intervenções baseadas em vertentes de planejamento que consideravam a perspectiva regional. Com seus vínculos ao urbanismo das cidades-jardins – de viés romântico e crítico à cidade capitalista – tornou-se uma voz distinta entre tantos adeptos irresolutos da marcha do chamado progresso e de seus efeitos urbanos.

Observa-se que, apesar de suas imensas especificidades de objetivos, temas, formas e linguagem, entre as revistas técnicas de Arquitetura, Engenharias e Urbanismo e as revistas literárias, há temas – como paulistanidade, modernidade, progresso e crise – que fornecem um pano de fundo comum, que foi muito apropriado na construção da imagem da cidade. A ênfase nestes temas varia, mas entre eles formam-se vínculos que contribuem à construção de uma narrativa e representações acerca da cidade.

Em um primeiro momento, houve a predominância de uma atitude – tanto no campo da técnica (Arquitetura, Engenharias e Urbanismo), quanto da Literatura – de exaltação à cidade em função de sua pujança econômica e transformação acelerada. Junto a isso, seu processo de urbanização, crescimento, verticalização e industrialização são associados à trama de um passado bandeirista heroico. Essa visão, aos poucos, vai encontrando uma certa resistência e passando a conviver com outra mais complexa, que enfatiza as problemáticas urbanas a partir de tensões entre diferentes maneiras de enxergar a cidade, celebrando o desenvolvimento e criticando os caminhos da transformação da cidade. As duas visões, com certa frequência, convivem em um mesmo observador e em um mesmo discurso. Assim, em meio a uma imagem de prosperidade, progresso e desenvolvimento da cidade, firma-se uma representação de cidade difícil, que carrega problemas de grande complexidade e difícil equação. Essa tensão passa a gerir a imagem que a cidade de São Paulo carrega consigo, de um ambiente efervescente, enérgico e moderno, e também perigoso, bruto e turbulento.

R e f e r ê n c i a s

AB'SABER, Aziz. O sítio embrionário de São Paulo. In: CAMPOS, C. M.; GAMA, Lucia H. e SACCHETTA, V. (orgs). **São Paulo Metrópole em trânsito**: Percursos urbanos e culturais. São Paulo: Editora Senac, 2004.

ABUD, Kátia Maria. **O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições**: a construção de um símbolo paulista: o bandeirante. Tese de doutorado. São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1985.

ABUD, Kátia Maria. A ideia de São Paulo como formador do Brasil. In: FERREIRA, Antonio, DE LUCA, Tânia e IOKOI, Zilda. **Encontros com a História**: percursos históricos e historiográficos de São Paulo. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

ACERVO ESTADÃO. **Rio Tietê**. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/lugares,rio-tiete,8360,o.htm>>. Acesso em 13 ago 2019.

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. **Berry Parker**: um arquiteto inglês na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1998.

ANDRADE, Gênese. Klaxon uma revista gritante. In: PUNTONI, Pedro & TITAN JR. Samuel (org). **Klaxon**: mensário de Arte Moderna – edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita & José Mindlin, 2014.

ANDRADE, Mario. **Aspectos da Literatura Brasileira**. São Paulo: Itatiaia, 2002.

ANDRADE, Oswald. O modernismo. **Anhembi**. São Paulo, v. XVII, nº49, p. 26-32, 1954.

ANDRADE, Oswald. **Pau Brasil**. São Paulo: Globo, 2003.

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. Pensamento e leituras de Luiz de Anhaia Mello – das propostas de arte urbana ao planejamento de um urbanismo humanista. **Anais do III ENANPARQ**. São Paulo: Anparq, 2014.

ANHAIA MELLO, Luiz de. O Problema da Habitação. **Digesto Econômico**. São Paulo, N72:25-29,1950. p. 27

ARASAWA, Cláudio Hiro. **A Árvore do Urbanismo de Luiz Anhaia Mello**. Dissertação de mestrado. São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo,1999.

ARCHDAILY. **Clássicos da Arquitetura: Casa Modernista da Rua Santa Cruz / Gregori Warchavchik**. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-17010/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik>>. Acesso em 13 ago 2019.

ARQUIVO ARQ. **Estação Júlio Prestes**. Disponível em <https://www.arquivo.arq.br/estacao-julio-prestes?lightbox=image_10ky>. Acesso em 13 ago 2019.

ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. Metrôpole e cultura: o novo modernismo paulista em meados do século. **Tempo Social**. São Paulo, v. 9, p. 39-52, Out 1997.

ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. **Metrôpole e cultura**: São Paulo no meio século XX. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

AULETE, Caldas. **Diccionario Contemporaneo da Língua Portuguesa**: feito sobre um plano inteiramente novo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. Verbete progresso.

AVANCINI, José Augusto. As imagens da cidade na prosa de Mario de Andrade. In: SOUZA, C. F. & PESAVENTO, S. J. (Orgs.). **Imagens Urbanas**: os diversos olhares do Imaginário Urbano. Porto Alegre: Universidade-UFRGS, 1997.

AZEVEDO, Mirandulina. Registros em revista - melhoramento, ciência urbanística e metrôpole. In: XIV SHCU – Seminário de História da Cidade e do Urbanismo: Cidade, Arquitetura e Urbanismo – Visões e Revisões do Século XX, 13 a 15 de setembro de 2016, São Carlos. São Carlos: **Anais do XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, São Carlos: IAU/USP, 2016, p. 242-252.

AZEVEDO, André Nunes de. As noções de progresso do Império à República: transformações recônditas em uma mesma terminologia. **Outros Tempos**, vol. 13, nº 22, 2016, p. 69-88.

BARBUY, Heloísa. **A cidade-exposição**: comércio e cosmopolitismo em São Paulo 1860-1914. São Paulo: Edusp, 2006.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imesp, 2007.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BERRIEL, Carlos (org). **Mario de Andrade Hoje**. São Paulo: Ensaio, 1990.

BLAJ, Ilana. **A trama das tensões**: o processo de mercantilização de São Paulo colonial (1681-1721). São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2002.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. **22 por 22**: a semana de arte moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: Edusp, 2000.

BOLETIM DO INSTITUTO DE ENGENHARIA. São Paulo: Instituto de Engenharia, 1917-1941.

BORGES, Raquel Czarneski. O Grupo Modernista-Regionalista de Pernambuco: Cícero Dias, Gilberto Freyre e a articulação entre Região, Tradição e Modernidade. In: XXVI Simpósio Nacional de História. **Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH** – Associação Nacional de História. São Paulo: ANPUH-SP, julho de 2011.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRADBURY, Malcon. As cidades do modernismo. In: BRADBURY, Malcon & MCFARLANE, James (Orgs.). **Modernismo: guia geral (1890-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 73-82.

BREFE, Ana Claudia Fonseca. **A cidade inventada: a pauliceia construída nos relatos dos memorialistas (1870-1920)**. Dissertação de mestrado. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 1993.

BRESCIANI, Maria Stela. O literato, o cronista e o urbanista. Imagens de São Paulo nos anos 1910-1920. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy. (Org.). **Escrita, linguagem, objetos: leituras de História Cultural**. Bauru: EDUSC, 2004, p. 115-146.

BRESCIANI, Maria Stela. Imagens de São Paulo: estética e cidadania. In: FERREIRA, Antonio Celso; LUCA, Tânia Regina & IOKOI, Zilda Gricoli (orgs.). **Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

BRITO, Mário da Silva. **História do modernismo brasileiro** – antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

BRUAND Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. Perspectiva, São Paulo, 1981.

CABRAL, Carlos Henrique Romeu. O modernismo fora do eixo Rio/São Paulo - Recife como polo de produção e exportação da arte moderna brasileira. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. **Anais do 26o Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 2481-2496.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. População e sociedade em São Paulo no século XIX. In: PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo, v. 2**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CAMPOS, C. M. & SOMEKh, N (orgs). **A cidade que não pode parar: planos urbanísticos de São Paulo no século XX**. São Paulo: Mackpesquisa, 2002.

CAMPOS, C. M.; GAMA, Lucia H. e SACCHETTA, V. (orgs). **São Paulo Metrópole em trânsito: Percursos urbanos e culturais**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da Cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: SENAC, 2000.

CAMPOS, Candido Malta. Trezentos anos em trinta: a remodelação de São Paulo sob a Primeira República. In: CAMPOS, C. M. & SOMEKh, N (orgs). **A cidade que não pode parar**: planos urbanísticos de São Paulo no século XX. São Paulo: Mackpesquisa, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **O movimento de 1932**: a causa paulista. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARDINALLI, T. Percepções urbanas - as representações de São Paulo nos textos de Claude Lévi-Strauss e Mario de Andrade. In: XIV SHCU – Seminário de História da Cidade e do Urbanismo: Cidade, Arquitetura e Urbanismo – Visões e Revisões do Século XX, 13 a 15 de setembro de 2016, São Carlos. São Carlos: **Anais do XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, São Carlos: IAU/USP, 2016, p. 547-554.

CASTRO, Ana Claudia Veiga de. Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana. **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material. São Paulo, v. 24, n. 3, p. 99-120, dez 2016.

CASTRO, Ana Claudia Veiga. **A São Paulo de Menotti del Picchia**: Arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista. São Paulo, Alameda, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, n.11, p. 173-191, Jan-Apr 1991.

CHAVES, Simone da Cruz. O modernismo avaliado por Mario de Andrade. **Grau Zero**. Alagoinhas: v. 1, n. 1, p. 9-20. Jan-Jun 2013.

COELHO, Frederico. **A Semana sem fim**. São Paulo: Casa da Palavra, 2012.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORRÊA, Dora Shellerd & ALVIM, Z. **A água no olhar da história**. Governo do Estado de São Paulo – Secretaria do Meio Ambiente. São Paulo, 1999.

CORREIA, Telma de Barros. **A Construção do habitat Moderno no Brasil, 1870-1950**. São Carlos, RIMA, 2004.

CORREIA, Telma de Barros. A gestão do tempo e a organização da cidade moderna. **Sinopses**. São Paulo, n. 33, p. 22-32, jun. de 2000.

DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DE LUCA, Tania Regina. **Leituras, Projetos e Revistas do Brasil: 1916-1944**. São Paulo: Editora Unesp digital, 2017.

DEDECCA, Paula Gorenstein. A ideia de uma identidade paulista na historiografia de arquitetura brasileira. **Pós**. São Paulo, v. 19, n. 32, p. 90-101, dez. de 2012.

ELLIS, Jr. A. **O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934, p. 13.

ELLIS, JR. A. **Os primeiros troncos paulistas**. São Paulo/Brasília: Ed. Nacional/IML, 1976.

FACIOLI, Valentim. São Paulo capital Brasil (Mario de Andrade: literatura e modernização). **Revista Cerrados**. Brasília: v. 18, n. 28, p. 411-435, 2009.

FERRARA, Lucrecia. **Os significados urbanos**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.

FERREIRA, Antonio, DE LUCA, Tânia e IOKOI, Zilda. **Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

FICHER, Sylvia. **Os arquitetos da Poli – ensino e profissão em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2005.

FONSECA, Aleilton. **O Arlequim da Pauliceia: Imagens de São Paulo na poesia de Mario de Andrade**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

FR. GASPAR. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente**. Belo Horizonte/São Paulo Itatiaia/ EdUSP, 1975.

GAY, Peter. **Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUNN, Philip & CORREIA, Telma de Barros. Vilas operárias: o mundo fabril penetra na cidade. In: CAMPOS, C. M.; GAMA, Lucia H. e SACCHETTA, V. (orgs). **São Paulo Metrópole em trânsito: Percursos urbanos e culturais**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

INSTITUTO DE ENGENHARIA. **História do Instituto de Engenharia**. Disponível em <<https://www.institutodeengenharia.org.br/site/historia/>>. Acesso em 04 ago 2019.

KLAXON: MENSÁRIO DE ARTE MODERNA – edição fac-similar. In: PUNTONI, Pedro & TITAN JR., Samuel (orgs). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014.

LAFETÁ, João Luís. **1930: A crítica e o modernismo**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LEME, M. Cristina da Silva (organizadora). **Urbanismo no Brasil**. Studio Nobel, São Paulo, 1999.

LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramento, 1979.

LEMOS, Carlos A. C. **Casa paulista**: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café. São Paulo: Edusp, 2015.

LEMOS, Carlos A. C. Cinquenta anos de perplexidade. In: CAMPOS, C. M.; GAMA, Lucia H. e SACCHETTA, V. (orgs). **São Paulo Metrópole em trânsito**: Percursos urbanos e culturais. São Paulo: Editora Senac, 2004.

LEONEL, Maria Célia de Moraes. Mario, Klaxon, Estética e Terra roxa. **Itinerários**: Revista de Literatura. Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários, Araraquara, n. 7, p. 101-112, 1994.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos** (trad. Rosa Freire d'Aguilar). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Solange Ferraz. **As imagens da imagem do SESC**: contextos de uso e funções sociais da fotografia na trajetória institucional. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

LINS, Vera. Em revistas, o simbolismo e a virada de século. In: OLIVEIRA, Claudia de, VELLOSO, Monica Pimena & LINS, Vera. **O moderno em revista**: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

LOFEGO, Silvio Luiz. **IV Centenário da Cidade de São Paulo**: entre o passado e o futuro. São Paulo: Annablume, 2004.

LUIZ FERLA et al. A enchente de 1929 na cidade de São Paulo: memória, história e novas abordagens de pesquisa. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n.8, 2014, p.149-166.

MARINS, Paulo Garcez. O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista. **Anais do Museu Paulista**, História e Cultura Material. São Paulo, v. 6, n. 7, p. 9-36, 2003.

MARINS, Paulo Garcez. Tensões sociais na gestação da metrópole. In: CAMPOS, C. M.; GAMA, Lucia H. e SACCHETTA, V. (orgs). **São Paulo Metrópole em trânsito**: Percursos urbanos e culturais. São Paulo: Editora Senac, 2004.

MARQUES, Ivan. **Modernismo em revista**: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: Imprensa e Práticas em Tempos de República, São Paulo, 1890-1922. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp: 2008.

MARTINS, Rubens de Oliveira. **Um ciclone na Pauliceia**: Oswald de Andrade e os limites da vida intelectual em São Paulo (1900-1950). São Paulo: Unibero, 2001.

MELO, Rosiane Maria de. Estudos e Pesquisas: Inundações da cidade de São Paulo. **Informativo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís**, n. 5, mar-abr 2006. Disponível em <<http://www.arquiamigos.org.br/info/info05/index.html>>. Acessado em 13 ago 2019.

MEYER, Regina Maria Prosperi. **Metrópole e Urbanismo** - São Paulo - Anos 50. Tese de doutorado. São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1991.

MICELI, Sergio. Experiência social e imaginário literário nos livros de estréia dos modernistas em São Paulo. **Tempo Social**. São Paulo, vol. 16, p. 167-2074, Jun. 2004.

MORETTI, Franco. **Atlas do Romance Europeu**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

OLIVEIRA, Claudia de, VELLOSO, Monica Pimena & LINS, Vera. **O moderno em revista**: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. O movimento modernista em Pernambuco: a correspondência entre Joaquim nojosa e José Américo de Almeida (1966-1968). **Imburana** – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. Natal, n. 6, p. 71-84, jul./dez, 2012.

OLIVEIRA, Rosilene Baptista. A História Cultural: concepções, perspectivas e desafios. **Plures Humanidades**. Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 70-82, 2013.

OUTHWAITE, William & BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

PAULA, Eurípedes Simões de. A segunda fundação de São Paulo. **Revista de História**. São Paulo, n. 17, p. 167-179, 1951.

PEDROSA, Mario & ARANTES, Otília. **Acadêmicos e Modernos**: Textos Escolhidos III. São Paulo, Edusp, 2004.

PEIXOTO, Fernanda Arêas & GORELIK, Adrián. **Ciudades sudamericanas como arenas culturales**: artes y medios, barrios de élite y villas miseria, intelectuales y urbanistas: cómo ciudad y cultura se activan mutuamente. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatamy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 16, p. 279-290, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 1999.

PINTO JUNIOR, Rafael Alves. Modernidade antes dos modernistas. O interesse dos periódicos pelo espaço arquitetônico no Brasil. *Arquitextos*, São Paulo, ano 13, n. 153.00, **Vitruvius**, fev. 2013. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.153/4654>>. Acesso em 07 jul 2019.

PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PRADO, Luiz. Livro busca explicar por que a história enterrou René Thiollier, **Jornal da USP**. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/por-que-a-historia-enterrou-rene-thiollier/>>. Acesso em 11 ago 2019.

PRADO, Paulo. **Paulística**: História de S. Paulo. São Paulo: Monteiro Lobato, 1925.

PUNTONI, Pedro & TITAN JR. Samuel (org). **Revistas do Modernismo**: 1922-1929. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita & José Mindlin, 2014.

RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole. In: PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

RAIMUNDO, Silvia Lopes. Bandeirantismo e identidade nacional: Representações geográficas no Museu Paulista. **Terra Brasilis** (Online) - Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, n. 6, p. 1-18, 2004.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Dois séculos de projetos no estado de São Paulo**: grandes obras e urbanização. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2010, 3v.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **São Paulo e outras cidades**. São Paulo: Hucitec, 1994.

REVISTA DE ANTROPOFAGIA. PUNTONI, Pedro & TITAN JR., Samuel (orgs). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014

REVISTA DE ENGENHARIA: publicação mensal de engenharia civil e industrial, arquitetura e agronomia. São Paulo: Ranulpho Pinheiro Lima e H. Souza Pinheiro, 1911-1913.

REVISTA POLYTECHNICA. São Paulo: Grêmio Politécnico, Escola Politécnica, 1904-1950.

SAIA, Luis. Arquitetura paulista. São Paulo: Diário de São Paulo, 1959. In: XAVIER, Alberto (org.) **Depoimento de uma geração**: arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SAIA, Luis. **Morada paulista**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Cidades Capitais do Século XIX**: Racionalidade, Cosmopolitismo e Transferência de Modelos. São Paulo, Edusp, 2001.

SALGUEIRO, Heliana Angotti & SIMÕES JUNIOR José Geraldo. Luiz de Anhaia Mello – em busca de um urbanismo humanizado: ideário e autores de referência. In: XIV SHCU – Seminário de História da Cidade e do Urbanismo: Cidade, Arquitetura e Urbanismo – Visões e Revisões do Século XX, 13 a 15 de setembro de 2016, São Carlos. São Carlos: **Anais do XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, São Carlos: IAU/USP, 2016, p. 131-145.

SANTOS, Paulo Marques dos. O Instituto Astronômico e Geofísico da USP. In: MATSUURA, Oscar T. **História da astronomia no Brasil**. Recife: Cepe, 2014.

SCHPUN, M. R. Luzes e sombras da cidade (São Paulo na obra de Mario de Andrade). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, n. 46, p. 11-36, 2003.

SCHWARZ, Roberto. A carroça, o bonde e o poeta modernista. In: SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 2014.

SEGAWA, Hugo. **Prelúdio da metrópole**: Arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX. São Paulo, Atelier Editorial, 2000.

SEGAWA, Hugo. São Paulo, veios e fluxos: 1872-1954. In: PORTA, Paula (org). **História da cidade de São Paulo**: a cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**: São Paulo nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SIMÕES JÚNIOR. A configuração de três “fachadas” para São Paulo. In: CAMPOS, C. M.; GAMA, Lucia H. e SACCHETTA, V. (orgs). **São Paulo Metrópole em trânsito**: Percursos urbanos e culturais. São Paulo: Editora Senac, 2004.

SOUZA, C. F. & PESAVENTO, S. J. (Orgs.). **Imagens Urbanas**: os diversos olhares do Imaginário Urbano. Porto Alegre: Universidade-UFRGS, 1997.

SOUZA, M. A. A. Metrópole e paisagem: caminhos e descaminhos da urbanização. In: PORTA, Paula (org). **História da cidade de São Paulo**: a cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SÜSSEKIND, Flora. **As Revistas de Ano e a invenção do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

TERRA ROXA E OUTRAS TERRAS. PUNTONI, Pedro & TITAN JR., Samuel (orgs). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014

TOLEDO, Benedito Lima de. A “segunda fundação” da cidade. In: CAMPOS, C. M.; GAMA, Lucia H. e SACCHETTA, V. (orgs). **São Paulo Metrópole em trânsito:** Percursos urbanos e culturais. São Paulo: Editora Senac, 2004.

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo:** três cidades em um século. São Paulo: Cosac Naify, Duas Cidades, 2007.

TOLEDO, Rodrigo Alberto. Contribuições de Anhaia Mello ao urbanismo paulistano: de Ebenezer Howard à Escola de Chicago. **Pós.** São Paulo, v. 20, n. 33, p. 86-102, Jun 2013.

VALLIM JUNIOR, A. R.; BARBOSA, A. M.; SANTOS, C. M.; TONI, F. C.; SEGAWA, H.; TEIXEIRA, M.; QUEIROZ, T. A. P. **Fantasia Brasileira:** o baile do IV Centenário. São Paulo: SESC, 1998.

VELLOSO, Monica. As distintas retóricas do moderno. In: OLIVEIRA, Claudia de, VELLOSO, Monica Pimena & LINS, Vera. **O moderno em revista:** representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

VILLAÇA, Flávio. **O espaço intra-urbano brasileiro.** São Paulo: Studio Nobel / FAPESP / Lincoln Institute, 2001.

VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico e as Perspectivas do Tempo Real.** Rio de Janeiro, Editora 34, 1995. p. 65.

VIRILIO, Paul & LOTRINGER, Sylvere. **Guerra Pura. A militarização do cotidiano.** São Paulo, Brasiliense, 1984. p. 50-51.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

WOLFF, Sílvia. **Jardim América:** o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura. São Paulo: Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

ANEXO

Seleção e análise dos textos nos periódicos

Nas tabelas a seguir encontram-se os textos selecionados e lidos em cada uma das revistas e suas referências dentro dos periódicos, como volume, número e página em que foram publicados, além de seu autor. Aqueles em que não há indicação de autor, referem-se aos textos sem assinatura explícita, representados como textos da redação.

Em cada um dos textos, foram assinalados (à direita) os temas que apareceram segundo as categorias de leitura adotadas na pesquisa.

A legenda das categorias de leitura é a seguinte:

PGS – Progresso

SPL – Paulistanidade

PBL – Crise e problemas urbanos

MOD – Modernidade

EST – Estilos

CIE – Cientificismo

INT – Internacionalização

IMI – Imigração

Klaxon														
Ano	Mês	Vol.	Nº	Seção/Artigo	Autor	Páginas	PGS	SPL	PBL	MOD	EST	CIE	INT	IMI
1922	15-mai	U	1	Klaxon	-----	1-3	X	X		X	X			X
1922	15-mai	U	1	As visões de Criton	Menotti del Picchia	5-6				X		X		
1922	15-mai	U	1	Chronicas: Pianolatria	Mario de Andrade	8			X		X			
1922	15-mai	U	1	Chronicas: Luzes & Refrações (I)	Mario de Andrade	15					X			
1922	15-jun	U	2	Aeroplano	Luis Aranha	7-8				X				
1922	15-jun	U	2	Chronicas: Guimar Novaes	Mario de Andrade	13-14		X	X		X			
1922	15-jun	U	2	Cinema	R. de M.	16					X			
1922	15-jun	U	2	Chronicas: Luzes & Refrações (I)	-----	16			X		X			
1922	15-jun	U	2	Chronicas: Luzes & Refrações (II)	-----	17	X							
1922	15-jun	U	2	Chronicas: Luzes & Refrações (IV)	-----	17					X			
1922	15-jul	U	3	Interior	Ronald de Carvalho	4				X				
1922	15-jul	U	3	Chronicas: Guimar Novaes	Mario de Andrade	7-10			X		X			
1922	15-jul	U	3	Chronicas: Homenzinho que não pensou	Mario de Andrade	10-11			X	X	X			
1922	15-jul	U	3	Chronicas: Penumbrismo	Motta Filho	11-12					X			
1922	15-jul	U	3	Chronicas: Luzes & Refrações (VI)	-----	15			X		X			
1922	15-ago	U	4	São Pedro	Mario de Andrade	7-8				X				
1922	15-ago	U	4	Pauliceia Desvairada	Luis Aranha	11				X				
1922	15-ago	U	4	Chronicas: Musica descritiva	R.	14-15			X		X			
1922	15-ago	U	4	Chronicas: Livros & Revistas - Despertar-Hermes Fontes	M. de A.	15-16					X			

1922	15-ago	U	4	Chronicas: Luzes & Refrações (II)	-----	17			X				
1922	15-ago	U	4	Chronicas: Luzes & Refrações (III)	-----	17			X		X		
1922	15-ago	U	4	Chronicas: Luzes & Refrações (IV)	-----	17					X		
1922	15-set	U	5	Aos homens de experiencia	Rubens de Moraes	9-10	X	X	X		X		
1922	15-set	U	5	Chronicas: Luzes & Refrações (I)	-----	14			X				
1922	15-set	U	5	Chronicas: Luzes & Refrações (IV)	-----	15				X			
1922	15-set	U	5	Chronicas: Luzes & Refrações (V)	-----	15-16			X				
1922	15-set	U	5	Chronicas: Luzes & Refrações (VI)	-----	15-16			X				
1922	15-set	U	5	Chronicas: Luzes & Refrações (VII)	-----	16			X				
1922	15-out	U	6	Crepusculo	Luis Aranha	3-4				X			
1922	15-out	U	6	Carnaval	Pedro Rodrigues de Almeida	10-12				X			
1922	30-nov	U	7	Farauto	Mario de Andrade	1-2				X	X		
1922	30-nov	U	7	Chronicas: Livros & Revistas - Pauliceia Desvairada, por Mario de Andrade	Carlos Alberto de Araújo	12-14			X	X	X		
1922-23	dez-jan	U	8-9	Poema abulico	Mario de Andrade	13-15			X	X			X
1922-23	dez-jan	U	8-9	Projectos	Luis Aranha	18-19				X			
1922-23	dez-jan	U	8-9	Chronicas: O Homem e a Morte, Menotti del Picchia	M. de A.	27-29		X		X	X		
1922-23	dez-jan	U	8-9	Chronicas: Luzes & Refrações (V)	-----	32					X		

Terra Roxa e Outras Terras														
Ano	Mês	Vol.	Nº	Seção/Artigo	Autor	Páginas	PGS	SPL	PBL	MOD	EST	CIE	INT	IMI
1926	20-jan	I	1	Uma carta de Anchieta	Paulo Prado	1	X		X	X				
1926	20-jan	I	1	Apresentação	-----	1			X	X				
1926	20-jan	I	1	A dança de São Gonçalo	Antonio de Alcantara Machado	1			X					
1926	20-jan	I	1	Nós, em São João D'el Rey	René Thiollier	2-3			X	X				
1926	20-jan	I	1	Música Chaminadismo	Pau D'alho (Mario de Andrade)	5		X		X	X			
1926	20-jan	I	1	Teatro - Indesejáveis - (parte II)	Antonio de Alcantara Machado	5					X			
1926	20-jan	I	1	Teatro - Indesejáveis - (parte IV)	Antonio de Alcantara Machado	5					X		X	
1926	20-jan	I	1	Romance - Naturezas Mortas	Sergio Milliet	5-6				X				
1926	20-jan	I	1	Poesia	S. M	6			X					
1926	20-jan	I	1	Progresso	-----	6	X		X	X				
1926	03-fev	I	2	H ² O (A propósito de inundações)	M. L.	1						X		
1926	03-fev	I	2	Carta-Oceano	Oswald de Andrade	1					X			
1926	03-fev	I	2	O bom caminho	Motta-Filho	2					X			
1926	03-fev	I	2	Carta aberta ao Illmo. Sr. Dr. Alcantara Machado	Teobaldo Fagundes	2		X			X		X	
1926	03-fev	I	2	Carta Protesto	Mario de Andrade	4			X					
1926	27-fev	I	3	Colhér Direita	Antonia de Alcantara Machado	4			X					
1926	27-fev	I	3	Pontos nos is	Sergio Milliet	4			X					

1926	27-fev	I	3	Romance - Naturezas Mortas	Sergio Milliet	4				X				
1926	03-mar	I	4	Teatro - Questão de vergonha	Teobaldo Fagundes	3					X			
1926	03-mar	I	4	Romance - Naturezas Mortas	Sergio Milliet	4				X				
1926	27-abr	I	5	Discurso de Paulo Prado	Paulo Prado	1	X		X		X			
1926	27-abr	I	5	resposta de Affonso d'E Taunay	Affonso d'E Taunay	1-2	X		X					
1926	27-abr	I	5	a carta de Anchieta	René Thiollier	3			X					
1926	27-abr	I	5	Anchieta	Teobaldo Fagundes	3	X							
1926	27-abr	I	5	30 sacas de café	Sergio Milliet	3	X				X			
1926	27-abr	I	5	Pintura	Teobaldo Fagundes	3				X				
1926	27-abr	I	5	o modernismo na academia	-----	3			X					
1926	27-abr	I	5	Romance - Naturezas Mortas	Sergio Milliet	4		X						
1926	06-jul	I	6	gostosura de terra	-----	1				X				
1926	17-set	I	7	Teatro - Assim que é	Antonio de Alcantara Machado	2						X		
1926	17-set	I	7	Arquitetura Brasileira	Gregori Warchavtchik*	2-3		X			X			

Revista de Antropofagia														
Ano	Mês	Vol.	Nº	Seção/Artigo	Autor	Páginas	PGS	SPL	PBL	MOD	EST	CIE	INT	IMI
1928	Mai	1	1	Manhã	Mario de Andrade	1				X				
1928	Jun	1	2	Incitação aos canibais	Antonio de Alcantara Machado	1			X		X			
1928	Jun	1	2	Brasileira: oratória	-----	8	X							
1928	Jul	1	3	Carniça	Antonio de Alcantara Machado	1	X							
1928	Jul	1	3	Sangue brasileiro	Ascanio Lopes	6			X					
1928	Jul	1	3	Os três sargentos: Capítulo 1 - O Jardim Público I	Yan de Almeida Prado	7				X		X	X	
1928	Ago	1	4	A entrada dos mamalucos	Antonio de Alcantara Machado	1							X	
1928	Ago	1	4	Cidade de Natal do Rio Grande	Luis da Camara Cascudo	3			X					
1928	Ago	1	4	Os três sargentos: Capítulo 1 - O Jardim Público II	Yan de Almeida Prado	7						X	X	
1928	Set	1	5	Lundú do escravo	Mario de Andrade	5			X					
1928	Set	1	5	Os três sargentos: Capítulo 1 - O Jardim Público III	Yan de Almeida Prado	7						X		
1928	Out	1	6	Os três sargentos: Capítulo 1 - O Jardim Público IV	Yan de Almeida Prado	7				X		X		
1928	Nov	1	7	O poema da espera	Mario Gracioti	6				X		X		
1928	Nov	1	7	Os três sargentos: Capítulo 1 - O Jardim Público V	Yan de Almeida Prado	7				X		X		
1928	Dez	1	8	O japonês	Silvestre Machado	5		X		X			X	
1928	Dez	1	8	Os três sargentos: Capítulo 2 - A Ponte dos Amores I	Yan de Almeida Prado	7				X				

1929	Jan	1	9	Canção do Retirante	Jorge Fernandes	5						X		
1929	Jan	1	9	Os três sargentos: Capítulo 2 - A Ponte dos Amores II	Yan de Almeida Prado	7						X	X	
1929	Fev	1	10	Os três sargentos: Capítulo 2 - A Ponte dos Amores III	Yan de Almeida Prado	7				X				
1929	17/03	2	1	Revista de Antropofagia	Freuderico	U			X					
1929	31/03	2	3	camara quem te reconhece!	-----				X			X		
1929	31/03	2	3	jornalismo provinciano	-----	U	X							
1929	07/04	2	4	I - Aperitivo	Tamandaré	U			X					
1929	14/04	2	5	II - Hors d'ouvre	Tamandaré	U		X	X		X			
1929	14/05	2	5	Os três sargentos	Cabo Machado	U			X		X			
1929	24/04	2	6	III - Entradas	Tamandaré	U					X			
1929	24/04	2	6	O olhinho de Roma	Meenelik	U							X	
1929	08/05	2	8	Revista de Antropofagia	-----	U					X			
1929	15/05	2	9	Sugestões sérias á Academia	Rodovalho	U				X				
1929	15/05	2	9	antiguidades	Adão e Eva	U					X			
1929	12/06	2	10	do rio grande do sul	Augusto Meyer	U					X			
1929	26/06	2	12	Analfabetismo letrado	Freuderico	U		X						
1929	04/07	2	13	tarsila	-----	U					X			
1929	11/07	2	14	migração	Jorge de Lima	U						X		
1929	19/07	2	15	a repercurssão no rio grande do sul	"O Tempo" - RS	U					X			
1929	01/08	2	16	O admirável sucesso dessa grande mostra de arte brasileira, através da repercurssão que teve em toda a imprensa carioca	-----	U					X			

Revista Polytechnica														
Ano	Mês	Vol.	Nº	Seção/Artigo	Autor	Páginas	PGS	SPL	PBL	MOD	EST	CIE	INT	IMI
1905	JAN	1	2	Architectura - A Villa Flavio Uchôa - Arch. V. Dubugras	A. Toledo	75-77	X		X		X			
1905	JAN	1	2	Edifícios comerciais	Bruno Simoes Magro	88-92	X	X				X		
1905	JAN	1	2	Notas: I	-----	114-116			X					
1905	JAN	1	2	Notas: Justa homenagem	-----	117--118	X		X					
1905	MAR	1	3	Uma exposição de arte	S.	155-159					X			
1905	MAR	1	3	O aniversário da Escola Polytechnica	-----	167-178	X	X						X
1905	ABR	1	4	A ponte do aterrado do Gazometro	Fonseca Rodrigues	193-201	X		X					X
1905	ABR	1	4	A arte em S. Paulo	S.	233-242					X			
1905	JUN-JUL	1	6	Escola Polytechnica de S. Paulo - Collação de gráu aos engenheirandos de 1904-1905	-----	360-376	X							
1905	JUN-JUL	1	6	Notas	-----	383-387						X		X
1904	AGO-SET	2	7	Abastecimento de água da capital	Secretario de Agricultura	28-44	X					X		
1905	DEZ	2	9	A electricidade e a hulha branca em S. Paulo	F. F. Ramos	107-111	X			X		X		
1905	FEV	EC	EC	Quinze de fevereiro	-----	I-V			X					
1906	JAN	2	10	O abastecimento de aguas á Capital	-----	181-196	X	X	X			X		
1906	FEV-MAR	2	11	O novo abastecimento d'agua de S. Paulo	Mario Freire	275-283	X	X				X		

1906	FEV-MAR	2	11		Mario Freire	284-295		X						
1906	OUT-NOV	3	14	Notas	-----	107-110	X		X					
1907	JUN-JUL	3	16	Ponte do aterrado do Carmo	-----	207-225						X		
1907	DEZ	4	19-20	O Pavilhão de S. Paulo na Exposição Nacional de 1908	Raul Silva	39-44	X		X		X			
1908	ABR-MAI	4	21	As obras da "Light" em Santo Amaro	-----	135-142	X					X		
1908	ABR-MAI	4	21	Discurso	Roberto Simonsen	180-183	X		X					
1911	FEV-MAR	6	33	Melhoramento de S. Paulo	Victor da Silva Freire	91-145	X	X		X	X	X		X
1911	FEV-MAR	6	33	Notas	-----	147-148	X							
1911-1912	NOV-1911- FEV-1912	6	36	A Hulha branca	J. Brant de Carvalho	299-319	X							
1912	SET	7	38	Palacete do Exmo. Snr. Conde de Prates	Engo. Samuel das Neves	91-94	X				X			
1913	MAI-JUL	8	43-44	A nova cathedral de S. Paulo	M. E. Hehl	20-22		X			X			
1913	AGO-SET	8	45	O problema do Abastecimento de Aguas de São Paulo, resolvido pela utilização do rio Tietê	Laboratorio de Biologia geral da Escola Polytechnica	69-197		X				X		
1914	OUT-NOV	8	48	A cidade Salubre	Victor da Silva Freire	319-354		X		X				X
1916	-----	9	52	Conferencia	A. C. da Silva Telles	150-158			X					
1916	-----	9	52	A planta de Bello Horizonte	Victor da Silva Freire	159-174					X	X		X
1917	-----	9	54	Saudades		283-290	X		X					

1917	-----	9	54	Notas	-----	334-346	X							
1918	OUT	10 (9)	55	Noticiario	-----	50-51			X					
1919	MAR	10 (9)	56	Conferencia	Dr. Azevedo Marques	55-62			X					
1919	JUN	10 (9)	57	Notas	-----	56-60			X					
1919	JUL	10 (9)	58	Novos Engenheiros	-----	102-108			X					
1919	OUT	10	60	O futuro regimen das concessões municipaes na cidade de S. Paulo	Victor da Silva Freire	259-334		X				X		
1923	SET-DEZ	13	74	Notas	-----	189-200	X		X					
1924	FEV-JUN	13	75	Notas	-----	291-298	X	X						
1927	JUN	14	83	Problemas de urbanismo - mais uma contribuição para o calçamento	Luiz de Anhaia Mello	343-365	X	X	X	X		X		
1928	AGO-OUT	15	87-88	O meio jubileu do gremio polytechnico	-----	173-240	X		X					
1928	AGO-OUT	15	87-88	São Paulo e seu calçamento	José Amadei	295-306	X	X				X		
1928	NOV-DEZ	15	89-90	O abastecimento d'agua da cidade de S. Paulo	Dr. Theodoro Augusto Ramos	371-418-falta até 462	X					X		
1928	NOV-DEZ	15	89-90	Architectura - uma grande cathedral (imagem)	-----	482-483					X			
1928	NOV-DEZ	15	89-90	Notas	-----	507-516	X							
1929	FEV	16	92	Architectura - O club commercial de S. Paulo	F. P. Ramos de Azevedo	94-100					X			

1929	MAR-ABR	16	93	Uma gloria mundial - Alberto Santos Dumont	Manoel Ferreira de Almeida	155-171			X					
1929	MAR-ABR	16	93	Notas	-----	219-224						X		
1929	AGO-SET	17	94	A questão universitária	-----	270-274	X		X					
1929	OUT-NOV	18	95-96	Residencia particular	Albuquerque & Longo	entre 376 e 377					X			
1930	MAR-ABR	XXVII	97-98	Noticiario	-----	94-101			X					
1930	MAI-JUN	XXVII	99	Architectura - Edificio "Light and Power" (imagem)	-----	entre 140 e 141					X			
1930	AGO-SET	XXVII	100	Novo predio para a Escola Polytechnica de S. Paulo	Alexandre de Albuquerque	222-227					X			
1931	MAR-ABR	XXVIII	101	Congresso de Habitação	Alexandre de Albuquerque	297-300						X		
1932	MAI-JUN	XXIX	105	Noticiario	-----	267-276			X					
1932	NOV-DEZ	XXIX	106	Clineu Braga Magalhães	-----	279-280			X					
1932	NOV-DEZ	XXIX	106	A escola Polytechnica e o Movimento Constitucionalista	-----	283-286			X					
1932	NOV-DEZ	XXIX	106	Noticiario	-----	381-389			X					
1933	JAN-FEV	XXX	107	Noticiario	-----	497-507			X					
1933	MAR-ABR	XXX	108	Clineu Braga Magalhães	Luiz de Anhaia Mello	511-512			X					
1933	MAR-ABR	XXX	108	Adriano Marchini	Caio Dias Baptista	513-514			X					
1933	MAI-JUN	XXX	109	Palestra... Sem titulo	Alexandre de Albuquerque	3-12	X		X			X	X	

1933	MAI-JUN	XXX	109	Noticiario	-----	95-103	X		X					
1933	JUL-AGO	XXX	110	O gremio polytechnico no seu 300. Aniversario	José André Telles de Mattos	113-122			X					
1933	JUL-AGO	XXX	110	Noticiario	-----	197-212			X					
1933	SET-OUT	XXX	111	Rodolpho Baptista de S. Thiago	-----	217-218			X					
1933	NOV-DEZ	XXX	112	Noticiario	-----	379-398			X					
1934	JAN-FEV	XXXI	113	Noticiario	-----	109-116			X					
1934	MAR-ABR	XXXI	114	O predio "São Francisco"	A. I.	169-179					X			
1934	MAR-ABR	XXXI	114	Noticiario	-----	199-207			X					
1934	MAI-JUN	XXXI	115	Antonio Orlando de Almeida Prado - homenagem	-----	213-214			X					
1934	MAI-JUN	XXXI	115	Paginas Ilustradas (imagens)	A comissão redactora	entre 286 e 287					X			

Revista de Engenharia														
Ano	Mês	Vol.	Nº	Seção/Artigo	Autor	Páginas	PGS	SPL	PBL	MOD	EST	CIE	INT	IMI
1911	10-jun	1	1	Revista de Engenharia	-----	01	X	X						X
1911	10-jun	1	1	Casas operárias	-----	04 e 06	X	X			X	X		X
1911	10-jun	1	1	Architettura: Architecto Victor Dubugras - Vila Nenê, do snr. Mario Rodrigues - São Paulo (Hygienopolis)	Architecto Victor Dubugras	11-12					X			
1911	10-jun	1	1	A questão do lixo em S. Paulo	-----	13-19		X		X		X		X
1911	10-jun	1	1	Augmento annual de construcções em S. Paulo	-----	25	X				X			
1911	10-jun	1	1	Notas pessoas	-----	27-28	X		X		X			
1911	10-jul	1	2	Os melhoramentos de S. Paulo	-----	37-43	X	X	X	X	X			X
1911	10-jul	1	2	As Grandes Avenidas e os Melhoramentos	Alexandre de Albuquerque	44-45	X	X	X					
1911	10-jul	1	2	Instituto Serumtherapico de S. Paulo - Architecto Mauro Alvaro	Architecto Mauro Alvaro	50					X			
1911	10-ago	1	3	Casas operárias	-----	84					X			
1911	10-ago	1	3	Noticiário Technico: Architectura	-----	89					X			
1911	10-set	1	4	Melhoramentos de S. Paulo: A primeira secção do plano Bouvard. Os "blocos" do valle Anhangabahú	-----	97-99; 101; 103	X				X	X		
1911	10-set	1	4	Architectura: o teatro da praça S. Paulo - Architecto Alexandre de Albuquerque	Architecto Alexandre de Albuquerque	107-110			X		X			
1911	10-set	1	4	Noticiario tecnico: Sociedade dos Architectos de S. Paulo	-----	122					X	X		

1911	10-out	1	5	O Theatro Municipal de S. Paulo	Architectos F. P. Ramos de Azevedo, Domiciano Rossi e Claudio Rossi	145-152	X		X	X	X			
1911	10-out	1	5	Noticiario tecnico: notas pessoais	-----	155-156	X		X		X			
1911	10-nov	1	6	Uma questão de hygiene: a insolação dos predios e das ruas com applicação á cidade de S. Paulo (parcial)	Lucio M. Rodrigues	169-179					X	X		X
1911	10-nov	1	6	Architectura: Villas do Sr. M. Rotschild (Avenida Paulista, S. Paulo) - Architecto, Carlos Ekman	Architecto Carlos Ekman	180-181					X			
1911	10-dez	1	7	Revista de Engenharia: Obras de Saneamento	-----	187-188	X							X
1911	10-dez	1	7	Architectura: Projecto de Villa para o snr. dr. Rogerio Dauntre (Rua Maranhão, S. Paulo) - Architecto Jorge Krug	Architecto Jorge Krug	201-202					X			
1911	10-dez	1	7	Regulamento Sanitário do Estado de S. Paulo (somente introdução)	-----	207-210								X
1912	10-jan	1	8	Revista de Engenharia: a crise da mão de obra	-----	217-218	X					X	X	
1912	10-fev	1	9	Revista de Engenharia: A Escola Polytechnica de S. Paulo	-----	247-248			X					X
1912	10-fev	1	9	Estatutos da Sociedade dos Architectos e Engenheiros de S. Paulo	-----	263; 266-267								X
1912	10-fev	1	9	Architectura: Villa do sr. Gama Junior (Avenida Paulista, S. Paulo) - Architectos, Pujol Junior e A. Toledo	Architectos Pujol Junior e A. Toledo	264-265					X			

1912	10-mar	1	10	Revista de Engenharia: As habitações em São Paulo	-----	277-278	X	X				X	X	X
1912	10-abr	1	11	Revista de Engenharia: Obras de Saneamento - Carta do Engenheiro F. S. Rodrigues de Brito	Engenheiro F. S. Rodrigues de Brito	307-309	X	X						X
1912	15-jun	2	1	Revista de Engenharia: A Instrução Profissional	-----	01-02	X	X	X	X				X
1912	15-jun	2	1	Architectura: Vila Zeny - Architecto Pujol Junior	Architecto Pujol Junior	27					X			
1912	01-out	2	4	Architectura: Capella de Sant'anna em Eleuterio	-----	101					X			
1913	01-jan	2	7	Noticiario tecnico e dos mercados		182	X							
1913	01-fev	2	8	Aos nossos leitores	-----	185-186								X
1913	01-mai	2	11	Consultas technicas	-----	270								X
1913	01-mai	2	11	Noticiario tecnico e dos mercados: Estado de São Paulo	-----	273	X					X		
1913	01-jun	2	12	Acidente de bonds na Rua General Carneiro em São Paulo	-----	303-304								X

Boletim do Instituto de Engenharia														
Ano	Mês	Vol.	Nº	Seção/Artigo	Autor	Páginas	PGS	SPL	PBL	MOD	EST	CIE	INT	IMI
1917	OUT	1	1	Prof. A. F. de Paula Souza	-----	98-103	X		X					
1918	FEV	1	3	Codigos Sanitários e Posturas Municipaes sobre habitações	Victor da Silva Freire	229-427	X	X				X	X	X
1919	ABR	2	6	Relatório de 1918	-----	373-378						X		X
1919	ABR	2	6	Arhitectura colonial no Brasil	-----	383-384					X			
1919	AGO	2	7	Água e Esgoto nas habitações		421-463		X				X		X
1921	JUL	4	12	Assembleia Geral - Relatório apresentado pela Directoria	-----	10-11						X		
1921	JUL	4	12	Inauguração da Nova Sede	Plínio M. Silva Ayrosa	11-13			X					
1921	JUL	4	12	Acta da 44a. Sessão do Conselho Director, realisada no dia 5 de Abril de 1921	-----	13-15								X
1921	OUT	4	13	Parecer sobre a regulamentação de fornecimento de força e luz ao municipio de São Paulo	Antonio Mercado	32-39	X							
1921		4	14	Calçamentos Aperfeiçoados	Victor da Silva Freire	61-70		X				X		
1921		4	15	Residencia do Snr. Numa de Oliveira. Archto, Snr. Ricardo Severo	-----						X			
1921		4	16	Projeto Igreja Velha de Itanhém (desenhos)	-----	104-107; 122					X			
1922		4	17	O Paço Municipal - Concorrência para projectos	-----	133-140					X			

1922		4	17	Exposição Nacional - 1922 - Pavilhão do Acre	-----	147; 149; 151; 153; 155					X			
1922		4	17	Residencia do Snr. Alvaro C. de Arruda Botelho	-----	171					X			
1923	JAN	4	19	A canalização do Rio Tietê no territorio da Capital e municipios adjacentes	Victor da Silva Freire	181-189	X				X	X		X
1923	JAN	4	19	Relatorio do prof. J. A. da Fonseca Rodrigues a que se refere o parecer da directoria de obras municipais	J. A. da Fonseca Rodrigues	190-197	X				X	X		X
1923	JAN	4	19	Nota sobre o relatório apresentada pelo engenheiro da municipalidade J. F. de Ulhoa Cintra	Ulhoa Cintra	190-197		X			X	X		X
1923	JAN	4	19	Estudo crítico de alguns textos de lei regimentando o fornecimento de energia electrica aos habitantes de S. Paulo	-----	198-204						X		
1923	MAR	5	20	Movimento Social - A nova sede do Instituto de Engenharia	-----	25-26					X			
1923		5	22	Transportes Interurbanos	P. Q.	128-133	X							
1923		5	22	Chronicas e Informações: abastecimento de água em edificios altos ou isolados não ligados a uma rede pública	-----	133-150	X					X		
1923		5	22	Movimento Social: uma boa iniciativa	-----	151-159	X							X
1923		5	24	Projecto de uma avenida circular constituindo perimetro de irradiação	João F. de U. Cintra	331-336	X	X	X			X		

1924-1925	OUT-MAR	6	26 e 27	Um problema actual - Os grandes melhoramentos de São Paulo	Francisco Prestes Maia e João Florence d'Ulhoa Cintra	56-60	X	X	X	X		X	X	
1925	MAR-JUN	6	28	Um problema actual - Os grandes melhoramentos de São Paulo	Francisco Prestes Maia e João Florence d'Ulhoa Cintra	91-94	X	X	X			X		
1925	JUL-OUT	6	29	Um problema actual - Os grandes melhoramentos de São Paulo	Francisco Prestes Maia e João Florence d'Ulhoa Cintra	121-132	X	X		X	X	X		X
1926	MAR-JUN	6	31	Um problema actual - Os grandes melhoramentos de São Paulo	Francisco Prestes Maia e João Florence d'Ulhoa Cintra	225-232		X			X	X		
1927	OUT	8	34	A reforma do contracto de viação do município de S. Paulo	Victor da Silva Freire	3-38		X				X	X	X
1927	OUT	8	34	Relatório sobre São Paulo	James Dalrymple, C. B. E.	39-48	X	X	X			X		
1928	JUN	9	37	Dr. F. P. Ramos de Azevedo	-----	29-31	X		X					
1928	JUN	9	37	O calçamento do centro de São Paulo	Engo. José Amadei	42-45	X					X		X
1928	NOV	9	42	Movimento Social	-----	251	X							X
1928	DEZ	9	43	Pavilhão brasileiro na exposição de Philadelphia	Álvaro Carlos de Arruda Botelho e Jorge Przirembel	276-277					X			
1928	DEZ	9	43	A cidade, problema de governo	Luiz de Anhaia Mello	278-287		X				X		
1929	JAN	10	44	Urbanismo - O Governo das cidades	Luiz de Anhaia Mello	3-10	X	X		X		X		

1929	FEV	10	45	Urbanismo - Regulamentação e Expropriação	Luiz de Anhaia Mello	55-64	X	X		X	X	X		X
1929	MAR	10	46	Urbanismo - O problema financeiro	Luiz de Anhaia Mello	102-121		X	X	X				X
1929	ABR	10	47	Urbanismo - O recreio Activo e Organizado das Cidades Modernas	Luiz de Anhaia Mello	145-161		X	X	X	X	X		X
1929	ABR	10	47	Abastecimento d'agua da Cidade de São Paulo	Theodoro Augusto Ramos	161-168						X		X
1929	MAI	10	48	Urbanismo - Os problemas sociaes e economicos da lei	Luiz de Anhaia Mello	235-238		X		X		X		
1929	JUN	10	49	Ramos de Azevedo	Carlos William Stevenson	255-262	X		X					
1929	JUL	10	49	Ante-projecto para o Palácio do Congresso do Estado de São Paulo	-----						X			
1929	JUN	10	49	A metrópole paulistana (Estado de S. Paulo)	Rubens do Amaral	328-329		X	X			X		
1929	JUL	11	50	As tendencias da architectura contemporanea	Bruno Simões Magro	6-9					X			X
1929	JUL	11	50	Ante-projecto para o Palácio do Congresso do Estado de São Paulo	Andradas	13-15					X			X
1929	JUL	11	50	Ante-projecto para o Palácio do Congresso do Estado de São Paulo	Gonçalves Ledo	15-16					X			
1929	DEZ	11	55	Notas e Informações: Dr. Theodoro Augusto Ramos	-----	448-449						X		
1929	DEZ	11	55	Urbanismo	-----							X		
1930	JAN	12	56	Os melhoramentos de São Paulo	ArtHur Saboya	18-23	X	X	X	X		X		X
1930	MAR	12	58	Notas á margem das conferencias promovidas pela Dvisão de Architectura	Bruno Simões Magro	160-161		X		X	X			X
1930	MAI	12	60	Regulamentação dos serviços de utilidade pública - Os meios de proteção do interesse público	Anhaia Melo	235-247	X	X				X		

1930	MAI	12	60	A engenharia regional e a salubridade das cidades	Rodolpho Guimaraes Valladão	275-280	X	X	X			X		X
1930	MAI	12	60	O problema das águas de S. Paulo	Plinio de Queiroz	281-283		X				X		
1930	JUN	12	61	O problema do lixo em São Paulo	Plinio de Queiroz	311-327	X	X				X		X
1930	JUL	13	62	O problema do lixo em São Paulo	Plinio de Queiroz	11-25		X				X		X
1930	JUL	13	62	A divisão de architectura e os "architectos"	Amador Cintra do Prado	26-27	X		X					X
1930	AGO	13	63	O estylo colonial	José Maria da Silva Neves	73				X	X			
1930	SET	13	64	Igreja de S. Francisco de Assis de S. João D'el Rey	C. A. Gomes Cardim Filho	?			X					
1930	DEZ	13	66	Movimento social - o problema do lixo em S. Paulo	-----	239						X		X
1931	FEV	14	68	Movimento Social - Relatorio dos trabalhos realizados no anno social de 1930	-----	73-75			X			X		
1931	ABR	14	70	Congresso de Habitação	-----	111-112	X		X			X		X
1931	ABR	14	70	o Reclame profissional	-----	153			X		X			X
1931	AGO	15	74	Transformação economica do Brasil (final, parte de SP)	Dr. Cncinato Braga	45-69		X	X					
1932	JAN	16	79	Movimento social: o dia de São Paulo	-----	43	X		X					
1932	FEV	16	80	Movimento Social - Relatorio dos trabalhos realizados no anno social de 1931	-----	104-107						X		
1932	MAR	16	81	Campanha pró-contituinte	-----	167-168			X					
1932	MAI	16	83	Homenagem á memoria de engenheiro Saturnino de Brito	-----	241-243	X		X					
1933	FEV	17	87	Relatorio dos trabalhos do Instituto de Engenharia no anno de 1932	Ranulpho Pinheiro de Lima	149-154	X		X					

1933	MAR	17	88	Adapta-se o omnibus de trolley á cidade de S. Paulo?	Catullo Branco	161-167	X					X		
1933	MAR	17	88	Os melhoramentos do Rio Tiete em S. Paulo	Theodoro A. Ramos	189-191						X		
1933	MAR	17	88	Chronica: A Revolução Contitucionalista e o Clube de Engenharia do Rio	Henrique de Novaes	198-198			X					
1933	MAI	17	90	O problema da limpeza publica em São Paulo	Cassio Vidigal	283-288						X		X
1933	MAI	17	90	Adapta-se o omnibus de trolley á cidade de S. Paulo?	Catullo Branco	309-314						X		
1933	AGO	18	93	O problema da limpaza publica em São Paulo	Cassio Vidigal	99-105		X				X		X
1933	OUT	18	95	Methodos para melhorar o escoamento do trafego nas ruas	Plinio A. Branco	222						X		
1933	OUT	18	95	Chronica - o problema dos transportes no Estado de São Paulo	-----	253-254	X		X			X		
1933	DEZ	18	97	Estação experimental de tratamento de esgotos da Ponte Pequena - O rio Tietê	Jesus Netto	346-353						X		
1934	JAN	19	98	Monumento a Ramos de Azevedo	Anhaia Melo	55-57			X		X			
1934	MAR	19	100	Relatorio apresentado á Assembleia Geral, de 23 de fevereiro de 1934, pelo presidente, Engo. Roberto Simonsen - 9 de julho	Roberto Simonsen	191-192	X		X					
1934	ABR	19	101	O problema da limpeza publica em São Paulo	Cassio Vidigal	254-257						X		
1934	JUN	19	103	A questão de limites do Estado de São Paulo com Minas Geraes	Guilherme Wendel	394-404			X					